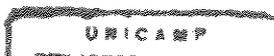


ÉRICA SIANE MORAES

Heródoto e o Egito
Tradução e Comentário do Livro II das *Histórias*

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO DE CULANTR

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1999



ÉRICA SIANE MORAES

Heródoto e o Egito
Tradução e Comentário do Livro II das *Histórias*

Dissertação apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Lingüística

Orientador: Professor Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1999

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	M792h
V.	Ex
TOMBO BC/	41944
PROC	278/00
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R.1611,00
DATA	30-03-00
N.º CPD	

CM-00145103-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M792h Morais, Erica Siani
Heródoto e o Egito: tradução e comentário do livro II das Histórias /
Erica Siani Morais. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999

Orientador: Trajano Augusto Ricca Vieira
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Historiografia. 2. Literatura grega. 3. Língua grega. I. Vieira,
Trajano Augusto Ricca. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Agradeço:

à CAPES pelo auxílio à pesquisa, à Prof. Dr^a Maria Sylvia Carvalho Franco pelo interesse que sempre demonstrou pelo meu trabalho, discutindo e analisando muitos de seus pontos,
ao Prof^o. Dr^o. Pedro Paulo A. Funari por ter aceito participar de minha banca e por sua arguição,
ao Prof.^o Paulo Sérgio Vasconcellos pelas valiosas sugestões e observações sobre minha dissertação,
ao Prf.^o Dr.^o Trajano Augusto Ricca Vieira que, desde minha graduação, chamou minha atenção para as mais intrigantes questões da cultura grega. Sua dedicação e paciência são responsáveis não só pela realização deste trabalho, mas também pela minha formação.

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Lúcia Siani Mendes

e aprovada pela Comissão Julgadora em

29 / 06 / 2000.

Trajano Vieira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	5
PARTE I COMENTÁRIOS _____	21
CAPÍTULO I O Livro II e o Conjunto das <i>Histórias</i> _____	21
1.1 A problemática do Livro II – Comentários gerais _____	21
1.2 A influência de Hecateu no Livro II das <i>Histórias</i> _____	23
1.3 O Livro II e o conjunto das <i>Histórias</i> _____	32
CAPÍTULO II As Leituras do Livro II das <i>Histórias</i> na Grécia Clássica: A <i>Helena</i> de Eurípedes _____	39
2.1 As repercussões da obra de Heródoto na Grécia clássica _____	39
2.2 As versões Heréticas das lendas de Helena _____	41
2.3 As versões Heréticas de Heródoto e Eurípedes e as novas explicações para as causas da guerra de Tróia _____	45
2.4 A influência de Proteu de Heródoto na <i>Helena</i> de Eurípedes _____	54
CAPÍTULO III O Relato Geográfico e Etnográfico _____	60
3.1 O Relato geográfico e etnográfico enquanto textos literários _____	60
3.2 Heródoto e as primeiras especulações geográficas _____	64
3.3 Heródoto e a filosofia pré-socrática _____	65
3.4 O relato etnográfico _____	74
CAPÍTULO IV As <i>Histórias</i> dos Faraós _____	80
4.1 A história do Egito _____	80
4.2 A ficção na obra de Heródoto _____	82
4.3 Temas do <i>logos egípcio: A tirania</i> _____	95
4.4 A idealização dos Faraós _____	107
PARTE II TRADUÇÃO E NOTAS DO LIVRO II DAS <i>HISTÓRIAS</i> _____	117
CONCLUSÕES FINAIS _____	225
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	228

Heródoto e o Egito: Tradução e Comentário do Livro II das *Histórias*

Resumo: esta dissertação compõe-se de duas partes: tradução e comentário do Livro II das *Histórias*. O principal objetivo do trabalho é destacar a originalidade da abordagem de Heródoto e mostrar que, apesar do estilo arcaico, o historiador retomou em sua obra idéias e juízos discutidos no curso do século V a. C.. Na introdução, discorreremos sobre a recepção crítica da obra de Heródoto e sobre as atuais teorias acerca das *Histórias*. O capítulo I trata da inserção do Livro II no conjunto das *Histórias* e da originalidade de Heródoto em relação a Hecateu; o capítulo II trata de um tema amplamente discutido por autores do século V a.C.: a versão herética da lenda de Helena e a busca de novas explicações para as causas da guerra de Tróia; os capítulos III e IV examinam os dois grandes tópicos do Livro II: o relato etnográfico e geográfico; a história dos faraós. Por fim, tendo em vista o objetivo mencionado, notas acompanham a tradução.

Introdução

Euterpe, nome dado pelos alexandrinos ao Livro II das *Histórias*, é o mais extenso *logos*¹ escrito por Heródoto; em suas páginas se encontra um dos momentos privilegiados da obra do autor: o relato etnográfico e geográfico do Egito, em que se integram as inesquecíveis histórias dos faraós. Essa obra, escrita na maturidade do autor, já mereceria estudo apenas por seu conteúdo, já que envolve questões como evolução historiográfica, abordagem original e tratamento *científico* de certos assuntos. Todavia, a importância do Livro II transcende tais questões, pois Heródoto inicia com essa obra a *idealização* do Egito e de seu povo na literatura ocidental. A imagem construída por Heródoto², foi incorporada por autores gregos³ e latinos, inspirou motivos da arte francesa do século XVIII e, ainda hoje, se manifesta com vigor dentre diversos mitos de nossa época. Entretanto, apesar da significação do Livro II das *Histórias* para a própria história da cultura, poucos trabalhos lhe têm voltado atenção. Em vista disso, tentar-se-á, nesta dissertação, resgatar os aspectos mais importantes da obra, alguns dos quais contribuíram para o fenômeno mencionado acima, como as histórias dos faraós. Mas, antes que se

¹ Costuma-se chamar de *logoi* os livros de Heródoto nos quais predominam o relato etnográfico e geográfico.

² Christian Froidefond, *Le Mirage Égyptien*.

³ Platão, *Górgias* 482 b, 511 d; *Menexeno*, 239e, 241e, 245d; *Eutidemo*, 288b; *Fédon*, 80c; *República*, 436a; *Fedro*, 257d; 274c; *Timeu*, 21c; *Critias*, 108d; *Filebo*, 18b; *Leis*, 656d, 747c; Isócrates, *Busires* 5.

faça qualquer proposta mais detalhada de estudo do livro II, é necessário expor os juízos canônicos a respeito da obra de Heródoto, já que qualquer abordagem define-se necessariamente em relação a esses.

Os poucos estudos do Livro II refletem o tratamento dado a toda a obra de Heródoto, sempre relegada a segundo plano por motivos diversos. Desde a Antigüidade até nossos dias, Heródoto recebeu tanto calorosos elogios quanto censuras: as *Histórias* já foram chamadas de “jóia jônica” da arte de narrar o particular e o humano⁴, mas também valeram ao historiador a pecha de mentiroso. O relato histórico de Heródoto recebeu críticas pouco depois de sua divulgação, as censuras só se arrefeceram de fato no começo deste século, graças aos trabalhos de Jacoby⁵ (1913) e Pohlenz⁶ (1937). Na Grécia Antiga, Tucídides foi um dos primeiros detratores de Heródoto. Embora tenha reconhecido o autor das *Histórias* como seu predecessor, Tucídides reprovou-lhe as narrações de histórias fantásticas e a busca pelo aplauso momentâneo. Logo no início da *História da Guerra do Peloponeso*⁷, Tucídides opõe sua obra à de Heródoto - embora o nome do historiador não seja citado explicitamente -, comprometendo-se a relatar somente fatos e não mitos e fábulas. Posteriormente, no século IV a. C., Heródoto despertou o interesse de Teopompo⁸, que resumiu as *Histórias* em dois livros; apesar disso, o historiador não foi poupado por Aristóteles, que lhe reprovou a locução

⁴ O texto de G. Perrota é citado por Filoppo Càssola na obra *Erodoto Storie, vol. I*, Rizzoli, Milano, 1997.

⁵ F. Jacoby, *Griechische Historiker*.

⁶ M. Pohlenz, *Herodo, der erste Geschichtschreiber des Abendlandes*.

⁷ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, I.22.

⁸ Vale notar que Teopompo, assim como Heródoto, narrou diversas histórias fantasiosas que lhe valeram a advertência de Cícero, *De Legibus* I.1.5.

encadeada (*lexis eiromene*)⁹ e as histórias fabulosas¹⁰. Já em época helenístico - romana¹¹, as opiniões a respeito das *Histórias* continuaram a se dividir : Cícero reconheceu Heródoto como pai da história¹², mas não deixou de fazer reservas às suas histórias fictícias¹³. O último autor da Antigüidade a atacar Heródoto foi Plutarco¹⁴, que o acusou de mentiroso, parcial e favorável aos bárbaros.

Apesar de todas essas restrições feitas a Heródoto, as *Histórias* nunca deixaram de ser lidas e admiradas, servindo de modelo à historiografia bizantina. Quando os humanistas italianos entraram em contato com os bizantinos, ressurgiu o interesse por Heródoto, que começou a ser traduzido¹⁵: em 1416, Il Guarino verteu para o latim os primeiros setenta parágrafos das *Histórias*; em 1452, Lorenzo Valla traduziu inteiramente a obra de Heródoto para o latim. Após essas traduções, finalmente M. Boiardo realizou a primeira versão da obra de Heródoto para o italiano , e, a essa, seguiram-se inúmeras outras¹⁶. Com a maior divulgação da obra de Heródoto, ressurgia, mais uma vez, o debate em torno do conteúdo das *Histórias* . Muitos foram os trabalhos que avaliaram negativamente as *Histórias*, até que em 1566, Enrico Stefano

⁹ *Retórica*, 1409 a 27-b12.

¹⁰ *Reprodução dos animais* 756 b 6.

¹¹ Fellipo Cássola, *Erodoto Storie vol. I*, nos informa que, ainda nesse período, surgiram estudiosos que se posicionaram contra Heródoto (Valerio Pollione, Elio Arpocrazione, Libanio); mas somente alguns desses trabalhos sobreviveram.

¹² Cícero, *De Legibus*, 1.5.

¹³ Cícero, *De diuinatione*, 2.116.

¹⁴ Plutarco, *A Malignidade de Heródoto*.

¹⁵ Os tradutores de Heródoto do período renascentista a que me refiro são citados no comentário de Filipo Cássola, *Erodoto Storie*, (*libri I- II*), pp. 5-68.

¹⁶ Como, por exemplo, a do veneziano Aldo Manuzio, realizada em 1502.

escreveu sua *Apologia pro Erodoto*¹⁷. Stefano fez um trabalho grandioso, permitindo que a credibilidade de Heródoto, durante muito tempo, permanecesse inabalável. Muito mais tarde, no século XVIII, Heródoto foi considerado com interesse literário, mas as controvérsias a respeito de seu trabalho brotaram mais uma vez, tanto que, na França, em 1756, o abade Geinoz se viu compelido a escrever um tratado em defesa do historiador.

A história da recepção crítica de Heródoto revela que a maior parte das censuras feitas às *Histórias* recai sobre o conteúdo da obra; o estilo de Heródoto, com raras exceções¹⁸, sempre foi bastante apreciado¹⁹. Hoje, embora poucos chamem Heródoto de “mentiroso” ou “filobárbaro” (Plutarco)²⁰, muitas das questões levantadas ao longo desses séculos ainda estão em pauta. O cotejo entre Heródoto e Tucídides, cujo início pode ser reportado a esse último²¹, é algo recorrente nas análises das *Histórias*, sendo muitos os trabalhos positivos que resultaram dessas pesquisas, sobretudo no que diz respeito à questão da ciência historiográfica²². Contudo, também surgiu desse tipo de abordagem o estudo *evolucionista* da história, no qual os métodos de Tucídides são enaltecidos em detrimento dos de Heródoto. Tal

¹⁷ Recentemente, o trabalho de Stefano foi recuperado por J. Kramer, *Henri Stephani Apologia pro Herodoro*, Misenhein am Glam, 1980.

¹⁸ Aristóteles, *Retórica 1409 a 27-b 12*, é um dos poucos autores que criticaram o estilo de Heródoto

¹⁹ Filippo Càssola, em sua introdução à obra *Erodoto Storie (libri I-II)*, cita o texto de P. Giordani *Istruzioni per l'arte dello scrivere*, Napoli, 1821, que considerava a arte de Heródoto insuperável e praticamente impossível de ser bem traduzida.

²⁰ Este termo foi cunhado por Plutarco na obra *A Malignidade de Heródoto*.

²¹ Não devemos reprovar Tucídides por ter comparado sua obra à de Heródoto e fazer-lhe certas restrições; ao contrário, o posicionamento de Tucídides era absolutamente necessário para que a história fosse realizada de modo mais científico. O problema está no modo com que o cotejamento passou a ser feito por certos eruditos.

²² Só para citarmos um exemplo desse tipo de trabalho, vale mencionar o nome de Simon Hornblower, *A Commentary on Thucydides*, vol. I, pp. 19-38, pp. 122-137.

posicionamento tem prejudicado muito a apreciação de Heródoto, pois supõe, de antemão, que Tucídides seja um historiador superior por relatar com exatidão acontecimentos que, provavelmente, podem vir a se repetir no futuro²³. A história de Tucídides teria um propósito, não servindo apenas para entreter ou satisfazer a curiosidade sobre determinados assuntos. Mas, esse tipo de cobrança é absolutamente injusta, pois a obra do historiador de Halicarnasso não foi criada apenas para entreter o público. Além disso, o escritor não declara em momento algum intenção de realizar um relato histórico; lembremos que o título da obra, *Histórias*²⁴, não foi dado por Heródoto, mas pelos alexandrinos²⁵. Com o progresso dos estudos sobre culturas orais, alguns aspectos da obra de Heródoto, outrora vistos com reservas²⁶, puderam ser compreendidos e explicados. De acordo com essas teorias, Heródoto desempenharia um papel equiparável ao do aedo: assim como o poeta immortalizara os feitos de heróis, caberia a Heródoto immortalizar os feitos e obras dos homens, como revela o prólogo das *Histórias* :

"Ἡροδότου Ἀλικαρνησέως ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε, ὡς
μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα

²³ É notório o diagnóstico feito por Tucídides sobre a decadência do organismo social, *História da Guerra do Peloponesso*, 3.82. Tucídides, numa atitude puramente clínica, analisa a enfermidade do Estado através de um paralelo com a peste. Ao processo de decomposição moral da nação, devido às infundáveis lutas partidárias, Tucídides acrescenta sua conclusão de que esse fenômeno não é único, mas que se repetirá sem cessar enquanto não mudar a natureza humana.

²⁴ Que o título da obra de Heródoto, *Histórias*, não era compatível com a presença de tantas falsidades, foi notado por Petrarca pela primeira vez.

²⁵ Os alexandrinos dividiram a obra de Heródoto em nove livros, dando a cada um o nome de uma musa; contudo, essa divisão não corresponde à separação exata dos assuntos. No caso do livro II, o relato sobre o Egito se estende até o começo do livro III (3.1-3.39).

²⁶ Com os estudos sobre as culturas orais, compreendeu-se um pouco mais a dinâmica da narrativa de Heródoto, na qual estão incluídas histórias fantásticas e digressões.

γένηται μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν
Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδέχθαι, ἀκλεᾶ γίνεται,
τὰ τε ἄλλα καὶ ἦν αἰτία ἐπολέμησαν ἀλλήοισι

(*Histórias*, Prólogo)

Eis a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não percam no tempo, e para que não fiquem sem renome as grandes e admiráveis empresas, tanto dos bárbaros quanto dos gregos; e, sobretudo, a razão por que guerrearam uns contra os outros.
(Tradução nossa)

A exposição de Heródoto possui três finalidades: lembrar o passado, dar glória aos feitos dos homens e encontrar uma causa para a guerra. Em uma época em que a escrita ainda não havia sido totalmente difundida, a memória seria o principal meio de preservação das informações, transmitidas oralmente em audiências públicas. Nesse contexto, o *θῶμα* teria grande importância; como nem tudo poderia ser retido pela memória, somente o que fosse admirável deveria ser preservado. Heródoto, portanto, ao narrar o *θῶμα*, daria aos acontecimentos *κλέος* (fama) e, desse modo, os mesmos seriam preservados. O *θῶμα* seria uma categoria que permitiria ao historiador reunir os mais diversos assuntos: paradoxos, oposições, arquitetura, pessoas e feitos notáveis e até mesmo o próprio regime do Nilo²⁷. Dentre as histórias dignas de menção, estariam tanto as narrativas sobre a grandiosidade dos faraós, quanto

²⁷ Heródoto observa inúmeros paradoxos entre a cultura egípcia e a grega; cito alguns :a circuncisão 2.37, a extrema reverência dos egípcios aos animais (os crocodilos 2.68, o hipopótamo 2.71, a fênix 2.73, as serpentes aladas 2.74 e o íbis 2.75-76).

as histórias fictícias, como a cruel vingança da rainha Nítocris²⁸ (que convida os homens que participaram da morte de seu irmão para uma festa, afogando-os durante o banquete), ou a história da cegueira de Feros²⁹ (que só recuperou a visão, quando lavou os olhos com a urina de uma mulher fiel ao marido).

É inegável, Heródoto recorre a diversos princípios do estilo da organização oral, como a parataxe, a composição anelar, a exemplificação concreta, em lugar da abstrata. Todavia, não devemos supor que as *Histórias* fossem uma performance pública tal e qual a epopéia de Homero. A obra de Heródoto, embora composta para um público ouvinte, não era uma criação feita de improviso, como a epopéia talvez fosse. Na verdade, como bem observa Nagy³⁰, o historiador escreve o texto para que seja proferido publicamente; várias características de sua obra confirmam as teorias desse helenista.

A própria linguagem³¹ de Heródoto marcada pelo uso da parataxe à maneira arcaica, de preferência à subordinação, é tão próxima da exposição oral que levou muitos a sustentarem a tese de uma redação tardia. Porém, se a considerarmos mais acuradamente, veremos que mesmo os arcaísmos dos textos do historiador são escolhidos deliberadamente. Quando Heródoto compôs as *Histórias*, a escrita já era utilizada há muito tempo pelos logógrafos, como revela este fragmento de Hecateu:

²⁸ 2.100.

²⁹ 2.111.

³⁰ Gregory Nagy, *Homeric Questions ; Pindar's Homer : The Lyric Possession of Epic Past*.

³¹ Segundo J. Myres, *Herodotus, Father of History*, a construção da narrativa de Heródoto seria minuciosamente elaborada. Myres compara a composição de Heródoto à construção dos templos gregos, onde diversas partes da composição escultórica são colocadas em torno de um tema ou figura central.

Ἑκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται τάδε γράφω ὧς εμοὶ
δοκεῖ ἀλήθεια εἶναι οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ
ὡς εμοὶ φαίνονται εἰσὶν (FGrH I F 1).

Hecateu, o milésio , assim discorre: escrevo o que me parece
ser verdade, pois as histórias dos gregos são muitas e, como
se revelam a mim, risíveis. (Tradução nossa)

A presença do verbo γράφω indica que os relatos arcaicos não eram compostos oralmente; o próprio Heródoto, ao se referir à composição de sua obra, utiliza este verbo: “Quanto a mim, ao longo de todo o livro, preparo-me para consignar por escrito (γράφω) o que ouvi dizer de cada um deles”. (*Histórias*, 2.123). Não devemos confundir composição oral com divulgação oral. Até o século I d.C, era costume anunciar ou celebrar a publicação de uma obra de história por meio de leituras públicas, que acompanhavam a difusão de obras históricas individuais em cópias manuscritas³². Segundo os estudos de Hoffmann³³, os arcaísmos da linguagem do historiador explicam-se devido a opções do autor: Heródoto teria empregado uma linguagem não mais utilizada na prosa de sua época para tornar sua narrativa solene e distingui-la da prosa científica e das histórias dos logógrafos:

Em Heródoto, é evidente a pretensão de elevar o tom normalmente simples da narrativa através de palavras e frases estranhas à linguagem cotidiana(...) Mas Heródoto, com fino gosto, evita o perigo de parecer afetado e rebuscado,

³² A. Mongliano, “The Historians of the Classical World and their Audiences: Some Suggestions”, *ASNP*, 1978, pp. 59-75.

³³ O texto de O. Hoffman é citado por Filippo Càssola na obra *Erodoto Storie*, vol. I, Rizzoli, Milano, 1997.

no qual facilmente incorreria se mesclasse prosa e poesia (...) O estilo de sua linguagem se mostra mais grandioso ainda na estrutura do período. Heródoto não escreve de forma ingênua, como os logógrafos, com frases breves e incoerentes reunidas sem coesão. Na estrutura do seu período, ricamente articulada, e, todavia, límpida, as letras da retórica e da sofisticada se difundem de forma quase invisível. (O. Hoffman – A. Debrunner, *Storia della lingua greca*).

Como bem observa Charles Segal³⁴, algumas generalizações foram excessivas, e o próprio Havelock foi um dos responsáveis por isso, já que deu pouquíssima atenção tanto à tragédia quanto aos textos da historiografia grega. Segundo Segal, o texto da tragédia foi produzido de modo diverso do texto do aedo, cuja criação ocorria provavelmente de improviso. O poeta trágico escrevia algo para ser representado publicamente, mas o texto estava sob o controle do autor, o que é evidenciado pelo tratamento dado a assuntos como a mitologia, abordada, nesse caso, com certo distanciamento. O que Segal comenta a respeito da tragédia também pode ser estendido a Heródoto. No caso do Livro II das *Histórias*, além de tudo o que já foi dito, poderíamos acrescentar ainda o tratamento que o autor dá ao material mitológico. No *logos* egípcio, Heródoto racionaliza os mitos, estabelecendo para os mesmos uma ordem cronológica, vinculada à história do Egito, e, ainda, descreve os procedimentos ritualísticos de forma analítica.

Heródoto, portanto, se revela um autor que controlava e produzia seu texto; além do tratamento dado à mitologia, vale lembrar que o autor

³⁴ C. Segal, *Interpreting Greek Tragedy : Myth, Poetry, Text*, pp. 76- 83.

questionou - e até abandonou - valores da cultura arcaica. A história da regeneração de Helena, por exemplo, contesta valores do mundo heróico: para o historiador, não faz sentido uma guerra sangrenta apenas para que a honra dos gregos fosse preservada. Além disso, algumas categorias da cultura oral foram redefinidas, enquanto outras foram associadas às idéias correntes na época de Heródoto. Tal é o caso do $\theta\omega\mu\alpha$ ³⁵ que adquire novo sentido na obra do historiador. Assim como em Sófocles, amigo de Heródoto e Anaxágoras, o admirável - ou o terrível, se quisermos o texto original do poeta - passa a ser o domínio do homem sobre a terra e suas criaturas:

Muitos milagres há, mas o mais portentoso³⁶ é o homem.
 Ele, que singra o mar sorrindo ao tempestuoso Noto,
 galgando vagalhões
 que escancaram em torno o abismo;
 e que a deusa suprema, a Terra,
 a eterna infatigável,
 ano após ano, rasga a arado e pisa com cavalos.
 E da espécie dos pássaros volúveis faz sua presa,
 e à raça das bestas feras,
 e à nadante no oceano
 estende as malhas que teceu
 e, destro, as aprisiona;

³⁵ Nesta introdução, dou ênfase às teorias adeptas ao $\theta\omega\mu\alpha$ enquanto categoria de organização do texto de Heródoto, por serem apresentadas por eruditos que se dedicaram ao estudo do Livro II das (*Histórias*), como por exemplo, Christian Froidefond, *Le Mirage Égyptien*, e Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II, Introduction*.

³⁶ No texto de Sófocles não temos a palavra $\theta\omega\mu\alpha$, mas sim $\delta\epsilon\acute{\iota}\nu\alpha$. Contudo é evidente que Sófocles considerava os feitos do homem admiráveis e dignos de serem celebrados em sua poesia. Observo ainda que alguns críticos importantes como Segal, *Oedipus Tyrannus* e Guthrie, *The Sophists*, traduzem a palavra $\delta\epsilon\acute{\iota}\nu\alpha$ por “maravilhoso”.

e com artificios doma a agreste
 fera do monte, e laça o cavalo
 de farta crina,
 e o touro incansável das montanhas.
 Palavras e pensamentos,
 fugazes como o ar, e leis
 a si mesmo ensinou; e do gelo
 e da chuva inóspitos,
 de tudo se defende; e, assim armado,
 nada do que pode acontecer receia.
 Somente à morte
 não sabe como fugir,
 embora às piores doenças saiba achar remédio.
 Senhor da arte e do engenho que ultrapassam qualquer sonho,
 pode preferir tanto o mal quanto o bem.
 Quando respeita as leis
 e o juramento aos deuses,
 é digno da pátria
 o que por orgulho conduz ao mal:
 esse não entre em minha casa
 nem comigo tenha um pensamento igual.
 (Sófocles, *Antígone*, 334-375, tradução de Guilherme de Almeida)³⁷

Heródoto, como Sófocles, narra os maravilhosos feitos dos homens que, através de sua inteligência, da organização político-social, dominam a natureza e edificam obras tais como: os sacrifícios (*Histórias* - 2.38-42; 46-48), origem egípcia do nome dos deuses e dos cultos gregos (*Histórias* - 2.49-

53), origem do oráculo de Dodona (*Histórias* - 2.54-57), medicina (*Histórias* - 2.84), rituais funerários (*Histórias* - 2.85-90), vida dos egípcios nos pântanos (*Histórias* - 2.94), proteção contra os mosquitos (*Histórias* - 2.95), construção das embarcações (*Histórias* - 2.99), repartição das terras (*Histórias* - 2.109), construção das pirâmides (*Histórias* - 2.124-128), labirinto do lago Méroe (*Histórias* - 2.148-150), regras justas para os jogos olímpicos (*Histórias* - 2.160). Até mesmo no parágrafo trinta e cinco, paradigma da declaração das intenções narrativas do autor, o *θῶμα* apresenta-se redefinido:

Volto-me ao Egito, sobre o qual alongo meu discurso, porque, em relação aos demais países, possui as coisas mais maravilhosas (*θωμάσια*) e oferece obras que superam a possibilidade descritiva; por isso esse país será objeto de considerações mais detidas. Os Egípcios, ao mesmo tempo que possuem um céu particular e um rio que apresenta natureza (*φύσιν*) diferente de todos os demais, têm em relação a quase todas as coisas costumes (*ἤθηα*) e leis (*νόμοι*) contrárias aos outros homens. Entre eles, as mulheres freqüentam o mercado e praticam o comércio, enquanto os homens ficam em casa tecendo. Outros tecem, empurrando a trama para cima; os Egípcios, para baixo. Os fardos, os homens levam-nos sobre a cabeça; as mulheres, sobre os ombros. As mulheres urinam em pé; os homens agachados. Usam evacuar nas casas e comem fora nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas devem ser feitas em segredo, enquanto as não vergonhosas, publicamente. Nenhuma mulher conduz o culto a divindades masculinas ou femininas; já os homens, a todos os deuses e deusas. Nenhum filho é

³⁷ Guilherme de Almeida, Trajano Vieira, *Três Tragédias Gregas*.

obrigado a alimentar os pais a contragosto; para as filhas, mesmo a contragosto, existe obrigatoriedade absoluta. (*Histórias*, 2.35)

A leitura atenta desse parágrafo revela que o *θῶμα* está associado a outras categorias: φύσις, νόμος e ἥθηα; além disso, a maior parte do relato que antecede esse parágrafo é dedicada à descrição de fenômenos físicos: regime do Nilo, formação geológica do Egito, geografia e clima. O destaque dado a φύσις e νόμος, que ocupa lugar central na obra e permeia praticamente todo o *logos* egípcio, insere o autor no debate de sua época, quando estes conceitos ocupavam lugar de destaque em praticamente todas as discussões³⁸. Outro exemplo está no parágrafo vinte e um, onde, mais uma vez, o *θῶμα* é apresentado ao lado de uma teoria sobre a origem do Nilo:

A outra explicação é mais inaceitável (*ἀνεπισημοειστέρη*) que a já mencionada, embora apresentada como mais admirável (*θωμασιωτέρη*), segunda a qual o Nilo manifesta essa complexidade por derivar do Oceano, e este correr ao redor de toda a terra.

Não se pode negar, o Livro II das *Histórias* está intimamente relacionado a questões investigadas no século V a.C., ainda que sejam apresentadas por meio de histórias fictícias, como é o caso do experimento de Psamético. Essa história, que, em momento algum, pode ser considerada como um simples conto para distrair o público, expressa a rejeição do autor à teoria inatista da

linguagem e discute a antigüidade dos povos. Também, nas histórias dos faraós, as narrações não servem somente para entreter ou deleitar. Utilizando-se da ficção, Heródoto enaltece a inteligência dos faraós que cumprem irrestritamente a lei; assim, novamente, o νόμος é colocado em pauta. Mesmo no prólogo das *Histórias*, podemos ler nas entrelinhas da declaração de Heródoto de conferir κλέος aos feitos dos gregos e bárbaros, a consciência de que existiam variados povos e costumes. Tais constatações indicam que Heródoto coloca em pauta questões não abordadas pelas culturas arcaicas; mais uma vez confirma-se: as *Histórias* não podem ser simplesmente equiparadas aos cantos do aedo.

O estudo do Livro II das *Histórias*, portanto, deve ser feito cautelosamente, pois a obra não é dominada somente por categorias orais. Um exemplo, particularmente interessante, são as informações que Heródoto recolhe dos sacerdotes³⁹: o historiador ouve os sábios egípcios e, então, transcreve o que lhe foi dito. Mas, como demonstrou W. Heidel⁴⁰, Heródoto jamais poderia ter recebido determinadas informações dos sacerdotes. Heidel analisa diversos trechos do *logos*, revelando que Heródoto, muitas vezes, atribui aos sacerdotes informações que obteve de Hecateu, ou que eram discutidas no século V a.C., além de servir-se dos sacerdotes para expor assuntos polêmicos. Esses relatos, portanto, são construções do autor, e não transcrições diretas de tradições orais, como muitos já afirmaram.

³⁸ Para maiores detalhes sobre como se deu o debate entre νόμος e φύσις no século Va.C, leia-se, por exemplo, a obra de W. K.C. Guthrie, *The Sophists*, pp. 55-31.

³⁹ Não é necessário dizer que inúmeras teorias, segundo as quais a obra é essencialmente marcada por categorias orais, baseiam parte de seus argumentos nessas informações dos sacerdotes.

⁴⁰ Willian Arthur Heidel, *Hecateus and The Egyptian Priests in Herodotus*, Book II.

Em nossa opinião, tem-se dado muito destaque aos aspectos orais da obra do autor, alguns dos quais, como vimos, questionáveis em certos pontos. Com raras exceções, Heródoto é considerado pela exposição de idéias e juízos debatidos em sua época. Não queremos dizer que as obras que se voltam para os aspectos orais de Heródoto não tenham seu valor; ao contrário, elas são tão minuciosas e extensivas que ficaria difícil dizer qualquer novidade nessa área. Assim, será dado especial destaque a aspectos que, até agora, foram menos tratados. Observamos ainda que, ao nos desviarmos um pouco das abordagens tradicionais de Heródoto, não estamos supondo que o historiador tenha elaborado um texto científico, ou mesmo filosófico. Heródoto nem sempre compreende totalmente as teorias abordadas por ele mesmo, e apresenta poucas teorias de autoria própria, e, em diversas ocasiões, expõe teorias científicas já superadas em sua própria época. Certamente, não há em Heródoto um pensamento abstrato e totalmente racional, como temos em Platão ou em Tucídides, haja vista as histórias fictícias, às quais o autor recorre para expor seus juízos e teorias.

Feita essa exposição, podemos voltar ao ponto do qual partiu a proposta desta dissertação: resgatar alguns aspectos importantes do Livro II. A obra de Heródoto, e sobretudo o Livro II, deve ser estudada de acordo com suas peculiaridades, já que é uma das criações mais singulares da Antigüidade Clássica, ligada intrinsecamente ao período da época arcaica em que se preparava o desabrochar do classicismo. Para tanto procuraremos nos deter em alguns tópicos do *logos*, considerando autores que, de algum modo, ajudem quanto à compreensão de Heródoto, inserindo o autor no debate de idéias de sua própria época. Ainda visando os mesmos objetivos, faremos a tradução

integral do Livro II das *Histórias*, acompanhada de notas que esclareçam de algum modo as particularidades do pensamento do autor.

Parte I
COMENTÁRIOS

Capítulo I
O Livro II e o Conjunto Das *Histórias*.

1.1 A problemática do Livro II – Comentários Gerais

Quando Ciro morreu, Cambises subiu ao trono, filho de Ciro e Cassandana, filha de Farnaspe. Morta precocemente, o próprio Ciro organizou as cerimônias fúnebres e ordenou a todos os outros, sobre os quais reinava, que fizessem o mesmo. Sendo filho dessa mulher e de Ciro, Cambises considerou os Jônios e os Eólios escravos de seu pai e fez campanha contra o Egito, levando consigo os demais que obedeciam ao seu comando, entre os quais os Gregos, que dominava. (*Histórias*, 2.1)

O Livro II das *Histórias* começa com o texto citado acima; Heródoto interrompe sua narrativa⁴¹ sobre as conquistas do persa Ciro para

⁴¹As *Histórias* de Heródoto poderiam ser assim resumidas: o historiador começa o relato falando sobre Creso, o primeiro homem que injustiçou os gregos, e termina com a conquista de Ciro do reinado de Creso. Nesse momento, Heródoto pergunta “quem foi Ciro”; como resposta, temos, a exposição da genealogia dos Medas, que vai de Dioces a Astiates, mostrando como o persa Ciro depôs o meda Astiates. Heródoto prossegue descrevendo as conquistas de Ciro: Sardes, Jônia, Babilônia, e, finalmente, relata sua morte nas terras dos Massagetas. Após recordar a morte de Ciro, Heródoto conta a história de seu filho, Cambises; o Livro II e parte do Livro III referem-se à maior conquista desse rei: o

expor os costumes e histórias de uma das maiores nações subjugadas por esse rei: o Egito. O conteúdo do *logos egípcio* - relato geográfico e etnográfico (*Histórias* - 2.2-2.98) e história do Egito (*Histórias* -2.99-182) - suscita uma série de problemas teóricos⁴². Aparentemente, a narrativa de Heródoto não teria relação alguma com o tema central das *Histórias*: as Guerras Pérsicas. Outra questão, referente ao conteúdo do *logos*, diz respeito à originalidade de Heródoto; já na Antigüidade, Porfírio⁴³ afirmava que Heródoto teria apenas transcrito a obra de Hecateu, modificando-a muito pouco⁴⁴. Neste capítulo, discutiremos os dois pontos mencionados acima, tentando mostrar que, apesar do *logos egípcio* ter sofrido enorme influência de Hecateu, ainda assim, é um relato original de Heródoto. Além disso, veremos que o relato sobre o Egito pode ser perfeitamente inserido no conjunto das *Histórias*, desde que sejam consideradas particularidades da composição de Heródoto, como inovações realizadas quanto à narrativa das guerras pérsicas.

Egito. O historiador narra as conquistas de Cambises até a sua morte (*Histórias* III, 64-66); em seguida, Heródoto apresenta o sucessor de Cambises, Dario; o livro IV será dedicado às conquistas desse rei (dentre elas, o povo Cita). Já no Livro V, Heródoto discorre sobre o poder dos persas, que subjugaram os trácios, peônios, macedônios, e algumas cidades gregas (dentre elas, Bósforo e Propôntides); também nesse livro, é descrita a revolta dos jônios contra Dario (*Histórias* V, 28). O Livro VI concentra-se na defesa dos atenienses contra os Persas e na batalha de Maratona; nesse mesmo livro, é contada a história da morte de Dario. Os outros três livros descrevem as lutas travadas entre o sucessor de Dario, Xerxes, e os gregos; a batalha de Salamina é um dos últimos episódios da obra.

⁴² Os quatro primeiros livros das *Histórias*, conhecidos como *logos*, apresentam extensos relatos geográficos e etnográficos. A partir disso, alguns eruditos, dentre os quais se destaca Felix Jacoby, propuseram que a obra de Heródoto teria nascido e evoluído a partir dos relatos etnográficos e geográficos. Tal questão não será vista aqui, embora seja de grande importância para a historiografia grega.

⁴³ T 22.

⁴⁴ Dentre os estudiosos modernos, partidários da teoria de que Heródoto apenas teria transcrito a obra de Hecateu, estão Felix Jacoby, *The Genesis of Jacoby's Atthis, in Owls to Athens. Essays on Classical Subjects Presented to Sir K. Dover*, Oxford, 1990 pp.381-390; J. B. Bury, *The Ancient Greek Historians* pp. 49-50.

1.2 A Influência de Hecateu no Livro II das Histórias

É inegável que Heródoto recorreu à obra de Hecateu, o geógrafo é o único autor cujo nome é citado explicitamente nas *Histórias*⁴⁵ (Πρότερον δὲ Ἑκαταίῳ τῷ λογοποιῶ ...ἑμεαυτὸν; 2.143). Esta é a mais célebre referência a Hecateu, mas ainda há diversas passagens do *logos egípcio* que retomam diretamente seus fragmentos⁴⁶, além de tópicos onde podemos deduzir⁴⁷ que Heródoto utilizou o trabalho do geógrafo. A obra de Hecateu forneceu a Heródoto um sistema geográfico, cartográfico e cronológico coerente e serviu ao historiador de Halicarnasso de modelo descritivo: enumeração dos povos, cidades célebres e suas curiosidades geográficas e etnográficas, paradoxos⁴⁸. Para termos uma idéia melhor do quanto Heródoto se valeu da obra de Hecateu, vale a pena verificar o quadro esquematizado por Alan B. Lloyd⁴⁹ das passagens do Livro II onde, de algum modo, há a influência de Hecateu:

A) Passagens que certamente remontam a Hecateu :

2.5: o presente do Nilo

⁴⁵ Heródoto também cita o nome de Hecateu em outras partes das *Histórias* : 5.36; 5.125-6; 6.137.

⁴⁶ Os fragmentos de Hecateu foram reunidos por Felix Jacoby na obra *Genealogie und Mythographie*, vol. I.

⁴⁷ Apesar de pouco ter restado da obra de Hecateu, os fragmentos preservados dão uma idéia do conteúdo de sua obra; assim, embora não haja uma prova cabal, podemos inferir que Heródoto recorreu a seu predecessor.

⁴⁸ Os seguintes paradoxos são apresentados por Hecateu: a) a ilha flutuante de Quémis *Fgr F* 305; b) a fênix e o hipopótamo *Fgr* 324.

⁴⁹ Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II, Introduction*, pp. 138-139.

2.8: topografia descrita por Hecateu.

2.11-12: Heródoto aperfeiçoa a topografia descrita por Hecateu.

2.15-17: topografia.

2.23: ataque à doutrina de Hecateu

2.32: crítica à narrativa de Hecateu.

2.51: história dos Pelasgos.

2.70: métodos de caçar o crocodilo.

2.71: descrição do hipopótamos.

2.73: descrição da fênix.

2.77: alimentação de pães .

2.145: genealogia dos deuses gregos.

2.146: genealogia dos deuses gregos.

2.156: a ilha flutuante de Quémis.

2.171: pré- história do Peloponeso.

B) Passagens que Heródoto provavelmente retirou de Hecateu:

2.10: interesse na questão da sedimentação

2.33-34: idéias de simetria.

2.43: genealogia de Héracles.

2.44,4-5: as perambulações de Cadmo

2.49: história de Melampo e Diôniso.

2.91: história de Perseu.

2.92: botânica.

2.94: botânica

2.96: botânica e bari

2.98: Dânaos e Arcander.

2.104: a origem dos cóiquios.

2.112-120: a história de Proteu

Esse uso extenso dos trabalhos de Hecateu foi notado pelos teóricos adeptos da tese de que o Livro II não seria uma obra original de Heródoto. Vários estudos⁵⁰ tentaram provar que o historiador teria recompilado o trabalho do geógrafo, acrescentando algumas informações e corrigindo imprecisões. Todavia, se observarmos mais atentamente a lista de A. B. Lloyd, notaremos que seria impossível que Heródoto tivesse apenas “plagiado” Hecateu. Nessa lista, não estão englobados todos os tópicos contidos no Livro II das *Histórias*, o que mostra que Heródoto se estendeu além do que foi dito pelo geógrafo. Contudo, como restaram poucos fragmentos da obra de Hecateu, verificar até aonde Heródoto utilizou a obra do geógrafo é uma tarefa problemática, assim temos que recorrer à outra fonte que Heródoto poderia ter utilizado: o *Corpus Hippocraticum*. A leitura dos tratados médicos indica que Heródoto tinha à sua disposição dados não utilizados por Hecateu como, por exemplo, a influência do ambiente no indivíduo (*Histórias* - 2.37). O próprio conteúdo das obras de Hecateu confirma que o *logos egípcio* possui tópicos que nunca foram tratados pelo geógrafo. Os fragmentos de Hecateu posteriormente foram organizados sob dois títulos: *Periegis* e *Genealogia*. As *Periegis* são escritos geográficos e etnográficos com algum espaço reservado para lendas locais; já as *Genealogias* concentram-se na tradição mitológica grega. Nesses trabalhos, não é mencionada a história de nenhum monarca do Egito. Como veremos no capítulo IV, Heródoto idealizou os faraós, narrando através de suas histórias, ideais de justiça, piedade e sabedoria. Heródoto, portanto, além de acrescentar dados novos, manifestou pensamento

independente e estilo próprio.

A tese de que Heródoto apenas teria ampliado as informações de Hecateu, mostra-se duvidosa em vários pontos e desconsidera a atividade intelectual do historiador. Mesmo no que se refere ao relato etnográfico e geográfico, de onde brotam as maiores incertezas quanto à autonomia de Heródoto, o historiador se distingue de seu predecessor por ter afinidade com o pensamento racionalista e filosófico de seu tempo. Vejamos uma passagem das *Histórias* que confirma a autonomia de Heródoto em relação a Hecateu: a análise do comportamento incomum do Nilo. Heródoto examina as causas das inundações do Nilo com o máximo de rigor possível: o historiador coloca o problema (*Histórias* - 2.19); discute outras teorias a respeito da questão (*Histórias* - 2.20-23); e, por fim, apresenta sua própria teoria (*Histórias* - 2.24).

No parágrafo 2.19, Heródoto identifica o comportamento singular do Nilo: cheio no verão e modesto no inverno. A primeira providência é indagar os homens doutos do Egito, os sacerdotes; todavia, esses não lhe dão nenhuma resposta satisfatória⁵¹. Assim, Heródoto procura solucionar o problema, mas, antes de expor sua teoria, apresenta as concepções de seus predecessores; a primeira delas é a dos ventos etésios:

Mas alguns Gregos, desejando se tornar notáveis pela sabedoria, propuseram três explicações para o movimento desse rio, das quais duas não julgo dignas de recordar, embora deseje indicá-las tão somente. Uma delas diz serem os ventos

⁵⁰ F. Jacoby, *The Genesis of Jacoby's Atthis*; W. Heidel, *Hecateus and The Egyptian Priests in Herodotus Book II*.

etésios responsáveis pela cheia do rio, impedindo o Nilo de correr para o mar. Todavia muitas vezes os etésios não sopram, e o Nilo tem igual desempenho. Ademais, se os etésios fossem a causa, forçosamente outros rios, quantos correm em direção contrária aos etésios, sofreriam os mesmos efeitos que o Nilo, tanto mais que, sendo menores, a corrente mostra-se mais fraca. Existem muitos rios na Síria, muitos na Líbia, que não sofrem nada semelhante ao que passa o Nilo. (*Histórias*, 2.20).

A teoria de que os ventos etésios eram responsáveis pelas cheias do Nilo foi amplamente aceita na época de Heródoto, e, mesmo posteriormente, não perdeu sua força⁵². Os ventos etésios começavam a soprar durante o solstício de verão, justamente quando se iniciavam as inundações. Tal fato levou alguns gregos do período arcaico⁵³ a supor que os etésios estivessem relacionados às cheias do Nilo. Heródoto invalida essa argumentação através de duas provas:

a) observação: mesmo quando os etésios não sopram, o Nilo não modifica seu regime, o que indica que a relação dos etésios e da cheia seria apenas coincidência.

b) analogia: através desse recurso - utilizado também por Anaximandro - o historiador compara rios da Síria e Líbia que sofriam a ação dos ventos etésios e não tinham o comportamento do Nilo.

⁵¹ Os sacerdotes egípcios tinham suas próprias explicações para as causas das cheias do Nilo; porém essas eram fundamentalmente teológicas. Os egípcios associavam o Nilo ao deus Osíris; as cheias do rio eram interpretadas como o ressurgimento desse deus.

⁵² A teoria dos ventos etésios aparecerá em Aristóteles, *Meteorologia* II, 361b.

⁵³ Eutimeno de Massilia *FGR H* 647,F1.

No parágrafo 2.21, Heródoto investiga outra teoria muito divulgada⁵⁴: a de que o oceano seria responsável pelas inundações do Nilo. Essa teoria, enunciada pela primeira vez na *Iliada*⁵⁵, diz que o oceano circunda toda a Terra e todos os rios derivariam dele. Tal concepção foi retomada por Hecateu⁵⁶, que incorporou conceitos desenvolvidos por Tales⁵⁷. A explicação de Hecateu, elaborada de acordo com o pensamento arcaico, imaginava o mundo circular e rodeado por água⁵⁸. Como deveria existir uma única fonte de água, então, todos os rios derivariam do oceano. Com o despontar do racionalismo, essas noções foram interpretadas em termos físicos e geográficos; daí Heródoto, que buscava uma explicação que pudesse ser baseada em observações da natureza, não aceitar tais preceitos:

Também aquele, que falou sobre o oceano, tendo conduzido seu discurso para o campo do mito, não pode ser refutado; pois eu mesmo não sei o que possa ser qualquer oceano, mas creio que Homero ou algum poeta que viveu antes dele inventou esse nome e o introduziu na poesia. (*Histórias*, 2.23)

Heródoto deixa claro sua discordância em relação à teoria de Hecateu, declarando que essa pertencia a um campo no qual não era possível qualquer verificação. Se Heródoto apenas tivesse recompilado ou corrigido dados da obra de Hecateu, não teria feito essa análise minuciosa da teoria do

⁵⁴ Na *Iliada* (18.607ss), Homero diz que oceano circunda todo o mundo; mais tarde Hesíodo (*Teogonia* 338) citará o Nilo entre os rios derivados do oceano.

⁵⁵ 18.607ss.

⁵⁶ *Fgr HI* 302.

⁵⁷ Tales (*Dk* 11, A16~KR 72-3), a partir da informação de Hesíodo (*Teogonia* 338) de que o Nilo deriva do Oceano, explicou os mecanismos das cheias desse rio.

geógrafo, investigada a partir de sua origem, isto é, Homero. Mas continuemos nossa exposição. No parágrafo 2.22, finalmente, Heródoto avalia a teoria apreciada pelos poetas trágicos⁵⁹: as águas do Nilo seriam provenientes do derretimento de neves da Líbia. Nesse caso, Heródoto procura reunir o maior número de provas⁶⁰; duas delas são fruto da observação apurada do historiador: os ventos, provenientes da Etiópia, são quentes, assim, não poderia haver neves nessa região. Também é correta a observação de Heródoto de que os milhafres e as andorinhas da Etiópia não migram, pois nessa região não existe inverno. Mais uma vez, o historiador raciocina por analogias, comparando o comportamento dos pássaros da Etiópia ao comportamento das aves que habitam a Cítia: sendo essa uma região fria, os pássaros são obrigados a migrar todos os anos para fugir das baixas temperaturas, o que não ocorre com os pássaros da Etiópia. As demais “provas” não se sustentam tão facilmente quanto as duas primeiras. A constatação de que a Etiópia é uma região quente, e por isso, nela habitam homens negros, é fundamentada em observações corretas; contudo, não existe uma causalidade entre o clima e a cor dos homens, como sugeriu o historiador. Quanto à prova de que se nevasse na Etiópia também deveria chover em três dias, essa não passa de um dito folclórico, incorporado por Heródoto como prova. Como podemos notar,

⁵⁸ Ver mapa p. 181

⁵⁹ A teoria sobre as fontes do Nilo adotada pelos trágicos é de Anaxágoras (*DK59, A42,5; A 91~Frg H 646*) que afirmou que terra é um disco e ,sobre suas bordas, o sol nasce e se põe. A parte mais fria da Terra seria o centro, onde está a Etiópia, por isso nessa região haveria neve.

⁶⁰ As teorias sobre o derretimento das neves como causa das cheias do Nilo, durante muito tempo, tiveram grande aceitação na Grécia. Sófocles revela sua adesão a tais preceitos, *Suplicantes* 599; F300. Mais tarde, mesmo Heródoto tendo refutado essa teoria, ela voltará a ser citada em na tragédia de Eurípedes, *Helena* 1ss, e em Demócrito, *Dk 68, A99~Fgr H647, F1*.

Heródoto não só apresenta as principais teorias de seus predecessores, como também toma o cuidado de refutá-las, apresentando seus pontos fracos e reunindo todas as provas que foi capaz de conseguir; só então o historiador apresenta sua teoria:

Se é necessário, depois de criticar as opiniões expostas, demonstrar eu mesmo a minha acerca dessa questão obscura, direi por que me parece que o Nilo enche no verão: durante a estação invernal, o sol é desviado do antigo curso pelas tempestades e vai para a região superior da Líbia. Para que se entenda agora do modo mais breve tudo está dito; pois aos territórios de que este deus está mais próximo, é natural que haja máxima carência de água e que os rios que correm nesse lugar sequeiem (*Histórias*, 2.24)

Heródoto adere à doutrina de Xenófanes⁶¹, que concebia o cosmos como um hemisfério relativamente pequeno. A Terra seria um disco sobre o qual os céus se estenderiam, encontrando o disco na extremidade. O sol e outros astros fariam seu traslado nesse “domo” e, sendo pequena a distância do sol até as nuvens, ele seria afetado por tempestades. O sol, desviado de seu curso normal pelas tempestades, ficaria mais próximo à terra, aumentando a evaporação e fazendo o Nilo diminuir no inverno.

Heródoto fez um mero “acréscimo” a alguns pontos abordados por Hecateu. O historiador, antes de tudo, é um grande prosador que discorre sobre aspectos variados da cultura grega. A teoria sobre as inundações do Nilo reúne quase tudo o que foi dito sobre esse rio, indo das explicações mitológicas

propostas na *Iliada* e na *Teogonia* às teorias de Xenófanes.

A exposição acima apresentada evidencia que Heródoto foi muito além de Hecateu. Quando consideramos as influências de Hecateu, o mais importante não é identificar se o historiador derivou esta ou aquela sentença de seu predecessor, mas determinar o papel crucial que desempenhou na formação de Heródoto. Hecateu foi o primeiro grego a identificar o passado como um campo sobre o qual poderia ser aplicado o estudo crítico. Por volta do final do século VI a.C., em Tebas, no Egito, Hecateu descobriu que os homens da época pré-troiana não eram descendentes dos deuses⁶². Tal acontecimento levou o geógrafo a comparar lendas gregas e de povos orientais e a descobrir que os mitos gregos nem sempre estavam corretos:

Ἐκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται τάδε γράφω ὃ εμοὶ
δοκεῖ ἀλήθεια εἶναι οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ
ὡς εμοὶ φαίνονται εἰσὶν (FGrH I F 1)⁶³.

Hecateu, o milésio, assim discorre: escrevo o que me parece ser a verdade, pois as histórias dos gregos são muitas e, como se revelam a mim, risíveis. (Tradução nossa)

Além de comparar diferentes versões, Hecateu procurou representações físicas de processos reais da natureza que estariam por trás das lendas; sem desacreditar as mesmas, trouxe-as para o campo do provável:

ἀλλὰ Ἐκαταῖος μὲν Μιλήσιος λόγον εὖρεν εικότα ὄφιν

⁶¹ Hipólito *Ref.* 1.14.1; Plutarco *Dk* 21 A 32.

⁶² Heródoto 2.123 narra a experiência feita por Hecateu.

⁶³ Esse fragmento de Hecateu aparece quase que literalmente na primeira frase do parágrafo 45 do livro II das *Histórias*.

φήσας ἐπὶ Ταίναπῳ τραφῆνται δεινόν κληθῆναι δὲ Αἰδου κύνα
 ὅτι ἔδει δηχθέντα παραυτίκα ὑπὸ ἰοῦ καὶ τοῦτον ἔφη τὸν
 ὄφιν ὑπὸ Ἡρακλέος ἀχθῆναι γὰρ Εὐρυσθέα. (*Fgr H I F 27*)

Mas Hecateu, o milésio, descobriu essa história: disseram que uma terrível serpente crescia sobre o Tenaro, chamada o cão de Hades, porque qualquer um picado por ela morria imediatamente. E contam que essa serpente foi trazida por Hércules para Euriteu. (Tradução nossa)

Seguindo o modelo de Hecateu de racionalização dos mitos, Heródoto também comparou narrativas míticas dos egípcios e dos gregos, procurando a verdade por trás dessas lendas. No parágrafo 2.45, o historiador diz ser falsa a versão dos gregos de que Hércules teria massacrado todos os egípcios presentes, quando tentaram sacrificá-lo a Zeus. Heródoto contrapõe o mito ao que pode ser encontrado na natureza (φύσις) de um único homem mortal não lhe permite tal façanha. Heródoto não seguiu os passos de seu predecessor somente na área das narrações míticas; a prática da investigação (ἱστορίη) foi levada pelo historiador a todos os campos das ações humanas: costumes, lendas, histórias do Egito e teorias sobre o clima e geografia. Além disso, através da autopsia (ὄψις), Heródoto expandiu o campo das informações, assim sua investigação conseguiu chegar até aonde o ouvido não era capaz de ir. Enfim, poderíamos dizer que a maior contribuição de Hecateu para Heródoto, foi “despertar” o historiador em relação à prática da ἱστορίη.

1.3 O Livro II e o Conjunto das Histórias

Até aqui foram expostos problemas referentes à originalidade do conteúdo do Livro II; abordemos agora a questão referente à inserção do *logos egípcio* no conjunto das *Histórias*. Os tópicos abordados neste livro parecem ter pouca ou nenhuma relação com as Guerras Pérsicas, tema central das *Histórias*. A partir disso, várias teorias surgiram para explicar esse aspecto da obra de Heródoto, a maioria fundamentada em concepções evolucionistas da historiografia⁶⁴. De acordo com um dos eruditos mais importantes nessa área, Felix Jacoby, Heródoto teria começado seu trabalho com relatos geográficos e etnográficos, aos quais incluiu dados da história local do país em questão. Somente mais tarde, após sua estada em Atenas, onde tomou consciência da amplitude das Guerras Pérsicas, Heródoto teria atingido maturidade intelectual e desenvolvido relatos verdadeiramente históricos. Para Jacoby, todos os logógrafos, incluindo Hecateu, teriam feito trabalhos semelhantes aos de Heródoto, antes da maturidade; desse modo, a atividade histórica propriamente dita começaria com os relatos do geógrafo Hecateu, cabendo-lhe o título de “pai da história”. Hecateu, sem dúvida alguma, valorizou os feitos humanos, racionalizando mitos e diminuindo o esplendor das realizações dos heróis; todavia, nunca desenvolveu nenhum tema ligado à historiografia.

A historiografia grega não começou como uma ciência investigativa, voltada para as descobertas das relações dos acontecimentos passados. Em seus primórdios⁶⁵, a função da historiografia era semelhante à da

⁶⁴ Jacoby, *Atthis: The Local Chronicles of Ancient Athens*.

⁶⁵ Gregory Nagy, em seu artigo “Herodotus the logios”, *Arethusa*, 20,1987,1-2, pp. 175-184, mostra, utilizando exemplos retirados de Píndaro, que tanto o historiador quanto o poeta conferiam κλέος aos objetos de suas narrativas.

epopéia⁶⁶: louvar o passado; fazer, por meio do discurso, a rememoração de feitos e obras, dando “fama” (κλέος) aos acontecimentos notáveis (θῶμα). As Guerras Pérsicas constituíram um acontecimento marcante: pela primeira vez após a guerra de Tróia, gregos de diferentes cidades se uniam em um projeto conjunto, cuja grandeza em nada perdia para o evento mais famoso da Grécia, a Guerra de Tróia. Assim, as Guerras Pérsicas forneceram à literatura um tema tão magnânimo quanto aquele abordado por Homero.

Nas *Histórias*, a dramática ascensão e queda da Pérsia começa com a conquista da Lídia e termina com a derrota dos persas em Salamina, Platéia e Mícale. Os primeiros a reconhecerem a grandiosidade desse acontecimento⁶⁷ foram os poetas trágicos, que narraram a dramática defesa de Xerxes: Frínico⁶⁸, em *As Mulheres Fenícias* (476 a.C.) e Ésquilo, *Os Persas*⁶⁹ (472 a.C.). Nos *Persas* de Ésquilo, os acontecimentos trágicos que atingem os persas são enfatizados pela descrição do passado glorioso desse povo: Dario⁷⁰ é um nobre com características de herói; Ciro é lembrado como um sábio governante que subjuguou a Lídia e a Jônia.

⁶⁶ Para os gregos do período arcaico, a épica satisfazia o que poderíamos chamar, num certo sentido, de interesse histórico. Os poemas de Homero eram aceitos como narrativas verdadeiras sobre o passado, e, em muitos casos, foram utilizados como documentos históricos em questões de disputas territoriais.

⁶⁷ Deborah Boedeker em seu artigo “Heroic “Historiography : Simonides and Herodotus on Plataea”, *Aretusa*, 1996 pp. 223-245, mostra as relações entre épica, elegia e historiografia no começo do século V a.C. Segundo a autora, na elegia de Simônides, o poeta tomando como modelo a guerra de Tróia, confere “fama” aos participantes da batalha de Platéia, que mais tarde servirá de modelo a Heródoto para narrar a referida batalha.

⁶⁸ Plutarco, *Temístocles* 5.

⁶⁹ Algumas reflexões feitas por Ésquilo nesta tragédia sobre a batalha de Salamina são retomadas por Heródoto (*Os Persas* 360, 399-401; *Histórias* 8.75-2, 8.86), revelando que a tragédia também exerceu influência na obra de Heródoto.

⁷⁰ O Dario descrito por Ésquilo serviu de modelo para Heródoto compor a imagem desse personagem histórico em suas narrativas.

As Guerras Pérsicas não inspiraram somente os poetas; as primeiras prosas gregas também falavam desse evento monumental, indicando que sua função, nos relatos desses primeiros historiadores, era narrar eventos que possuísem *θῶμα*, e não discorrer sobre o passado. Os trabalhos referentes às Guerras Pérsicas foram atribuídos a três autores: Dioniso de Mileto, Caron de Lampsaco e Helânico. Pouca coisa restou do trabalho desses autores; de Caron de Lampsaco⁷¹, tudo o que sabemos é que compôs uma história sobre a queda da Pérsia, na qual foi incluída a destruição da tropa de Mardónios por uma tempestade e, provavelmente, a invasão de Xerxes. Já da obra de Dioniso de Mileto⁷² restaram mais fragmentos; suas histórias narram a morte de Dario e a defesa de Maratona. Os trabalhos de Helânico foram os mais bem preservados; através de seus fragmentos podemos concluir que o autor discorreu sobre a guerra, sobre as origens das cidades gregas na Ásia, além de ter feito referência à história de Atenas. O que caracteriza todas essas narrativas, fundamentalmente, é o fato de discorrerem sobre um material tradicional: as Guerras Pérsicas.

Heródoto, dando continuidade ao tema abordado pelos trágicos e pelos logógrafos, também narrou o evento grandioso que foram as Guerras Pérsicas. Nas *Histórias*, κλέος e θῶμα também desempenham papel semelhante àquele presente nos trabalhos dos logógrafos, embora tenham sido redefinidos à luz do pensamento da época do historiador. Além desse aspecto, há ainda nas *Histórias* características que permitem aproximar o texto do historiador do trabalho dos logógrafos, como, por exemplo, as genealogias. Mas, a despeito desses pontos em comum, o Livro II das *Histórias* é muito

⁷¹ *Suda*; Dioniso, *Carta a Pompeu*, 3-7.

diferente da narrativa dos logógrafos. As *Histórias* resultam de uma inovação introduzida por Heródoto na narração de um material tradicional, objeto tanto da poesia quanto da historiografia: as Guerras Pérsicas. Além disso, as *Histórias* incluem muito mais do que narrações sobre as Guerras Pérsicas. Embora Heródoto também narre um tema tradicional, ele inclui em sua obra tudo o que pudesse engrandecer esse acontecimento; nesse sentido, a minuciosa descrição geográfica e etnográfica dos povos conquistados pelos persas tornam a guerra mais grandiosa ainda. Assim, quando finalmente os gregos derrotam os persas, nos damos conta do quanto foi magnífica essa empresa: os gregos venceram homens capazes de conquistar inúmeros povos, dentre os quais estavam os Egípcios, os homens mais antigos e sábios do mundo. No Livro II das *Histórias* cada informação, cada história, ilumina a obra como um todo; a luta travada entre persas e gregos é somente o clímax daquilo que Robert Drews chamou de o “Grande Evento”. Drews observa que Heródoto não declarou qual era o tema de sua obra; a tentativa dos críticos de definir eles mesmos qual seria esse tema, criou classificações genéricas para as *Histórias* que nunca dão conta de todo o conteúdo da obra:

“Infelizmente qualquer definição tende a confundir nossa abstração do tema com o tema em si. Eu prefiro chamar o tema da obra de Heródoto de “O Grande Evento” a “Ascensão e Queda da Pérsia”, pois esta última metáfora inutilmente analisa e simplifica o tema; o “Grande Evento”, graças à sua

⁷² Os fragmentos de Dioniso foram preservados nos escólios de Heródoto (cod. B) III .

ambigüidade, talvez seja suficientemente neutro. Ele compreende a totalidade de eventos que vão da queda de Sardes à defesa de Xerxes, que merecem ser narrados”.(R.

Drews, *The Greek Accounts of Eastern History*)⁷³.

Uma vez considerada um “Grande Evento”, podemos incluir na guerra absolutamente tudo o que, de algum modo, se relacione a esse acontecimento. Assim, também cabem na obra de Heródoto os relatos geográficos e etnográficos, as histórias dos faraós; desse modo, o Livro II se insere no conjunto das *Histórias*. Heródoto foi o primeiro grego a reunir com coerência numa mesma obra uma variada gama de assuntos disseminados pelas obras de seus predecessores, seja nos relatos de Hecateu, seja nas narrativas das Guerras Pérsicas. Para realizar tal empresa, Heródoto praticou a investigação *ἱστορίη*⁷⁴ que, pela primeira vez, é aplicada às ações humanas. Nessa tarefa de coletânea, a *ἱστορίη* não auxiliou somente a aquisição de novas narrativas, ela também favoreceu a descoberta de detalhes dos relatos tradicionais e dos acontecimentos da própria guerra, como sobre histórias e características dos povos subjugados. Ao aplicar a *ἱστορίη* a esses campos, Heródoto colocou tudo o que podia ser escrito sobre o “Grande Evento”; tanto que, após Heródoto, seus sucessores sentiram-se completamente desencorajados a dar continuidade ao assunto e nada mais foi dito. Por outro lado, as *Histórias* de Heródoto encorajaram outros historiadores a descobrir e

⁷³ R. Drews, *The Greek Accounts of Eastern History*, pp.71.

⁷⁴ Heródoto aprendeu a prática da *ἱστορίη* com seu predecessor Hecateu, que a praticou em seus relatos geográficos e na análises dos mitos gregos.

descrever os eventos notáveis sobre histórias que ainda não tinham sido escritas⁷⁵. No final do século V a.C., as histórias locais narradas oralmente foram coletadas e reunidas num sistema coerente, cujos princípios foram delineados na obra de Heródoto.

⁷⁵ Entre os sucessores de Heródoto que escreveram histórias locais estão : Antíloco de Siracusa, Quitésias de Quinido e Hecateu de Abdera.

Capítulo II

As Leituras do Livro II de Heródoto na Grécia Clássica: A Helena de Eurípides.

2.1 As Repercussões da Obra de Heródoto na Grécia Clássica

A narrativa de Heródoto sobre o Egito teve grande repercussão em sua própria época: o Livro II das *Histórias* não só serviu de fonte de informações geográficas, míticas e antropológicas, como também contribuiu para a literatura. Continuando tradições já inauguradas na *Odisséia*, Heródoto desenvolveu ao máximo a idealização do Egito e de seu povo, os quais superariam os gregos em inúmeros aspectos, arquitetura, religiosidade e justiça. Um dos indícios de que os textos de Heródoto tiveram grande divulgação, é o ataque constante aos egípcios feito por Aristófanes, cujas citações diretas⁷⁶ do texto de Heródoto sugerem que o público estava familiarizado com essa obra do historiador. Os egípcios, assim como outros estrangeiros, foram satirizados por Aristófanes devido à sua xenofobia⁷⁷; mas, particularmente no caso dos egípcios, as críticas do comediante recaem diretamente sobre as idealizações do historiador. A superioridade da medicina egípcia, por exemplo, foi

⁷⁶ Na comédia *As Aves* 1136-1137, Aristófanes ao satirizar os méritos da arquitetura egípcia, faz alusão direta ao parágrafo 2.127 do Livro II das *Histórias*.

ridicularizada em três comédias de Aristófanes⁷⁸, que ironizou as propriedades da erva *sirmaia*, segundo o historiador, um dos produtos farmacológicos mais poderosos da medicina egípcia (*Histórias* - 2.77; 2.88).

Todavia, o Livro II não foi alvo somente de críticas; ao contrário, Eurípides valeu-se muito dessa obra em suas tragédias. O texto de Heródoto foi importante fonte de informações para o poeta, que tanto utilizou seus preceitos religiosos, como dados geográficos⁷⁹. Logo nos primeiros versos da tragédia (*Helena* 1-3), Eurípides apresenta sua discordância da teoria de Heródoto sobre as origens do Nilo⁸⁰. Mas, nem sempre é fácil determinar até onde chega realmente a influência de Heródoto, pois a dinâmica das culturas orais cria enormes obstáculos nesse sentido. O fato de a obra de Eurípides ser posterior à de Heródoto não nos permite afirmar que o poeta retirou certo dado do historiador; graças à tradição oral, uma mesma informação poderia permanecer viva na cultura durante séculos. Um exemplo típico desse problema está na teoria da transmigração da alma, enunciada no discurso de Teone⁸¹. Eurípides poderia perfeitamente ter se informado dessa teoria a partir de Heródoto⁸²

⁷⁷ A aversão de Aristófanes aos egípcios era tão intensa que a expressão utilizada nas *Nuvens* (1130) e *Paz* (1253) “ir para o Egito” é equivalente ao nosso “ir para o inferno”.

⁷⁸ Aristófanes: *Paz* 1253; *Danaides* fr. 265; *Tesmoforias* 857.

⁷⁹ Eurípides na *Helena* 759 cita a localização do Promontório de Perseu como sendo no Egito. Segundo Alan. B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol. I*, somente o historiador relaciona o promontório Perseu ao Egito.

⁸⁰ Eurípides expõe a teoria de Anaxágoras sobre as fontes do Nilo (Dk 59, A42,5;A91~Frg H 646) à qual era simpático, desse modo, logo no início da tragédia, o poeta coloca em destaque uma teoria que fora criticada por Heródoto (*Histórias* - 2.22).

⁸¹ *Helena* 998- 1016.

⁸² Segundo Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II vol. I*, é improvável que Eurípides tenha retirado essa informação de Heródoto, já que em sua época existiam fontes pictóricas mais precisas a esse respeito.

(*Histórias* - 2.123), mas ela também aparece em Pitágoras⁸³, Empédocles⁸⁴ e nos órficos⁸⁵. Dadas essas dificuldades, verificaremos apenas o que podemos extrair diretamente dos textos de Heródoto: a idealização do Egito como lugar onde reina a pureza de espírito e sentimentos piedosos, a nobreza dos lendários faraós, incorporada aos personagens egípcios da tragédia, além da versão herética de Helena.

2.2 *As versões heréticas das lendas de Helena*

Costuma-se chamar de versões heréticas da lenda de Helena as narrativas que atenuam as críticas normalmente feitas à tindáride⁸⁶ na *Iliada* e *Odisséia*. Ao longo de praticamente toda a *Iliada*, Helena foi estigmatizada como “mulher maldita”⁸⁷ (καίνη Ἑλένη), frívola e adúltera, responsável pelos maiores sofrimentos que abateram gregos e troianos. Dentre os episódios memoráveis, está a cena da lamentação dos chefes troianos que questionam se valeria à pena a luta por causa de uma mulher, ainda que dona de uma beleza incomum⁸⁸. Nesse mesmo canto, há o diálogo entre Príamo e Helena - mais tarde retomado por Eurípides e Heródoto - e a cena final, na qual Páris se retira da luta para logo em seguida deleitar-se com o amor de Helena. Já na

⁸³ Dk 21, B7~KR 268.

⁸⁴ Dk 31, B 115~KR 471.

⁸⁵ F 231.

⁸⁶ No Canto II da *Eneida*, Virgílio repetindo a tradição que execra Helena, chamou-lhe de “Erinis comum de Grécia e Tróia” (tradução de Odorico Mendes).

⁸⁷ *Iliada* 3.121ss.

⁸⁸ Ésquilo, na tragédia *Agamemnon* (686), também detratou Helena, criando esses epítetos pejorativos: *elenas*, *elandros*, *eleptopolis*. Contudo, Ésquilo nunca culpou Helena pela Guerra de Tróia; para o poeta Helena era um demônio, uma Erinia, uma força natural ou sobrenatural, mas jamais culpada pelo massacre dos teucros e aqueus.

Odisséia, Helena não foi censurada tão duramente como na *Iliada*; porém, não faltam nesses poemas observações sobre os males decorrentes do procedimento da espartana, quer nas comparações constantes feitas entre Penélope e a tindáride, quer na lamentação de Eumeu pela ausência de seu senhor, Ulisses:

Pereça toda a geração de Helena,
 Dano e exício de heróis! Para essa Tróia
 Também foi meu senhor vingar o Átrida.
 (*Odisséia* XIV 47-56) (Tradução de Odorico Mendes)

Contudo, embora Homero tenha condenado Helena, ele também ofereceu indícios de que a esposa de Menelau poderia ser inocente. Ainda no canto III da *Iliada*, Helena volta-se irada contra Afrodite e roga à deusa que pare de iludi-la, pois não mais desejava ser ornamento de Páris; mas, no final, a espartana cede aos imperativos da deusa. Também na *Odisséia*, existem passagens memoráveis, tal como o episódio da *Telemaquia* no qual há uma espécie de regeneração da tindáride, apresentada quase como um ser divino⁸⁹. Ao ver Menelau e seus hóspedes lançados nas dolorosas lembranças da guerra de Tróia, Helena, em lágrimas, coloca uma droga na taça para acalmar-lhes as dores :

Deitam-se os convidados às viandas.
 Helena aí excogita: anexa ao vinho
 De nepentes porção, que aplaque as iras
 E as tristezas desterre; o que a bebesse

⁸⁹ O gesto de Helena ao ministrar a droga é quase sagrado; ela tem o dom de curar não só as dores físicas, como também os sofrimentos da alma. Este episódio da *Telemaquia* foi

Não brotava uma lágrima no dia,
 Por mãe nem genitor, irmão nem filho,
 Que visse degolar.

(*Odisséia*, IV, 174- 180) (*Tradução de Odorico Mendes*)

Essas passagens de Homero podem ter fornecido material para as primeiras versões heréticas, uma vez que, em algumas passagens, Helena não é necessariamente condenada. Todavia, a primeira notícia de uma narrativa de fato diferente da de Homero está nas *Cíprias*: Zeus, para aliviar a terra de um grande número de mortais⁹⁰, decide criar a Guerra de Tróia. Aconselhado por Memo, o pai dos deuses realiza o casamento de Tétis, do qual nascem Aquiles e Helena, responsáveis pelas mazelas que aniquilaram gregos e troianos⁹¹. A despeito dos atos de Zeus, a Helena das *Cíprias*⁹² é apenas uma versão paralela à da *Iliada*, pois a tindaride continua sendo culpada pelos males que atingem os seres humanos: Helena é comparada à Pandora, ser criado exclusivamente para trazer miséria. Nas *Cíprias*, Helena é filha de Zeus e Nêmesis, irmã das Lutas, Decepção, Sexo e Velhice⁹³.

A primeira versão a negar categoricamente que Helena era inocente e esteve algum dia em Tróia, foi a de Hesíodo⁹⁴; dele também é a criação do motivo do *eidolon*. De Hesíodo passamos aos poetas líricos, dentre os quais se

comparado por Christian Froidefond, *Le Myrage Égyptien*, pp.54-64, com o episódio de Circe, onde a feiticeira também lança uma droga num líquido.

⁹⁰ *Cípria*, Fgr 1

⁹¹ Eustácio, *Ad Iliadem* 1.33-15

⁹² *Cíprias*, Fgr 7

⁹³ Hesíodo, *Teogonia*, 223-28.

⁹⁴ Hesíodo Fgr 93.

destaca Estesícoro⁹⁵; por fim há as narrativas de Heródoto⁹⁶ e Eurípides e a célebre defesa de Górgias⁹⁷. Embora o *Elogio de Helena* de Górgias não esteja diretamente relacionado aos textos de Heródoto, o discurso do sofista foi a mais calorosa defesa feita à tindaríde e, como observou Barbara Cassin, tornou Helena uma heroína sofisticada⁹⁸. Em seu *Elogio*, Górgias defende Helena das acusações que normalmente lhe são feitas; quatro casos são considerados: Helena fez o que fez forçada pelo acaso (τύχη) e necessidade (Ἄνάγκη)⁹⁹; foi forçada por Páris¹⁰⁰; foi seduzida pelo discurso (λόγος)¹⁰¹; não resistiu aos fascínios de Eros¹⁰². Em todos esses casos, Helena é inocente, pois não poderia ir contra os desígnios dos deuses e tampouco resistir à beleza de Páris. Particularmente, Helena é impotente diante da força das palavras, pois estas, sendo como corpos minúsculos¹⁰³, podiam ser experimentadas como coisas reais. Uma vez que as palavras¹⁰⁴ penetrassem na alma, poderiam lhe modelar e

⁹⁵ Estesícoro, P.Mel.Gr;F15, acreditava na existência de duas Helenas: a primeira, de corpo e alma, era a esposa de Menelau e jamais esteve em Tróia, pois fora levada por Hermes para o Egito. A segunda seria a Helena de Tróia, um simulacro na forma de vento.

⁹⁶ No parágrafo 2.113, Heródoto afirma que ouviu dos sacerdotes do Egito a história de Helena. Embora isso possa ter ocorrido, não devemos esquecer que essa não é uma lenda egípcia. O contato entre gregos e egípcios era muito antigo, o que levou os egípcios a incorporarem a sua cultura diversas lendas gregas.

⁹⁷ Barbara Cassin, *Ensaio Sofísticos* pp. 294, lembra que existe uma tradição contínua na qual Helena é paradigma do objeto de amor e ódio: Homero, Górgias, Eurípides, Isócrates, Goethe, Hofmannsthal, Offenbach, Claudel.

⁹⁸ Barbara Cassin, *Ensaio Sofísticos*, p. 294.

⁹⁹ Górgias, *Elogio de Helena*, parágrafos 6-7.

¹⁰⁰ Górgias, *Elogio de Helena*, parágrafo 7: Se por força foi arrebatada, ilegalmente violentada e injustamente ofendida, é claro que o raptor, que a ofendeu, foi injusto, e que a arrebatada, ofendida, foi infeliz. *Tradução de Cavalcante de Sousa*.

¹⁰¹ Górgias, *Elogio de Helena*, parágrafos 8-14.

¹⁰² Górgias, *Elogio de Helena*, parágrafos 15-19.

¹⁰³ Górgias, *Elogio de Helena*, parágrafo 8.

¹⁰⁴ A relação entre Helena e as ambigüidades da linguagem foi um tema presente nos textos dos grandes escritores do século V a.C. como Heródoto, Eurípides e Górgias. Contudo, já

suscitar todo o tipo de emoção.

Quanto a Eurípides, este inspirou-se basicamente em Hesíodo, acrescentando à sua versão o motivo do instrumento divino; já Heródoto elaborou sua narrativa a partir de um fragmento de Hecateu¹⁰⁵, segundo o qual Helena não teria chegado a Tróia, tendo permanecido no Egito. O aspecto mais interessante dessas versões, apresentadas por Heródoto e Eurípides, não é a existência de histórias paralelas às narrativas de Homero, como no caso das *Cíprias*, e sim o surgimento de novas idéias que permeiam essas narrativas. Se observarmos as versões heréticas da lenda de Helena, notaremos que, concomitantemente às negações de sua permanência em Tróia, surgiram narrativas que tinham como objetivo explicar a guerra; paralelamente também apareceram versões que reabilitaram Helena¹⁰⁶.

2.3 As versões heréticas de Heródoto e Eurípides as novas explicações para as causas da Guerra de Tróia.

A versão de Heródoto que se estende do parágrafo 2.113 ao 2.120 das *Histórias* gira em torno de duas idéias principais que se inter-relacionam: a inocência de Helena e o caráter ilusório da guerra. A primeira preocupação de

desde a *Iliada*, Helena, além de ter comportamento dúbio, possui linguagem ambígua. Helena anda em torno do cavalo de madeira imitando a voz das esposas dos reis gregos que, não podendo resistir ao apelo, respondem; somente Ulisses, por ser astuto, resiste ao chamado e reconhece Helena. Esse tema da ambigüidade da linguagem e da percepção, posteriormente, foi tratado por Eurípides na tragédia *Helena*.

¹⁰⁵ Fragmento H, I, F, 307-8.

Heródoto é inocentar Helena; nesse sentido, o parágrafo 2.112 aparece como uma espécie de preâmbulo a toda argumentação que se seguirá. Ao relacionar Afrodite Estrangeira¹⁰⁷ e Helena, o historiador relembra seus ouvintes dos cultos praticados em Esparta à tindaride, quando era celebrada como modelo de esposa e mulher¹⁰⁸. Segue-se então a versão herética na qual Helena não teria partido de Esparta voluntariamente, mas forçada por Páris, que, ao seduzir a esposa do próprio anfitrião, teria desrespeitado os laços de hospitalidade (*Histórias* - 2.114); porém, quando conduzia Helena para Tróia, Páris teria sido detido por ventos contrários no Egito. A estada

de Helena no Egito não ocorre por acaso; essa pausa é necessária tanto para fundamentar a idéia de que Helena nunca esteve em Tróia, quanto para redimi-la; em Heródoto, e mais tarde, em Eurípides, o Egito será considerado uma terra de poderes terapêuticos para o corpo e para a alma. Ora, se Helena foi retida no Egito, e, portanto, nunca esteve em Tróia, por que então gregos e troianos lutaram tanto?

A resposta a essa pergunta coloca em questão o sentido da própria Guerra de Tróia; os textos de Heródoto que se seguem procuram mostrar o despropósito da guerra, pois ela só ocorre quando os homens estão iludidos. Segundo Heródoto, o próprio Homero sabia que Helena nunca estivera em Tróia, mas empregou a versão falsa por necessitar de um motivo que

¹⁰⁶ Apesar de Eurípides reabilitar a esposa de Menelau na tragédia *Helena*, essa não é a regra da maioria de suas obras, que reservam à tindaride censuras severas (*Andrômaca* 595; *Orestes* 518; *Troianas* 881; *Hécuba* 264; *Electra* 479).

¹⁰⁷ Sobre as divindades egípcias narradas por Heródoto podemos consultar a obra de Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol. I e II*.

¹⁰⁸ De acordo com Nilson, *The Mycenaean Origin of Greek Mythology* (pp.73;pp.172), no período micênico Helena era cultuada em Esparta e Rodes, como uma divindade da vegetação.

justificasse o início das lutas: “Parece-me que Homero tinha também conhecimento dessa história, mas, como ela não era igualmente conveniente para a epopéia, utilizou a outra, deixando essa de lado, mostrando, contudo, não desconhecê-la” (*Histórias*, 2.116). Embora não seja idêntica à versão de Heródoto, a lenda contada por Eurípides também apresenta as idéias mais importantes enunciadas pelo historiador: a fidelidade de Helena, a constatação de que ela nunca esteve em Tróia, e, finalmente, o caráter ilusório da guerra:

“Eu, chamada Helena, contarei os sofrimentos por que passei. Três deusas foram ter com Alexandre num vale do Ida: Hera, Cípris, e a virgem gerada por Zeus, desejando levar a cabo uma contenda sobre a beleza. E a minha beleza, se belo é o infortúnio, Cípris, acenando a Alexandre com o casamento, vence. Abandonando o rebanho no Ida, Páris dirigiu-se a Esparta para obter meu leito. Hera, contrariada por não vencer as outras deusas, ao mesmo tempo que destinou a Alexandre, em lugar do meu leito, um castelo de vento, entrega-lhe, não eu mesma, mas uma imagem viva (*eidolon*) semelhante a mim, formada a partir do éter. Ao filho do rei Príamo parecia possuir-me - fantasma vão, não a mim. Mas a decisão de Zeus acrescenta a esses outros males: a guerra levou à terra dos helenos e aos desafortunados frígios, para aliviar a mãe terra de um número tão elevado de mortais, e para honrar o mais poderoso dos gregos. O que expunha o vigor frígio não era eu, nem meu nome, prêmio helênico da guerra. Hermes, tendo me tomado nos braços e escondido numa nuvem do céu - pois Zeus não me negligenciaria - instalou-me no palácio de Proteu, julgado o mais prudente entre todos os mortais, a fim

de que, intacto, eu preservasse o leito a Menelau. E eu permaneci ali, enquanto meu combativo esposo, depois de reunir o exército, persegue meus raptos, transpondo as muralhas de Ílion. Por minha causa, muitas almas permaneceram nas correntes do Escamandro; e eu, tendo suportado todos os dissabores, sou digna de execração e passo a impressão de, traindo o meu marido, ter desencadeado a grande guerra para os gregos. Por que vivo ainda? Eu dei ouvido à palavra de um deus, Hermes, que iria habitar ainda a ilustre planície de Esparta com meu esposo, tendo ele ciência de que eu não fôra a Ílion, servindo ao leito de um outro. Então, enquanto Proteu via esta luz do sol, não se me viola o casamento; mas, quando foi oculto pela escuridão da terra, o filho do morto força-me ao casamento. E eu, de há muito honrando o meu marido, atiro-me de joelhos diante desta tumba de Proteu, suplicante, a fim de que preserve meu leito ao meu marido, porque, se trago o nome difamado na Grécia, ao menos aqui meu corpo não esteja exposto à vergonha”
(Helena -21-67).(Tradução nossa)

Fundamentalmente, a versão de Eurípides difere daquela de Heródoto pela presença de seres fantásticos, o *eidolon*¹⁰⁹ e os deuses. Mas, embora os deuses coloquem em movimento as ações, eles não influenciam a direção dessas; no caso de Hera, por exemplo, ela simplesmente fabrica o *eidolon* tomada pelo ciúmes, não existindo qualquer objetivo maior ou intenção moral.

¹⁰⁹ O *eidolon* foi retirado das *Histórias* por Heródoto, por ser desnecessário. Para que se inicie uma guerra, tudo o que os homens necessitam é da crença em suas convicções, no caso, a de que Helena estava em Tróia.

Quanto ao *eidolon*, ele nada mais é do que a personificação da ilusão, elaborado para dar conta das causas da guerra. Embora ele seja um ente sobrenatural, fabricado pelos deuses, em última instância, também nessa tragédia, será a crença errônea dos homens de que Helena estava em Tróia, que irá gerar a guerra:

Depois que ultrapassaram as muralhas, reclamaram a devolução de Helena e dos tesouros que Alexandre roubara ao partir, exigindo as reparações pelas injustiças. Mas os troianos, tanto naquele momento como depois, repetiram o mesmo discurso, jurando e sem jurar: eles não tinham nem Helena e nem os tesouros reclamados, que tudo isso estava no Egito, e que não seria justo eles terem que pagar pelo que tinha Proteu, o rei do Egito. Os Gregos, imaginando que se tratasse de zombaria, fizeram o cerco da cidade até dominá-la. Dominadas as muralhas, como Helena não aparecesse e eles ouvissem o mesmo relato que o anterior, os Gregos colocando fé no primeiro discurso, enviaram o próprio Menelau até Proteu. (*Histórias* 2.118).

De acordo com Heródoto, as batalhas narradas na *Iliada*, que tanto trouxeram glória e fama aos heróis gregos, não passariam de lutas por ilusões geradas por crenças errôneas dos homens, que não acreditaram na palavra dos troianos. A *Helena* de Eurípides também coloca o problema sobre a distinção entre aparência e realidade: se não podemos distinguir entre Helena e sua imagem, ou entre a Helena fiel e a adúltera, então nossa capacidade de apreensão e conhecimento deve ser reconsiderada. Um dos momentos de maior

reflexão do poeta aparece no diálogo entre Helena e Menelau, no qual Helena leva Menelau a compreender que ela era sua verdadeira esposa e nunca estivera em Tróia. Nesse diálogo, a visão é primordial, pois permite a Menelau distinguir entre a verdadeira Helena e o *eidolon*:

Menelau: Oh, Hécate luzente, envia teus espectros favoráveis!

Helena: Não vês um espectro noturno, servidor de Enodias.

Menelau: Não sou o esposo de duas.

Helena: Mas de quais outros leitos te tornaste senhor?

Menelau: Da que trouxe da Frígia e está numa caverna escondida.

Helena: Não existe uma outra mulher tua além de mim.

Menelau: Penso de algum modo errado, minha visão está doente?

Helena: Ao me observar, não te parece ver tua esposa ?

Menelau: O corpo é parecido, mas a clareza me induz ao erro.

Helena: Examina; o que mais queres? Quem supera tua sabedoria?

Menelau: És parecida, de modo algum refutarei isso.

Helena: Portanto, quem te ensinará melhor que tua visão?

Menelau: Então adoecemos, porque tenho uma outra esposa.

Helena: Eu não fui para a terra troiana; era o meu fantasma.

Menelau: E quem produz o corpo vivente?

Helena: O Éter, de onde tu tens o casamento arranjado pelos deuses.

Menelau: Mas, qual deus o modelou? Pois falas o inaudito.

Helena: Hera fez a substituição, para que Páris não me possuísse.

Menelau: Como então estarias nesse lugar e em Tróia ao mesmo tempo?

Helena: O nome poderia estar em muitos lugares, o corpo não. (*Helena* 569-588) (*Tradução nossa*)

A oposição entre aparência e realidade, tanto em Heródoto como em Eurípidés, coloca em pauta a inaceitabilidade da guerra. Numa época em que os valores heróicos estavam sendo deixados de lado, uma guerra travada por causa de honras pessoais se torna totalmente absurda. No último parágrafo em que Heródoto avalia o sentido da Guerra de Tróia, a própria lógica dos episódios da *Iliada* são questionados. Tendo em mente o famoso diálogo entre Príamo e Helena no Canto III¹¹⁰, o historiador argumenta que se a própria Helena tivesse mantido relações com Príamo, ainda assim teria sido mais prudente devolvê-la aos gregos. A avaliação de Heródoto sobre os episódios da *Iliada* indica que o historiador perdeu de vista certos mecanismos próprios à composição de Homero. O poeta certamente não estava preocupado com a coerência lógica de sua epopéia; o diálogo entre Helena e Príamo simplesmente oferece oportunidade para ele discorrer sobre a vida paralela à guerra. Heródoto, ainda interpretando a coerência da *Iliada*¹¹¹, expõe a total falta de sentido de uma luta que beneficiava um homem fraco como Páris, em detrimento do valoroso Heitor, o legítimo herdeiro do trono:

Se Helena estivesse em Ílion, ela teria sido restituída aos Gregos, com ou sem o consentimento de Alexandre. Príamo e

¹¹⁰ *Iliada*, 3.3161-246

¹¹¹ Em vários momentos da *Iliada*, Heitor se revela um homem valoroso; o Canto VI é um deles.

seus demais parentes não eram tão insanos a ponto de desejarem colocar em perigo sua própria segurança, a de seus filhos e a da cidade, enquanto Alexandre convivesse com Helena. E se eles, já nos primeiros momentos, sabiam isso, depois que muitos troianos, cada vez que enfrentavam os Gregos, morriam, entre os quais estavam dois, três ou mais filhos de Príamo - se podemos basear nossa informação no que dizem os poetas - eu penso que em tal situação, se o próprio Príamo mantivesse relações com Helena, a restituiria aos Gregos, se com isso se livrasse dos males presentes. Por outro lado, o reino seria herdado por Alexandre, de modo que, Príamo estando velho, o poder estava em suas mãos; caberia a Heitor, mais velho e homem bem melhor do que o irmão, quando Príamo morresse, herdar o reino. A Heitor não convinha ceder ao irmão que praticara atos injustos, tanto mais quando, por causa de Alexandre, muitos males ocorriam, para ele e para todos os outros troianos. (*Histórias* 2.120).

Tal restrição também será encontrada em Eurípides que, embora não critique diretamente essa passagem da *Iliada*¹¹², elabora um diálogo¹¹³ entre Helena e Teucro que se opõe diretamente a esse episódio do poema épico. Na tragédia de Eurípides, tanto Helena como Teucro mostram-se capazes de avaliar toda a extensão dos males causados pela guerra; Helena não permanecerá mais impassiva diante do que aconteceu a seus compatriotas, mas se revelará horrorizada com as fatalidades e horrores causados pelas lutas.

A busca de explicações mais plausíveis para as causas da guerra

¹¹² *Iliada* 3.161-246,

¹¹³ *Helena* 69- 164.

coloca o homem como agente dos acontecimentos. Que Eurípides e Heródoto tenham fornecido outras alternativas, cada qual ao seu modo, não é mera coincidência. Poderíamos tentar explicar, tanto a versão de Heródoto como a de Eurípides, com base na vivência traumática que ambos experimentaram na guerra: Halicarnasso, a cidade de Heródoto, era uma região portuária, incorporada ao império Persa; esse evento marcou profundamente seus habitantes, como sugere a célebre frase de Xenófanos de Cólofon¹¹⁴: “Quantos anos você tinha quando os Medas chegaram?” Quanto a Eurípides, ele ainda sentia as conseqüências da malfadada expedição à Sicília; os gregos fiaram-se nas palavras do oráculo de que a vitória seria deles; quando perderam a guerra, um sentimento de prostração e descrença tomou conta de todos¹¹⁵. De fato, as guerras sensibilizaram Heródoto e Eurípides, mas também o período em que esses autores viveram foi fundamental para que pudessem repensar os antigos valores associados à guerra.

O século V a.C. foi uma época muito peculiar: o desenvolvimento da democracia, a vitória contra os persas nas batalhas de Maratona (490 a.C.) e Salamina (480 a.C.), a formação do império marítimo com a liderança dos atenienses, foram episódios marcantes que, aliados ao grande desenvolvimento cultural impulsionado por Péricles, possibilitaram um momento de exuberância intelectual. Nesse período, ocorreram mudanças no pensamento mitológico formulado por poetas como Homero, Hesíodo e Píndaro. Aos poucos, as explicações míticas foram substituídas pelo pensamento abstrato: as forças operantes no mundo deixaram de ser entidades divinas e passaram a ser

¹¹⁴ Diôniso, Ad Pomp. 3,7.

¹¹⁵ Tal fato ecoa na tragédia de Eurípides, *Helena*, onde ele critica os oráculos 744 ss., e também foi registrado por Tucídides VIII.1.1

substituídas por “leis” científicas. Nesse ambiente, surgiram especulações sobre o poder das divindades; os eventos e as leis não eram mais necessariamente regidos pelos deuses, mas sim elaboradas a partir de decisões tomadas nas assembléias de cidadãos. É exatamente nesse contexto que se inserem as explicações de Eurípides e Heródoto sobre as causas da Guerra de Tróia: a guerra é causada somente pela ilusão do homem que não consegue discernir a realidade, e não pelos deuses.

2.4 A Influência do Proteu de Heródoto na Helena de Eurípides

A tragédia de Eurípides, *Helena*, não está relacionada ao Livro II das *Histórias* somente pela apresentação da versão herética; o poeta também fez empréstimos consideráveis de outros trechos da obra do historiador. Já mencionamos neste capítulo que Eurípides tomou de Heródoto referências geográficas, mas a contribuição mais importante para o poeta foi a idealização do Egito e de seu povo. Os ideais de pureza espiritual e física, que caracterizam tanto o território do Egito quanto seu povo, também são encontrados na tragédia do poeta; por isso, Zeus escolhe esse país para deixar Helena: somente no Egito a integridade física e espiritual de Helena poderia ser preservada. Mas a influência mais marcante do historiador na tragédia de Eurípides refere-se ao faraó Proteu, incorporado aos personagens egípcios da tragédia. Certamente outras narrativas semi-lendárias¹¹⁶, contidas na segunda parte do relato egípcio, também forneceram a Eurípides idéias que utilizou para caracterizar seus personagens egípcios. Heródoto inaugurou a tradição que vincula Proteu a um

¹¹⁶ Sábaco (2.137-139) ; Psâmis 2.160.

homem sábio e virtuoso, ao transformar no faraó do Egito o arredio Proteu¹¹⁷ da *Odisséia*, um ser mitológico e primitivo com poderes metamórficos e características das divindades marinhas pré-helênicas:

Merídio vem Proteu; conta, examina,
 Por nós principiando, o gado obeso,
 E sem dar pelo engano ali se estende.
 A vozearmos súbito o agarramos:
 Sem lhe esquecer o ardil, muda-se o velho
 Em jubado leão, drago, pantera,
 Cerdo, riacho, ou tronco de alta copa;
 Mas, com tenacidade urgido, o astuto
 Lasso vociferou: ‘Que deus, Átrida,
 A forçar- me instruiu-te? Que pretendes?
 Mas eu: “Por que me enganas, tu que sabes
 Que ansioso estou sem termo aqui detido?
 Ora dize, a imortais é claro tudo!
 (*Odisséia* 4.350-362) (*Tradução de Odorico Mendes*)

Nas *Histórias* de Heródoto, Proteu surge completamente modificado; reduzido à função de “juiz”, ele mostra respeito incondicional pelo estrangeiro, devolvendo os tesouros ao seu verdadeiro dono, respeitando a integridade física de uma das mulheres mais belas do mundo. O respeito à *ξενία* é uma característica importantíssima de Proteu, vinculando-o a uma das instituições

¹¹⁷ Segundo os estudos realizados por e G. Máspero em sua obra *Les contes populaires d’Egypte ancienne*, Heródoto provavelmente associou o Proteu da *Odisséia* às histórias dos faraós dos Egito por ter ouvido uma lenda em que se narrava a história de um faraó com poderes mágicos e metamórficos.

mais importantes da sociedade grega. A *ξενία* estabelecia laços de obrigações em relação ao estrangeiro e também estava relacionada a sentimentos religiosos. Acima do respeito ao estrangeiro estava a manutenção da ordem cósmica entre *dike/adikon*; por isso, mesmo Páris sendo estrangeiro, Proteu o expulsa do Egito, pois ele cometera um crime religioso:

Se eu não tivesse em grande conta não matar estrangeiro algum que desviados pelos ventos, chega à minha terra, eu vingaria o Grego de tua ofensa, tu, o pior dos homens, que, depois de conhecer a hospitalidade, cometeste o ato mais sórdido. Tu te aproximaste da esposa de teu anfitrião e, não satisfeito com isso, incitando à fuga, a levaste furtivamente. Não satisfeito com isso, tendo pilhado a casa do próprio hóspede, vieste para cá. Agora, visto que eu levo em grande conta não matar um estrangeiro, não permitirei que leves a mulher e os tesouros, guardá-los-ei para o estrangeiro grego até que ele mesmo queira vir buscá-los; quanto a ti e aos teus companheiros de viagem, ordeno-vos levantar âncora no prazo de três dias, transferindo-vos da minha terra para outra; caso contrário, tratar-vos-ei como inimigos. (*Histórias* - 2.115) (*Tradução nossa*)

O Proteu de Heródoto é o personagem mais importante da tragédia de Eurípides; embora não desempenhe nenhuma ação concreta, sua espiritualidade impregna cada um dos personagens¹¹⁸. Proteu é mais do que um homem: sua tumba é um santuário divino¹¹⁹ e sua capacidade de

¹¹⁸ *Helena* 918; 921; 941-942; 1029.

¹¹⁹ *Helena* 801.

transcendência se manifesta em seus filhos Teoclímenos e Teone - a memória do velho rei é sempre determinante nas ações desses dois personagens. Eurípides imaginou Teoclímenos como uma espécie de antítese de seu pai, Proteu. Teoclímenos facilmente poderia ser incluído na galeria de tiranos bárbaros, cuja onipotência o poeta não cansou de criticar¹²⁰. Após a morte do pai, ele tenta se casar com Helena, impondo sua vontade e desrespeitando as leis da ξενία ao hostilizar Menelau¹²¹.

No entanto, graças à espiritualidade de Proteu, Teoclímenos refreia seus sentimentos bárbaros e volta a se mostrar respeitoso para com o estrangeiro. Na verdade, embora seja um tirano, Teoclímenos não revela xenofobia cruel e violenta¹²². A tentativa de impor seus desejos deve-se ao ciúme que dele toma conta quando Menelau retorna; mas, assim que percebe que suas investidas seriam em vão, Teoclímenos se revela compreensivo, permitindo a Helena realizar as devidas honras ao seu esposo morto.

O curioso desse personagem é que Eurípides o elabora por oposição a Proteu, sem no entanto romper com as idéias sobre a humanidade dos egípcios contidas no Livro II. Excessivo em suas paixões, mas profundamente sentimental, Teoclímenos possui grande humanidade, semelhante à de outros faraós apresentados por Heródoto: seu ardor de viver nos lembra Micerino (*Histórias* - 2.133), e, como Amásis (*Histórias* - 2.172), ele não adota uma moral severa ou imperativos religiosos austeros, mostrando certa docilidade piedosa e sinceridade religiosa. O interesse de Teoclímenos pelos rituais

¹²⁰ *Helena* 276.

¹²¹ *Helena* 468 ss.

¹²² Para termos uma idéia do que seria um comportamento de xenofobia cruel basta nos lembrarmos do rei Toas na tragédia de Eurípides *Ifigênia em Tauros*, 34 ss.

gregos, embora estrangeiros, testemunha que Eurípides incorporou o esquema dos procedimentos ritualísticos descritos por Heródoto no Livro II. Teoclímenos pergunta a Helena sobre as honras funerárias praticadas no mar¹²³, e ela vai lhe indicando todos os passos realizados nesse ritual.

O Proteu de Heródoto foi uma figura tão impressionante que não influenciou somente a composição do personagem Teoclímenos de Eurípides; Teone será outra personagem da tragédia fortemente marcada para pelas características de Proteu. Eurípides retira dos mitos contados da *Odisséia* a descendência marinha e dom profético da sacerdotisa, mas sua característica mais importante vem de Heródoto: a sabedoria, o julgamento justo e o respeito ao estrangeiro. De fato, como no julgamento de Proteu, a grande preocupação da sacerdotisa é não romper a ordem universal (*dike / adikon*): para Teone, a justiça é o imperativo máximo, mesmo em detrimento do próprio irmão:

Sou por natureza piedosa e desejo sê-lo, prezo a mim mesma, e não mancharia a glória de meu pai, nem daria graça a meu irmão, ao qual pareceria desonrada. Existe em mim, em minha natureza, um grande templo da justiça, e tendo-o recebido de Nereu, tentarei salvar Menelau. Por Hera, visto que ela deseja fazer-te o bem, depositarei o voto; seja-me favorável Cípris, que jamais me acompanhou; tentarei manter-me sempre virgem. As invectivas que lançaste ao redor do sepulcro de meu pai coincidem com as minhas. Eu cometeria injustiça, se não te entregasse: vivesse Proteu, ele faria tê-la de volta, e tu a ela. De fato, existe castigo para os mortos e para todos os homens de cima. Se o espírito dos

¹²³ *Helena* 226- 1274.

mortos não vive, ele tem uma consciência imortal, imersa no éter imortal. (*Helena* 998- 1016) (*Tradução nossa*)

Através de Teone, Eurípides preserva a memória de Proteu, tal como esse aparece em Heródoto: um homem caracterizado pela sabedoria e pelo respeito incondicional ao estrangeiro. A sacerdotisa lembrando dos julgamentos de seu pai, profere ela mesma uma sentença justa pois, se Proteu vivesse, teria feito o mesmo. Eurípides ainda retirou das passagens do Livro II das *Histórias* preceitos órficos e pitagóricos, que são mencionados em outros trechos do discurso de Teone. Mas, nesse breve estudo, interessa-nos apenas as idéias sobre justiça e piedade de que Heródoto se valeu para idealizar os faraós do Egito. Eurípides, ao incorporar à sua obra a idealização do Egito, deu continuação à tradição inaugurada por Heródoto e que, até hoje, continua a cativar nossa imaginação sobre o Egito.

Capítulo III

O Relato Etnográfico e Geográfico

3.1 O Relato Geográfico e Etnográfico Enquanto Textos Literários

O relato etnográfico e geográfico do Egito não é só uma narrativa que dispõe informações científicas e técnicas; Heródoto leva o leitor das *Histórias* a um mundo singular e fascinante. O historiador inicia a descrição do Egito do ponto de vista de um navegador que, ao chegar pelo mar, a um dia de navegação distante da terra, lança uma sonda e extrai limo, comprovando que as terras egípcias eram formadas por aluvião (*Histórias* - 2.5). A viagem e a descrição do país prosseguem, as cidades de Heliópolis, Tebas e Elefantina são transpostas; em meio ao caminho, Heródoto discute as teorias jônicas sobre a formação do Egito e as fontes do Nilo. Após Elefantina, finalmente, Heródoto alcança os confins do Egito: a terra dos Trânsfugas, além da qual ninguém pode afirmar conhecer alguma coisa com segurança:

Chegam os Nasamões e, indagados se tinham algo mais a dizer sobre os desertos da Líbia, disseram viver junto a eles jovens violentos, filhos de homens poderosos, que, depois de atingir a maioridade, planejaram muitas coisas extraordinárias, além de sortear cinco deles para ver os

desertos da Líbia, e se poderiam ver algo mais do que aqueles que chegaram mais longe. Pois as terras da Líbia junto ao Mar do Norte, começando do Egito até o promontório de Soléis, onde termina a Líbia, se estendem por toda a região dos líbios e muitos povos de etnia líbia, salvo as partes que ocupam gregos e fenícios. Nas regiões ao sul do mar e dos homens que vivem na costa, a Líbia é povoada por feras; ao sul a região é arenosa e terrivelmente seca, além de totalmente deserta. Aqueles jovens, então, enviados pelos companheiros, bem providos de água e comida, foram primeiro pela região habitada, e, atravessando esta, atingiram a região das feras; a partir daí, atravessaram o deserto percorrendo o caminho até o vento Zéfiro. Depois de atravessarem ampla região arenosa, ao cabo de muitos dias, viram então árvores que cresciam na planície, e, tendo se aproximado, colheram os frutos que estavam sobre as árvores. Mas, enquanto colhiam, aproximaram-se deles homens pequenos, mais baixos que os homens normais, e eles, tendo-os capturado, conduziram-nos. Nem os Nasamões conheciam a língua desses homens que os conduziam, nem aqueles conheciam a língua dos Nasamões. Estes homens os levaram por vastíssimos pântanos e, depois de atravessá-los, chegaram a uma cidade na qual todos tinham a mesma estatura daqueles que os conduziam, e a pele negra. Ao longo dessa cidade corria um grande rio, do Ocidente para o Sol nascente, e apareciam ali crocodilos. (*Histórias* - 2.32).

A história dos Nasamões é o trecho mais fantasioso do relato geográfico; basta lembrar que os pigmeus eram um povo lendário, já

mencionado na *Iliada*¹²⁴. Além disso, a própria viagem é repleta de aventuras e perigos, como as feras da Líbia e os desertos inóspitos. O gosto pela aventura e pelo fantasioso também está presente em outros trechos do *logos*: Heródoto navega por corredeiras perigosas e visita cidades onde estão depositados os monumentos mais admiráveis de seu tempo; nessas andanças, ouve histórias inacreditáveis, como o encontro do faraó Rampsinito e Deméter (*Histórias* 2.121). Mas, ao percorrer o Egito, Heródoto não viu e ouviu somente coisas fantásticas; a “viagem” do historiador também abre espaço para explorações e descobertas: a vegetação incomum do país africano, os animais exóticos, práticas religiosas, como, por exemplo, o embalsamamento, e os costumes que vão desde os hábitos alimentares até o modo de construção dos navios¹²⁵:

Suas embarcações, empregadas no transporte de carga, são de lenho de acácia, cujo aspecto é muito semelhante ao do lótus de Cirene, e sua resina é uma goma. Desta acácia cortam peças de dois côvados e, juntando-as como tijolos, constroem a embarcação do seguinte modo: em torno das cavilhas, serradas e grandes, fixam madeiras de dois côvados; construindo desse modo o arcabouço do navio, dispõem as vigas por cima dele, e não utilizam nenhuma cavilha, e, no interior, as juntas são calafetadas com papiro. Fabricam um só timão, que passa através da carena; para o mastro, utilizam lenho de acácia; para a vela, papiro. Esses barcos não conseguem navegar contra a corrente, a menos que domine um vento forte; são arrastados da terra. Na descida do rio, são

¹²⁴ *Iliada*, Canto II.

¹²⁵ Na *Odisséia* 5.228 ss., Homero também reserva um espaço considerável para descrever como Ulisses construiu sua embarcação.

conduzidos assim: há uma grade feita de tamarga, ajustada com junco, e uma pedra furada com peso máximo de dois talentos. Presa com um cabo, a grade é lançada, na parte dianteira do barco, na superfície da água, e a pedra, na parte de trás, presa pelo cabo. A grade, pelo impulso da corrente, avança velozmente e arrasta a *baris* (pois, este é o nome desse tipo de embarcação), enquanto a pedra, arrastada na parte de trás, no fundo da água, mantém em linha reta a embarcação. Há muitíssimas embarcações como essa no Egito, que transportam muitos milhares de talentos. (*Histórias*, 2.96).

Desde a Antigüidade até nossos dias, muito já foi dito sobre as narrativas fantásticas de Heródoto; assim, neste capítulo, daremos destaque a um ponto que até agora foi menos tratado: a relação do relato etnográfico e geográfico de Heródoto com o pensamento jônio. Evidentemente, ao destacarmos tais pontos, não estamos sugerindo que o trabalho de Heródoto seja uma prosa científica como, aliás, já fizeram alguns críticos¹²⁶. Falta a Heródoto a abordagem completa e sistemática de certos assuntos; além disso, o historiador expõe teorias que ele mesmo não compreendeu bem e, em certos casos, formula juízos contraditórios.

Fora essas incorreções, não podemos ignorar que Heródoto não era um cientista, mas um escritor, fato evidenciado, sobretudo, por seu estilo narrativo incomparável. Willian H. Jones¹²⁷, ao cotejar o texto de Heródoto e Hipócrates - indiscutivelmente um texto científico -, lembra que embora alguns pontos do tratado *Ares, Águas e Lugares* sejam abordados tanto por Hipócrates

¹²⁶ Willian Heidel, *Hecateus And The Egyptian Priests In Herodotus, Book II*.

¹²⁷ *Hippocrates* vol. I, Loeb, London 1939, pp. 66.

como por Heródoto, falta ao médico a graça e a elegância do historiador de Halicarnasso. Em outras palavras, Heródoto fez de algumas especulações da ciência e da filosofia jônica objeto de sua composição literária.

3.2 Heródoto e as primeiras especulações geográficas.

Tendo a Grécia um terreno fragmentado e pobre, seus habitantes, desde tempos imemoráveis, tiveram de explorar outros locais; nesse contexto, o conhecimento geográfico tornou-se imprescindível. Pouco restou das primeiras observações geográficas feitas no período arcaico, a não ser algumas citações de Homero como, por exemplo, a localização da ilha de Feros no Egito¹²⁸. A maior parte dos resultados das explorações feitas pelos gregos que chegaram até nós data dos séculos IV a.C. e V a.C., período em que as técnicas de navegação avançaram consideravelmente, permitindo que os dados se tornassem mais precisos. Munidos de maiores informações e à luz do racionalismo, os gregos inscreveram o mundo num sistema coerente: por volta do ano 550 a.C., Anaximandro de Mileto esquematizou o primeiro mapa do mundo habitado. Pouco mais tarde, em 500 a.C., Hecateu de Mileto, depois de realizar inúmeras viagens, especialmente pelo Egito, fez um mapa mais detalhado e preciso do que o de Anaximandro, além de descrever os locais por onde passou: Europa, Ásia, Líbia e Egito. Fora isso, Hecateu também observou os costumes desses povos, reservando espaço para especulações sobre mitos e lendas gregas. Parte considerável do trabalho desses pensadores também foi perdida; no caso de Hecateu, restaram cerca de trezentos fragmentos, muitos

em péssimo estado. Contudo, graças aos trabalhos de Heródoto - que retomou parte da obra de Hecateu, além de ter acrescentado teorias de autores diversos e observações próprias - podemos ter uma idéia mais precisa da dimensão de tais obras. O relato etnográfico e geográfico de Heródoto, portanto, revela-se um dos capítulos mais importantes da história da cultura grega, tanto por aquilo que preservou, como pelas idéias dos filósofos pré-socráticos e de físicos jônicos que impregnam todo o relato¹²⁹.

3.3 Heródoto e a especulação pré-socrática

Heródoto jamais poderia ser intitulado filósofo, tampouco “físico”, como foram nomeados os primeiros pensadores que especularam acerca da natureza. Contudo, o historiador de Halicarnasso aderiu a preceitos elaborados pelos filósofos pré-socráticos; no caso do relato geográfico, destacam-se os pensadores jônicos, já que esses se concentraram no estudo e na sistematização dos mitos e fenômenos físicos, enquanto os filósofos eleatas detiveram-se em assuntos religiosos e metafísicos¹³⁰. As primeiras especulações dos filósofos jônicos¹³¹ acerca da estrutura e da composição da Terra envolviam conceitos que tinham implicações tanto filosóficas quanto científicas.

¹²⁸ Homero situa a localização da ilha de Feros a um dia de navegação do lado do Egito (*Odisséia*, IV 356-357).

¹²⁹ Neste capítulo, veremos apenas as principais idéias retomadas por Heródoto pois, devido ao copioso número de preceitos mencionados pelo historiador, seria impossível esgotar o assunto neste trabalho.

¹³⁰ Heródoto retoma as idéias dos filósofos eleatas ao tratar de assuntos religiosos; Pitágoras, por exemplo, é citado no *logos egípcio* (*Histórias* - 2.81)

¹³¹ Vale lembrar que não pretendemos traçar a história completa do pensamento pré-socrático, tarefa impossível de ser realizada num trabalho desse porte. Aqui, somente

Tales de Mileto, um dos sábios do século VI a.C., foi o primeiro grego a indagar sobre a natureza das coisas; para ele o princípio de tudo o que existia era a água, substância primeira que podia se transmutar em qualquer outra coisa¹³². Tales também demonstrou interesse pela investigação da natureza (φύσεως ἱστορίαν)¹³³: dentre suas observações mais notórias estão a previsão de um eclipse e a influência dos ventos etésios sobre o Nilo, ambas mencionadas por Heródoto¹³⁴. Mas a contribuição mais importante de Tales, no que se refere às especulações geográficas, foi sua concepção sobre a Terra, que, segundo o filósofo, seria como um pedaço de madeira recurvo flutuando sobre a água. Embora essa formulação tenha implicações cosmológicas e não esteja diretamente relacionada à investigação geográfica, ela foi imprescindível para o desenvolvimento da mesma, pois, pela primeira vez, foram abandonadas definitivamente as formulações míticas:

οἱ δ' ἐφ' ὕδατο κείσθαι (φασὶν τὴν γῆν). τοῦτον γὰρ ἀρχαιότατον παρειλήφαμεν τὸν λόγον, ὃν φάσιν εἶπει Θαλήν τὸν Μιλήσιον, ὡς διὰ τὸ πλωτὴν εἶναι μένουσαν ὥσπερ ξύλον ἢ τὶ τοιοῦτον ἕτερον (καὶ γὰρ τούτων ἐπ' ἀέρος μὲν οὐθέν πέφυκε μένει, ἀλλὰ ἐφ' ὕδατος)

Outros dizem que a Terra repousa sobre a água. Esta é a mais antiga doutrina que chegou até nós; dizem que Tales, o Milenésio, afirmou que ela permanece em repouso devido à

destacamos alguns tópicos que reforcem a teoria de que Heródoto também se valeu dos preceitos científicos e filosóficos elaborados no século VI a.C..

¹³² Aristóteles, *Meteorologia*, A3,983b6.

¹³³ Simplicio, *Física* (Diels pp. 23,29).

¹³⁴ O eclipse é mencionada por Heródoto no primeiro livro (1.74); os ventos Etésios no segundo livro (2.20).

flutuação, como a madeira ou algo equivalente (pois, nenhuma dessas coisas é apta a permanecer sobre o ar, mas sobre a água). Aristóteles, *De Caelo* B13, 294 a 28 (*Tradução nossa*)

Os filósofos pré-socráticos que primeiro estudaram o formato de nosso planeta, inicialmente, não duvidaram de que a forma da Terra seria aquilo que parecia, ou seja, um disco plano. Quando Pitágoras imaginou a terra como um globo, seu raciocínio foi construído em cima de abstrações; todavia, essa formulação só seria aceita séculos mais tarde¹³⁵. Uma das idéias mais audaciosas sobre o formato da Terra foi a de Anaximandro¹³⁶, que a imaginou como um cilindro, livremente suspenso no centro do universo, não necessitando de suporte algum, pois a Terra manteria sua posição graças ao equilíbrio de forças:

είσιν δὲ τινε οἷ' διὰ τὴν ὁμοίότητα φάσι αὐτὴν (τὴν γῆν) μένει, ὥσπερ τῶν ἀρχαίων Ἀναξίμανδρος. μᾶλλον μὲν γὰρ οὐθέν ἄνω ἢ εἰς τὰ πλάγια φέρεσθαι προσήκει τὸ ἐπι τοῦ μέσου ἰδρυμένον καὶ ὁμοίως πρὸς τὰ ἔσχατα ἔχον ἅμα δ' ἀδύνατον εἰς ταναυτία ποιείσθαι τὴν κίνησιν ὥστι ἐξ ἀνάγκης μένει. (Aristóteles, *De Caelo* B13, 295b10).

¹³⁵ Somente então se pode compreender o funcionamento do marcador mencionado por Heródoto, o *gnômon*. O *gnômon* marcava o tempo de acordo com as sombras, que variavam conforme as diferentes posições do sol durante o dia. De acordo com Heródoto (*Histórias* - 2.109), o *gnômon* foi inventado pelos babilônios; contudo, segundo outras tradições, ele teria sido descoberto por Anaximandro ou Anaxímenes.

¹³⁶ Anaximandro foi, talvez, o mais notável dos pensadores jônios, sua teoria cosmológica de que a terra e o homem seriam o centro do universo somente foi abandonada séculos mais tarde, quando ocorreu a revolução copernicana.

Há alguns, como Anaximandro dentre os antigos, que dizem que ela (a Terra) permanece parada por causa de seu equilíbrio. Pois o que está situado no centro e mantém igual distância de cada um dos extremos não tende a se mover, nem para cima, nem para baixo, nem para os lados; não é possível que ele faça ao mesmo tempo movimento em direções opostas, de tal sorte que permanece imóvel por necessidade.
(Tradução nossa)

A essa teoria seguiu-se a de Anaxímenes, que, sem dúvida alguma, representou um retrocesso. Anaxímenes afirmou que a Terra era completamente plana, tendo se formado pela condensação do ar e, por isso, conseguia flutuar sobre o mesmo. O sol passaria lateralmente sobre a Terra, circundando-a e desaparecendo à noite e, ao retornar, seria encoberto pelas partes do norte da Terra, que são mais altas. Essa noção foi acolhida com interesse durante muito tempo, tendo como adepto o próprio Aristóteles. Por fim, surgiu a teoria de Xenófanes, segundo a qual o sol seria formado e alimentado pelo vapor de água dos rios e dos mares. Heródoto também acolheu parte dessa teoria. No parágrafo vinte e cinco, para explicar os motivos pelos quais o Nilo é seco no inverno e cheio no verão, o historiador diz que o sol, desviado de seu curso normal durante o inverno, consome mais vapor de água e somente uma parte dessa é devolvida ao Nilo. Embora o Heródoto nada fale sobre o que é feito do restante da água, é evidente que ela é consumida para a própria manutenção do sol:

O sol, atravessando as regiões superiores da Líbia, faz o

seguinte: como a atmosfera é permanentemente serena nessa região, e a região é quente e sem ventos frios, o sol, ao atravessar o céu, faz o que costumava fazer no verão, quando atravessa o centro do céu: ele retira água para si e, tendo-a retirado deposita-a nas regiões superiores; os ventos, apoderando-se da água e dispersando-a, fundem-na. Naturalmente, os ventos que sopram desta região, o Noto e o Lips, são de longe os mais propícios às chuvas. Não creio, contudo, que o sol devolve a cada vez toda água retirada do Nilo durante o ano, mas que guarda uma parte para si. Acalmando o inverno, o sol retorna para o centro do céu, e a partir disso, ele retira igualmente água de todos os outros rios. Até esse momento, os rios correm caudalosos, tendo misturado a eles muita água pluvial, pois a região é chuvosa e sulcada de torrentes. Mas, no verão, cessando as chuvas, e, sendo a água retirada pelo sol, os rios perdem vigor. O Nilo, contudo, privado de chuvas e atraído pelo sol, é o único dentre os rios que nesta estação corre naturalmente, a partir dele mesmo, muito mais baixo do que no verão, pois nesse período ele é igualmente atraído pelo sol como todos os outros rios, entretanto no inverno é o único submetido ao desgaste. Assim, penso ser o sol a causa dos fenômenos mencionados. (*Histórias* - 2.25)

Outras teorias também contribuíram para o desenvolvimento da ciência geográfica, mas foram as idéias de Anaximandro que mais a impulsionaram. De acordo com Anaximandro, a Terra, embora estivesse no mesmo plano do sol, teria uma pequena elevação fora do plano na direção sul, o que faria com que o ângulo do curso do sol fosse maior no inverno do que no

verão. Quando a concepção da Terra como um globo passou a ser utilizada, a teoria de Anaximandro sobre a obliquidade da elíptica pôde ser melhor entendida, mas, mesmo a Terra sendo concebida como um plano, seus preceitos permitiram que se entendesse as mudanças sazonais e climáticas. Também foi Anaximandro quem esquematizou o primeiro mapa da Terra e fixou horizontes. É curioso que, ao elaborar esse mapa, Anaximandro, embora tivesse pensado na Terra como uma coluna, volta à antiga concepção da Terra como um disco, dividido-a em partes simétricas¹³⁷ :

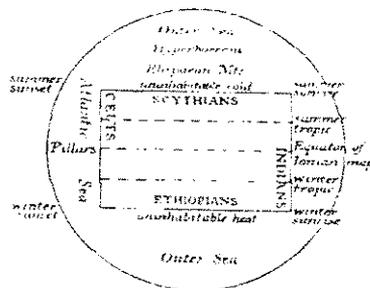


Fig. 1 - Esquema do Mapa de Anaximandro

¹³⁷ Os mapas, apresentados neste capítulo, foram elaborados por J. Oliver Thomson, *History of Ancient Geography*, que os reconstitui a partir de seus estudos dos autores mencionados.



Fig. 2 - Mapa de Hecateu

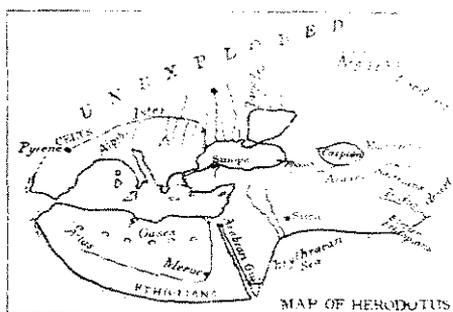


Fig. 3 - Mapa de Heródoto

O mapa de Anaximandro serviu de referência a Hecateu que o aprimorou, acrescentando dados geográficos mais precisos. Posteriormente, Heródoto utilizou o mapa de Hecateu para conceber o seu próprio (*Histórias* - 2.21), ao qual também incorporou outros dados geográficos¹³⁸. Anaximandro também determinou horizontes, fixou pontos - como, por exemplo, os locais onde o sol nasce e se põe - e elaborou espaços que desempenhavam a função

¹³⁸ O avanço mais importante de Heródoto em relação a Hecateu e a Anaximandro não foi o aprimoramento dos dados, mas a negação da existência do rio oceano. Desde Homero, os

de trópicos. No livro II das *Histórias* (2.25), Heródoto utiliza a noção de trópico para situar o deslocamento do sol ao atravessar as regiões superiores da Líbia. Mas, Heródoto não se limitou a examinar as informações de seus predecessores, no que diz respeito ao Egito; o historiador ampliou e aperfeiçoou diversos dados. A extensão do Egito (*Histórias* - 2.6-7; 2.9) foi medida (geralmente tomando-se como parâmetro quantos dias de navegação se levava para se deslocar de um ponto ao outro), os limites do país foram redefinidos (*Histórias* - 2.15; 2.18) e sua hidrografia investigada (*Histórias* - 2.17; 2.19-27).

Mas, a despeito da inegável contribuição dos pré-socráticos para ciência geográfica, suas teorias raramente se fundamentavam em fenômenos físicos, nem atentavam para técnicas e instrumentos de observação: analisavam-se as próprias palavras e conceitos. Um dos recursos mais empregados em tais investigações era o raciocínio por analogias. Esse método, também utilizado por Anaxágoras, utilizava o visível como parâmetro para definir o invisível e foi criado por Empédocles que, em seus poemas *Sobre a Natureza*, explicou o mecanismo de funcionamento da respiração por analogias com o comportamento da água e do ar contidos na clepsidra. Assim teve início a ciência da natureza que, todavia, não conseguiu se sustentar enquanto investigação dos fenômenos¹³⁹. Embora Heródoto seja perito observador e utilize dados empíricos para fundamentar suas afirmações, ele incorporou em

gregos acreditavam no lendário rio- oceano , que circundava todas as terras, a partir do qual todos os rios teriam surgido.

¹³⁹ A ciência moderna, fundamentada em experimentos e observações, não é uma continuidade das primeiras investigações gregas. Segundo Conford, *Background to Modern Science*, pp. 6-12, as investigações sobre a natureza, até a época de Platão, tinham por modelo a geometria e necessitavam de observações e experimentos.

sua obra os métodos dos pré-socráticos: não é raro encontrarmos no *logos egípcio* abstrações e generalizações que são mais adequadas à geometria do que à geografia. Tal é o caso da comparação feita entre o Nilo e o rio Istro (*Histórias* - 2.33): como Heródoto não conseguiu nenhuma informação sobre a localização das fontes do Nilo - pois essas passavam pelas terras líbias, desérticas e inabitadas - supôs que elas deveriam ter origem na parte ocidental da África:

Este rio corria junto à cidade, Etearco supunha ser o Nilo, e, assim, por certo, o exige o raciocínio. Com efeito, o Nilo corre a partir da Líbia, dividindo-a ao meio - como eu interpreto - conjecturando o que não se conhece a partir do que é manifesto - ele se move por uma extensão igual à do Istro. Pois o rio Istro, começando da região dos Celtas e da cidade de Pirene, corre dividindo a Europa ao meio (os Celtas estão fora das colunas de Hércules, sendo limítrofes com os Cinésios, últimos habitantes da Europa em direção do Oriente); o Istro, correndo por toda a Europa, desemboca no mar dito Euxino, onde colonos de Mileto habitam a Ístria. (*Histórias*, 2.33).

Para fazer tal afirmação, Heródoto não utiliza nenhum dado empírico; seu raciocínio é feito com base no mapa elaborado por Anaximandro: um disco simetricamente dividido, no qual os continentes do sul equivalem aos continentes do norte. A partir disso, Heródoto conclui que o Nilo deveria ter sua origem na parte ocidental da África, pois o Istro, cuja fonte

era conhecida, tinha origem na parte ocidental da Europa.

Enfim, as teorias pré-socráticas forneceram a Heródoto conceitos que lhe permitiram especular sobre o ambiente. Além dessas teorias, o historiador também se valeu das investigações dos físicos jônios para analisar as terras do Egito. Um dos trabalhos mais interessante retomados¹⁴⁰ por Heródoto é o de Xantias (*Frg H765, F13*), que observou as transformações do ambiente (*metabolai*) provocadas por rios, abalos sísmicos e vulcões. Heródoto verificou que o Egito tinha sido outrora coberto pelo mar e que, graças ao Nilo, o continente avançara consideravelmente sobre o oceano; para comprovar sua teoria, o historiador apresenta fósseis e salitre que ele mesmo encontrou sobre as pirâmides. A geologia, portanto, começara a dar seus primeiros passos: a Terra, assim como o homem, tinha sua própria história.

3.4 O Relato Etnográfico

O relato etnográfico do *logos egípcio* abrange uma variada gama de assuntos, que vão do uso de purgativos (*Histórias - 2.77*) ao modo de construção dos barcos (*Histórias - 2.96*). Fundamentalmente, o relato concentra-se na primeira parte do Livro II, embora as histórias dos faraós sejam entrecortadas por especulações de caráter etnográfico, como, por exemplo, a teoria de Heródoto sobre a origem egípcia dos cólquios (*Histórias - 2.104-105*). Parte das informações que Heródoto apresenta nesse trecho foram retiradas dos trabalhos de Hecateu; contudo, o relato do historiador não deixa de ser original, tanto pelas novas informações acrescentadas, como abordagens

inéditas do autor, como é o caso da religião egípcia¹⁴¹.

Ao estudar os costumes egípcios, Heródoto notou que os modos desse povo diferiam conforme os locais habitados¹⁴²; por isso dividiu as terras do Egito em regiões cultivadas (ἡ σπειρομένην Αἴγυπτος *Histórias* - 2.77) e regiões dos pântanos (τὰ ἔλη *Histórias* - 2.92-95). Realmente, o Egito possui essas duas áreas distintas, fato que não passou despercebido dos historiadores antigos posteriores a Heródoto¹⁴³. O historiador de Halicarnasso observou corretamente que alguns hábitos desses povos não eram exatamente iguais¹⁴⁴: os habitantes das regiões cultivadas eram mais instruídos, preservavam melhor sua história passada, e eram mais cuidadosos com a saúde (*Histórias* - 2.77). Heródoto deteve-se mais longamente nos hábitos alimentares desses povos e observou que, enquanto os habitantes das regiões cultivadas consumiam pães feitos de olira, peixes, codornas e pequenas aves, a alimentação dos povos das regiões pantanosas era mais modesta, baseando-se em pães feitos com a raiz do lótus e peixes. Embora a oposição e (ἡ σπειρομένην Αἴγυπτος / τὰ ἔλη

¹⁴⁰ Deve-se lembrar que os trabalhos de Xantias chegaram a Heródoto por intermédio de Hecateu.

¹⁴¹ A originalidade de Heródoto no tratamento da religião egípcia está na suposição de que os egípcios foram o povo mais antigo do mundo; a partir disso, o historiador elaborou um quadro esquemático segundo o qual todos os costumes religiosos teriam surgido no Egito.

¹⁴² Heródoto, ao diferenciar os costumes dos habitantes das regiões pantanosas e cultivadas, apenas notou que os modos desses povos eram diferentes. O historiador não faz da caracterização do ambiente um determinante do comportamento de seus moradores, tal como temos em Hipócrates, *Ares, Águas e Lugares*.

¹⁴³ Estrabão, XVII e Ptolomeu, *Geo* IV, 5.44, também dividiram o Egito em duas regiões; contudo, diferentemente de Heródoto, não classificaram os povos em habitantes das regiões pantanosas e das regiões cultivadas. A divisão se deu entre Alto e Baixo Egito, distinção, aliás, empregada até hoje.

¹⁴⁴ Embora Heródoto observe corretamente alguns contrastes entre os povos que habitavam as regiões cultivadas e os povos dos pântanos, ele, por vezes, formula juízos demasiadamente generalizadores, como, por exemplo, no parágrafo 2.92, onde afirma que os costumes religiosos desses povos são semelhantes.

(regiões pantanosas / regiões cultivadas) dê uma certa uma orientação ao relato, ela não é uma divisão absolutamente rigorosa. Heródoto não insere, necessariamente, os costumes egípcios em uma dessas subdivisões. O historiador também registra os costumes que lhe parecem incomuns e notáveis, ou seja, que causam admiração (θῶμα)¹⁴⁵ ao olhar de um grego:

Entre eles, as mulheres freqüentam o mercado e praticam o comércio, enquanto os homens ficam em casa tecendo. Outros tecem empurrando a trama para cima, os Egípcios, para baixo. Os fardos, os homens levam-nos sobre a cabeça; as mulheres, sobre os ombros. As mulheres urinam em pé; os homens, agachados. Usam evacuar nas casas e comem fora nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas devem ser feitas em segredo, enquanto as não vergonhosas, publicamente. Nenhuma mulher conduz o culto a divindades masculinas ou femininas; já os homens, a todos os deuses e deusas. Nenhum filho é obrigado a alimentar os pais a contragosto; para as filhas, mesmo a contragosto, existe obrigatoriedade absoluta (*Histórias*, 2.35).

De fato, o registro dos costumes incomuns não são raros no relato etnográfico. Além do parágrafo trinta e cinco, logo a seguir (*Histórias* - 2.36), Heródoto descreveu o modo singular dos egípcios prepararem pães e amassarem barro: o primeiro é feito com as mãos; o segundo, com os pés. Os egípcios praticam a circuncisão; os homens trajam duas peças de roupa e as mulheres uma; as argolas das velas são presas na parte externa das

¹⁴⁵ Como foi visto na introdução desta dissertação, o θῶμα está sempre vinculado ao

embarcações; e escrevem e calculam levando a mão da direita para a esquerda. Por fim, também possuem o estranho costume de se preocupar ao máximo com a preservação da vida dos animais: durante um incêndio, a primeira providência é salvar os gatos das chamas, antes mesmo de apagar o fogo (*Histórias* - 2.66).

Os curiosos costumes egípcios descritos por Heródoto despertaram o interesse dos gregos e dos romanos. Já na época do historiador, o relato etnográfico foi calorosamente recebido e sua leitura pública era bastante apreciada. Mas o relato etnográfico das *Histórias* não foi somente um trabalho no qual se enumeraram costumes exóticos, que permitiam aos antigos tomar conhecimento dos hábitos dos reservados egípcios; naquele momento, também nascia a ciência etnográfica¹⁴⁶. O homem foi relacionado a uma nova concepção do mundo, que o desvinculava de determinações sobrenaturais, que vigoraram durante séculos.

De Homero aos poetas trágicos, passando também pelos líricos, o lugar do homem foi marcado pela oposição aos deuses; a relação homem - natureza tinha pouco espaço¹⁴⁷. No Livro II das *Histórias*, o homem é determinado segundo suas relações com a natureza: ele se alimenta dos produtos que fabrica - pães feitos de zéia ou o lótus, constrói embarcações, edifica torres para se proteger dos mosquitos, e corta os desertos do Egito com engenhosos canais, transformando regiões áridas em terras prósperas. As particularidades físicas e comportamentais do homem também estão

νόμος.

¹⁴⁶ Os primeiros passos da ciência etnográfica foram dados por Hecateu, mas ciência etnográfica propriamente dita nasceu com Heródoto e, sobretudo, com Hipócrates.

¹⁴⁷ Vale lembrar que na *Odisséia* a relação homem - natureza já ocupa um certo lugar de destaque, embora o homem ainda tenha seu lugar determinado por oposição aos deuses.

relacionadas à influência do clima e da geografia: os egípcios são os homens mais puros de todos porque seu clima pouco se altera (*Histórias* - 2.77).

Evidentemente, o relato etnográfico de Heródoto ainda carece de uma organização mais rigorosa pois, com frequência, copiosos dados são expostos de modo desordenado. Também não existe um padrão seguido em todos os *logos*; as informações registradas em cada um deles variam muito: no *logos egípcio*, destacam-se os sacrifícios e os funerais; porém, nada é dito sobre as técnicas guerreiras, assunto que ocupa largo espaço no quarto livro.

Como observou Jacques Jouana¹⁴⁸, a débil sistematização do relato etnográfico de Heródoto torna-se particularmente manifesta quando comparamos as *Histórias* à obra de Hipócrates¹⁴⁹. Hipócrates, ao contrário de Heródoto, ordena os dados de seu relato, as partes formam um conjunto onde todos os elementos se integram, e, além disso, possui um esquema de abordagem dos povos seguido ao longo de todo o tratado *Ares, Águas e Lugares*:

Aquele que deseja investigar a medicina corretamente deve proceder assim: primeiro, deve considerar as estações do ano, o que cada uma pode produzir, pois elas não são em nada iguais entre si, mas diferem muito em si mesmas e nas mudanças. Depois, deve observar os ventos quentes e os frios, sobretudo os que são comuns a todos os homens; então, deve levar em conta o que é próprio de cada região. É necessário refletir sobre o movimento das águas, como elas se

¹⁴⁸ Jacques Jouana, *Hippocrate*, pp. 297-311.

distinguem na boca e no peso, pois a força de cada uma se distingue muito. Quando alguém chega a uma cidade, da qual não tem conhecimento, deve computar as características dessa: como está posicionada em relação aos ventos e ao nascer do sol. (Hipócrates, *Ares, Águas e Lugares I*)
(Tradução nossa)

Em Hipócrates, a constituição física da cidade, como por exemplo, os ventos que a atingem, a posição do sol e a qualidade das águas, ocupa o primeiro plano: as características do meio ambiente determinam o comportamento étnico e moral do indivíduo. Nas *Histórias*, a influência da natureza sobre o homem aparece de forma velada e indireta. Ainda que o historiador se detenha longamente em descrições do clima, geografia e ventos, ele não estabelece uma relação necessária entre esses dados e as características dos habitantes de tais regiões; somente em uma passagem das *Histórias* (*Histórias* - 2.35), Heródoto relaciona a pureza dos homens ao clima.

Mas, a despeito desses senões do *logos egípcio*, o relato etnográfico continua a ser um preciso capítulo da história da cultura grega. O Livro II das *Histórias* foi produzido na fase da maturidade intelectual do autor; por isso, encerra algumas concepções que não são encontradas nos demais livros. Embora, ao longo de toda a obra, o homem não tenha seu destino e suas características determinadas pelos deuses, é somente no Livro II que ele aparece intimamente relacionado à natureza, ainda que de modo indireto.

¹⁴⁹ Embora não possamos nos pautar pelo relato egípcio - pois, a parte do tratado *Ares, Águas e Lugares* referente ao Egito e à Líbia foi perdida - podemos comparar a obra do historiador a do médico através do relato sobre o povo Cita, estudado por ambos os autores.

CAPÍTULO IV AS HISTÓRIAS DOS FARAÓS

4.1 A história do Egito

A história do Antigo Egito de Heródoto cobre um espaço de mais de dois mil anos; trezentas e quarenta e uma gerações de homens governaram durante esse período, a maioria de origem egípcia, mas também existiram dezoito reis etíopes e uma mulher, Nítocres (*Histórias* - 2.100). De modo geral, a narrativa de Heródoto é consoante com os períodos históricos egípcios; excetuando o Primeiro e o Segundo Período Intermediário, as fases mais importantes da história egípcia encontram-se representadas por algum faraó: Período Tinite (*Histórias* -Min, 2.99), Antigo Reino (*Histórias* - Quéops, Quéfren, Micerino 2.124-134; Nítocres 2.100), Reino Médio (*Histórias* -Méris 2.101, 149; Sesóstris 2.102-110; Feros 2.111), Novo Reino (Rampsinito *Histórias*-2.121-124), Terceiro Período Intermediário (Líbios *Histórias*-2.136; Etíopes 2.100, 137, 140), Período Tardio (Amásis, Psamético, Psâmis).

De Min até Seto (*Histórias*-2.99-2.142), Heródoto relata o período mitológico da história egípcia, no qual aparecem os faraós divinos. Dos Doze reis até Amásis (*Histórias*-2.147-182), o historiador apresenta personagens históricos reais, sobre os quais se informou por meio de tradições narrativas gregas, além de suas próprias investigações, já que os faraós do Período Tardio tiveram considerável contato com os gregos devido aos pactos de amizade e as

oferendas feitas aos deuses gregos. As histórias lendárias tiveram como fonte principal os sacerdotes do Egito, cujo conhecimento, essencialmente teológico, reverbera no *logos egípcio*.

Os sacerdotes conheciam parcamente a história do Egito; os assuntos com os quais estavam familiarizados eram os rituais e os afazeres com o templo e os deuses (instrumentos utilizados nos rituais, oferendas, encantos, etc.). Alguns sacerdotes possuíam noções de astronomia, mas também essas estavam ligadas a assuntos religiosos; a determinação da posição das estrelas e das horas do dia, por exemplo, tinha como principal meta assegurar que os rituais fossem cumpridos na hora prescrita. O pouco conhecimento que os sacerdotes tinham da história de seu país era totalmente diverso do conhecimento dos gregos pois, também nesse campo, a orientação era religiosa.

Para os egípcios, a ordem do mundo tinha sido estabelecida pelo deus Ré que subjugara Apofis. Essa ordem resultava do equilíbrio entre forças do bem e do mal, entre ordem e caos: após a vitória de Ré, Sete se rebelou e tentou reestabelecer o caos, porém foi derrotado por Orus, que o expulsou do Egito e se tornou o deus do mundo dos vivos. Contudo, mesmo após essas façanhas, devia-se viajar para que a ordem fosse mantida, pois Sete estava preparado para atacar a qualquer momento; por isso, o deus Orus elegeu seu representante entre os homens: o faraó, cuja ascensão representava o triunfo sobre o caos.

Todos os atos do faraó eram vistos em termos da manutenção da ordem sobre o caos: batalhas travadas eram conquistas de Orus; se a política do faraó fazia o Egito prosperar, mais uma vez, o deus alcançava seu intuito.

Feitos individuais raramente eram registrados, basicamente se mencionava a coroação, o casamento e a morte do monarca, de seu governo pouco era dito. Desse modo, a erudição dos sacerdotes pouco poderia esclarecer sobre o passado do Egito. Além disso, os sacerdotes raramente consultavam os escritos para se informar dos feitos dos monarcas; apesar de sua erudição, recorriam à tradição oral para lembrar o passado de seus reis. A tradição oral egípcia também reteve informações sobre os faraós segundo termos de caos e ordem; contudo, concentrava na figura de um único faraó feitos de diversos monarcas.

Em *Euterpe*, Heródoto cita vários reis cujas histórias resultam de cristalização de narrativas de realizações notáveis, como é o caso de Sesóstris, Psamético e Sábaco. Heródoto acolheu em sua obra o esquema geral das narrativas egípcias, valendo-se das histórias dos faraós para desenvolver temas de seu próprio interesse. Porém, como veremos, ele não se limitou a transcrever o que ouviu dos sacerdotes ou mesmo das fontes gregas. O historiador de Halicarnasso acrescentou às informações recolhidas em sua investigação alguns preceitos gregos.

4.2 A ficção na obra de Heródoto.

O Livro II das *Histórias*, assim como toda a obra de Heródoto, é pontuado por narrativas de histórias míticas e histórias de personagens reais, às quais o historiador acrescenta, por vezes, elementos de sua própria criação¹⁵⁰. Neste capítulo, estudaremos a função dessas narrativas no texto de Heródoto, dando especial destaque às histórias dos faraós, já que, por meio dessas, o

historiador construiu a imagem ideal do Egito.

Responsáveis pelos infundáveis debates sobre a obra de Heródoto, as *Histórias*¹⁵¹ sempre dividiram os estudiosos do autor: os que se dedicaram aos trechos onde predomina a investigação científica, simplesmente calaram-se a respeito das *histórias*, enquanto outros acusaram o historiador de não produzir um retrato verdadeiramente histórico. Esse último parecer merece exame mais demorado, pois, além de ser responsável pelas censuras mais ferrenhas feitas à obra, também estigmatizou as *Histórias* como narrativas ingênuas.

Como foi visto, na introdução desta dissertação, mesmo os que prestigiaram o estilo de Heródoto ou se deleitaram com suas narrativas, não aceitaram as *histórias* enquanto narrativa dos acontecimentos. Realmente, algumas narrativas, aparentemente, não possuem qualquer relação com o tema central da obra, pouco ou nada esclarecendo os fatos históricos. O Livro II das *Histórias* apresenta inúmeros exemplos dessa constatação: excetuando Amásis (*Histórias* -2.182), faraó deposto pelos persas, nenhum dos monarcas egípcios está diretamente relacionado às *Guerras Pérsicas*, alguns, como Quéops (*Histórias* 2.124), reinaram milênios antes das batalhas de Salamina e Maratona.

Uma das justificativas dadas para a presença das *histórias* na obra de Heródoto foi a ausência de critério rigoroso do autor, que teria dado apenas

¹⁵⁰ Neste capítulo, para fins didáticos, chamarei as histórias míticas, reais ou semi-reais de Heródoto simplesmente de *histórias*.

¹⁵¹ Os estudos que se voltam para os aspectos científicos da obra de Heródoto detêm-se, sobretudo, nas partes do relato etnográfico e geográfico. Evidentemente, não se espera, em tais assuntos, explicações minuciosas sobre as *histórias*. Contudo, não se pode simplesmente ignorar essas histórias, pois mesmo o relato etnográfico e geográfico é entrecortado por essas, que servem como explicações na ausência de evidências físicas ou

alguns passos tímidos na direção da “ciência histórica”. Cobraram-se muito de Heródoto procedimentos aos moldes de Tucídides, esquecendo-se que o historiador de Halicarnasso jamais propôs realizar semelhante tarefa. Tal postura, encontrada ao longo de praticamente toda a crítica de Heródoto, tem como representante contemporâneo J.B Bury¹⁵².

Segundo Bury, Tucídides deu um novo sentido à história, reproduzindo fielmente os fatos e rejeitando categoricamente mitos e histórias falsas, também sendo possível, através de seu relato, extrair princípios a partir dos fatos. Contudo, embora tradicionalmente se contraponha Heródoto a Tucídides, o confronto é injusto, pois esses dois autores concebem a história de modo muito distinto, apesar estarem separados por apenas três quartos de século.

Indubitavelmente, o relato histórico de Heródoto é muito diferente dos relatos de Tucídides, mas isto não implica que nas *Histórias* não haja nenhum procedimento rigoroso¹⁵³, como organização cronológica da narração, ligação entre causas e efeitos e apresentação de provas materiais. Para Heródoto, a história também é um acontecimento verificável e mesmo o passado remoto deixa vestígios físicos, como aqueles dos jônios e cários, cujos estrados de madeira foram vistos pelo historiador:

materiais. A história dos Nasamões (*Histórias*-2.32), por exemplo, explica a origem das nascentes do Nilo.

¹⁵² J.B. Bury, *The Ancient Greek Historians*, pp. 81-106.

¹⁵³ Muito se tem debatido se Heródoto seria o verdadeiro pai da história. Estudiosos como Catherine Darbo Peschanski, *Le Discours du Particulier*, pp. 12-13, vêem em Heródoto o estabelecimento de certos procedimentos rigorosos, utilizados, ainda hoje, nas narrativas históricas. De acordo com a autora o próprio Cícero, pensando em tais procedimentos de Heródoto, teria lhe cunhado o título de “Pai da História”.

Aos Jônios e Cários que colaboraram com ele, Psamético dá duas localidades para habitarem, uma defronte da outra – o Nilo passando pelo meio – às quais deram o nome de *Estratopedas*. Dá-lhes essas terras e todo o resto que prometera.(...) Os Jônios e os Cários habitaram, durante muito tempo, esse lugar; essas terras estão voltadas para o mar, pouco abaixo da cidade de Bubástis, na boca do Nilo chamada Pelúcia. Tempos depois, o rei Amásis, tendo-os retirado dali, instalou-os em Mênfis, fazendo deles seus guardas, no lugar dos Egípcios.(...) Do lugar de onde foram removidos, ali, na minha época, existiam os suportes das embarcações e ruínas das casas. Assim Psamético conquistou o Egito. (*Histórias*, 2.154).

Heródoto, portanto, não ignorava certos procedimentos rigorosos; no Livro II das *Histórias*, por exemplo, não faltam descrições de monumentos: a cada um dos faraós é associada uma obra¹⁵⁴ para provar que as *histórias* narradas realmente aconteceram. Todavia, nem sempre esse recurso material é utilizado com propriedade; é comum a menção a templos e obeliscos erigidos por faraós que nunca existiram, como é o caso de Feros (*Histórias*-2.111). Também não é raro que um templo, dedicado a um deus local egípcio, seja relacionado erroneamente a uma figura mítica grega, como o templo de

¹⁵⁴ Todos os monumentos descritos por Heródoto, sem exceção, estão associados a algum monarca, e funcionam como uma espécie de prova arqueológica da existência dos governantes. Conclui-se daí que há uma razão para cada um deles ser mencionado; embora maravilhosos, os monumentos não são descritos apenas devido ao $\theta\omega\mu\alpha$. Se Heródoto, em suas viagens pelo Egito, fizesse menção de cada monumento que provocasse sua admiração, não faltariam menções a Tebas.

Afrodite Estrangeira (*Histórias*-2.112), que o historiador apresenta como prova material da passagem de Helena pelo Egito.

Evidentemente, algumas imprecisões, e mesmo incorreções, são fruto de interpretações equivocadas. Mas Heródoto também menciona propositadamente edificações que sabe não pertencer ao monarca em questão – principalmente quando esse é um personagem irreal – para conferir veracidade a seu relato. Além disso, o autor demonstra, em algumas passagens, ter consciência de que certas versões são inacreditáveis; a história de Rampsinito (*Histórias*-2.121ε) é um desses casos. Como o faraó não conseguiria capturar o ladrão dos seus tesouros, resolveu prostituir a própria filha, recomendando-lhe que, antes de se unir aos homens, pedisse que lhe contassem o feito mais ímpio que tinham praticado.

Essa história fantástica, que lembra os contos das *Mil e Uma Noites*, não é apresentada como um evento real, mas como um conto, pois o próprio autor afirma que o feito não lhe parece digno de confiança (ἐμοὶ μὲν πιστά). No parágrafo 2.123 das *Histórias*, novamente Heródoto demonstra estar ciente de que seu relato também inclui histórias não reais :

Faça bom proveito dos relatos dos Egípcios aquele para quem histórias assim são confiáveis; quanto a mim, coloca-se como princípio que, ao longo de toda esta narração, escrevo as histórias que ouvi de cada um.

Essa é uma das passagens mais importantes das *Histórias*, pois

indica que Heródoto insere tais *histórias* propositadamente¹⁵⁵, embora, como foi visto, não desconheça outros procedimentos. Tal fato decorre do modo como Heródoto compreende os acontecimentos; para ele há dois tipos de evidência que contribuem para o entendimento dos eventos: os fatos e a ficção.

Os fatos, embora ancorados na realidade, nem sempre podem explicar tudo, pois existem coisas que simplesmente ocorrem e não podem ser entendidas através da lógica. O real, em certos momentos, apenas expõe trivialidades, enquanto a ficção revela verdades mais profundas. A história da filha de Micerino insere-se perfeitamente nesse quadro. A constatação de que as mãos das estátuas caíram devido à ação do tempo, embora real, torna-se supérflua perto das paixões humanas que dominam a cena: a angústia da filha que, violada pelo próprio pai, se enforca, e a vingança da mãe, que pune cruelmente as servas que colaboram com o crime do faraó:

Alguns contam a seguinte história a respeito dessa vaca e das estátuas de madeira: Micerino apaixonou-se pela própria filha, e, então, uniu-se a ela, contra sua vontade. Depois disso, dizem que a jovem se enforcou devido à angústia; o faraó enterrou-a dentro daquela vaca; a mãe fez cortar as mãos das servas que haviam entregado a filha ao pai; hoje as estátuas das servas sofrem o que as mulheres vivas sofreram. Mas esses relatos são frívolos, como me parece, assim como outros, principalmente no que diz respeito às mãos das estátuas; pois nós mesmos vimos que as estátuas, devido à

¹⁵⁵ Embora nesta e em outras passagens Heródoto questione a veracidade de certas narrativas, essa não é a regra das *Histórias*. O historiador também aceita histórias lendárias como se essas tivessem realmente ocorrido; tal é o caso da Guerra de Tróia, questionada em alguns pontos, mas não negada.

ação do tempo, perderam as mãos, que estavam aos seus pés ainda no meu tempo. (*Histórias* -2.131).

Realidade e ficção coexistem na obra de Heródoto, marcando uma das singularidades do estilo do autor, capaz de reunir a tarefa do historiador e do poeta trágico indicada por Aristóteles¹⁵⁶: apresentar os fatos que aconteceram (narrativa dos eventos reais) e mostrar as possibilidades do que poderia ter acontecido (narrativa da ficção). As histórias de Heródoto, portanto, estão longe de ser meras narrativas ingênuas.

Recentemente, verificou-se que algumas narrativas tratam de temas recorrentes à poesia lírica arcaica, como a brevidade da vida e as ambigüidades do luxo e da riqueza. Um dos primeiros trabalhos nessa área foi o de Gregory Nagy¹⁵⁷ que, comparando o discurso histórico ao poético, verificou que o tema do infortúnio, que não poupa nem mesmo a homens ricos e reverentes aos deuses, repete-se em Píndaro (*Ode a Hieron*), Baquilides (*Ode Terceira*), e Heródoto (*Histórias* - 1.32 e 1.87). Esses autores contam a história de Cresos, famoso pelos tesouros que enviara ao santuário de Apolo em Delfos, considerado um dos homens mais piedosos da época: nenhum grego ou estrangeiro jamais dedicara tantas riquezas a um deus. Porém, nem mesmo todos os seus presentes puderam livrá-lo de um fim trágico: quando a Lídia foi invadida pelo persa Ciro, a população foi subjugada e seu monarca arruinado.

Os trabalhos de Nagy sobre a história de Cresos foram seguidos por

¹⁵⁶ Aristóteles, *Poética* 1451B.

¹⁵⁷ Só recentemente se passou a estudar com mais atenção as “histórias” de Heródoto, assim há poucos trabalhos nessa área; desse modo, tomo como exemplo a história de Cresos, contida no Livro I das *Histórias*, para expor o posicionamento dos críticos em relação a tais assuntos.

outros. Atualmente, além dos temas apresentados acima, estudos como os de Charles Segal¹⁵⁸ e Gregory Crane¹⁵⁹ indicam que Heródoto reelaborou temas da poesia lírica, redefinindo-os à luz de sua própria época. Segal compara Heródoto a Baquilides, examinando as duas versões segundo as atitudes morais de cada autor: a narrativa de Baquilides estaria ligada a um mundo arcaico, enquanto, em Heródoto, a moral seria essencialmente clássica, caracterizada por uma concepção trágica da vida. Em Baquilides, haveria um πάθος da exuberância relacionado ao próprio desenvolvimento da lírica coral; já a narrativa de Heródoto estaria mais próxima do drama de Sófocles.

Nessa mesma linha, Crane analisa os diferentes significados que a palavra *ólbos* assume na história de Creso, narrada tanto por Baquilides como por Heródoto. Na poesia de Baquilides, *ólbos* designa tanto a riqueza material quanto a prosperidade; no final do poema, o *ólbos* será transubstanciado de riqueza material em riqueza imaterial, representada pela memória que o poema confere àquele que possui *aretê*. Em Baquilides, Creso é poupado e passa a viver uma existência luxuosa em outro local; mas, em Heródoto, ele é transformado pelo poder da sabedoria: no momento em que estava para ser queimado na pira, Creso finalmente compreende o discurso de Sólon e, em desespero, repete as palavras do sábio ateniense¹⁶⁰. Creso, ao ouvir aquelas

¹⁵⁸ Charles Segal, “Creso on the Pyre: Herodotus and Bacchilides”, *Winer Studien*, 1971, vol. 84, pp. 38-51.

¹⁵⁹ Gregory Crane, “The Prosperity of Tyrants: Bacchilides, Herodotus, and the Contest for Legitimacy”, *Arethusa*, 1996, vol. 29, pp. 57-85.

¹⁶⁰ Heródoto narra que o ateniense Sólon, em uma de suas viagens, visitou o rei Lídio Creso, e este, além de oferecer as hospitalidades, presenteou-lhe com seus tesouros, a fim de que Sólon visse sua prosperidade (*ólbos*). Tendo presenteado Sólon, Creso lhe pergunta quem era o homem mais feliz (*ólbos*) que ele conhecera. Para surpresa de Creso, Sólon responde que o homem mais feliz que conhecera era o rei de Atenas, Telos. Naturalmente, Sólon desaponta Creso, que novamente tenta fazer com que seu *ólbos* seja reconhecido, e

palavras, pensa em sua própria condição humana, frágil e transitória, e poupa o rei lídio. O Creso de Heródoto sobrevive não em um local idealizado, mas como um mortal que trocou a riqueza e o poder pela sabedoria (*ólbos*); Creso não é recompensado pelo deus, mas pelas palavras sábias de Sólon (*ólbos*) que realmente mudam sua vida.

As narrativas de Heródoto, portanto, não são tão ingênuas quanto se tem afirmado, merecendo estudos mais cuidadosos. Além disso, também se verificou que as *histórias* não estão dispostas arbitrariamente. Immerwahr¹⁶¹ constatou que, embora as histórias possam ser destacadas como textos à parte, nos quais se encerram juízos completos, elas estão relacionadas umas às outras e, em sua globalidade, possuem coesão e coerência: temas são repetidos de tempos em tempos, complementando-se uns aos outros e estabelecendo ligações entre partes distantes da narrativa; no final, reunidos, revelarão verdades subjacentes à existência humana. Immerwarhr concentrou sua pesquisa num tema das *Histórias* cujos elementos principais coincidem: a ascensão e queda do monarca. As histórias de Creso, Ciro, Cambises e Dario seguem organização paralela:

repete a pergunta. Creso, mais uma vez, é surpreendido por Sólon que, ao invés de citá-lo, menciona agora o nome de dois jovens atletas que morreram em triunfo: Cléobis e Bítion. Tanto Telos quanto Cléobis e Bítion não possuem riquezas materiais, mas Heródoto de maneira oblíqua, retoma temas desenvolvidos por Píndaro e Baquilídes; esses homens são citados devido a sua virtude (*aretê*): Telos, com sua família próspera e sua morte em defesa do Estado, é o modelo perfeito da virtude do homem da pólis; por outro lado, Cléobis e Bítion eram atletas. Heródoto estabelece uma distinção fundamental na interpretação de *ólbos*: Para Creso, *ólbos* é simplesmente uma riqueza material, mas, para Sólon, a riqueza possui dimensão temporal, ela é a medida da vida inteira de uma pessoa. Sólon também apresenta as vantagens da riqueza, mas para o infeliz não existe remédio.

¹⁶¹ H. Immerwahr *Form and Thought in Herodotus*, pp. 17-34; 67-93.

A - Origens de um governante.

B - Primórdios do reinado até atingir o auge do poder.

C - Decadência, cujo desfecho é a destruição, ou, pelo menos, o declínio.

Por trás dessas *histórias* está a idéia de instabilidade da fortuna e de fragilidade da natureza humana: a fortuna é implacável; o homem fraco e cego; o poder, corrosivo; a destruição inevitável. A forma como Heródoto analisa os fatos e sintetiza seus tópicos essenciais, perceptível nas pequenas *histórias*, é marcada pelo pensamento trágico, seu contemporâneo: assim como nas tragédias, alguns personagens das histórias de Heródoto estão expostos à forças superiores que escapam ao controle: destino (μοῖρα) e necessidade (χρή/δεῖ γενέσθαι).

O tema analisado por Immerwahr também está presente no Livro II: a *história* de Ápries, por exemplo, sintetiza o esquema mencionado: esse faraó, descendente de Necos, depois de um período de próspero reinado, é abatido por reveses do destino (οἱ ἔδεε κακῶς γέσθαι). Após o sucesso de inúmeras batalhas, Ápries sofre esmagadora derrota em Cirene, levando os Egípcios a culpá-lo pela derrota e a se revoltarem contra ele (*Histórias* - 2.161). Ápries, então, envia Amásis, homem de sua confiança, para dissuadir os Egípcios da revolta. Enquanto Amásis tentava convencer os Egípcios a não lutarem, um homem do povo coloca-lhe o elmo sobre a cabeça e o designa rei (*Histórias* - 2.162). A idéia não desagradou a Amásis, que passa a planejar a tomada do poder. Uma série de acontecimentos infelizes ocorrem a Ápries e, somados à intransigência e arrogância desse rei - que acreditava que seu poder era tão seguro que nem mesmo um deus poderia abalá-lo (*Histórias* - 2.169), - levam-no à derrota. A intolerância do faraó revela-se, sobretudo, ao ordenar que

mutilem Partábemis, um dos seus servidores mais honrados; essa brutalidade será responsável por sua derrocada final, pois, logo após esse episódio, os últimos Egípcios que estavam ao lado de Ápries passam para o lado de Amásis:

Partábemis não atinou seu intuito a partir daquelas palavras, e, vendo-o preparar-se, partiu imediatamente, desejando revelar ao rei o que ocorria. Quando se apresentou a Ápries, não levando Amásis, o rei não lhe deixou falar nenhuma palavra, mas, furioso, ordenou que cortassem suas orelhas e nariz. Os demais Egípcios, que ainda estavam a seu lado, vendo o homem mais ilustre dentre eles ser vergonhosamente mutilado, passaram, sem mais delongas, para o outro lado e se entregaram a Amásis. (*Histórias*-2.162).

Outro tema muito estudado das *Histórias* é o da vingança cruel das rainhas. Essas mulheres, inteligentes e perspicazes, vingam-se por motivos pessoais ou familiares; seus planos são intrincados e geralmente resultam no extermínio violento daqueles que as afetaram. Símbolos das paixões humanas, as *histórias* dessas mulheres têm como tema central o acidental e o irracional, que podem mudar o rumo da própria história.

O exemplo paradigmático dessas narrativas é a história de Giges, fiel servo do rei Candaules¹⁶² (cuja esposa é a mais notável das soberanas das *Histórias*). Em momento algum nomeada, essa rainha meda é capaz de conhecer seu marido tão bem que, percebendo que Giges a observava, imediatamente entende quem era o responsável pela infâmia. Sua inteligência aguçada contrasta nitidamente com o conhecimento superficial de Candaules

sobre a própria esposa. No final da narrativa, essa rainha se revelará o mais perigoso dos inimigos do rei e será responsável por sua ruína. A vingança da esposa de Candaules é excessiva: ela ordena a Giges que se mate ou, então, assassine Candaules. Giges, sem opção, assassina o rei meda; feito isso, a rainha se casa com o algoz de seu marido e continua soberana.

Após Candaules, o próximo a encontrar a morte nas mãos de uma rainha vingativa é Ciro. Para derrotar a rainha massageta, Ciro embebeda seu filho e liquida sem dificuldade o exército do príncipe (*Histórias* - 1.210). Ao se dar conta do sucedido, o príncipe Espargápises, humilhado e envergonhado, põe fim à vida (*História* - 1.213); Tómiris, então, vinga-se cruelmente:

Espargápises morreu assim; Tómiris, como Ciro não lhe desse ouvidos, reunindo todas as suas forças, lançou-se contra Ciro. Essa batalha, de quantas lutas ocorreram entre homens bárbaros, julgo ter sido a mais violenta; além disso, ouvi dizer que ela se passou assim. Primeiro - dizem - postados à distância, lançaram flechas uns contra os outros; depois, esgotadas as armas de arremesso, enfrentaram-se no corpo a corpo com lanças e punhais. Durante longo tempo, prosseguiu o combate e ninguém desejou fugir; enfim, os Messagetas venceram. A maior parte do exército persa ali mesmo foi aniquilada, o próprio Ciro morreu, depois de reinar, ao todo, vinte e nove anos. Tendo enchido um odre com sangue humano, Tómiris procurou, dentre os persas mortos, o cadáver de Ciro; quando o descobriu, mergulhou no odre a cabeça daquele e, enquanto assim ultrajava o cadáver, dizia: “ao capturar e matar meu filho com dolo, tu me venceste,

¹⁶² *Histórias* 1.8-14.

apesar de eu estar viva e ter-te vencido na batalha; mas eu, conforme ameacei, saciar-te-ei de sangue.(...)” (*Histórias* 1.214) (*Tradução nossa*)

Assim como a esposa de Candaules ordenou que Giges matasse o monarca no mesmo lugar em que ela fora envergonhada, Tómiris faz Ciro beber o sangue, como aquele fizera o príncipe se embebedar. A história da rainha egípcia Nítocris guarda semelhanças com essas duas últimas histórias: Nítocris, assim como a esposa de Candaules, planeja uma vingança artilosa e fora de proporções, realizada durante um banquete fatal:

Contam que ela, para vingar o irmão - que os egípcios assassinaram quando era seu rei e, depois de tê-lo assassinado, entregaram a Nitócris o reino, – com um artifício, matou muitos egípcios. Fez construir uma enorme sala subterrânea; então, anunciou a inauguração, mas arquitetava em sua mente outras intenções: convidou para um grande banquete aqueles egípcios que sabia serem os principais responsáveis pelo assassinato; enquanto banquetevam, através de um canal secreto, fez irromper o rio. Não contam outras coisas a seu respeito, exceto que, depois de fazer isso, lançou-se em uma sala cheia de cinzas para evitar a vingança (*Histórias*, 2.100).

O Livro II das *Histórias* apresenta ainda outros temas: a arrogância de Feros (*Histórias*-2.111), a sagacidade do ladrão dos tesouros de Rampsinito (*Histórias* -2.121), a perversidade de Quéops (*Histórias* -2.126), a história da bacia de Amásis (*Histórias* -2.172). Parte desses temas foi inspirada em

motivos folclóricos, mas Heródoto também elaborou seus próprios temas. Neste capítulo, daremos especial atenção a um dos temas mais originais e problemáticos da obra de Heródoto: o tema do sábio tirano.

4.3 Temas do *logos egípcio*: a tirania.

À primeira vista, os faraós Amásis e Psamético procedem de tal modo que, facilmente, poderíamos lhes conferir o título de tirano¹⁶³: o uso da violência para se tornarem governantes e o desrespeito às leis estabelecidas fazem desses homens tiranos no sentido mais genérico da palavra. Psamético, por exemplo, era um dos doze reis que detinham o poder no Egito, e, assim como os demais monarcas, havia jurado obedecer irrestritamente o pacto firmado entre eles (*Histórias*-2.147): não se eliminar mutuamente, manter equilíbrio de posses, e serem amigos estreitíssimos. Psamético cumpre o acordo, mas, ao ser injustiçado pelos monarcas, rompe o pacto e organiza uma rebelião na qual derrota os onze reis e se estabelece como o único governante do Egito. Apesar de não ter sido o primeiro a quebrar o acordo, Psamético age com violência e toma um poder que não lhe era de direito. Já Amásis era um dos homens de confiança do faraó Ápries; enviado para impedir uma rebelião, Amásis é escolhido casualmente como líder dos rebeldes. A partir disso, os sentimentos de ambição de Amásis são despertados, levando-o a combater e derrotar os exércitos de Ápries.

O tirano, tal como foi definido por diferentes autores do século V

¹⁶³ A definição de tirania na Grécia antiga pode ser melhor esclarecida pela consulta das seguintes obras: Antony Andrewes, *The Greek Tyrants*; Bernard Knox, *Essays on Ancient Theater*; W. Guthrie, *The Sophists*.

a.C., era muito mais do que um mero usurpador. De todas as formas de governo, era a tirania a mais ignóbil, pois trazia aos homens injustiça e ruína a suas cidades. No século seguinte ao de Heródoto, Platão afirmou que o Estado jamais poderia perdurar, se suas leis não tivessem força e fossem anuladas e desrespeitadas por um único indivíduo¹⁶⁴. A tirania não foi considerada somente pelos filósofos; fora os inúmeros autores anônimos do século V a.C., há ainda os célebres comentários de Tucídides e Xenofonte. Além disso, a tirania é retratada freqüentemente pela tragédia; o texto mais famoso certamente é o de Sófocles, *Édipo Tirano*, mas também existem notáveis passagens de Eurípides:

Nada é mais nefasto para a cidade do que o tirania, pois nela, em primeiro lugar, não existem leis comuns; um só homem governa utilizando a lei para si, jamais há igualdade. Quando as leis foram escritas, pobre e rico recebiam igual justiça. (*Suplicantes*, 429-434). (*Tradução nossa*)

Apesar de Heródoto também ter criticado a tirania, ao contrário do que se poderia esperar, os tiranos Amásis e Psamético, uma vez estabelecidos no poder, revelar-se-ão habilidosos governantes que, além de trazer harmonia e prosperidade a seus súditos, cumprem rigorosamente a lei. Heródoto, ao relatar as *histórias* desses faraós, não apresenta a tirania de modo negativo, particularmente, no caso de Psamético, ela se mostra mais eficiente do que outros sistemas, como a democracia e a oligarquia. Psamético torna-se faraó, após os Egípcios terem experimentado, respectivamente, o sistema de governo

¹⁶⁴ Platão, *Crito* 50c, 52d

democrático e oligárquico. Heródoto conta que, logo após o impopular governo do sacerdote de Hefestos, os Egípcios se tornaram livres (ἐλευθέπωθεντε— *Histórias* -2.147), mas não conseguiam viver sem um rei. Desse modo, entronaram doze reis que, através da oligarquia, governaram o Egito; contudo a inveja e a disputa tomaram conta dos governantes, levando-os a injustiçarem Psamético (*Histórias* -2.151-152), que organiza uma rebelião e toma o poder. Depois disso, o faraó se torna um dos mais justos e sábios governantes.

Tradicionalmente, porém, sempre que se considera tirania na obra de Heródoto, associa-se o historiador a homens que execraram essa forma de governo¹⁶⁵. Ora, não estarão enganados os que imputam tais idéias ao autor das *Histórias*, pois, não é raro que a tirania seja citada como a mais terrível forma de governo. Tal é o caso do parágrafo cinquenta e três do sétimo livro, paradigma do posicionamento do historiador em relação à tirania. Heródoto conta que Xerxes, quando estava prestes a atacar a Hélade com imenso exército, manda chamar Demáratos - antigo rei espartano a quem o pai de Xerxes dera asilo e proteção - e lhe pergunta se os gregos ofereceriam alguma resistência ao ataque. Para surpresa de Xerxes, que estava crente de que todos os gregos fugiriam, Demáratos responde que os espartanos venceriam a batalha, pois obedeciam a um supremo comandante: a lei.

Que homens governados pela tirania jamais poderiam ser bons guerreiros, era uma concepção profundamente arraigada na cultura grega, e já

¹⁶⁵ A título de exemplo vale lembrar ainda How e Wells, *A Commentary on Herodotus vol2*, de acordo com os quais, Heródoto apresentaria um dos quadros mais negros da tirania.

havia sido mencionada por Hipócrates¹⁶⁶. Essa mesma idéia também pode ser extraída da mensagem moral das *Histórias*: os gregos, por serem comandados por um valor supremo, a lei, vencem os persas, tiranos caracterizados pela *hybris* (violência) e pela vida luxuosa e selvagem. De fato, no parágrafo citado, a lei revela-se mais poderosa do que o poder do tirano; pouco mais tarde, no parágrafo 7.233, o historiador contará que Xerxes perdeu a batalha porque seus soldados não lhe obedeceram incondicionalmente, alguns tiveram de ser compelidos por seus comandantes a tomar parte nas batalhas. Outro episódio clássico das *Histórias* sobre a malignidade da tirania é apresentado no discurso de Socles, em *Terpsícore*, quinto livro da obra:

Certamente, o céu estará abaixo da terra, no mar, acima dos astros do céu, e homens habitarão o mar e peixes estarão onde antes habitavam homens, quando vós, lacedemônios, destruindo o regime de igualdade, preparais para trazer à cidade a tirania, a coisa mais injusta e sanguinária de tudo o que existe entre os homens. Se isto - a cidade sob tiranos - vos parece um bem, estabelecei, primeiro, um tirano entre vós mesmos, antes de procurardes estabelecê-lo entre os aliados; mas, sendo vós menos experientes sobre tiranos e cuidando com máximo apuro para que ele não surja em Esparta, agis injustamente para com os aliados. Se tivésseis experiência disso como nós poderíeis trazer conselhos mais sábios sobre o assunto do que os apresentados. Com efeito, o Estado dos Corintos era assim organizado: existia uma oligarquia, cujos membros, chamados *báquidas*, governavam a cidade, dando

¹⁶⁶ Hipócrates afirmou que os gregos lutavam melhor do que os asiáticos por serem governados pela lei *Ares, Águas e Lugares*, 2.64.

as mulheres em casamento e casando-se entre si. A filha de um desses homens, Anfion, nasceu coxa; seu nome era Labda. Nenhum dos *báquidas* desejou desposá-la; aceitou-a Étion, filho de Equecrates, da cidade de Petra, mas de origem Laptra e descendente de Ceneu. Étion não conseguia com que essa mulher, assim como outras, tivesse filhos. Então, Étion foi a Delfos consultar o oráculo. Tendo ido, ao entrar, a Pítia vaticina esses versos:

Étion, ninguém te honra, sendo tu honradíssimo.

Labda está grávida, terá uma pedra rolante:

cairá sobre os governantes e trará justiça a Corinto.

(*Histórias*, 5.92). (Tradução nossa)

Mas, a despeito das reservas acerca da tirania, o historiador não a aborda de forma sistemática, tampouco apresenta argumentos irrefutáveis contra a mesma. No discurso de Socles, por exemplo, o orador discorre sobre como a tirania surgiu, ao invés de denunciar as injustiças que advêm da mesma. Além do mais, como vimos, no Livro II, o tirano não é necessariamente um mau governante. Por fim, também há *histórias* nas quais o tirano é caracterizado de forma ambígua, como é o caso do rei lídio Creso, cuja *hybris* é atenuada pela generosidade do monarca¹⁶⁷. A ausência de um posicionamento definitivo do historiador em relação à tirania deu azo a

¹⁶⁷ Essa última observação foi feita por Gregory Nagy, *Pindar's Homer, The Lyric Possession of an Epic Past*, pp. 274- 313. Nagy estudou detalhadamente a caracterização de Creso enquanto tirano e comparou esse personagem de Heródoto com os protagonistas das tragédias, pois Creso possui os pré-requisitos formulados por Aristóteles: um homem com comportamento intermediário entre a *hybris* e a *diakaiosyne*.

complexas questões, dividindo os críticos do autor.

Waters¹⁶⁸ comenta que o relato de Heródoto sobre os tiranos de Corinto foi transcrito tal como o historiador o recebeu de suas fontes, o que não permitiria imputar nenhuma responsabilidade moral ao autor. Donald Latiner¹⁶⁹, ao contrário de Waters, assume que os modelos de tirania de Heródoto requisitam do leitor uma interpretação do texto. Latiner esquematizou um quadro no qual destaca o estereótipo do mau governante na obra de Heródoto: para o tirano a lei é colocada no mesmo patamar de seus desejos (*Histórias* 5.92h 1); ele é dominado pela *hybris* (*Histórias* 5.92e 2, h1); teme pela própria vida e inveja a dos outros (*Histórias* -5.92z2); comete atrocidades (*Histórias* -3.49.2); força as mulheres a obedecer seus desejos (*Histórias* -3.28.2; 5.92h1); confunde sexo e política (*Histórias* -3.48); baseia seu governo no temor de seus súditos (*Histórias* -3.52.2; 5.92e2). John Gould¹⁷⁰ não aborda diretamente a questão da tirania apresentada nas *Histórias*; suas análises sobre tiranos de Corinto não são tão rígidas e esquemáticas quanto as apresentadas no catálogo de Latiner: Gould, assim como Waters, considera as narrativas de Heródoto fora do contexto geral da obra.

Psamético e Amásis não se inserem de modo algum no quadro esquematizado por Latiner; por outro lado, também não podemos pensar nas *histórias* desses faraós como transcrições integrais de narrativas ouvidas pelo autor; boa parte das declarações de Heródoto sobre esses faraós não são confirmadas por nenhum documento do antigo Egito, o que sugere uma adaptação livre do historiador para ilustrar suas próprias idéias. Como, então,

¹⁶⁸ K. H. Waters, *Herodotus on Tyrans and Despots : A Study in Objectivity*, pp.13-15,

¹⁶⁹ Donald Latiner, *The Historical Method of Herodotus*.

¹⁷⁰ John Gould, *Herodotus : Historians on Historians*.

poderíamos considerar as *histórias* de Amásis e Psamético?

Uma possível solução para conciliar as diferentes abordagens sobre a tirania feitas por Heródoto, seria adotar a teoria de Immerwahr . Segundo nossa opinião, é possível distinguir nas *Histórias* dois temas que tratam da tirania: um deles condena o sistema, enfatizando as mazelas que padecem os que são governados por homens desmedidos e obedientes somente a seus desejos; já o outro tema, destaca a prosperidade dos povos governados por homens ideais: tiranos, desde que sejam sábios e justos. O tema do “bom tirano” não foi identificado por Immerwahr na obra de Heródoto; contudo podemos nos pautar pelo trabalho de um de seus seguidores: Stwet Flory¹⁷¹. Flory selecionou um grupo de monarcas - Deioces, Pisístrato, Dario, Amásis e Psamético - cujas *histórias* estão ligadas por temas comuns: a ascensão de monarcas que obtiveram o poder através de sua inteligência aguçada e capacidade de reconhecer o momento certo para agir. As *histórias* desses governantes apresentam inúmeras outras semelhanças; para nossos fins, basta retermos uma: todos esses homens são tiranos, porém excelentíssimos governantes.

As narrativas dos faraós estão ligadas ao Livro III das *Histórias*. Durante o reinado de Cambises, filho de Ciro, a Pérsia passou por um período de grandes agitações políticas. Cambises, que estava no Egito recuperando-se de sua loucura, planeja tomar o poder só para si e ordena a Prexapes que assassine seu irmão Esmérdis. As ordens são cumpridas, todavia dois magos medas, encarregados da administração do palácio de Ciro, conspiram contra Cambises: um deles, valendo-se de sua semelhança com Esmérdis, assume o

¹⁷¹ Stewart Flory, *The Archaic Smile of Herodotus*.

lugar desse, e envia arautos para anunciarem que o novo rei seria Esmérdis, e não mais Cambises. Apesar de Cambises partir imediatamente para reaver seu trono, ele se fere no caminho e morre na cidade de Agbátana. Cambises, antes de morrer, revela seus crimes e ordena que o poder seja retirado das mãos dos medas. Por sete meses, a Pérsia esteve envolvida em inúmeras intrigas políticas, até que sete nobres persas, desconfiados de que o rei fosse um impostor, reúnem-se para derrubá-lo. Nesse momento, Prexapes revela tudo o que se passara; os persas se revoltam contra os magos que são assassinados e depostos. É nesse cenário conturbado e repleto de intrigas que os sete nobres persas reúnem-se para decidir qual seria a melhor forma de governo. Segue-se uma das passagens mais problemáticas da obra de Heródoto, na qual se discute três sistemas de governo. Vejamos o primeiro, a democracia :

Quando serenou o tumulto, passados cinco dias, os que se haviam rebelado contra os magos deliberavam sobre os afazeres do Estado; foram proferidos discursos inverossímeis para alguns dos gregos, assim diziam. Otanes ordenava que o governo fosse entregue ao povo persa, dizendo assim: “Parece-me que jamais nenhum de nós deve se tornar um monarca, pois isto não é agradável, nem bom. Com efeito, vistas a que ponto chegou a violência de Cambises e suportastes a insolência dos magos. Como a monarquia poderia ser uma coisa bem ordenada, se nela é lícito fazer o que se quer, sem prestar contas? Pois mesmo o melhor de todos os homens, uma vez alçado ao poder, deixa de lado seu modo habitual de pensar. Dos bens presentes nasce a violência e, desde a origem, cresce a inveja no homem. Tendo

essas duas causas, tens todo o mal, pois, tomados pela violência, cometem inúmeros feitos ignóbeis, alguns por arrogância, outros por inveja. Possuindo todos os bens, o tirano não deveria ter inveja de outros homens. Todavia, diante de seus concidadãos, procede de modo diferente: inveja o existir e o viver dos homens de bem, se compraz com os piores cidadãos, e está sempre pronto a acolher as calúnias. O tirano é o mais inconstante de todos os homens: se alguém o admira com moderação, irrita-se por não ser adulado; se é adulado, irrita-se por ter um bajulador. Mas, direi o que é o mais terrível: subverte os costume ancestrais, rapta mulheres, mata sem julgamento. O governo do povo possui, antes de tudo, o nome mais belo de todos, *isonomia*, em segundo lugar, não faz nada do que faz o monarca. Exerce o poder por sorteio e o poder é submetido ao controle e todas as decisões são levadas à assembléia pública. Proponho, pois, que abandonemos a monarquia e coloquemos o povo no poder, pois todo o poder está na maioria. (*Histórias*, 3.80)
(Tradução nossa)

O discurso de Otanes em prol da democracia¹⁷² é breve e vago; ele afirma que a democracia é a mais justa de todas as coisas sem, no entanto, apresentar nenhum argumento específico em favor da mesma; Otanes apenas se concentra nos perigos do governo de um só homem. Os tiranos de que lança mão para ilustrar o perfil do mau governante, Cambises e o falso Esmérdis, não são bons exemplos: algumas das atrocidades cometidas por Cambises podem ser

¹⁷² A democracia é o primeiro sistema de governo a ser exposto porque os discursos de Megabaso e Dario, que o seguem, discorrem desfavoravelmente em relação a esse tipo de governo.

imputadas à loucura que o acometeu; já Esmérdis não pode ser realmente considerado um governante, pois era um impostor. O argumento mais importante apresentado por Otanes está no final de seu discurso, quando afirma que o tirano desrespeita os costumes ancestrais. Mas, logo a seguir, no discurso de Dario, a tirania será elogiada exatamente por ser a forma tradicional do governo persa. Otanes, portanto, profere um discurso contraditório, pois a adoção da democracia implicaria no rompimento de uma antiquíssima tradição persa. O próximo discurso é o de Megabizo, que concorda com Otanes sobre a tirania, mas defende a oligarquia:

Otanes expôs esse parecer; Megabizo, por outro lado, exortava a voltar-se para a oligarquia, assim dizendo: “o que Otanes falou para por fim à tirania, também é dito por mim, mas quando aconselhou que o poder fosse conferido ao povo, falhou no melhor juízo. Nada é mais tolo e violento do que a multidão inútil. Que os homens fujam da violência de um tirano para cair na violência do povo desenfreado é algo absolutamente intolerável. Com efeito, o que o tirano faz, faz sabendo; o povo nem isso sabe: e como poderia saber algo quem não foi educado, nem conhece por si nada do belo e se precipita, lançando-se aos fatos sem pensar, como um rio caudaloso? Os que se servem do povo, esses desejam o mal à Pérsia; nós escolheremos os melhores homens, a eles conferiremos o poder; nós mesmos estaremos entre eles: é provável que dos melhores homens emanem as melhores decisões. (*Histórias*, 3,81). (*Tradução nossa*)

Megabizo, assim como Otanes, não apresenta nenhum argumento

consistente em favor da oligarquia. Seu discurso se concentra na denúncia dos vícios do sistema democrático, que degenera em caos e no desgoverno dos cidadãos. As críticas de Megabizo feitas à democracia confirmam-se no caso da história persa. Megabizo encerra seu discurso elogiando dogmaticamente a oligarquia que, a seu ver, é o melhor sistema de governo por ser composta pelos melhores homens. Finalmente, é apresentado o discurso de Dario, no qual a tirania é colocada como a melhor forma de governo:

Megabizo pronunciou esse juízo. Em terceiro lugar, Dario apresentou o seu: “a mim parece ser correto o que Megabizo disse acerca da multidão. Com efeito, os três regimes apresentados, em teoria, são todos perfeitos: a democracia é excelente e também a oligarquia, mas digo que a monarquia, em muito, é superior. Nada pareceria melhor do que um homem só, que seja ótimo, valendo-se de seu próprio alvitre, governasse o povo irrepreensivelmente, também melhor seriam mantidas em segredo as decisões contra os inimigos. Na oligarquia, os muitos que empenham sua excelência na administração costumam ganhar graves inimizades pessoais, pois cada um, desejando ser líder e fazer prevalecer sua opinião, gera violentas hostilidades entre si, das quais surgem facções e dessas a carnificina, e da carnificina se passa à monarquia, demonstrando o quanto esse regime é melhor. Novamente, quando o poder está com o povo é impossível não haver malignidade; e, sobrevivendo a essa, surge entre os maus não a inimizade, mas sólida amizade, pois aqueles que prejudicam os interesses comuns, o fazem conspirando entre si. Isso perdura até que alguém do povo, colocando-se à frente

dos outros, o faz cessar. Desse modo, ele passa a ser idolatrado pelo povo, sendo admirado, é proclamado monarca; nesse caso, também ele demonstra que a monarquia é mais poderosa. Para concluir tudo em uma só palavra, donde vem e quem dá nossa liberdade? Do povo, da oligarquia ou da monarquia? A meu ver, nós, tendo obtido a liberdade por obra de um só homem, devemos manter em vigor a mesma forma de governo; além do mais, não devemos abandonar as leis de nossos pais, pois não seria o melhor .
(*Histórias* - 3.82). (*Tradução nossa*)

Embora o discurso de Dario seja mais breve que os anteriores, é mais hábil na defesa da monarquia, pois, ao invés de examinar detalhadamente os defeitos dos outros sistemas, procura destacar os benefícios provenientes da tirania. Ao expor os problemas da oligarquia, Dario procura argumentar como a tirania poderia resolvê-los. O mesmo é feito em relação à democracia: quando esse sistema se degenera em anarquia, somente a disciplina pode restabelecer a ordem, (como mostra a história de Psamético). Dario, então, vence o debate por apresentar argumentos convincentes.

Assim, Heródoto expõe sua teoria sobre as vantagens do governo de um só homem, que, em nossa opinião, encontra uma de suas melhores ilustrações em Amásis e Psamético. Heródoto foi antes de tudo um perito observador que tentou entender seu mundo escrevendo sobre ele; assim, embora sentisse profunda simpatia e admiração pela democracia ateniense, não pôde deixar de observar os perigos e as degenerações que decorrem desse sistema. Por outro lado, não lhe passou despercebido a prosperidade que atingiu Atenas durante o governo do tirano Pisistrato; por isso, discorreu sobre

as vantagens do governo de homens sábios, ainda que esses sejam apenas personagens ideais.

4.4 Heródoto e a idealização dos faraós

Psamético e Amásis não são personagens ideais apenas por se destacarem como tiranos cujo governo é irreprochável, a sabedoria também está entre suas qualidades. Psamético tem postura intelectual semelhante a dos primeiros físicos jônios que indagaram sobre a origem da linguagem e as fontes do Nilo. Heródoto inicia o relato etnográfico e geográfico com a história da primeira investigação realizada por esse faraó que, utilizando um “experimento lingüístico”, tenta descobrir qual seria o povo mais antigo de todos:

Os egípcios, antes do reino de Psamético, consideravam-se os mais antigos de todos os homens. Tão logo Psamético tornou-se rei, desejou saber qual era o povo mais antigo; desde então os Egípcios consideravam os frígios mais antigos do que eles, e eles mesmos mais antigos do que todos os demais. E como Psamético, embora se informasse, não era capaz de descobrir nenhum meio para saber quem era o mais antigo dos povos, imaginou o seguinte: deu a um pastor duas crianças recém-nascidas, filhas de pais escolhidos ao acaso, para que ele as criasse como quisesse junto aos rebanhos, ordenando-lhe que ninguém proferisse palavra alguma diante delas, que permanecessem sozinhas numa cabana isolada, e que, na hora prevista, conduzisse as cabras até elas; uma vez saciadas de leite, ele deveria executar as demais tarefas. E isto foi o que

fez e ordenou Psamético, pois desejava ouvir qual a primeira palavra que as crianças pronunciarão, após deixar a idade dos balbucios ininteligíveis. Assim, ocorreram as coisas. Com efeito, passaram-se dois anos com o pastor se ocupando disto, quando indo à porta e entrando, as duas crianças atiraram-se aos seus pés, e disseram “*becos*” com as mãos estendidas. Ao ouvir isto pela primeira vez, o pastor ficou em silêncio, mas, como freqüentemente ia e vinha e cuidava das crianças, surgiu amiúde essa palavra, logo notificou o rei, e, por ordem deste, conduziu as crianças diante de seus olhos. Psamético investigou quem dentre os homens nomeavam alguma coisa de *becos*; e, investigando, descobriu que os frígios assim denominavam o pão. Desse modo os egípcios, avaliando também um fato de tal tipo, aceitaram que os frígios eram mais antigos do que eles. Que isso aconteceu, ouvi dos sacerdotes de Hefestos em Mênfis, mas os gregos contam, dentre muitas coisas frívolas, que Psamético, tendo arrancado a língua de certas mulheres, fez estas crianças viverem junto delas. (*Histórias*, 2.2).

Através de refinado pensamento, Psamético recorre a artifícios lógicos, criando um silogismo para explicar e justificar suas teorias, sua intenção é descobrir o termo faltante da premissa menor:

- a) o povo mais antigo fala a língua mais antiga.
- b) x é o povo mais antigo
- c) portanto, os falantes e x são o povo mais antigo.

Embora Heródoto não mencione Hipócrates, pode-se notar que um dos fundamentos desse “experimento” está na teoria sobre o determinismo do

desenvolvimento, segunda a qual o homem é marcado pelas características do ambiente que o cerca:

Essas são as principais alterações das características físicas, a seguir há o lugar, em que alguém é criado, e a água. Pois descobrirás, ligados à natureza do lugar, os modos e os aspectos dos homens. (Hipócrates, *Ares, Águas e Lugares* XXIV.40). (Tradução nossa)

Baseado na teoria hipocrática, Psamético tenta reproduzir o ambiente no qual viveu o primeiro homem, que não conhecia a linguagem. O experimento é cuidadosamente controlado: são escolhidas duas crianças, ao invés de uma só, para que uma instigue na outra o ímpeto da comunicação; as crianças são escolhidas ao acaso e antes de terem sofrido qualquer influência do meio (*νεογενά*); as condições de exame são isentas de interferência: a cabana é isolada da civilização (*ἐν στεγῇ δὲ ἐρήμῃ*). Embora o raciocínio de Psamético seja impressionante, sua experiência não é considerada com seriedade pelo historiador que, desde o começo da narrativa, fornece indícios dos juízos equivocados do faraó.

Em primeiro lugar, o fato de Psamético efetuar certos procedimentos empíricos demonstra que não compreendeu bem os preceitos da medicina hipocrática, que nada tinha de experimental. O procedimento empírico de Psamético também possui falhas, pois não considera um de fator: a presença das cabras. De fato, já se sabia, na Antigüidade¹⁷³, que a primeira palavra pronunciada pelas crianças – *becos* - era uma onomatopéia do berro das cabras.

¹⁷³ Escólios de Apolônio de Rodes, IV.262; Aristófanes, *As Nuvens*, 398)

A linguagem, portanto, não poderia ser inata, mas sim aprendida pelo costume; conclui-se daí que Psamético também se enganou quanto aos frígios serem os mais antigos dos homens. Além disso, Heródoto afirma, ao longo de praticamente todo seu relato, que os egípcios eram os mais antigos dos povos e, em outro trecho das *Histórias* (7.73), conta que os frígios, além de serem um povo de formação recente, não tinham brilhantismo algum.

Ainda que o faraó tenha incorrido em erros e feito suposições incorretas, pode-se distinguir a oposição entre νόμος e φύσις, cujo debate esteve presente nas mais importantes discussões do século V a.C.. O faraó, ao ordenar que nenhuma palavra fosse proferida na frente das crianças, elimina a possibilidade de que a linguagem pudesse ser aprendida através das imitações dos hábitos (νόμος). Psamético, portanto, supõe que a linguagem deveria ser inata: não tendo a quem imitar, as crianças seriam forçadas a se valer da língua original ou natural (φύσις); conseqüentemente, os homens que falassem a língua mais antiga de todas seriam os primeiros a terem surgido¹⁷⁴.

Outra experiência, realizada por Psamético, é mencionada no parágrafo vinte e oito; desta vez o faraó investigará as fontes do Nilo. Nesse experimento não estão implicadas tantas teorias como na experiência com as duas crianças, porém seus resultados marcaram a imaginação das gerações posteriores¹⁷⁵. Passemos ao experimento de Psamético:

Sobre as nascentes do Nilo, nenhum dos Egípcios, dos Líbios,

¹⁷⁴ Segundo Allan B. Lloyd, *Herodotus Book II* vol. I, pp. 1-14, embora não se possa determinar com exatidão quando os assuntos mencionados começaram a ser abordados, sabe-se que Anaximandro - e provavelmente Hecateu - se interessou pela antigüidade dos povos; a questão também aparece em Aristóteles.

¹⁷⁵ Tácito, *Ann.* 2.61

dos Gregos, que vieram até mim para conversar, mostrou saber algo, exceto o escriba dos tesouros sagrados de Atena, na cidade de egípcia de Sais. Mas, ele me pareceu brincar, afirmando conhecer o assunto com exatidão. Dizia assim: há duas montanhas que culminam em cumes agudos, postadas entre a cidade de Siene, em Tebas, e Elefantina, e que estas montanhas são chamadas Crofi e Mofi. Disse que as nascentes do Nilo, sendo abissais, correm no meio dessas montanhas, e que metade da água corre para o Egito, em direção ao vento Bóreas, e a outra metade, para a Etiópia e para o Noto. Também disse que Psamético, rei do Egito, fez a experiência de que eram abissais as nascentes: entrelaçando um cabo de muitos milhares de orgias, lançou-o ali e não alcançou o fundo. Esse escriba, se falou a verdade, demonstrou, segundo penso, que há ali dois vórtices impetuosos e o fluxo e refluxo das águas, de modo que a sonda lançada não consegue atingir o fundo. (*Histórias* - 2.28).

O faraó elabora um mecanismo para verificar uma teoria essencialmente grega: a de que as fontes do Nilo eram abissais. Contudo, mais uma vez, a experiência de Psamético não é bem fundamentada, pois ele desconsidera os vórtices do rio, que não permitem que o cabo chegue ao fundo.

Ainda que as experiências de Psamético tenham problemas teóricos, o historiador não as menciona com o intuito de satirizar o faraó. O conhecimento do faraó de preceitos da ciência jônica faz parte de uma das características literárias mais marcantes de *logos egípcio*: a idealização do Egito e de seu povo. Sabe-se que os egípcios pouco se interessavam por outras

culturas, pois tinham aversão a tudo o que fosse estrangeiro¹⁷⁶.

Outro governante egípcio, idealizado por Heródoto, é Amásis. Esse faraó não mostra interesse algum pela ciência, mas é um dos personagens mais cativantes do *logos egípcio*. O mais sábio dos faraós, embora tenha levado uma vida desregrada antes de se tornar rei, fez do Egito um país próspero; sob seu reinado a justiça era imperativo máximo: até mesmo os sacerdotes, que fizeram vistas grossas aos crimes que cometera no passado, foram condenados (*Histórias* - 2.174).

Amásis nos surpreende desde o início de seu reinado: logo após derrotar o prepotente Ápries, num gesto de piedade, dá cuidados a seu inimigo. Mesmo pressionado pelo povo para executá-lo, Amásis se recusa a cometer um ato criminoso e deixa Ápries à mercê da plebe, que o enforca¹⁷⁷ (*Histórias* - 2.169). A justiça (*dike*) é guia de todos os seus atos, ele só entrega o inimigo porque o povo não achava justo (*dike*) mantê-lo vivo. A preocupação de Amásis com a justiça não se restringe a seus atos; o monarca também criou leis¹⁷⁸ tão perfeitas que até mesmo Sólon as introduziu em Atenas:

No reino de Amásis, dizem, o Egito gozou de grandíssima prosperidade, seja pelas vantagens que o rio dava ao país, seja

¹⁷⁶ Tácito, *Histórias* IV83, escreve que, ainda em sua época, os sacerdotes ignoravam totalmente a cultura de outros povos.

¹⁷⁷ De acordo com Allan Lloyd, Herodotus Book II, vol. 2, pp. 169, esta narrativa de Heródoto não é confirmada em nenhum documento egípcio. Lloyd sugere que Heródoto pode ter criado essa história, baseando-se na propaganda favorável a Amásis.

¹⁷⁸ Heródoto não faz tais afirmações por desconhecer a cultura grega e, em alguns casos, a egípcia. Em sua idealização do Egito, o historiador imaginou que boa parte dos costumes e instituições gregas tivessem se originado nesse país africano. Até mesmo as regras dos jogos olímpicos teriam adquirido seu formato entre os egípcios, que ensinaram aos eleus como proceder do modo mais justo em tais ocasiões (*Histórias*-2.160).

pelos produtos que a terra dava aos homens; havia no país um total de vinte mil cidades habitadas. E foi Amásis que impôs aos Egípcios a seguinte lei: todos os anos, cada um dos Egípcios deveria mostrar ao governador da província de onde tirava seus proventos. Quem não fizesse isso, ou não apresentasse um meio de vida honesto, era punido com a morte. Sólon, o ateniense, tomou dos Egípcios essa lei e a impôs aos atenienses, que sempre a observaram, por ser uma lei perfeita. (*Histórias*, 2 -177).

Embora a lei elaborada por Amásis seja consoante com o espírito do pensamento de Sólon, sabemos que o filósofo jamais poderia tê-la aprendido dos egípcios, pois Amásis se tornou rei cerca de vinte anos após a legislação de Sólon. Além do mais, de acordo com Plutarco (*Sol.* 17), Sólon atenuou a severidade das leis de Draco, que puniam com a morte certos crimes.

Amásis tem posturas e indagações que poderiam ser imputadas a um “filósofo”; sua sabedoria se contrapõe, nitidamente, à tolice do povo. Ao fabricar a estátua de um deus a partir de uma bacia, Amásis, através de uma brincadeira, coloca em xeque os julgamentos do senso comum. Enquanto as massas se deixam levar pelas aparências, o faraó distingue a verdade subjacente às coisas:

Depois da queda de Áprius, Amásis reinou; ele era do nomo saítico, da cidade cujo nome é Siuf. Nos primeiros tempos, os Egípcios desprezaram Amásis e não o tinham em grande conta, por sua origem popular e por não pertencer a família ilustre. Mais tarde, porém, com sabedoria e não sem tato Amásis os conquistou. Dentre os inúmeros objetos preciosos

que possuía, havia uma bacia de ouro, na qual o próprio Amásis e todos os seus convidados, em muitas ocasiões, lavavam os pés. Então, destruindo-a em pedaços, fez a estátua de um deus e erigiu-a no lugar mais apropriado da cidade. Os Egípcios, indo com frequência diante da estátua, veneravam-na enormemente. Amásis, alertado quanto a esse procedimento do povo, convocou os Egípcios e lhes revelou que a estátua, agora adorada intensamente, fôra feita da bacia na qual, antes, os Egípcios vomitavam, urinavam e lavavam os pés. Discursando, disse que ele se encontrava em condições semelhantes à da bacia: se havia antes sido um homem do povo, agora era seu soberano; e os convidava a honra-lo e venerá-lo. Dessa maneira conquistou os Egípcios, de modo a submetê-los a seu mando. (*Histórias* - 2.172).

Amásis, em suas especulações sobre a vida, também encontrou o equilíbrio no meio termo; seus ensinamentos tornar-se-iam proverbiais: *Nem sempre Apolo tende seu arco* (Neque semper arcum tendit Apollo), diz Horácio (*Odes* 2.10.19) em uma de suas odes. Conta Heródoto que o rei, após realizar suas tarefas, descontraía-se bebendo e folgando com os amigos. Tal atitude não era bem vista por seus conselheiros, que não encontravam nobreza em tais procedimentos. Ao ser interpelado, Amásis revela sua inteligência ao dividir parcimoniosamente seu tempo:

“Os que possuem o arco, quando devem utilizá-lo, vergam-no; depois que o utilizaram, distendem-no. Se os arcos estivessem sempre vergados, partir-se-iam e não poderiam ser utilizados quando necessários. Assim também é a condição

dos homens: se desejassem sempre se dedicar a assuntos sérios, nunca tomando parte nas diversões, tornar-se-iam loucos ou brutos. Eu sei atribuir a cada coisa o que lhe cabe”.
(*Histórias*, 2.173).

A sabedoria de Amásis também se manifesta de outras formas, ele é o único monarca das *Histórias* que pode ser considerado o “sábio conselheiro” por excelência. O conselho que deu a Polícrates sobre os perigos advindos da ambição guarda a mesma percepção trágica da vida contida nas palavras de Creso (*Histórias* - 1.33), quando esse se encontrava na pira em chamas. Diferentemente de Creso, Amásis não teve que sofrer ou perder o trono para compreender a transitoriedade e efemeridade das coisas:

Como Polícrates prosperasse muito, não foi ignorado por Amásis, ao contrário, isso o inquietava. Como a prosperidade daquele aumentasse mais e mais, Amásis, tendo escrito esse papiro, enviou-o a Samos. Assim dizia Amásis a Polícrates : “é agradável saber que um homem, amigo e hospitaleiro, é venturoso; mas, tuas grandes fortunas não me aprazem, pois sei que os deuses são invejosos. Assim desejo que eu mesmo e aqueles a quem prezo tenham boa fortuna em algumas coisas, em outras, dificuldade, e assim transcorra a vida com sorte alternada, mais do que ter fortuna em tudo. Com efeito, não ouvi falar de ninguém que, tendo completa fortuna, não tenha acabado mal até a raiz. Tu, agora, por mim convencido, age assim em prol de tua felicidade: depois de refletir, joga fora aquilo que é para ti de maior valor e cuja perda mais afligirá o animo, de modo que, não mais apareça entre os

homens; se, então, depois disso, a tua felicidade não se alternar com a desventura, ajas novamente do modo por mim proposto. (*Histórias*, 3.40). (*Tradução nossa*)

Outro faraó que se destaca no *logos egípcio* é Sesóstris. Heródoto inicia com esse monarca uma tradição que cativou a imaginação de escritores posteriores a ele. Embora não tenha a sabedoria de Amásis e Psamético, Sesóstris é idealizado como um dos maiores conquistadores do mundo Antigo, realizando conquistas que jamais poderiam ter sido feitas por qualquer um dos faraós egípcios. Heródoto cria um personagem capaz de sobrepujar os feitos de um dos conquistadores mais odiosos aos olhos gregos: o persa Dario.

Diodoro (*I* 53 ss.) viu em Sesóstris um homem capaz de rivalizar com Alexandre o Grande: dando continuidade à idealização feita por Heródoto sobre os feitos do faraó, ele fará Sesóstris atravessar o Ganges e chegar até o oceano. Ainda inspirado pelo Sesóstris de Heródoto, há a história de Estrabão (*XVI* 4, 4 CC 769) que também narrou sobre as conquistas do egípcio.

As histórias de Amásis, Psamético e Sesóstris permitiram a Heródoto expor exemplos de sabedoria e caráter irrepreensível. A esses homens o historiador incorporou os mais altos ideais da Grécia clássica, assim, completou seu quadro no qual o Egito é idealizado: nas distantes terras africanas, o clima e a geografia propícios fazem nascer os homens mais puros; lá a terra não consome grandes esforços do homem para ser cultivada, nem os egípcios necessitam da chuva de Zeus e, além disso, seus sábios governantes reinam com justiça.

Parte II

Tradução e Notas do Livro II das *Histórias*

1. Quando Ciro morreu, Cambises subiu ao trono, filho de Ciro e Cassandana, filha de Farnaspe¹. Morta precocemente, o próprio Ciro organizou as cerimônias fúnebres e ordenou a todos os outros sobre os quais reinava, que fizessem o mesmo. Sendo filho dessa mulher e de Ciro, Cambises considerou os Jônios e os Eólios escravos de seu pai e fez campanha contra o Egito², levando consigo os demais que obedeciam ao seu comando, entre os quais os Gregos, que dominava³.

¹A descrição da genealogia de Ciro é mais um indício de que a função desempenhada pela narrativa de Heródoto não corresponde totalmente à função da epopéia de Homero. Na épica de Homero, as genealogias inserem histórias legendárias que contam o passado mítico de seus personagens, cujos nomes os ouvintes poderiam identificar como um possível ancestral. As informações genealógicas de Heródoto acrescentam detalhes importantes para a compreensão do quadro histórico e se integram a alguma questão relevante para a narrativa. Aqui, Heródoto destaca que Cambises era filho de Ciro e Cassandana- membro da própria família de Ciro - para desmentir uma história tradicional egípcia (*Histórias* 3.2), segundo a qual Cambises seria filho de Ciro e de uma princesa egípcia.

²O contexto histórico da invasão do Egito é mencionado em diversas passagens das *Histórias* e indica a posição que esse país ocupou no quadro das Guerras Pérsicas. Cambises atacou e dominou o Egito logo após a morte de Amásis, cuja política exterior, voltada para a defesa do Egito, teve pouco sucesso. Entre os anos 555-536 a.C., Amásis estabeleceu alianças com o rei lídio Creso (*Histórias* - 3.1) e com os governantes da Babilônia, e de Esparta (*Histórias* - 1.77). O poderio de Ciro, contudo, era avassalador: em 546 a.C., a Lídia foi capturada; logo depois, seria a vez da Babilônia, que caiu em 538 a.C.. Desfez-se a aliança, e o Egito viu-se isolado e na iminência de sofrer um ataque fulminante. Amásis, então, procurou obter aliados entre os gregos: em 530 a.C., fez alianças com Polícrates (*Histórias* - 3.39) e Cirene (*Histórias* - 2.181), além disso, enviou inúmeros presentes aos gregos (*Histórias* 2.180; 2.182; 3.47), que ainda podiam ser admirados no tempo de Heródoto.

³A breve explanação da genealogia dos reis persas liga o final do Livro I (1.141-176) ao começo deste livro, inserindo o Livro II no conjunto da obra (ver capítulo I). Daqui por diante, Heródoto narrará os costumes e histórias de uma das maiores nações conquistadas pelo rei persa Ciro: o Egito.

2. Os Egípcios, antes do reino de Psamético⁴, consideravam-se os mais antigos de todos os homens. Tão logo Psamético tornou-se rei, desejou saber qual era o povo mais antigo; desde então os Egípcios consideravam os Frígios mais antigos do que eles, e eles mesmos mais antigos do que todos os demais. Como Psamético, embora se informasse, não era capaz de descobrir nenhum meio para saber quem era o mais antigo dos povos, imaginou o seguinte: deu a um pastor duas crianças recém-nascidas, filhas de pais escolhidos ao acaso, para que ele as criasse como quisesse junto aos rebanhos, ordenando-lhe que ninguém proferisse palavra alguma diante delas, que permanecessem sozinhas numa cabana isolada e, na hora prevista, conduzisse as cabras até elas; uma vez saciadas de leite, ele deveria executar as demais tarefas. E isso foi o que fez e ordenou Psamético, pois desejava ouvir qual a primeira palavra que as crianças pronunciariam, após deixar a idade dos balbucios ininteligíveis. Assim, ocorreram as coisas. Com efeito, passaram-se dois anos com o pastor se ocupando disso, quando, indo à porta e entrando, as duas crianças atiraram-se aos seus pés e disseram “*becos*” com as mãos estendidas. Ao ouvir isso pela primeira vez, o pastor ficou em silêncio, mas, como freqüentemente ia e vinha e cuidava das crianças e surgia amiúde essa palavra, logo notificou o rei, e, por ordem desse, conduziu as crianças diante de seus olhos. Psamético investigou quem dentre os homens nomeava alguma coisa de *becos*; investigando, descobriu que os Frígios assim denominavam o pão. Desse modo os Egípcios, avaliando também um fato de tal tipo, aceitaram que os Frígios eram mais antigos do que eles. Que isso aconteceu, ouvi dos sacerdotes de Hefestos em Mênfis, mas os Gregos contam, dentre muitas

⁴ Toda vez que o historiador citar o nome Psamético, estará se referindo ao faraó Psamético I, pertencente a XXVI dinastia (664-610 a.C.). Também existiram outros dois faraós chamados Psamético: Psamético I (594-588 a.C.) e Psamético II. (526-525 a.C.), aos quais Heródoto chama, respectivamente, de Psâmis (*Histórias* - 2.159-161) e Psâminito (*Histórias* - 3.14-15).

coisas frívolas, que Psamético, tendo arrancado a língua de certas mulheres, fez essas crianças viverem junto delas.

3. Acerca da criação das crianças, contam coisas dessa dimensão, mas também ouvi outras histórias em Mênfis, quando travei conversa com os sacerdotes de Hefestos; além disso, dirigi-me a Tebas e também a Heliópolis com esse intuito, desejando saber se estavam de acordo com o que se contava em Mênfis, pois os Heliopolitas, dizem, são os mais sábios entre os Egípcios. Quanto aos relatos que ouvi sobre as coisas divinas⁵, não tenciono por ora expor os detalhes, a não ser os nomes dos deuses⁶, considerando que todos os homens sabem o equivalente a respeito das coisas divinas⁷; o que eu recordar de tais assuntos, farei forçado pela narrativa.

4. Quanto à extensão dos feitos humanos, eram unânimes em dizer que os Egípcios foram os primeiros, dentre todos os homens, a descobrir o ano, tendo-o dividido em doze partes segundo o ciclo das

⁵ As coisas divinas (τά θεία): a acepção que essa palavra assume na obra de Heródoto está relacionada a conceitos teológicos e metafísicos que o historiador retoma dos filósofos pré-socráticos, sobretudo, Empédocles e Pitágoras. Τά θεία não compreende todas as coisas divinas, mas somente genealogias e mitos. Heródoto irá considerar apenas o que pode ser objeto de conhecimento através de investigação (ἱστορίη) e que, de alguma forma, possa ser examinado à luz da ὄψις, ἀκρόη e γνώμη.

⁶ Para Heródoto, os nomes dos deuses não podiam ser conhecidos, tudo o que se podia saber eram suas designações convencionais.

⁷ ἔξω ἢ τὰ οὐνόματα αὐτῶν μούνου / ἴσον περὶ αὐτῶν ἐπίστασθαι. Nessa passagem, fica difícil saber a que exatamente o último αὐτῶν se refere; os comentadores de Heródoto apresentam diferentes soluções e explicações para dar conta do problema. Em nossa tradução, acolhemos a sugestão proposta por W. W. How and J. Wells, (*A Commentary on Herodotus, vol. I*, pp. 157), e traduzimos αὐτῶν por “coisas divinas”. Acreditamos que tal opção tenha a vantagem de preservar uma das idéias centrais de Heródoto no que concerne às considerações sobre o divino: todos os homens têm igual conhecimento em tais assuntos. Ora, uma vez que o conhecimento é “igual”, Heródoto poderá construir um sistema de equivalência no qual os deuses egípcios corresponderam aos deuses gregos.

estações, e diziam que isso eles descobriram a partir dos astros. Ao que me parece, nisso procedem de maneira mais sábia que os Gregos, que inserem no terceiro ano um mês intercalado por causa das estações, enquanto os Egípcios computam trinta dias para cada mês e acrescentam cinco dias para cada ano, assim o ciclo no curso das estações apresenta-se na mesma posição⁸. Diziam que os Egípcios foram os primeiros a dar nome aos doze deuses, incorporados pelos Gregos, e que também foram os primeiros a

⁸ Heródoto expõe uma dificuldade recorrente à grande maioria dos povos antigos: conciliar o calendário lunar (354 dias) com o calendário solar (365 dias), ajustando o mês civil às mudanças da lua, fazendo com que os 29 nove dias do mês lunar se encaixassem no ano solar. A superioridade egípcia na realização de tal feito era conhecida tanto pelos gregos quanto pelos romanos; Dio Cássio (XLIII 26), por exemplo, afirmou que Júlio César elaborou seu calendário influenciado pelos egípcios. Neste pequeno trecho, concentram-se diversas informações, o que indica que o público para o qual a obra de Heródoto se dirigia possuía o mínimo de erudição científica. Dada a dificuldade da passagem, façamos uma análise mais detalhada. A primeira unidade temporal reconhecida pelo homem foi o dia. Depois disso, descobriu-se o mês lunar, aproximadamente 29 dias, que é período necessário para que a lua passe por todas as suas fases; essa forma de computar o mês aparece em Homero (*Hino a Hermes* 11). Finamente, o tempo foi computado de acordo com o ciclo das estações; o ano era o período necessário para que se realizasse um ciclo completo das estações; tal é a medida utilizada por Homero (*Odisséia XI 294*) e Hesíodo (*Teogonia, 58*). Num país como o Egito, onde as estações climáticas não são bem definidas, o ciclo das estações era medido de acordo com as cheias do Nilo. Todavia, esse modo de calcular o tempo não era exato; assim buscou-se um meio mais eficiente para fazê-lo. Observou-se que as mudanças das estações podiam ser relacionadas a uma igual mudança na posição das estrelas no céu; desse modo cada estação passou a ser associada a uma determinada estrela. Surgiu, então, o ano estelar que, para fins práticos, é equivalente ao ano solar. Mesmo após a descoberta desse último sistema, os demais calendários não foram abandonados, sobretudo por causa dos festivais religiosos, organizados de acordo com o ciclo das estações ou das fases da lua. Por isso, procurou-se adaptar o calendário lunar ao calendário solar : os gregos alternavam meses de 30 e 29 dias ($6 \times 30 + 6 \times 29 = 354$ dias) e inseriam um mês a cada três anos para manter o cômputo do período solar. Esse sistema, segundo Plutarco elaborado por Sólon (*Plutarco, Sol. 25*), vigorava na época de Heródoto. Já os egípcios foram os primeiros a dividir o ano em 12 meses de trinta dias e, no final de cada ano, somavam 5 dias para obterem novamente os 365 dias. O ano egípcio começava no dia 19 de julho, exatamente quando a estrela Sírio voltava a se tornar visível na latitude de Mênfis, quando ocorria a cheia do Nilo. A vantagem desse sistema, como o próprio Heródoto afirma, é preservar o ciclo das estações, além de o ano possuir sempre a mesma medida. Contudo, um calendário realmente eficiente só foi inventado séculos mais tarde, quando se adotou o calendário Gregórico, que excluía o mês lunar e o ano solar. (William A. Heidel, *Hecateus And The Egyptian Priests*

erguer altares aos deuses, estátuas e templos, além de esculpir figuras nas pedras⁹. Demonstravam com fatos que era assim a maioria das coisas, e contavam também que o primeiro homem a governar o Egito fora Meno. Naquele tempo, todo o Egito, salvo a província de Tebas, era um pântano e, desse lado, emergiam terras que hoje estão ao norte do lago Méroe, até o qual a navegação a partir do mar, subindo o rio, daria sete dias.

5. Eles me pareciam falar com justeza acerca do lugar. Com efeito, é claro também a quem não tenha ouvido antes, mas visto¹⁰, alguém que tenha ao menos bom senso, que a região do Egito, para o qual os Gregos navegavam, é para os Egípcios uma terra adquirida¹¹ e um presente do rio, e o território, ainda ao norte desse lago até a distância de três dias de navegação, de que eles não falaram, é outro território. Pois a natureza das

in Herodotus, Book II, pp. 60-61; W. How and J. Wells, A Commentary on Herodotus, vol I, pp. 158-159)

⁹Os relevos só apareceram na Grécia por volta do século VII a.C., quando o estímulo oriental, particularmente vindo do Egito, levou os gregos a imitarem esses povos (J. Boardman, *Greek Sculpture: The Archaic Period*, p. 95 ss.).

¹⁰A influência de Hecateu nessa passagem do texto é inegável; o historiador utiliza inclusive a expressão cunhada pelo logógrafo (*Frg. - 301*), δῶρον τοῦ ποταμοῦ (presente do Nilo), que se tornou um epíteto do Nilo. Todavia, Heródoto trata seu predecessor em tom polêmico, afirmando que a teoria do geógrafo é evidente para qualquer um que tenha bom senso. Heródoto, apesar da ressalva, não subestima o trabalho de Hecateu; o historiador apenas deseja destacar suas próprias observações: ele mesmo lança uma sonda para verificar até aonde havia terra de aluvião.

¹¹A sedimentação é um assunto que aparece com frequência nos escritos jônios. Foram eles os primeiros a comparar a topografia apresentada nas lendas com a topografia de suas terras e, ao encontrarem discrepância, presumiram que a Terra sofrera inúmeras transformações (μετάβολαι). Xantias (*Frg. H765, F13*) foi um dos primeiros a escrever sobre as alterações da Terra, que podia ser modificada por ação de vulcões e de abalos sísmicos. Outras alterações da crosta também foram levadas em conta, já que a Ásia Menor possui geografia favorável a esse tipo de observação: Xantias (*Frg. 1c*) observou que novas terras surgiam a partir da sedimentação do delta dos rios, e fenômeno análogo também poderia ser constatado na região do Mar Negro (rio Danúbio). Essa teoria não passou diretamente de Xantias a Heródoto; o historiador, aqui, bem como em outras partes do *logos*, baseia-se nos tratados de Hecateu. De fato, Hecateu (*Frg. H1F, 301*) aplica a teoria de Xantias sobre a sedimentação à região do

terras do Egito é a seguinte: primeiro, ainda chegando por mar e tendo pela frente um dia até chegar à terra, lançando uma sonda, extrairá limo e terá onze braças de profundidade. Essa é a demonstração de que até essa distância existe terra de aluvião.

6. Além disso, a extensão da orla marítima do Egito é de sessenta esquenos, se considerarmos que o Egito se estende desde o golfo Plintineto até o lago Serbônido, ao lado do qual se ergue o monte Cásio, sendo a distância entre os dois sessenta esquenos. Os homens pobres em terra medem-na por braças; os que são menos pobres por estádios; os que possuem muitas terras utilizam a parasanga; e os que possuem em abundância, o esqueno. A parasanga equivale a trinta estádios, cada esqueno, a medida egípcia, vale sessenta estádios. Essa seria a medida da costa marítima do Egito: três mil e seiscentos estádios.

7. Do mar para o interior até Heliópolis, o Egito é largo, totalmente plano, rico em água e limo. A estrada até Heliópolis, para quem vai do mar para o interior, é igual, quanto a distância, a estrada que, partindo de Atenas, do altar dos doze deuses, leva a Pisa e ao templo de Zeus Olímpio. Fazendo o cálculo, encontrar-se-ia uma pequena diferença entre as medidas dessas estradas, o que as impede de serem iguais em comprimento não é superior a quinze estádios. Com efeito, a estrada que vai até Pisa tem quinze estádios a menos que mil e quinhentos, que é exatamente a distância de Heliópolis até o mar.

8. Para quem vai de Heliópolis para o interior, o Egito é estreito. De um lado se estendem as montanhas da Arábia, que vão do mesêmbrio

ao noto¹², prosseguindo, sem cessar, até o mar dito Eritreu; nessas montanhas, estão as pedreiras de que se extraiu material para as pirâmides de Mênfis. Nesse ponto, a montanha termina e se volta para o lugar a que me referi, é ali, como me informei, que o Egito ganha sua maior amplitude: dois meses de jornada de leste para oeste, e suas regiões mais distantes estão voltadas para o oriente, produtor de incenso. E assim é essa montanha. Uma outra montanha de pedra se estende do Egito em direção à Líbia, onde estão as pirâmides recobertas de areia, dispostas da mesma maneira que as montanhas da Arábia, que levam para o sul. Assim, a partir de Heliópolis não mais existe um grande território, tratando-se do Egito; mas, quando se cumpre quatorze dias de navegação, o Egito é estreito. Entre as cadeias de montanhas mencionadas, a região é plana, e, onde ela é mais estreita, não me parece superar duzentos estádios, da montanha arábica até as montanhas chamadas líbias. A partir desse ponto, o Egito volta a ser largo¹³. Eis a natureza dessa região.

History of Ancient Geography)

¹² A investigação geográfica está intrinsecamente ligada à capacidade de se orientar no espaço. Ao longo de seu relato, Heródoto utilizará orientações astronômicas baseadas nos movimentos do sol e das estrelas. São relevantes os seguintes movimentos dos corpos celestes:

- o nascer e o pôr do sol.
- a posição do sol ao meio dia, utilizada para marcar o sul (*mesêmbrio*)
- pontos do solstício do sol, marcados pelo *gnômon* de Anaximandro (*Fgr Kr 99*).
- a posição das estrelas, que recebem o nome de “ventos”.

Em Homero, por exemplo, marcava-se quatro ventos: bóreas, euro, noto e zéfiro. Na época de Heródoto, graças às investigações de Anaximandro, já tinham se desenvolvido pontos de maior precisão astronômica. (Ver Allan B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol I*, parágrafo 8).

¹³ A teoria de que o Egito era semelhante a um eixo duplo foi concebida por Hecateu. Comparando-se o texto de Heródoto com o fragmento de Scylax - no qual a teoria de

9. De Heliópolis até Tebas são nove dias de navegação rio acima, num percurso de quatro mil oitocentos e sessenta estádios, equivalente a oitenta e um esquenos. A distância total do Egito em estádios é: a orla marítima, que já mencionei, possui três mil e seiscentos estádios, e quanto há do mar para o interior, até Tebas, esclareço: seis mil cento e vinte estádios; de Tebas até a cidade chamada Elefantina há uma distância de mil e oitocentos estádios.

10. Ora, a maior parte do território descrito, como os sacerdotes me diziam, também a mim parecia uma aquisição feita posteriormente pelos Egípcios. O território entre as duas montanhas mencionadas - que se situam ao norte de Mênfis - parecia-me ter sido outrora um golfo marítimo, como as cercanias de Ílion, Teutrânia, Éfeso e também a planície de Meandro, tanto quanto podemos comparar localidades pequenas com grandes. Com efeito, dos rios que formaram essas regiões por meio de aluviões, nenhum deles é digno de ser comparado em grandeza com uma única das bocas do Nilo, que são cinco. E também existem outros rios que

Hecateu foi preservada - observa-se que o historiador pouco modificou a teoria do geógrafo; há apenas duas alterações: a) Heródoto começa a calcular a medida do Egito a partir de Heliópolis, ao invés de Mênfis b) a distância de Heliópolis, até a parte onde o Egito deixa de ser uma faixa estreita de terra, é de quatorze dias.

Ἔστι δὲ ἡ Αἴγυπτος τοιάδε τὴν ἰδέα ὁμοία πελέκει. Ἔστι γὰρ κατὰ θαλάτταν πλατεῖα κατὰ μεσογεία στενωτέρα κατὰ δὲ Μένφιν στενωτάτη αὐτῆς, ἔπειτα δὲ εἰς μεσογαίαν ἀπο Μένφews ἰοντι πλατυτέρα, κατὰ δὲ τὸ ἀνώτερον αὐτῆς πλατυτάτη.
Scylax (*Geographici Graeci Minores*, ed. C. Muller, 1853, pp. 80).

A forma do Egito é semelhante a um machado: junto ao oceano, ela é larga; no interior, estreita; em Mênfis, é mais estreita do que esta; então, de Mênfis para o interior, adentrando por regiões mais elevadas, torna-se larguíssima. (Tradução nossa)

Essas pequenas modificações confirmam que Heródoto viajou pelo Egito para, através da ὄψις, conferir as informações de Hecateu e corrigi-las.

não possuem a grandeza do Nilo¹⁴, mas revelam consideráveis efeitos naturais; cito, entre outros, sobretudo o Aquelóo que, cruzando a Arcanânia e desaguando no mar, já transformou em continente metade das ilhas Equinades.

11. E da região da Arábia, não distante do Egito, um golfo, que do mar dito Eritreu penetra pelo interior, é longo e estreito como passo a dizer: quanto à extensão, para quem começa a navegação da parte mais interna até o mar aberto, despende quarenta dias utilizando o remo; quanto à largura, onde o golfo é mais largo, a navegação é de meio dia; ali a arrebentação e o fluxo das ondas se dá o dia todo¹⁵. Creio que também o Egito era mais ou menos um golfo como aquele - o golfo da Arábia do qual tenho falado - que penetra através da Etiópia e se estende do mar do Sul até a Síria, e, na parte mais interna, mar e rio quase se interpenetram, estando separados apenas por uma pequena faixa de terra. Assim, se o Nilo quisesse voltar seu curso para esse golfo da Arábia, o que impediria que o golfo fosse aterrado pelo fluxo desse rio no curso de vinte mil anos? Eu, de fato, creio que dez mil anos bastariam para ser aterrado. E, no tempo transcorrido antes do meu nascimento, não poderia ter sido aterrado um

¹⁴ Heródoto dedicou grande parte do relato geográfico à descrição do Nilo: suas fontes (29-34), número de bocas (17,4,6) origens (28) e cheias (1-26). Os gregos, ao longo de toda Antigüidade, sempre demonstraram interesse pelas águas; ao estudarem um país, a primeira preocupação era com sua hidrografia: Hecateu, por exemplo, ocupou boa parte de seu trabalho com a observação dos rios da Cítia. Heródoto também descreveu diversos rios; além do Nilo, podemos citar ainda o Istro, o Fásis e o Eridamo. Esse grande interesse pelas águas não se deve somente a curiosidade científica; os gregos também se preocupavam com as águas por motivos religiosos e filosóficos. Deuses-rios abundam na mitologia grega; o Aquelóo, por exemplo, foi muito adorado.

¹⁵ Os gregos começaram a se interessar pelos fluxos das marés a partir do século IV a.C., o que exigiu grande capacidade de abstração, pois o movimento das marés é invisível a olho nu (ver Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II*, vol I, parágrafo 11)

golfo ainda bem maior que esse por um rio tão importante e ativo¹⁶?

12. Assim, no que concerne ao Egito, acredito nos que sustentam essa teoria, eu mesmo penso ser exatamente assim, tendo visto que o Egito avança sobre o mar mais do que seus vizinhos¹⁷, que conchas aparecem sobre aquelas montanhas e o salitre¹⁸ deposita-se de modo a agredir também as pirâmides; além disso, a única montanha arenosa do Egito é aquela acima de Mênfis, e o Egito não se assemelha nem à região arábica, que lhe é contígua, nem à Líbia, e nem mesmo à Síria (pois a orla marítima da Arábia é habitada pelos sírios), sendo sua terra negra e friável, formada pela lama e pelo aluvião que o rio traz da Etiópia. Sabemos que as terras da Líbia são vermelhas e arenosas, assim como as da Arábia, e as terras da Síria são argilosas e pedregosas.

13. Também essa prova importante os sacerdotes me acrescentavam acerca desse lugar: durante o reinado de Méris, toda vez que o rio atingia um mínimo de oito côvados, irrigava o Egito abaixo de Mênfis. Não havia transcorrido novecentos anos da morte de Méris, quando eu ouvi essas coisas dos sacerdotes. Hoje, se o rio não atingir um mínimo

¹⁶ Heródoto desenvolve aqui a teoria proposta nos parágrafos cinco e dez. A explicação dá-se através de analogias: o Egito fora como o Mar Vermelho e, se o Nilo pudesse ser deslocado para esse mar, transformá-lo-ia em terra plana. De fato, confirma a geologia que, em tempos pré-históricos, um braço do Nilo corria no Golfo de Suez.

¹⁷ Nesse parágrafo, temos um exemplo da habilidosa capacidade de observação científica do historiador. Realmente, na boca dos rio onde existe o Delta, o rio torna-se mais lento ao encontrar o mar. Com a diminuição da velocidade, temos uma maior concentração de partículas que, não conseguindo atingir o oceano, depositam-se na própria boca do rio. Portanto, com o decorrer de eras geológicas, o continente irá se expandindo, cessando tal movimento somente quando atingir uma das correntes marítimas, que fará com que o processo pare. Tal é o caso da formação do norte do Egito que, certamente, chamou a atenção do historiador por ser um fenômeno comum a muitos rios do Mediterrâneo.

de dezesseis ou quinze côvados, não inundará a região. Parece-me que os Egípcios, que habitam ao sul do lago Méris, e sobretudo a região chamada “Delta”, se essa mesma região continuasse a se elevar proporcionalmente e a crescer igualmente, quando o Nilo não as inundasse mais, sofreriam eternamente o que eles disseram que uma vez os Gregos haveriam de passar. Ora, sabendo que todo o território dos Gregos é banhado pela chuva, e não por um rio como o deles, disseram que os Gregos, iludidos um dia em suas grandes esperanças, sofreram terrivelmente a fome. Essas palavras querem dizer que, se o deus não lhes quisesse mandar chuva, mas lhes impuser aflição com a seca, os Gregos seriam aniquilados pela fome; pois não existe nenhuma outra fonte de água a não ser aquela que provém de Zeus. Essas coisas os Egípcios dizem corretamente aos Gregos.

14. Agora passo a dizer como estão as coisas para os próprios Egípcios. Se, como também antes eu disse, as terras ao norte de Mênfis (pois esta é a parte que cresce) aumentassem na mesma proporção do passado, que outra coisa não sofrerão os Egípcios a não ser fome, se sua região não fosse banhada pela chuva, nem o rio fosse capaz de inundar o campo? Pois hoje esses são, dentre todos os homens e os Egípcios remanescentes, aqueles que sem sofrimento colhem o fruto da terra; eles não se fadigam a sulcar a terra com o arado, nem a lavrar, nem a executar qualquer outro trabalho cansativo que outros homens suportam para obter a colheita; mas quando o rio, espontaneamente avançando, irriga seus campos e, uma vez irrigado, em seguida se retira, então cada um, semeando seu campo, nele introduz porcos, e quando faz pisar pelos porcos as sementes, a partir daí espera a colheita, assim, fazendo os porcos triturarem

¹⁸ Heródoto erroneamente interpreta, como indício da antigüidade do Egito, a presença do salitre sobre as pirâmides. Contudo, é precisa a observação de que o salitre corroía

os grãos, eles os colhem¹⁹.

15. Se, então, desejássemos adotar o julgamento dos Jônios²⁰ acerca dos Egípcios, que dizem que o Egito é somente o Delta, asseverando que a orla marítima vai do chamado observatório de Perseu até as Salinas de Pelúsio, declarando que essas terras se estendem por quarenta esquenos, do mar para o interior, até a cidade de Cercasoro, onde o Nilo se divide, correndo uma parte para a Pelúsia e outra para Canopo, acrescentando que o restante do Egito faz parte da Líbia e da Arábia; se aceitássemos esse argumento, poderíamos demonstrar que os primeiros Egípcios não possuíam território algum. Com efeito, esse Delta (como dizem os próprios Egípcios, e também segundo me parece) é produto de aluvião, e, por assim dizer, é uma formação recente. Ora, se eles não tivessem terra alguma, porque insistiriam tanto, acreditando ser os primeiros homens? Não teria sido necessário recorrer à prova das crianças, para saber qual língua teriam falado primeiro. Mas não me parece que os Egípcios nasceram ao mesmo tempo que aquele que os Jônios chamam Delta, penso que eles sempre existiram desde o aparecimento do gênero humano e que, o território avançando, muitos deles foram para trás, e muitos acabaram descendo.

tais monumentos.

¹⁹ Heródoto não foi capaz de perceber o trabalho colossal dos egípcios para irrigar a terra. Esse não é um mero erro de observação; certamente a idealização feita pelo historiador sobre o Egito e seu povo, levou-o a pensar que o Nilo irrigaria grandes extensões de terras, as quais não necessitariam de esforços para serem cultivadas. Em outras palavras, Heródoto vê o Egito como uma espécie de “paraíso”, como já o tinha feito Ulisses (*Ódisséia*, Canto IV), que se impressionou com a exuberância das terras africanas frutificando em meio ao deserto.

²⁰ Nos parágrafos 15-18, Heródoto tenta definir o que seriam as terras do Egito. A opinião dos jônios, aqui rejeitada, é a de Hecateu (*Frg* 295). Na época de Heródoto, intensificaram-se as navegações feitas ao Egito e à Pérsia; com isso aumentou consideravelmente o conhecimento acerca desses territórios, verificando-se, assim, o erro de certos juízos do passado (W. Heidel, *The Frame of the Ancient Greek Maps*, p. 38).

Antigamente a região de Tebas era chamada Egito, cujo perímetro era de seis mil cento e vinte estádios²¹.

16. Logo, se nosso conhecimento é exato sobre esse assunto, os Jônios não têm razão acerca do Egito. E, ao contrário, se é correto o juízo dos Jônios, então, demonstrarei que os Gregos e os próprios Jônios não souberam calcular, ao dizer que a Terra possui três partes: Europa, Ásia e Líbia. Deve-se lhe acrescentar uma quarta, o Delta do Egito, pois ele não pertence à Ásia, nem à Líbia, pois o Nilo, segundo esse raciocínio, não divide a Ásia da Líbia. O Nilo se divide no vértice do Delta, de modo que esse território poderia se encontrar entre a Ásia e a Líbia²².

17. Deixemos de lado o julgamento dos Jônios; eis o que dizemos nós a esse respeito: o Egito é todo esse território habitado pelos Egípcios, assim como a Cilícia é habitada pelos Cilícios e a Assíria pelos Assírios, e, para dizer a verdade, sabemos que não há nenhuma fronteira

²¹ Nos parágrafos anteriores, Heródoto afirmou que o Delta do Nilo seria uma formação geológica recente. Como, em outras passagens do *logos*, ele assume que o Egito seria o país mais antigo do mundo, aqui rejeita a teoria de que o Egito seria somente a região do Delta. A teoria de Heródoto de que o Delta teria se formado há pouco tempo é endossada por dados fornecidos por Homero (*Odisséia, Canto IV*) que fez menção a Tebas, mas não ao Delta. Sendo o Delta uma formação geológica recente, Heródoto também não aceita que os egípcios tenham surgido na mesma época da formação do Delta.

²² Os gregos só começaram a dividir a Terra em continentes a partir de Anaximandro (*Frg HI, T 12a*), que concebeu a Terra segundo um sistema geométrico, de acordo com o qual a Europa e a Ásia seriam divididas pelo rio Fásis. Posteriormente, Hecateu também dividiu a Terra em três continentes, separando a Líbia da Ásia; para tanto, tomou como divisor de terras o rio Nilo. Todavia essa teoria, como bem observou Heródoto, possui certas falhas, pois o Nilo se divide em Cercasoro, restando uma grande área separada pelas águas desse rio. Heródoto, ao contrário de alguns teóricos de sua época, que classificaram o Delta apenas como uma ilha, considerou-o um continente. Contudo, o argumento de Heródoto é obscuro em alguns pontos, pois é válido quer o Egito corresponda ao Delta ou não. Aparentemente, como observa Powell, *A Commetary on Herodotus*, p. 167, a objeção de Heródoto só é válida se o Egito não for considerado apenas a região do Delta (parágrafo 15).

entre a Ásia e a Líbia, a não ser os confins dos Egípcios. Se adotarmos, por outro lado, o ponto de vista dos Gregos, concluiremos que o Egito é todo o território que, começando das Cataratas e da cidade de Elefantina, dividi-se em duas partes e adota o nome de ambos, pois uma parte dele pertence à Líbia e a outra à Ásia. Com efeito, o Nilo começa nas Cataratas, corre até o mar, dividindo no meio o Egito. Até a cidade de Cercasoro, o Nilo corre em um único leito, a partir dessa cidade ele se divide em três braços: um se volta para o oriente, e recebe o nome de boca Pelúsia; o outro braço toma a rota do ocidente, e recebe o nome de boca Canópica²³. A linha direta do percurso feito pelo Nilo é esta: descendo do Alto Egito, o rio chega ao vértice do Delta, a partir daí dividindo ao meio o Delta, desemboca no mar; essa boca não é a que possui mais água, nem é a mais famosa, e se chama boca Sebenítica. Ainda há duas outras bocas que partem da Sebenítica e vão para o mar, cujos nomes são: Saítica e Mendésia; já as bocas Bolbítica e Bucólica não são naturais, mas escavadas.

18. Confirma meu julgamento, de que o Egito é tão grande quanto o que foi exposto nesse relato, a resposta do oráculo de Ámon, que vim a conhecer depois de ter formado minha própria opinião. Com efeito, a população da cidade de Maréa e Ápis habita a região limítrofe entre o Egito e a Líbia, acreditando serem Líbios e não Egípcios, suportando o peso das cerimônias sacrificiais às divindades sagradas; não desejando se abster da carne de vaca, mandaram interrogar o oráculo de Ámon, dizendo não haver nada de comum entre eles e os Egípcios, pois diziam habitar a região fora do Delta e não concordar com eles em nada, assim desejavam que lhes

²³A W. W. How e J. Wells, *A Commentary on Herodotus, vol. I*, pp.167-168, lembram que a discussão sobre os braços e as bocas do Nilo intrigou os geógrafos durante toda a Antigüidade. Apesar de existir vasto material acerca do assunto, a descrição de

fosse dado comer de tudo. Mas o Deus não lhes permite isso, dizendo que o Egito é a terra que o Nilo, inundando, irriga e que são Egípcios os que, habitando o norte da cidade de Elefantina, bebem a água desse rio. Tal é a resposta que lhes foi dada pelo oráculo.

19. O Nilo, quando cheio, inunda²⁴ não só o Delta mas também o território que se diz ser líbio e arábico pela extensão de dois dias de marcha de cada um dos lados, às vezes mais do que isso, às vezes menos²⁵. Quanto à natureza do rio não fui capaz de aprender algo nem dos sacerdotes, nem de outros. Estava disposto a saber deles porque o Nilo durante cem dias, começando do solstício do verão, fica cheio e, decorrido esse número de dias, a corrente se retira e abaixa, de modo que transcorre todo o inverno em proporção modesta até o retorno do solstício de verão. A respeito dessas coisas, portanto, nenhum dos Egípcios forneceu informação alguma, embora lhes indagasse que força tem o Nilo para possuir uma natureza contrária à dos outros rios. Desejando saber o que foi dito, indagava também o motivo pelo qual o Nilo é o único, dentre todos os rios, a não apresentar o sopro da brisa.

20. Mas alguns Gregos, desejando se tornar notáveis pela

Heródoto é única, visto que os braços e as posições das bocas variam muito, mesmo quando decorridos pequenos espaços de tempo.

²⁴ A paradoxal inundação do Nilo fascinou gregos de diversas épocas. Homero e Hesíodo mencionam o Nilo, sem tratar das causas da cheia do rio. Embora, na *Odiss eia* (IV 477-581), Homero descreva o Nilo como um rio que “cai do c eu” (διδυπετ ης ποταμ ς) não se trata de um dado de observa o, pois a expressão   tradicional. Os poetas  picos detiveram-se apenas nas origens míticas do rio; a primeira observa o não mítica só seria feita por Tales (Aetius IV,I, I), que presumiu que os ventos etésios seriam responsáveis pela cheia do Nilo, já que sopravam somente durante a cheia do rio.

²⁵ Nesse trecho, temos mais uma amostra da idealiza o de Heródoto acerca de tudo o que concerne ao Egito. Algumas partes da Líbia e da Arábia eram, de fato, irrigadas

sabedoria, propuseram três explicações para o movimento desse rio, das quais duas não julgo dignas de recordar, embora deseje indicá-las tão somente. Uma delas diz serem os ventos etésios responsáveis pela cheia do rio, impedindo o Nilo de correr para o mar. Todavia muitas vezes os etésios não sopram, e o Nilo tem igual desempenho. Ademais, se os etésios fossem a causa, forçosamente outros rios, quantos correm em direção contrária aos etésios, sofreriam os mesmos efeitos que o Nilo, tanto mais que , sendo menores, a corrente mostra-se mais fraca. Existem muitos rios na Síria, muitos na Líbia, que não sofrem nada semelhante ao que passa o Nilo.

21. A outra explicação é mais inaceitável que a já mencionada, embora apresentada como mais admirável, segunda a qual o Nilo manifesta essa complexidade por derivar do oceano, e esse correr ao redor de toda a terra.

22. A terceira explicação, embora muito mais razoável, é a mais falsa. Com efeito, essa nada diz, ao afirmar as águas do Nilo provêm da neve derretida, fluindo da Líbia pelo centro da Etiópia, até desembocar no Egito. Mas como, então, o rio poderia se formar a partir das neves, se ele corre de lugares muito quentes para aqueles normalmente mais frios? Para quem é capaz de refletir sobre essas coisas, não é verossímil que o rio provenha da neve; a primeira prova, e a mais forte, é fornecida pelos ventos quentes que sopram dessas regiões. A segunda prova é que a região está sempre privada de chuvas e de gelo, e, após a neve caída, é absolutamente necessário que chova em cinco dias, de modo que, se nevasse, também choveria nessa região. A terceira prova é que os homens são negros por

pelo Nilo, mas não sem o auxílio de canais; mesmo assim, a extensão de terras irrigadas

causa do calor. Além disso, milhafres e andorinhas vivem lá durante o ano todo e não migram, enquanto os grous, fugindo ao frio que existe na região Cita, vão para esses lugares passar o inverno. Então, se nevasse, e tanto assim, naquela região através da qual o Nilo corre e onde nasce a correnteza, não existiria nada disso, como demonstra forçosamente o raciocínio.

23. Também aquele, que falou sobre o oceano, tendo conduzido seu discurso para o campo do mito²⁶, não pode ser refutado; pois eu mesmo não sei o que possa ser qualquer oceano, mas creio que Homero ou algum poeta que viveu antes dele inventou esse nome e o introduziu na poesia.

24. Se é necessário, depois de criticar as opiniões expostas, demonstrar eu mesmo a minha acerca dessa questão obscura, direi por que me parece que o Nilo enche no verão : durante a estação invernal, o sol é desviado do antigo curso pelas tempestades e vai para a região superior da Líbia. Para que se entenda agora do modo mais breve tudo está dito; pois aos territórios de que este deus está mais próximo, é natural que haja máxima carência de água e que os rios que correm nesse lugar sequem.

25. Se quisermos nos deter em explicações mais minuciosas, eis o que temos. O sol, atravessando as regiões superiores da Líbia, faz o seguinte: como a atmosfera é permanentemente serena nessa região, e a região é quente e sem ventos frios, o sol, ao atravessar o céu, faz o que costumava fazer no verão, quando atravessa o centro do céu: ele retira água para si e, tendo-a retirado, deposita-a nas regiões superiores; os ventos,

era muito menor do que a mencionada por Heródoto .

²⁶ Segundo Fritz Graf, *Greek Mythology*, desde Hecateu, a palavra mito significa algo que não pode ser objeto de investigação.

apoderando-se da água e dispersando-a, fundem-na. Naturalmente, os ventos que sopram dessa região, o noto e o lips, são de longe os mais propícios às chuvas. Não creio, contudo, que o sol devolve a cada vez toda água retirada do Nilo durante o ano, mas que guarda uma parte para si. Acalmando o inverno, o sol retorna para o centro do céu, e, a partir disso, retira igualmente água de todos os outros rios. Até esse momento, os rios correm caudalosos, tendo misturado a eles muita água pluvial, pois a região é chuvosa e sulcada por torrentes. Mas, no verão, cessando as chuvas, e, sendo a água retirada pelo sol, os rios perdem vigor. O Nilo, contudo, privado de chuvas e atraído pelo sol, é o único dentre os rios que nessa estação corre naturalmente a partir dele mesmo muito mais baixo do que no verão, pois nesse período ele é igualmente atraído pelo sol como todos os outros rios, entretanto no inverno é o único submetido ao desgaste. Assim, penso ser o sol a causa dos fenômenos mencionados.

26. O mesmo sol é responsável também, segundo minha opinião, pela aridez do ar ali, pois o queima durante seu percurso; assim, é sempre verão nas regiões superiores da Líbia. Mas, se se alterasse a ordem das estações, e, na parte do céu, onde agora estão o bóreas e o inverno, fosse o lugar do noto e do mesêmbrio, e, onde está agora, estivesse o bóreas; se assim fossem as coisas, o sol, impelido do meio do céu pelo inverno e pelo bóreas, passaria pela parte superior da Europa, como passa agora pelas regiões superiores da Líbia, atravessando toda a Europa, creio que faria ao Istro o que faz agora ao Nilo.

27. Quanto à brisa, porque ela não sopra, tenho essa opinião: de regiões quentes, certamente, não é possível que sopra algo, e a brisa

costuma soprar de alguma região fria²⁷. Fiquem essas coisas como agora e como foram desde o início.

28. Sobre as nascentes do Nilo, nenhum dos Egípcios, dos Líbios, dos Gregos, que vieram até mim para conversar, mostrou saber algo, exceto o escriba dos tesouros sagrados de Atena, na cidade de egípcia de Sais. Mas ele me pareceu brincar, afirmando conhecer o assunto com exatidão. Dizia assim: há duas montanhas que terminam em cumes agudos, postadas entre a cidade de Siene, em Tebas, e Elefantina, e que essas montanhas são chamadas Crofi e Mofi²⁸. Disse que as nascentes do Nilo, sendo abissais, correm no meio dessas montanhas, e que metade da água corre para o Egito, em direção ao vento bóreas, e a outra metade para a Etiópia e para o norte. Que eram abissais as nascentes, disse que Psamético, rei do Egito, fez a experiência: entrelaçando um cabo de milhares de orgias, lançou-o ali e não alcançou o fundo. Esse escriba, se falou a verdade, demonstrou, segundo penso, que há ali dois vórtices impetuosos e o fluxo e refluxo das águas, de modo que a sonda lançada não

²⁷ O embasamento teórico dessa explicação está no tratado *Ares Águas e Lugares XIX*. Hipócrates acreditava que a água era capaz de produzir brisas e gerar ventos que poderiam ser sentidos a grande distância.

²⁸ A explicação fornecida pelos sacerdotes sobre a origem das fontes do Nilo - que o próprio Heródoto afirma não acreditar, pois lhe parecia brincadeira (παιζέιν) - gerou muitas controvérsias entre os antigos. Estrabão(IV 387) criticou Heródoto por mencionar uma história por ele mesmo rejeitada; Aristides (II. 314-5) não vê razão para o historiador contar uma história falsa. Segundo a citação de W. W. How e J. Wells (*A Commentary on Herodotus, vol. 1, p. 172*) de um estudo de G. Máspero, Heródoto tomou uma narração mitológica por uma explicação geográfica. No ritual de embalsamamento, dirigia-se ao morto com as seguintes palavras: “O Nilo dá as águas que chegam de Elefantina, o Nilo que se origina de dois golfos, que provém das rochas”. Allan B. Lloyd (*Herodotus Book II, vol., pp. 112-114*) também cita o estudo de uma estela de Sael que menciona Crofi como um lugar do mal. Em nossa opinião, os estudos referidos acima indicam que quando Heródoto cita uma explicação fornecida pelos sacerdotes, que pode ser conferida em algum documento, esta é fundamentalmente mítica. Tal fato reforça a teoria de que os sacerdotes egípcios não

consegue atingir o fundo.

29. De nenhum outro pude obter qualquer informação, mas de outro tanto consegui me informar nas regiões mais distantes, tendo testemunhado com meus próprios olhos até a cidade de Elefantina, e, a partir dali, recolhendo informações de ouvido. Para quem toma a direção norte, a partir da cidade de Elefantina, a região é escarpada, e, nesse ponto, forçosamente, a embarcação avança amarrada dos dois lados, como um boi: se a corda rompe, a embarcação parte, levada pela força da correnteza. São necessários quatro dias de navegação para cruzar essa região, e, nesse ponto, o Nilo é tão tortuoso quanto o Meandro. Doze são os esquenos que precisará cumprir nesse modo de navegação, então se chegará a uma planície uniforme, onde o Nilo corre ao redor de uma ilha chamada Tacompo. Ao norte, a partir de Elefantina, habitam já os Etíopes em metade da ilha; na outra metade vivem os Egípcios. Um enorme lago se estende da ilha, em torno do qual vivem Etíopes nômades; atravessando-o, atinge-se o curso do Nilo, que desemboca nesse lago. Uma vez desembarcado, a marcha ao longo do rio durará quarenta dias.

30. A partir dessa cidade, navegando por um período de tempo igual ao gasto no percurso entre Elefantina e a metrópole dos Etíopes, chegamos aos Trânsfugas. Esses Trânsfugas também são chamados Asmach, e essa palavra significa, segundo a língua grega, “aqueles que estão à mão esquerda do rei”. Esses duzentos e quarenta mil combatentes egípcios desertaram, passando para o lado dos Etíopes pela seguinte razão: no tempo do rei Psamético, havia guarnições na cidade de Elefantina, voltadas para os Etíopes; uma, em Dafne Pelúsio, voltada para os Árabes e

estavam a par de qualquer explicação científica sobre a geografia do Egito; as teorias

Sírios; outra, ainda em Maréa, voltada para os Líbios. Ainda no meu tempo, também as guarnições dos Persas estavam dispostas no mesmo lugar em que estavam as de Psamético, pois os Persas também montam guarda em Elefantina e em Dafne. Então, ninguém dispensava os Egípcios do serviço de guarda, que eles cumpriram por três anos; tendo deliberado, e, estando todos de comum acordo, desertaram Psamético e passaram para a Etiópia. Psamético, informado, perseguiu-os, e, quando os capturou, rogava, falando muitas coisas, tentava dissuadi-los de abandonarem os deuses de seus ancestrais, as crianças e as mulheres. Mas conta-se que, apontando para as genitálias, disseram que onde estivessem aquelas, lá estariam com eles as mulheres e as crianças. Tão logo chegaram à Etiópia, colocaram-se à disposição do rei dos Etíopes, que lhes retribuiu com os seguintes favores: alguns dos Etíopes haviam se rebelado; ordenou, tendo expulsado aqueles, que ocupassem suas terras. Depois que eles se juntaram aos Etíopes, tornaram-se mais cultivados, tendo aprendido os costumes Egípcios.

31. Até quarto meses de navegação ou de marcha, o Nilo é conhecido além do seu curso no Egito, pois, fazendo o cálculo, descobre-se que tantos meses são empregados por quem faz o percurso de Elefantina até aqueles Trânsfugas; o rio corre do oeste e do sol poente. A partir desse ponto, ninguém pode falar sabiamente, pois a região é deserta por causa do calor.

32. Essas coisas ouvi dos homens de Cirene, que disseram ter ido até o oráculo de Ámon e conversar com Etearco, rei dos Amónios, e como, depois, acerca de outros assuntos, vieram a conversar sobre o Nilo, do fato

de que ninguém conhecia suas nascentes. Etearco disse que certa vez foram até eles homens Nsamões (este é um povo Líbio, que habita a Cirta, por não muita distância, precisamente a região da Cirta voltada para o leste). Chegam os Nsamões e, indagados se tinham algo mais a dizer sobre os desertos da líbia, disseram viver junto a eles jovens violentos, filhos de homens poderosos, que, depois de atingir a idade adulta, planejaram muitas coisas extraordinárias, além de sortear cinco deles para ver os desertos da Líbia, e se poderiam ver algo mais do que aqueles que chegaram mais longe. Pois as terras da Líbia junto ao Mar do Norte, começando do Egito até o promontório de Soléis, onde termina a Líbia, se estendem por toda a região dos Líbios e muitos povos de etnia líbia, salvo as partes que ocupam Gregos e Fenícios. Nas regiões ao sul do mar e dos homens que vivem na costa, a Líbia é povoada por feras; ao sul, a região é arenosa e terrivelmente seca, além de totalmente deserta. Aqueles jovens, então, enviados pelos companheiros, bem providos de água e comida, foram primeiro pela região habitada, e, atravessando-a, atingiram a região das feras; a partir daí, cruzaram o deserto, percorrendo o caminho até o vento zéfito. Depois de ultrapassar ampla região arenosa, ao cabo de muitos dias, viram, então, árvores que cresciam na planície, e, tendo se aproximado, colheram os frutos que estavam sobre as árvores. Mas, enquanto colhiam, acercaram-se deles homens pequenos, mais baixos que os homens normais, e eles, tendo-os capturado, conduziram-nos. Nem os Nsamões conheciam a língua desses homens que os conduziam, nem aqueles conheciam a língua dos Nsamões. Esses homens os levaram por vastíssimos pântanos e, depois de atravessá-los, chegaram a uma cidade na qual todos tinham a mesma estatura daqueles que os conduziam e a pele negra. Ao longo dessa cidade corria um grande rio, do ocidente para o oriente, e apareciam ali

crocodilos²⁹.

33. Dê-se por conhecido esse relato do amônio Etearco, exceto que disse que os Nasamões haviam retornado para casa, como os Cirenaicos contaram, e que os homens que os acompanhavam eram todos feiticeiros. Esse rio que corria junto à cidade, Etearco supunha ser o Nilo, e, assim, por certo, o exige o raciocínio. Com efeito, o Nilo corre a partir da Líbia, dividindo-a ao meio - como eu interpreto - conjecturando o que não se conhece a partir do que é manifesto - ele se move por uma extensão igual à do Istro³⁰. Pois o rio Istro³¹ nasce na região dos Celtas e na cidade de Pirene, corre dividindo a Europa ao meio (os Celtas estão fora das colunas de Héracles, sendo limítrofes com os Cinésios, últimos habitantes da Europa em direção ao Oriente); o Istro, correndo por toda a Europa, desemboca no mar dito Euxino, onde colonos de Mileto habitam a Ístria.

²⁹ W. W. How e Wells (*A Commentary on Herodotus, vol. 1* pp. 176-177) e Alan B. Lloyd (*Herodotus Book II, vol. 1, pp. 137-1139*) citam estudos segundo os quais a história dos Nasamões de Heródoto poderia ser verídica. Esse tipo de interpretação, plenamente aceita no século XIX, pressupõe que os mitos sejam redutíveis a fenômenos naturais, ou simplesmente sejam uma outra forma de memorizar o passado. Não cabe aqui discutir os caminhos pelos quais enveredaram tais teorias, nem apresentar seus pontos questionáveis. Em nossa opinião, apesar da possibilidade empírica da ocorrência dessa história, certamente Heródoto está mencionando um mito; basta observar os elementos fantásticos que fazem parte da narrativa; além disso, os pigmeus também são mencionados na *Iliada* III.3-7.

³⁰A teoria de Heródoto de que o Nilo surge no oeste da África era notória na época romana. O raciocínio do historiador é feito através de analogias estabelecidas entre o Nilo e rio Danúbio (que corre pela Europa a partir do ocidente). O embasamento teórico da exposição de Heródoto encontra-se nas teorias de Anaximandro - retomadas também por Hecateu - de acordo com as quais a Terra seria um disco dividido simetricamente em dois continentes, cujos elementos corresponderiam um a um; desse modo, o Nilo corresponderia simetricamente ao Istro.

³¹Heródoto, ao longo das *Histórias*, revela mais de uma vez seu interesse pelo rio Istro: nas *Histórias* 4.99 e 5.99, esse rio será mencionado como o maior de todos. Os antigos geógrafos alegavam que o Istro se originava nas montanhas Rifaias, no país dos Hiperbóreos. Heródoto, ignorando essa explicação mítica, menciona a teoria de que o Istro surge no extremo oeste da Europa. Embora as informações não sejam precisas, elas são mais plausíveis que a explicação mitológica, tanto que, posteriormente, foram incorporadas por Aristóteles (*Meteorologia*, I.13).

34. Assim, como o Istro corre através de regiões habitadas, é conhecido por muitos, mas ninguém tem algo a dizer sobre as fontes do Nilo; pois a Líbia, através da qual ele corre, é desabitada e desértica. Sobre seu curso, o mais longe que pude chegar em minha investigação, já disse: o rio desemboca no Egito, e o Egito está situado quase defronte à montanha Cilícia. Dessa até Sínope, no Ponto Euxino, o caminho direto é de cinco dias para um homem ágil, e Sínope fica diante do lugar em que o Istro deságua no mar. Assim o Nilo, que passa por toda a Líbia, me parece ser igual ao Istro. Acerca do Nilo tanto seja dito.

35. Volto-me ao Egito, sobre o qual alongo meu discurso, porque, em relação aos demais países, possui as coisas mais maravilhosas e oferece obras que superam a possibilidade descritiva; por isso, esse país será objeto de considerações mais detidas. Os Egípcios, ao mesmo tempo que possuem um céu particular e um rio que apresenta natureza diferente de todos os demais, têm, em relação a quase todas as coisas, costumes e leis contrárias aos dos outros homens. Entre eles, as mulheres freqüentam o mercado e praticam o comércio, enquanto os homens ficam em casa tecendo. Outros tecem empurrando a trama para cima; os Egípcios, para baixo. Os fardos, os homens levam-nos sobre a cabeça; as mulheres, sobre os ombros. As mulheres urinam em pé; os homens, agachados. Usam evacuar nas casas e comem fora nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas devem ser feitas em segredo, e as não vergonhosas, publicamente. Nenhuma mulher conduz o culto a divindades masculinas ou femininas³²; já os homens, a todos os deuses e deusas. Nenhum filho é

³²As sacerdotisas egípcias não desempenhavam tantas funções quanto as gregas; porém, as mulheres não estavam totalmente excluídas das funções religiosas. Heródoto faz uma

obrigado a alimentar os pais a contragosto; para as filhas, mesmo a contragosto, existe obrigatoriedade absoluta³³.

36. Os sacerdotes dos deuses, em outros países, têm cabelos longos; no Egito, eles raspam. Entre os outros povos há o costume de, por ocasião do funeral, sobretudo as pessoas mais próximas, raspar a cabeça³⁴; os Egípcios, por ocasião do óbito, deixam o cabelo e a barba crescer, eles que anteriormente os raspavam. Os demais homens vivem separados dos animais; os Egípcios vivem junto. Outros se nutrem de trigo e cevada; entre os Egípcios, quem se nutre desses produtos comete grande falta; eles fazem sua alimentação de olira, que alguns chamam zéia. Amassam a farinha com os pés, a argila com as mãos, e também recolhem o esterco. Outros deixam as genitálias como foram geradas, exceto aqueles que aprenderam com os Egípcios³⁵, que praticam a circuncisão. Cada um dos homens traz duas peças de roupa, e cada uma das mulheres uma. Os anéis e as cordas das velas, outros amarram no lado de fora; os Egípcios, no de dentro. Os Gregos escrevem com letras e calculam com seixos, levando-os da

generalização exagerada; no parágrafo 2.54, ele mesmo menciona as sacerdotisas de Tebas.

³³Heródoto observa o contraste de costumes entre gregos e egípcios; os gregos, de acordo com uma lei fixada por Sólon (Diógenes Laércio, 1.55), eram punidos por não cuidarem de seus pais. No Egito, existia uma lei semelhante, porém não era escrita e apenas recomendava que o filho cuidasse de seus pais, não havia obrigatoriedade. O mesmo não acontecia com as mulheres, que eram obrigadas a cuidar de seus pais.

³⁴Os costumes egípcios, assim como os costumes de outros povos, são considerados por Heródoto segundo parâmetros da cultura grega; quando o historiador menciona “outros homens”, ele se refere aos gregos. A prática de se raspar a cabeça e cortar os cabelos para demonstrar luto aparece, por exemplo, em Homero (*Iliada* - 23.141): Aquiles raspa a cabeça quando Pátroclo morre.

³⁵Para Heródoto, os egípcios, por serem os mais antigos dos homens, também teriam sido os primeiros a praticar a circuncisão. Mais adiante (2.104), Heródoto modificará sua opinião, admitindo a possibilidade de os egípcios terem aprendido a circuncisão com os etíopes. Ainda assim, o historiador formula um juízo equivocado, pois a circuncisão era amplamente praticada tanto por povos semitas, quanto pelos não semitas.

esquerda para a direita; os Egípcios, da direita para a esquerda, e, fazendo isso, dizem ser destros, e os Gregos canhotos. Empregam dois tipos de caracteres: um chamado sagrado, e o outro, popular³⁶.

37. Sendo extraordinariamente religiosos, muito mais que todos os outros homens, adotam os seguintes costumes: bebem em taças de bronze, limpando-as com apuro todos os dias, não uns sim e outros não, mas todos. Usam roupas de linho sempre recém-lavadas, com que se preocupam ao máximo. Praticam a circuncisão por causa da higiene, privilegiando o asseio à boa aparência. Os sacerdotes raspam todo o corpo a cada dois dias, para que nenhum piolho ou outra sujeira apareça neles enquanto servem os deuses. Os sacerdotes trajam uma única peça de linho e calçados de papiro, e não podem pegar outra roupa ou calçado. Eles se banham duas vezes por dia com água fria e duas vezes por noite, e cumprem, por assim dizer, mil e uma práticas religiosas. Gozam de não poucos privilégios: nada do que gastam ou despendem provém de suas casas, mas lhes são cozidos alimentos sagrados, e cada um deles recebe por dia fartas quantias de carne de boi e ganso, e também lhes é oferecido vinho de uvas; mas não lhes é permitido consumir pescado. Os Egípcios não semeiam de modo algum favas em seu país, e, se nascem, não as mastigam cruas nem as comem cozidas; os sacerdotes não suportam nem mesmo vê-las, considerando-as um legume impuro. Para servir a cada um dos deuses não há apenas um mas muitos homens, dentre os quais um é o sumo sacerdote; quando um deles morre, o filho ocupa seu lugar.

³⁶ Nesse parágrafo, observa-se novamente o interesse de Heródoto pela escrita; contudo, o historiador não distingue os três tipos de escrita egípcia: a hieróglifa, na qual os símbolos eram reconhecidos como figuras; a hierática, na qual permanecem alguns símbolos da hieróglifa e outros tornam-se puramente convencionais; a demótica. Os dois primeiros tipos de escrita aparecem, sobretudo, em textos religiosos; a escrita

38. Os touros eles consideram ser de Épafo, e, por causa disso, submetem-no à seguinte verificação: se encontrarem um único pêlo negro no dorso do animal, consideram-no impuro. Faz esse exame alguém designado dentre os sacerdotes: colocando o animal em pé e deitado, puxam-lhe a língua; se forem puros, devem possuir os sinais pré-determinados, aos quais irei me referir em outro relato; observam ainda os pêlos da cauda para ver se estão dispostos de modo natural. Se ele for puro em relação a esses aspectos, é assinalado com uma tira de papiro enrolada nos chifres e separado, aplicam em seguida terra argilosa e imprimem o sinete; então, conduzem-no. A pena estabelecida para quem sacrificar um animal não marcado é a morte. Examinam o gado desse modo, e o sacrifício se estabeleceu entre eles assim³⁷.

39. Conduzindo o animal marcado junto ao altar onde o sacrificam, acendem o fogo e, em seguida, ao lado vertem vinho sobre a

demótica era utilizada para os demais assuntos. Talvez isso tenha levado Heródoto a pensar que existiam somente dois tipos de escrita.

³⁷ A religião egípcia é um dos trechos mais inestimáveis da obra de Heródoto; egiptólogos e estudiosos das religiões antigas, em suas pesquisas, pautam-se amiúde pelos escritos do historiador. Adolf Ermam, por exemplo, declara que, quando todas as fontes se esgotam, a compreensão da religião egípcia pode ser iluminada pelos dados coletados pelo historiador de Halicarnasso. Mas, a despeito das inegáveis contribuições de Heródoto, o relato possui inúmeros senões. O historiador não organiza um quadro sistemático e fidedigno da religião egípcia: os cultos a Fitá, Rá, Rapi (Nilo) e Rator não são mencionados; a mágica, característica marcante da religião egípcia, é simplesmente ignorada; o livro dos mortos não é citado uma vez sequer. Por fim, Heródoto imagina uma uniformidade na religião egípcia que jamais existiu. Essas lacunas, somadas à orientação predominantemente grega dada à religião egípcia, levaram os críticos a questionar a autoridade de Heródoto em tais assuntos; somente no início de nosso século, as notações do historiador foram acolhidas como algo mais do que ficção. Embora Heródoto tenha viajado pelo Egito e observado pessoalmente os costumes locais, ele não se limitou a relatar os mesmos tais e quais. Fruto de uma das criações mais originais de Heródoto, o relato sobre a religião egípcia foi concebido segundo uma perspectiva histórica-temporal, de acordo com a qual os conceitos gregos sobre os

cabeça da vítima, invocam o deus e degolam; uma vez imolado, rompem-lhe a cabeça. Esfolam o corpo do boi, e, pronunciando fortes imprecações sobre aquela cabeça, levam-na embora; se ali existir um mercado e comerciantes gregos estabelecidos entre eles, levam-na para o mercado e então a vendem; se os Gregos estiverem ausentes, arrojam-na ao rio. Fazem imprecações sobre a cabeça, pronunciando as seguintes palavras: se estiver para ocorrer algum mal para eles, que sacrificam, ou para o Egito todo, que recaia sobre aquela cabeça. No que concerne às cabeças do gado sacrificado e às libações de vinho, todos os Egípcios observam as mesmas normas igualmente para todos os sacrifícios, e, em decorrência dessas normas, nenhum Egípcio jamais provará a cabeça de nenhum outro ser vivente.

40. Mas, em cada um dos sacrifícios, a extração das entranhas e a combustão se dá para eles diferentemente³⁸. Da maior divindade que julgam existir, em cuja honra celebram a maior festa, passo a falar³⁹. Tão logo esfolaram o boi, tendo executado preces, extraem todo o intestino, deixando no corpo as vísceras e a gordura, cortando as pernas, a extremidade do lombo, as espáduas e o pescoço. Isso feito, o que resta do corpo do boi é recheado de pães puros, mel, uva passa, incenso, mirra e outros aromas, e, uma vez recheado, queimam-no em sacrifício, derramando abundante azeite. Observam o jejum antes de sacrificar, e, durante a combustão das vítimas, todos se golpeiam; quando param de se golpear, servem como banquete o que restou das vítimas.

deuses, os cultos e as práticas ritualísticas teriam se originado num tempo e espaço determinado, a saber, no Egito Antigo

³⁸Para Heródoto, a libação e o degolamento eram iguais em todos os sacrifícios; somente a limpeza e queima das entranhas e do incenso variavam.

³⁹A divindade aqui referida é Ísis.

41. Todos os Egípcios sacrificam bois sem raça e veados; quanto às vacas, não lhes é permitido sacrificar, pois são consagradas a Ísis. Com efeito, a estátua de Ísis, tendo aspecto feminino, possui chifres de vaca, como os Gregos representam Io; todos os Egípcios veneram igualmente as vacas muito mais que todos os animais de pastagem. Por isso, nem homem Egípcio, nem mulher beijaria um Grego na boca, nem usaria a faca de um grego, espeto ou caldeirão, nem provaria carne de um boi sem raça com a faca de um grego. Eles enterram o gado morto do seguinte modo: as vacas são lançadas no rio; os machos são enterrados cada um nas cercanias de suas próprias cidades e um dos chifres ou ambos saem da terra como sinal de sua presença. Quando o animal apodrece e chega o tempo fixado, a cada cidade vem uma barca da ilha chamada Prosopítide. Ela fica no Delta, seu perímetro é de nove esquenos. Na ilha de Prosopítide, existem muitas outras cidades além daquela de que partem os barcos para recolher os ossos dos bois; essa se chama Atárbeque; nela existe um templo sagrado de Afrodite. Dessa cidade partem muitos barcos: uns para uma cidade, outros para outra e, desenterrando os ossos, levam-nos para enterrá-los todos num único lugar. Do mesmo modo que os bois, também outros animais mortos são enterrados; acerca deles assim também lhes foi prescrito, pois também não os matam.

42. Quantos ergueram santuário a Zeus Tebano⁴⁰ ou que são do nomo de Tebas, abstendo-se todos de ovelhas, sacrificam cabras (nem todos os Egípcios cultuam igualmente os mesmos deuses, exceto Ísis e Osíris e aquele que afirmam ser Diôniso; esses dois últimos, todos os Egípcios cultuam igualmente); quantos, por outro lado, possuem templo em

⁴⁰O deus Ámon tornou-se importante nacionalmente durante a supremacia da cidade de Tebas. Esse deus era identificado com o sol (Ámon-Rá), e ocupava o topo da hierarquia do panteão dos deuses egípcios; daí ter sido associado a Zeus por Heródoto .

Mendes ou são do nomo Mendésio, abstendo-se todos de cabras, sacrificam ovelhas⁴¹. Os Tebanos e quantos por causa deles privam-se das ovelhas dizem que tal costume lhes foi imposto pelo seguinte motivo: Hércules desejava ver Zeus avidamente, e aquele não queria ser visto por ele; por fim, como Hércules insistisse, Zeus arquitetou o seguinte: depois de esfolar um cordeiro e cortar-lhe a cabeça, colocou-a diante de si, e, envolvendo-se no velo, se lhe apresentou assim. A partir de então, os Egípcios modelaram a estátua de Zeus com cabeça de cordeiro⁴², e, como os Egípcios, o mesmo fazem os Amónios, colonos do Egito e da Etiópia, que utilizam uma língua intermediária entre ambos os povos. Ao que me parece, também no que concerne ao nome, os Amónios se autodenominaram com base nesse deus: Ámon é como os Egípcios chamam Zeus. Os Tebanos não sacrificam os carneiros, mas, pelo motivo apresentado, os consideram sagrados. Em um único dia do ano, na festa de Zeus, abatem um carneiro, esfolando-o e revestindo-o do mesmo modo a estátua de Zeus, e, em seguida, aproximam dela uma outra estátua representando Hércules. Feito isso, todos os que estão ao redor do templo se golpeiam em honra ao carneiro, e, então, o sepultam num túmulo sagrado.

43. A respeito de Hércules ouvi a seguinte história, que ele

⁴¹Nos parágrafos 42-46 das *Histórias*, Heródoto relata os antigos cultos egípcios do carneiro, que era associado à fertilidade. Aqui, o historiador menciona o mais famoso de todos: o culto de Ámon- Rá. O filho de Ámon- Rá, Chonsu, era conhecido por suas façanhas heróicas e, de acordo com certas lendas, suportava os céus (função que, na mitologia grega, cabia a Hércules ou Atlas). O paralelismo entre Hércules e Chonsu é evidente; daí, Heródoto ter associado Chonsu a Hércules.

⁴²Nenhuma história egípcia ou grega confirma o relato de Heródoto sobre Hércules. A versão do historiador tenta explicar o porquê de o deus Ámon ter cabeça de ovelha. Heródoto racionaliza elementos de um antigo ritual tebano, no qual se sacrificava um carneiro e se vestia a estátua do deus com a pele do animal. Esse ritual conferia à estátua os atributos do animal. (Ver ^a B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol I*, parágrafo 43).

estaria entre os doze deuses. Acerca do outro Héracles⁴³, aquele que os Gregos conhecem, em nenhum lugar do Egito, fui capaz de obter informação⁴⁴. Que os Egípcios não tomaram dos Gregos o nome de Héracles, mas antes os Gregos dos Egípcios - particularmente, aqueles que deram o nome de Héracles para o filho de Anfítrião-, tenho muitas outras provas, entre elas, a seguinte: que os pais desse Héracles, Anfítrião e Alcmena, eram, antigamente, ambos originários do Egito; e que os Egípcios afirmam não conhecer os nomes de Posêidon e Dióscoro, nem esses são admitidos entre os demais deuses. Por certo, se tivessem tomado dos Gregos o nome de alguma divindade, deveriam ter não menor, e sim maior lembrança desses, se já, naquele tempo, utilizavam a navegação e havia marinheiros gregos, como suponho e como impõe o pensamento; nessa situação, os Egípcios conheceriam antes os nomes desses deuses do que o de Héracles. Mas, para os Egípcios, Héracles é um deus antigo; como eles mesmos dizem, dezessete mil anos já haviam transcorrido até o reinado de Amásis, desde quando dos oito deuses surgiram doze, entre os quais consideram estar Héracles.

44. Desejando conhecer com clareza algo mais sobre essas coisas - da parte de quem era capaz de conhecer - também naveguei para Tiro, na Fenícia, informado de que ali existia um templo sagrado de Héracles. E o vi, ricamente guarnecido, com numerosas e variadas oferendas, ali havia duas colunas: uma de ouro puro, outra de pedra de esmeralda, que brilhavam extraordinariamente durante a noite. Em conversa com os

⁴³Heródoto distingue o herói Héracles do deus Héracles e supõe que o Héracles divino surgiu primeiro. Contudo, a opinião de Heródoto é equivocada, pois Héracles foi o único herói grego elevado à categoria de deus olímpico.

⁴⁴Na religião egípcia, não existiam os doze deuses; Heródoto expande o número de deuses egípcios de nove para doze para estabelecer um paralelismo com a religião grega.

sacerdotes do deus, perguntei-lhes quanto tempo se passara desde que o templo havia sido edificado entre eles. Descobri que não estavam de acordo com os Gregos; disseram que a fundação de Tiro era contemporânea à edificação do templo do deus, e que Tiro era habitada por eles há dois mil e trezentos anos. Vi também, em Tiro, outro templo de Hércules, que recebe o nome de Tásio. Dirigi-me a Tasos, onde descobri um templo de Hércules, edificado pelos Fenícios, quando esses, navegando em busca da Europa, colonizaram Tasos; na Grécia, tais acontecimentos antecediam em cinco gerações o nascimento de Hércules, filho de Anfítrio. Essas investigações demonstram claramente que Hércules é uma divindade antiga. Pareceu-me corretíssimo o procedimento dos Gregos, edificando dois santuários para Hércules: ao nomeado Olímpico, sacrificam como a um imortal; ao outro, rendem honras fúnebres como a um herói.

45. Os Gregos falam muitas outras coisas de modo pouco acurado; é uma tolice, entre outras, esse relato a respeito de Hércules: tendo chegado ao Egito, os Egípcios, depois de o coroarem, levaram-no em procissão para sacrificá-lo a Zeus; ele teria ficado tranqüilo durante certo tempo, mas quando iniciaram os preparativos para seu sacrifício junto ao altar, recorrendo à força, massacrou todos eles. Os Gregos, narrando essas coisas, parecem-me totalmente ignorantes acerca da natureza dos Egípcios e dos seus costumes. Com efeito, pessoas para as quais a lei divina impede de sacrificar, a não ser porcos, bois e veados que se apresentam sem sinais, além dos patos, como poderiam sacrificar homens? E, sendo Hércules apenas um e ainda mortal, segundo afirmam, como teve capacidade para matar um número infinito de homens? Acerca disso tanto nos disseram, e que os deuses e heróis sejam benévolos.

46. Esses Egípcios de que falamos não sacrificam cabras e bodes pelos seguintes motivos: os Mendésios calculam que Pã seja um dos oito deuses, e dizem que esses oito deuses existiram antes dos doze deuses. Os pintores e os escultores pintam e esculpem a imagem de Pã como os Gregos, com face de cabra e patas de bode, sem considerar que ele seja assim, mas semelhante aos demais deuses; por qual motivo eles o pintam assim não me apraz falar. Os Mendésios veneram todos os animais caprinos, e mais os machos que as fêmeas, para os primeiros os pastores reservam honras maiores; entre esses há um particularmente honrado, pelo qual todos do nomo mendésio guardam luto quando morre. O bode e Pã são chamados, em língua egípcia, Mendes. Nos meus dias, nessa cidade aconteceu o seguinte fato extraordinário: um bode manteve, publicamente, relações sexuais com uma mulher; isso foi presenciado pelas pessoas em geral.

47. Os Egípcios consideram o porco um animal impuro; se alguém esbarrar num porco ao passar, se joga com roupa e tudo no rio; quanto aos porqueiros, ainda que Egípcios de nascimento, são os únicos dentre todos que não entram em nenhum santuário no Egito, e ninguém deseja dar-lhes uma filha em casamento, nem desposar uma de suas mulheres, o que leva os porqueiros a darem em casamento e desposarem entre si. Aos outros deuses, que não Selene e Diôniso⁴⁵, os Egípcios julgam lícito sacrificar o porco; a eles, na mesma época e no mesmo plenilúnio, sacrificam porcos e comem sua carne. O motivo pelo qual, nas outras festas, recusam com repugnância comer carne de porco, enquanto nesta o sacrificam, há acerca disso uma história contada pelos Egípcios, que, embora eu a conheça, não me sinto à vontade para falar. O sacrifício

⁴⁵Para Heródoto, Selene correspondia à deusa egípcia Ísis; Diôniso a Osíris.

dos porcos a Selene dá-se assim: sacrificado o animal, depois de juntar a extremidade da cauda, o baço e o epíploo, cobrem-no com toda a gordura existente ao redor do ventre do animal e os queimam. O resto das carnes consomem no dia do plenilúnio em que a vítima é sacrificada; nos outros dias não mais será degustada. Os pobres, destituídos de recursos de vida, modelam porcos de pasta, assam-no e sacrificam-no.

48. Em honra a Diôniso, nas vésperas da festa, cada um, imolado o porco diante de sua porta, entrega-o, para ser levado embora, ao mesmo porqueiro que o vendeu. O restante da festa de Diôniso os Egípcios celebram, excetuando as danças, de maneira quase idêntica à dos Gregos⁴⁶, mas, em lugar dos falos⁴⁷, imaginaram outras coisas: estatuetas com cerca de um cúbito movidas por cordéis, que as mulheres levam pelos lugarejos, e o membro viril, não muito menor que o resto do corpo, é móvel. Um flautista vai na frente e as mulheres que o seguem cantam hinos a Diôniso⁴⁸. A razão pela qual as estatuetas têm membro viril desproporcional e movem somente essa parte do corpo é narrada numa história sagrada.

49. A mim parece que Melampo, filho de Amitão, não ignorava, mas tinha ciência desse sacrifício. Com efeito, Melampo foi quem introduziu entre os Gregos o nome de Diôniso, o sacrifício e a procissão do falo. Ele revelou esse tema sem compreender tudo com exatidão, mas os

⁴⁶As festas em honra a Osíris eram acompanhadas por danças; porém, essas eram muito diferentes daquelas executadas pelos gregos durante as festas dionisiacas.

⁴⁷Os falos, de grande importância nas festas dionisiacas, simbolizavam a fertilidade. O deus egípcio Osíris, algumas vezes, era representado com um falo.

⁴⁸O festival descrito por Heródoto era dedicado a Osíris e também é mencionado por Plutarco (*Dio 18,36*). De acordo com Plutarco, o deus Sete desmembrou Osíris, cujo corpo foi reconstituído por Ísis. Contudo, o falo do deus não foi encontrado; Ísis o

sábios, que vieram depois dele, oferecem explicação mais minuciosa; quanto ao falo, que é levado na procissão de Diôniso, Melampo o apresentou e os Gregos, tendo aprendido dele, fazem o que fazem. Eu, portanto, afirmo que Melampo, sendo um homem sábio, conquistou para si a arte mântica e, tomando conhecimento de muitas outras coisas junto aos Egípcios, como as referentes a Diôniso, fixou-as entre os Gregos, subentendo-as a pequenas modificações. Não direi que os procedimentos adotados nos ritos dedicados ao deus no Egito coincidam por acaso com os adotados pelos Gregos, pois seriam similares a esses ritos gregos e não seria recente sua introdução, nem direi que os Egípcios tomaram esses ou qualquer outro costume dos Gregos⁴⁹. Parece-me que Melampo obteve informação acerca de Diôniso da parte de Cadmo⁵⁰ de Tiro e daqueles que vieram da Fenícia para a região chamada agora Beócia.

substituiu então por um órgão modelado. A partir disso, os egípcios passaram a carregar o órgão durante as festividades dedicadas ao deus Osiris.

⁴⁹A teoria de Heródoto sobre o culto a Diôniso foi defendida única e exclusivamente por ele, e foi uma tentativa de racionalização dos mitos e cultos gregos. Segundo Heródoto, o culto a Diôniso teria vindo do Egito para a Grécia; o historiador postula três premissas:

- a) os gregos teriam aprendido o culto de Diôniso com os egípcios.
- b) os egípcios teriam aprendido o culto de Diôniso com os gregos.
- c) a semelhança entre os dois cultos seria mera coincidência.

A proposição *b* simplesmente é desconsiderada por Heródoto que, então, passa a analisar as duas outras. Segundo o historiador, as coincidências entre os dois cultos não seriam acidentais, pois os ritos dionisiacos não se assemelhavam a nenhum outro rito grego e sua introdução deu-se tardiamente, o que seria indício de influência estrangeira. De fato, os ritos dionisiacos possuíam alguns elementos estrangeiros, mas não podemos desconsiderar que Heródoto certamente ignorava que Diôniso fora adorado no período micênico, enquanto deus da vegetação. Heródoto aceita a premissa *a*, que está ligada à pressuposição feita ao longo de todo o *logos*: os Egípcios, sendo os mais antigos dos homens e os primeiros a terem surgido, teriam inventado todos os costumes, inclusive os dionisiacos.

⁵⁰Cadmo geralmente é colocado três gerações antes do nascimento de Melampo. Segundo a tradição grega, Cadmo era o avô de Diôniso e fundou a cidade de Tebas, após lutar com um dragão; depois desse feito, o herói teria estabelecido diversos cultos. Cadmo era fenício, e não egípcio; mas, de acordo com How e J. Wells, (*A Commentary on Herodotus*, vol. I, pp. 191), Heródoto talvez tenha pensado que Cadmo, por morar na região próxima ao Egito, poderia ter conhecimento sobre os cultos de Diôniso.

50. Também os nomes⁵¹ de quase todos os deuses vieram do Egito para a Grécia. Que vieram dos bárbaros, descobri pelas minhas pesquisas: penso que vieram, sobretudo, do Egito⁵². Com efeito, excetuando Posêidon e os Dióscoros - como já falei anteriormente - Hera, Temis, as Graças e as Nereides, os nomes de todos os outros deuses sempre existiram no território egípcio. Reafirmo o que dizem os próprios Egípcios. Quanto aos deuses, cujos nomes afirmam desconhecer, parece-me que os receberam dos Pelasgos⁵³, exceto Posêidon⁵⁴, divindade que conheceram a partir dos Líbios; povo algum teve conhecimento do nome de Posêidon desde a origem, a não ser os Líbios, que sempre o honraram. Os Egípcios não têm o hábito de render homenagem a nenhum herói⁵⁵.

51. Esses costumes e outros ainda sobre os quais falarei, os

⁵¹Heródoto não quis dizer, literalmente, “nomes”, mas a caracterização do deus; no decorrer do *logos*, o historiador menciona amiúde a diferença entre o nome grego e o egípcio.

⁵²Heródoto utiliza o seguinte esquema para mostrar a origem dos deuses:

a) Pelasgos: Dióscoro, Hera, Héstia, Têmis, Graças e as nereides.

b) Líbios- Posêidon.

c) Egípcios: todos os outros deuses.

⁵³Os pelasgos pertenciam à tribo Tessália e são citados na *Iliada* (2.681), nas *Suplicantes* (250), e em fragmentos de Hecateu (*Fgr. H I, F14*). Os logógrafos acreditavam que esse povo pré-helênico tinha habitado extensas áreas da Grécia. Os nomes dos deuses, que Heródoto acredita terem sido incorporados pelos gregos por intermédio dos pelasgos, estão relacionados a antigas áreas habitadas por esse povo.

⁵⁴No século VIII a.C., comerciantes gregos introduziram o deus Posêidon no norte da África. Rapidamente o deus foi associado a divindades líbias, cujo poder era semelhante ao do deus grego. Heródoto, ao tomar conhecimento do culto de Posêidon na África, não atinou com a origem do deus, supondo que ele fosse muito mais antigo do que o Posêidon mencionado por Homero.

⁵⁵O herói grego era uma figura intermediária entre deuses e mortais, eram homens extraordinários que, devido a seus feitos, conquistaram fama eterna. Os egípcios também tinham seus heróis, mas esses não possuíam nenhuma das características do herói grego. Os heróis egípcios não eram viris nem guerreiros; suas qualidades principais eram a sabedoria e o poder mágico. Talvez Heródoto tenha pensado que os egípcios não possuíssem heróis devido a essa caracterização. Note-se, mais uma vez, como as observações de Heródoto são feitas do ponto de vista da cultura grega.

Gregos incorporaram dos Egípcios. Mas a representação da estátua de Hermes, com pênis ereto, aprenderam não dos Egípcios, mas dos Pelasgos, e, dentre todos os Gregos, os Atenienses foram os primeiros a aprender; os demais gregos aprenderam a partir deles. Com efeito, os Atenienses já estavam incluídos entre os Gregos, quando os Pelasgos vieram a habitar junto a eles nesse país, e, desde então, também esses começaram a ser considerados Gregos. Quem quer que seja iniciado nos rituais dos Cabiros⁵⁶, celebrado pelos Samotrácios, que aprenderam dos Pelasgos, sabe o que digo: esses Pelasgos, que viviam junto aos Atenienses, habitavam, em época anterior, a Samotrácia, deles os Samotrácios adotaram os mistérios. Dentre todos os Gregos, os Atenienses foram os primeiros que, tendo aprendido dos Pelasgos, moldaram a estátua de Hermes com o pênis ereto. Os Pelasgos contam a esse propósito uma história sagrada, manifestada nos mistérios dos Samotrácios.

52. Em tempos idos, os Pelasgos realizavam todos os sacrifícios invocando os deuses, como soube depois de ouvir em Dodona, e não atribuíam epíteto ou nome a nenhum deles; pois não os tinham ainda ouvido. Nomearam-nos deuses pelo fato de terem colocado em ordem todas as coisas e organizarem todas as divisões. Mas, transcorrido um longo tempo, aprenderam os nomes⁵⁷ dos outros deuses vindos do Egito, só o de

⁵⁶Os Cabiros eram cultuados em poucos lugares da Grécia; assim como os Coribantos, os Sátiros e os Díoscoros faziam parte da religião grega animista. Normalmente, os Cabiros eram dois deuses, o mais velho chamado Cabiro. Os cabiros não eram adorados na Samotrácia; Heródoto confundiu os Cabiros com “os grandes deuses samotrácios”, que também eram dois deuses: um homem e uma mulher, sendo o primeiro associado ao Hermes com o pênis ereto. O culto a esse deus, praticado desde o século VII a.C., ganhou grande popularidade no século V a.C., graças à influência dos mistérios eleusianos, nos quais Heródoto certamente se iniciou, como indicam suas próprias palavras: “quem quer que seja iniciado nos rituais sabe o que digo”. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo 51).

⁵⁷Evidentemente, os pelasgos não aprenderam com os egípcios os nomes dos deuses. Heródoto não distingue o nome da coisa que ele representa; o historiador quis dizer que

Diôniso aprenderam muito mais tarde. Depois de um certo tempo, consultaram sobre esses nomes o oráculo de Dodona⁵⁸ - considerado o mais antigo dentre os oráculos na Grécia, e também o único existente naquele tempo. Quando, então, os Pelasgos consultaram o oráculo em Dodona, perguntando-lhe se deveriam adotar os nomes provenientes dos bárbaros, o oráculo lhes disse para utiliza-los. A partir dessa época, sacrificaram utilizando os nomes dos deuses; os Gregos os receberam dos Pelasgos mais tarde.

53. De onde surgiu cada um dos deuses, se todos sempre existiram, e qual o seu aspecto, não se conhecia até recentemente, até ontem, por assim dizer. Penso que Hesíodo e Homero são quatrocentos anos mais velhos do que eu, e não mais do que isso, foram eles que compuseram uma Teogonia para os Gregos, deram os nomes dos deuses, atribuíram-lhes honras e prerrogativas, demarcando seus respectivos aspectos⁵⁹. Os poetas⁶⁰ que, segundo se diz, viveram antes desses homens,

os gregos tomaram dos egípcios os elementos concretos dos cultos (altares, templos, sacrifícios) e a instituição global do divino, comum a todos os homens: a manifestação múltipla dos deuses.

⁵⁸A mudança dos nomes dos deuses implicava na alteração do próprio culto, por isso um oráculo deveria ser consultado. Em tais assuntos, geralmente, recorria-se ao oráculo de Delfos; mas, na época dos pelasgos, só existia o oráculo de Dodona. A antigüidade do oráculo de Dodona é inegável: nos poemas de Homero (*Iliada* XVI233, *Odisséia* XIV,327; XIX 296), é ele o oráculo por excelência, sendo também associado aos pelasgos (Ζεύς Πελασγικός *Iliada* XIV, 233; *Hesíodo Frg* 240). Nenhum outro oráculo grego foi relacionado aos pelasgos.

⁵⁹Heródoto reconhece a importância de Homero e Hesíodo enquanto fixadores do cânone da mitologia grega; contudo lhe escapa que esses dois poetas apenas deram forma a antiquíssimas tradições. O historiador também não percebe que os poemas de Homero e Hesíodo dão tratamentos distintos à mitologia grega e, por esse motivo, Heródoto foi duramente censurado por Estrabão (43). Todavia, a distinção é irrelevante para Heródoto; o ponto central de sua observação está na identificação dos dois grandes sistematizadores da mitologia grega. Vale notar ainda, que a cronologia de Heródoto, segunda a qual Homero e Hesíodo eram contemporâneos, não consta em nenhuma tradição grega, sendo mencionada somente pelo historiador.

ao que me parece, viveram depois. Das coisas a que me referi, a primeira falaram as sacerdotisas de Dodona, a última, concernente a Hesíodo e Homero, eu a afirmo.

54. Quanto aos oráculos da Grécia e da Líbia, os Egípcios contam a seguinte história. Os sacerdotes de Zeus Tebano disseram que duas mulheres consagradas ao deus foram raptadas de Tebas pelos Fenícios, e que souberam que uma foi vendida na Líbia, a outra na Grécia; essas mulheres foram as primeiras que fundaram os oráculos entre os dois povos mencionados. Quando perguntei de onde tiravam tais informações para afirmarem de maneira tão exata, responderam-me que haviam procurado muito essas mulheres e que não tinham sido incapazes de encontrá-las, mas, tempos depois, tinham recebido a respeito delas as informações que me comunicavam⁶¹.

55. Isso eu ouvi dos sacerdotes em Tebas e eis o que as profetisas de Dodona dizem: duas pombas negras, alçando vôo de Tebas do Egito, chegaram: uma na Líbia, a outra, junto deles. Essa, pousando sobre um carvalho, falou com voz humana que deveria existir ali um oráculo de

⁶⁰Os poetas a que Heródoto se refere são Orfeu e Museu. De acordo com os fragmentos de Ferícides (*FgrH3*, F.167) e Helânico (*F5*), Homero seria descendente de Orfeu; segundo Górgias (*DK82*, B25), Homero descenderia de Museu.

⁶¹A história da fundação do oráculo de Dodona de Heródoto (*Histórias* - 2.55-57) é uma racionalização do mito grego e uma tentativa de transformá-lo em história: os elementos sobrenaturais são substituídos por causas naturais, como, por exemplo, os piratas fenícios. De acordo com a lenda grega, quando o lenhador Helos estava prestes a cortar um carvalho, duas pombas, enviadas por Hebe, ordenaram que ele fundasse ali mesmo um oráculo. Heródoto recusa a versão mitológica de que pássaros poderiam falar e busca uma explicação racional. O historiador interpreta a expressão “falar como um pássaro”, como um sinônimo para a fala ininteligível: como as sacerdotisas não falavam grego, os sons emitidos por elas teriam sido confundidos com o canto dos pássaros. Além disso, de acordo com os egiptólogos, os oráculos gregos eram muito diferentes dos egípcios: os oráculos egípcios davam respostas somente para questões feitas por reis

Zeus, e eles receberam tal mensagem como divina, e agiram em consonância com isso. Dizem que a pomba que partiu para a Líbia, ordenou que seus habitantes fundassem o oráculo de Ámon; que também é Zeus. As sacerdotisas de Dodona (a mais velha chamada Promênea, a segunda Timarete, a mais nova Nicandra) narraram-me isso; os outros Dodônios, ligados ao santuário, também estavam de acordo com elas.

56. Mas, sobre essas questões, tenho a seguinte opinião: se os Fenícios realmente raptaram mulheres consagradas ao deus, e venderam uma delas na Líbia, e a outra na Grécia, penso que essa última foi vendida na região que hoje faz parte da Grécia, chamada primeiro Pelásgia, onde habitam os Tesprotas, e que, então, vivendo ali como escrava, fundou um santuário de Zeus sobre um carvalho que cresceu espontaneamente; pois era natural que ela, que fôra sacerdotisa de Zeus em Tebas, se recordasse dele ali onde chegara. Após isso, instituiu um oráculo, depois de aprender a língua grega. E foi ela que disse que sua irmã fora vendida na Líbia pelos mesmos Fenícios, pelos quais ela mesma havia sido vendida.

57. Creio que as mulheres foram chamadas de pombas pelos Dodônios por serem bárbaras e parecer-lhes emitir sons vocais semelhantes aos dos pássaros. Dizem que pouco depois a pomba falou com voz humana, referindo-se ao momento em que a mulher lhes falou de maneira inteligível; enquanto ela falava uma língua bárbara, parecia-lhes que emitia sons vocais do modo de um pássaro; mas, como uma pomba poderia emitir som vocal humano? Quando eles dizem que a pomba era negra, significa que a mulher era egípcia. A arte divinatória, praticada em Tebas do Egito e em Dodona, são análogas entre si. Quanto à adivinhação, feita com base

e sacerdotes, e não para todos, como era o caso do oráculo grego. Conclui-se, daí, que

nas vítimas, essa proveio do Egito.

58. De qualquer modo, as grandes festas religiosas, os cortejos e as oferendas, foram os Egípcios os primeiros, dentre todos os homens, a praticar, e os Gregos aprenderam deles. Uma prova disso é que essas manifestações estão presentes desde há muito entre os Egípcios, enquanto os Gregos começaram a praticá-las recentemente.

59. Os Egípcios não celebram grandes festas religiosas uma só vez por ano, mas muitas vezes. A principal e mais intensa ocorre na cidade de Bubástis, em honra a Ártemis. A segunda, na cidade de Busíris, em honra a Ísis. Nessa cidade, situada no centro do Delta do Egito, há um enorme templo de Ísis; Ísis, em língua grega, é Deméter. A terceira celebração festiva, dedicada a Atena, ocorre na cidade de Sais. A quarta, em Heliópolis, para Hélios. A quinta, na cidade de Buto, em honra a Latona. A sexta, em Papremis, em honra a Ares⁶².

60. Quando se transferem para Bubástis, fazem o seguinte: navegam juntos homens e mulheres, uma grande multidão de cada um dos sexos em cada embarcação; algumas mulheres levam castanholas e as fazem ressoar; certos homens, por sua vez, tocam flauta durante toda a navegação, o restante das mulheres e dos homens canta e bate palmas. Toda vez que, navegando, chegam às margens de alguma outra cidade, aproximam a embarcação da terra e fazem isto: algumas mulheres fazem

os oráculos gregos não poderiam ter origem egípcia.

⁶²Existiam no Egito inúmeros festivais, poucos abertos ao público geral; cada cidade e cada templo possuía seu próprio calendário. Daqui até o parágrafo sessenta e três, Heródoto irá descrever os seis maiores festivais públicos celebrados no Alto Egito, cuja importância era inferior aos festivais celebrados no Baixo Egito. Note-se que Heródoto

aquilo a que já me referi, outras, aos berros, escarnecem as mulheres naquela cidade, outras dançam e outras, por fim, ficando em pé, suspendem as vestes; procedem assim diante de todas as cidades ribeirinhas. Tão logo chegam a Bubástis, festejam, cumprindo grandes sacrifícios, consomem vinho de uva nessa festa mais do que todo o restante do ano. Excetuando as crianças, tanto os homens quanto as mulheres que se reúnem ali chegam a setecentos mil, segundo o relato dos habitantes.

61. Eis o que se passa em Bubástis; na cidade de Busíris, por sua vez, como se realiza a festa de Ísis, já me referi antes: todos os homens e todas as mulheres se flagelam após o sacrifício, um número incontável de pessoas; em honra de quem se flagelam não me é lícito contar⁶³. Quanto aos Cários, que habitam o Egito, esses fazem ainda mais do que aqueles, ferindo a testa com faca, revelam serem estrangeiros e não Egípcios.

62. Depois de se reunirem na cidade de Sais, na noite do sacrifício, todos acendem muitas lâmpadas ao ar livre em círculo ao redor das casas. As lâmpadas são vasos cheios de sal e azeite, cujo pavio fica na superfície, aceso a noite inteira. A festa recebe o nome de Lâmpadas Ardentes. Aqueles que, dentre os Egípcios, não podem ir a esse encontro, aguardando a noite do sacrifício, acendem, também eles, todas as

não menciona nenhum festival dedicado à cheia do Nilo, o que sugere que o historiador visitou o país depois que as inundações tinham se iniciado.

⁶³ οὐ μοι ὄσιον ἔστι λέγειν (não me é lícito contar): o silêncio de Heródoto em assuntos religiosos tem sido interpretado como sinal de respeito religioso. Contudo, o ritual egípcio aqui citado não é um mistério, mas uma prática ritualística regular, realizada pelos sacerdotes longe das vistas do público em geral. É provável que Heródoto tenha se iniciado nos cultos de Ísis, Deméter e Diôniso, praticados em seu país; mas, certamente, ele não era iniciado nos cultos locais egípcios. O silêncio de Heródoto refere-se tão somente a uma prática que o historiador não pôde observar.

lâmpadas, e, desse modo, são acesas não só em Sais, mas em todo Egito⁶⁴. A razão pela qual essa noite recebeu reverência, vem explicada por uma história sagrada.

63. Indo para Heliópolis e Buto fazem somente sacrifícios. Em Papremis, executam sacrifícios e atos sagrados como em outros locais, mas, ao crepúsculo, enquanto alguns sacerdotes se desdobram ao redor da estátua do deus, a maioria deles, portando bastões de lenho, postam-se à entrada do templo; outros, postados em grupo do lado oposto, em número superior a mil, cumprem votos e levam, cada um deles, um bastão. A estátua, colocada em um pequeno tabernáculo de madeira dourada, transportam na véspera para outro templo sagrado. Os poucos que são deixados ao redor da estátua puxam uma carroça de quatro rodas que leva o tabernáculo e a estátua nele contida; já os que estão colocados à porta impedem a entrada, e os que cumprem voto, vindo em defesa do deus, batem nos que se defendem. Dá-se então violento combate a golpe de bastões, cabeças são fraturadas e, como me parece, muitos morrem em decorrência do traumatismo, embora os Egípcios afirmem que ninguém morre. Os nativos dizem que a origem dessa celebração é a seguinte: a mãe de Ares morava nesse templo, e Ares, tendo sido criado à distância, quando atingiu a idade adulta, retornou, desejando manter relações com a mãe; os servidores da mãe, que nunca o tinham visto antes, não lhe permitiram

⁶⁴A festa das lâmpadas celebrava o encontro do corpo de Osíris; as lâmpadas ajudavam Ísis a encontrar o corpo do marido. A maior parte da lenda de Osíris é mencionada reservadamente por Heródoto ao longo do Livro II; eis, a história: Osíris foi assassinado por seu irmão Sete. Sua esposa, Ísis, começou a procurar o corpo do marido e, antes de partir, deixou seu filho Orus (Apolo) na ilha de Buto para protegê-lo de Sete. O corpo de Osíris foi encontrado, mas Sete, irado, cortou-o em quatorze pedaços e os espalhou pelo mundo. Ísis, pacientemente, recolheu todos os pedaços e onde encontrava cada um deles fundava um templo. Após reunir todos os pedaços, o deus Anúbis restituiu a vida a Osíris; contudo, ele não podia governar pela segunda vez sobre a terra; então, tornou-se senhor do reino dos mortos.

aproximar-se, mas o afastaram; ele, conduzindo homens de uma outra cidade, tratou duramente os servidores e entrou no templo da mãe. Nisso tem origem, segundo dizem, o costume dessa festa em homenagem a Ares⁶⁵.

64. Eles foram os primeiros a obedecer às práticas religiosas de não se unir a mulheres nos santuários e de não entrar em santuários depois do contato com uma mulher sem se lavar. Pois quase todos os outros homens, exceto os Egípcios e os Gregos, se unem a mulheres nos templos e, depois da cópula, entram no templo sem se lavar, considerando que os homens se assemelham aos outros animais. Com efeito, viam todos os animais e raças de pássaros acasalarem-se nos templos dos deuses e nos recintos sagrados; se isso não fosse caro ao deus, nem mesmo os animais o praticariam. Acrescentando tais observações, praticam o que não me agrada.

65. Os Egípcios observam rigorosamente, entre outras práticas religiosas, também essas. Embora limítrofe com a Líbia, o Egito não é muito povoado de animais. Aqueles que eles possuem são todos considerados sagrados, e uns vivem junto aos homens, outros, não. Se eu expusesse os motivos pelos quais os consagram, proferiria um discurso referente às coisas divinas, que evito ao máximo apresentar. Também o que disse sobre o assunto tangencialmente, disse forçado pela necessidade. Existe uma norma referente aos animais que assim dispõe: designam-se, como encarregados da alimentação de cada espécie separadamente,

⁶⁵O ritual descrito por Heródoto tem sido muito discutido pelos críticos, alguns acreditam que o historiador tenha inventado esses dados; outros, como Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol. I* pp.285-287, baseando-se em estudos de diversos rituais egípcios, afirmam que as informações do historiador são precisas, sendo possível associar o deus Ares a Orus.

homens e mulheres egípcias; tal honra o filho a recebe dos pais. Cada um dos cidadãos cumpre em sua honra os seguintes votos, fazendo prece ao deus ao qual o animal é consagrado: raspando toda a cabeça dos filhos, ou metade, ou um terço da cabeça, colocam num dos pratos da balança os cabelos, a prata como contrapeso; o quanto pender o prato, isso eles dão aos encarregados dos animais que, em troca da prata, cortando o peixe, alimentam os animais. Esse é o alimento que lhes é destinado. E se alguém matar um desses animais, se o faz voluntariamente, a pena é a morte, se involuntariamente, os sacerdotes fixam a pena. Quem mata um íbis ou um falcão, voluntariamente ou involuntariamente, deve morrer⁶⁶.

66. Embora haja animais que vivam entre os homens, um número maior existiria, se não ocorresse com os gatos o seguinte: depois de darem cria, as fêmeas não mais freqüentam os machos, e esses, procurando copular com elas, não conseguem. Então recorrem à seguinte artimanha; raptam os pequeninos das fêmeas e, uma vez capturados, os matam; porém, tendo matado, não os comem⁶⁷. E elas, privadas dos filhotes e desejando outros, vão desse modo para junto dos machos, pois o animal ama sua prole. E, quando ocorre um incêndio, um fato portentoso toma conta dos gatos. Os Egípcios, colocando-se lado a lado, mantêm os gatos sob guarda, descuidando-se de apagar o incêndio, e os gatos escapando, saltando além dos homens, jogam-se no fogo. Ocorrendo isso, uma grande dor toma conta dos Egípcios. Nas casas em que um gato vier a morrer de morte natural, todos os moradores raspam uma sobrancelha; se for um cão, raspam o corpo todo e a cabeça.

⁶⁶Heródoto exagera ao afirmar que todos os animais eram sagrados no Egito; contudo, um número considerável de animais era de fato venerado.

⁶⁷O comentário de Heródoto sobre o comportamento dos gatos machos é real, embora pareça fantasioso. Esse dado zoológico pode ser incluído entre as observações cuidadosas do historiador.

67. Os gatos mortos, depois de embalsamados, são levados para tumbas sagradas, onde são enterrados, na cidade de Bubástis. Quanto aos cães, cada um é enterrado numa urna sagrada em sua própria cidade. E, como os cães, os icneumos são enterrados. Os musaranhos e os falcões são levados para a cidade de Buto, o íbis para Hermópolis. Os ursos, sendo raros, e os lobos, não muito maiores do que a raposa, são enterrados onde foram encontrados mortos.

68. A natureza do crocodilo é a seguinte: durante os quatro meses de inverno, ele nada come. É um quadrúpede terrestre e aquático: põe o ovo no solo e o enterra, e a maior parte do dia passa no seco, mas fica a noite toda no rio, pois a água é mais quente que o ar e o sereno. De todos os animais que conhecemos, ele é o que do menor se torna o maior, pois coloca o ovo não muito maior do que o do ganso, o filhote nasce de tamanho proporcional ao ovo, cresce e atinge dezessete côvados ou ainda mais. Ele tem olhos de porco, dentes grandes e presas proporcionais ao corpo. É o único animal que não tem língua; não move a mandíbula para baixo, mas - e também nisso é único - aproxima a de cima à de baixo. Também tem unhas fortes e pele coberta de escamas impenetráveis sobre o dorso. Cego na água, no ar possui visão agudíssima. Porque vive na água, traz o interior da boca repleto de sanguessugas. Outros pássaros e animais fogem do crocodilo, mas o troquilídeo vive em paz com ele porque lhe é útil; de fato, quando sai da água para a terra, o crocodilo abre a boca (pois à tarde geralmente se volta para o zéfiro), então o troquilídeo, entrando em sua boca, devora as sanguessugas. Sendo ajudado, se compraz e não faz

nenhum mal ao troquilídeo⁶⁸.

69. Para alguns Egípcios, os crocodilos são sagrados; para outros, não, e os tratam como inimigos. Os que habitam ao redor de Tebas e do lago Mérides, todavia, consideram-nos particularmente sagrados. Em cada uma dessas regiões, alimentam um crocodilo, escolhido entre os demais, ensinam-no a ser dócil, colocam-lhe pingentes de pedra artificial ou de ouro nas orelhas e braceletes nas patas dianteiras, e lhes dão alimentos prescritos e vítimas, tratando-o do melhor possível durante sua vida; quando morrem, o sepultam em tumbas sagradas, depois de embalsamá-los. Já os que vivem nas imediações de Elefantina comem os crocodilos, não os considerando sagrados. Em vez de crocodilos são chamados *campasas*. Crocodilos chamam-nos os Jônios, comparando seu aspecto com o dos crocodilos existentes junto deles em suas muralhas.

70. Muitos e diferentes são os modos de caçar o crocodilo; descrevo a seguir o que me parece ser o mais digno de menção. Depois de prender como isca o lombo de porco em torno de um anzol, o caçador lança-o no meio do rio, enquanto, na margem, segura um porco vivo e o espanca. Escutando os gritos, o crocodilo vai atrás da voz, e, encontrando o lombo, devora-o, sendo então puxado. Trazido à terra, antes de qualquer coisa, o caçador cobre seus olhos com lodo; agindo assim, ele o submete a seguir com enorme facilidade, de outro modo resultaria em fadiga.

⁶⁸ As informações sobre o crocodilo foram recolhidas pelo próprio historiador, somente a parte que se refere à caça desse animal foi retirada da obra de Hecateu (*FgrH* I, T.22, F.324). Diversos autores clássicos basearam-se em Heródoto para descrever esse animal; dentre os mais famosos estão Plínio (*HN* VIII, 89 ss.) e Aristóteles, que retomou quase integralmente as observações do historiador (*H. A* II, 10). (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo 68).

71. Os hipopótamos são sagrados no nomo de Paprêmito, enquanto para os demais Egípcios eles não o são. Apresentam o seguinte aspecto: é um quadrúpede, pés fendidos como os do boi, nariz chato, crina de cavalo, pondo à mostra dentes salientes, cauda e rincho de cavalo, tão grande quanto um gigantesco boi. Sua pele é de tal modo grossa que, depois de seca, fazem com ela hastes de lança⁶⁹.

72. Também existem lontras no rio, que reputam sagradas. Dentre os peixes, consideram sagrados o conhecido por lepidote e a enguia; essas dizem ser consagradas ao Nilo, e, dentre os pássaros, o ganso - raposa.

73. Há também outro pássaro sagrado, batizado fênix⁷⁰. Eu não o vi, a não ser em pintura⁷¹, pois é bastante raro surgir entre eles, segundo dizem os habitantes de Heliópolis, a cada quinhentos anos; dizem que aparece quando morre o pai. Ele é, se semelhante às pinturas, tal e qual: parte da plumagem de suas asas é dourada, parte vermelha; quanto ao talhe

⁶⁹A descrição do hipopótamo é a observação zoológica mais imprecisa do Livro II e foi tomada, em grande parte, de Hecateu (*Fgr H I*, F.324). Baseando-se nessa passagem, os críticos de Heródoto apontam para as deficiências descritivas do autor; porém, como temos visto em nossas notas, essa não é a regra dos relatos zoológicos das *Histórias*. Heródoto estava se deparando com um animal desconhecido em seu país. Tal fato, somado ao provável lapso temporal entre a observação do animal e sua descrição, pode ter gerado esse exótico relato. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo 71).

⁷⁰A fênix era reverenciada sobretudo na cidade de Heliópolis e simbolizava o surgimento do sol e a ressurreição. De acordo com o mito tradicional egípcio, a fênix migrava para Heliópolis e se enterrava no altar; de suas cinzas, surgia um novo pássaro. A história contada por Heródoto não consta em nenhum documento egípcio; porém, vários elementos que a compõem foram retirados da cultura egípcia: as pinturas egípcias mostram a fênix como uma ave brilhante; o ovo era o símbolo do nascimento e da ressurreição.

⁷¹As informações aqui apresentadas basicamente derivam de Hecateu (*Fgr H I*, F.324), mas o historiador também acrescentou dados a partir da ὄψις e ἀκοή.

e ao porte é muito semelhante à águia. Dizem - e dizem algo pouco confiável - que essa ave realiza a seguinte façanha: partindo da Arábia, transporta para o templo de Hélios o corpo do pai envolvido em mirra, e o enterra no templo de Hélios. O corpo é assim transportado: primeiro modela com mirra um ovo, tão grande quanto o possa carregar, depois tenta carregá-lo; concluído o teste, faz uma cavidade no ovo, onde coloca o corpo do pai, e com o restante da mirra unta a parte do ovo em que, depois de esvaziá-lo, colocou o pai, de modo a readquirir o mesmo peso. Depois de tê-lo envolvido, leva-o para o Egito, no templo de Hélios. Asseguram que esse pássaro faz isto.

74. Há, nos arredores de Tebas, serpentes totalmente inofensivas aos homens, as quais, embora tendo porte pequeno, trazem dois chifres no topo da cabeça; quando morrem, enterram-nas no templo de Zeus, pois dizem ser consagradas a esse deus⁷².

75. Há um lugar da Arábia, situado quase defronte da cidade de Buto, onde fui me informar sobre as serpentes aladas. Lá chegando, vi ossos e espinhas de serpentes em quantidade impossível de ser descrita. Havia pilhas de espinhas, grandes, não tão grandes, menores ainda, e eram elas numerosas. Esse lugar, onde as espinhas são depositadas, é assim: uma vereda, com origem em cerradas montanhas, que se volta para uma vasta planície, confinada com a planície do Egito. Conta-se que no início da primavera as serpentes aladas voam da Arábia para o Egito, e os íbis, indo

⁷²As serpentes eram reverenciadas no Egito por serem animais perigosos e também por estarem associadas à fertilidade. As observações de Heródoto acerca desse animal são quase precisas; o historiador apenas não notou que as cobras não eram inofensivas ao homem, pois embora sua picada não fosse letal, causava dores intensas. Os chifres de fato são apresentados em algumas espécies, e são uma espécie de “espinhos” acima dos olhos.

ao encontro delas na vereda desse território, não deixam entrar as serpentes, matando-as. Os Árabes dizem que por conta dessa ação o íbis é objeto de grande honra por parte dos Egípcios, e os próprios Egípcios admitem honrar essas aves por causa disso.

76. O aspecto da íbis é o seguinte: toda extraordinariamente negra, pernas do grou, bico bastante adunco, tamanho do frango d'água. Esse é o aspecto do íbis negro, que lutam contra as serpentes. Tal é o aspecto das íbis que circulam amiúde entre os pés dos homens (pois há dois tipos de íbis): pescoço depenado, plumagem inteiramente branca, exceto na cabeça, no pescoço e na extremidade das asas e da cauda (partes que, como referi, são particularmente negras); quanto ao bico e às patas é semelhante à da outra espécie. Tanto basta no que concerne aos animais sagrados.

77. Entre os próprios Egípcios, os que habitam a parte semeada do Egito são de longe os mais dotados em cultivar a memória, dentre todos os homens que coloquei sob exame. Adotam o seguinte regime de vida: purgam-se três dias consecutivos todos os meses, cuidando da saúde através de vômitos e de lavagens, persuadidos de que todas as doenças vêm dos alimentos⁷³. Os Egípcios são, depois dos Líbios, os mais puros de todos os homens, por conta, segundo creio, do clima, porque as estações não sofrem variações: para os homens as doenças surgem principalmente nas mudanças das coisas, sobretudo, das estações. Eles comem pães, fazendo o pão de *olira*, e o chamam *cilestis*⁷⁴. Servem-se de vinho feito de cevada⁷⁵,

⁷³A dieta era uma das preocupações medicinais mais importantes do século V a.C. e aparece com grande destaque nos tratados hipocráticos.

⁷⁴Mais uma vez as observações de Heródoto acerca dos costumes egípcios os simplificam; os pães também eram feitos de lótus. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo 77).

pois não existem videiras em seu país. Comem crus alguns peixes secos ao sol, outros conservados em salmoura. Dentre os pássaros, comem cruas as codornas, os patos e as pequenas aves previamente salgadas; quanto aos outros animais disponíveis, sejam aves, sejam peixes, exceto os que consideram sagrados, comem assados ou cozidos.

78. No banquete dos egípcios ricos, terminada a refeição, um homem leva ao redor um cadáver num esquife de madeira trabalhada, representando com exatidão o morto pela pintura e entalhe, da grandeza de um ou dois côvados⁷⁶; mostrando a cada um dos convivas, diz: “olhando isso, bebe e diverte-te, pois serás como ele depois de morto”. Fazem isso durante o banquete.

79. Respeitando os costumes ancestrais, não acrescentam nenhum outro. Entre os diferentes hábitos dignos de recordação, registre-se conhecerem um único canto, o Lino, canto que também existente na Fenícia, em Chipre e em outros lugares, variando o nome segundo os povos, mas se está de acordo que é o mesmo que os Gregos cantam chamando Lino, de tal modo que, dentre as muitas coisas que eu admirava em relação ao Egito, havia a de onde tinham retirado o nome de Lino⁷⁷.

⁷⁵Nessa passagem, Heródoto refere-se às regiões do alto Egito e do sul do Delta; as vinhas eram cultivadas somente nos locais onde existiam oásis. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1, parágrafo 77*).

⁷⁶Os textos egípcios não confirmam a existência de tais estátuas em madeira; porém, essas pequenas peças, utilizadas sobretudo durante as dinastias XII, XX, e XXI, podem ser encontradas em museus. Já a lição moral mencionada por Heródoto consta em poemas egípcios.

⁷⁷De acordo com a mitologia grega, Linos, filho de Urânia, foi assassinado por Apolo, que invejava a voz do cantor. O grego Linos corresponde ao Adónis romano, ao Tamuz sírio e ao Atis lídio. O nome Mâneros, que Heródoto associa a Linos, não consta em nenhum documento do antigo Egito; porém, lendas afirmavam que ele fora o mais

Parece que sempre o cantaram. Entre os Egípcios, Lino é chamado Maneros. Contaram-me os Egípcios ter sido ele o filho único do primeiro rei do Egito, e, como morreu prematuramente, foi honrado pelos Egípcios com esses trenos , primeiro e único canto entre eles.

80. Também em relação a esse outro costume, os Egípcios estão de acordo somente com os Espartanos dentre os Gregos: os mais jovens, encontrando-se com os mais velhos, cedem o passo e desviam-se, e também se levantam do lugar quando aqueles chegam. Ao invés de cumprimentarem-se trocando palavras entre si na rua, curvam-se abaixando as mãos até o joelho.

81. Eles vestem, ao redor das pernas, túnicas de linho com franjas chamadas *calasiris*; jogado sobre as túnicas levam um manto de lã branca. Todavia não lhes é permitido entrar nos templos com o manto de lã, nem ser enterrados com ele, pois seria uma impiedade. Nisso estão de acordo com os chamados preceitos órficos e báquicos, que são, na verdade, egípcios e pitagóricos: quem participe desses cultos fica impedido de ser enterrado com vestes de lã. Existe a respeito disso uma história sagrada que eles contam.

82. Também dessas outras coisas os Egípcios foram os descobridores: a qual dos deuses é consagrado cada mês e cada dia, o que acontecerá a cada um de acordo com o dia do nascimento, como morrerá e qual será sua natureza⁷⁸; disso se valeram os Gregos que se ocupam de

notável cantor dos hinos a Osíris. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol I*, parágrafo 79).

⁷⁸Os egípcios davam grande importância ao horóscopo; o dia em que cada um nascia determinava seu destino: uma criança nascida no vigésimo terceiro dia do mês de Tot,

poesia⁷⁹. E desvendaram maior número de presságios do que os outros homens. Quando ocorre um prodígio, dão-se ao cuidado de registrar por escrito o sucedido; mais tarde, quando surge outro similar, avaliam que ocorrerá do mesmo modo.

83. Entre eles a arte divinatória está estabelecida assim: a nenhum dos homens é atribuída essa arte, mas a certos deuses⁸⁰. Com efeito, há nesse país o oráculo de Hércules, Apolo, Atena, Ártemis, Ares e Zeus e - o que mais honram entre todos os oráculos- o de Latona, na cidade de Buto. Os procedimentos de adivinhação não são para eles sempre os mesmos, mas variam.

84. E a medicina é dividida por eles do seguinte modo: cada médico cuida de uma só doença e não de muitas. Há médicos por toda a parte; pois há médicos para os olhos, para a cabeça, para os dentes, para o ventre e para as doenças obscuras⁸¹.

85. Os trenos e os funerais deles são os seguintes: quando numa

não sobreviveria. (Ver W. W. How and J. Wells, *A Commentary on Herodotus*, vol I, pp. 207-208) .

⁷⁹O poeta a quem Heródoto se refere é Hesíodo, reconhecido inclusive por Heráclito (Plutarco, *Cam.*19) como o maior hemerologista da cultura grega. O calendário de Hesíodo era baseado nos dias do mês lunar e, aparentemente, era semelhante ao calendário egípcio de Karun. Todavia, o calendário egípcio se guiava pelo mês civil, não pelo lunar; portanto, seria impossível que os gregos tivessem conhecido por intermédio dos egípcios qual dia e mês era dedicado a cada um dos deuses.

⁸⁰No Egito Antigo, não existiam oráculos oficiais como entre os gregos (Pítia e Delfos); os deuses comunicavam-se diretamente com os faraós ou com os sacerdotes através de sonhos.

⁸¹Os egípcios começaram a praticar a medicina em períodos remotíssimos; no Antigo Reino, já se conheciam alguns rudimentos dessa arte. Embora os egípcios tenham desenvolvido muitas técnicas medicinais, eles não separam a arte médica das práticas de magia. É improvável que houvesse tantas especialidades médicas quanto as citadas por Heródoto; talvez a antigüidade dessa arte e o vasto conhecimento empírico sobre doenças tenham levado o historiador a pensar que a medicina teria várias especialidades.

casa morre um homem digno de certo destaque, todas as mulheres da casa untam a cabeça ou mesmo o rosto com lama; depois, deixando o cadáver em casa, erram pela cidade, golpeando-se, roupas presas com cinto, seios descobertos, com elas vão todas as parentas; por outro lado, os homens se golpeiam, também com as roupas presas com cinto. Uma vez cumpridos esses ritos, transportam o cadáver para que seja embalsamado.

86. Há pessoas estabelecidas nesse campo e proficientes nessa arte. Quando um corpo lhes é trazido, mostram para os que o levaram modelos de corpos em madeira, reproduzidos em pintura. Dizem que o embalsamamento mais apurado é o daquele cujo nome não me é lícito mencionar em tal circunstância; mostram a seguir o segundo tipo, inferior ao primeiro e menos custoso, e o terceiro, o menos dispendioso. Explicações dadas, perguntam-lhes como desejam que o corpo seja preparado. Depois que os clientes concordam no preço, retiram-se e os que permaneceram em suas oficinas embalsamam com máximo apuro. Primeiro, com um ferro recurvo, extraem o cérebro através das narinas, parte dele é retirada assim, e a outra é extraída com drogas. Depois, com uma pedra etíope pontiaguda, fazem uma incisão na lateral do ventre, de onde extraem todo o intestino, purificando-o e lavando-o com vinho de tâmaras; lavam, então, uma segunda vez com incenso macerado. Em seguida, enchem o ventre com mirra pura macerada, canela e outras essências, menos o incenso, e o costuram novamente. Feito isso, salgam o corpo, cobrindo-o de natro durante setenta dias; não é necessário deixá-lo sob o sal por mais tempo. Transcorridos os setenta dias, lavam o cadáver, enrolando todo o corpo com tiras cortadas de um tecido biso embebidas em goma, que os Egípcios utilizam muitas vezes no lugar da cola. Então os parentes recebem o cadáver, mandam fazer um esquife de madeira com

formato humano, e, uma vez feito, depositam nele o cadáver, fecham-no, e assim o conservam como um tesouro numa câmara funerária, colocando-o em pé contra a parede⁸².

87. Eis como preparam os corpos da maneira mais onerosa. Para os que preferem a maneira intermediária, evitando gastos dispendiosos, preparam-no do seguinte modo: enchem uma seringa com resina retirada do cedro, então injetam o líquido no ventre do cadáver, sem abrir e nem retirar as entranhas; introduzindo a lavagem no ânus, impedem que ela saia por onde entrou, e colocam o corpo no sal pelos dias prescritos. No último dia, retiram do ventre a resina do cedro antes introduzida; tamanha é sua força que traz consigo, ao mesmo tempo, os intestinos e as carnes dissolvidas; o natro dissolve as carnes, restando somente a pele e os ossos do cadáver. Isso feito, devolvem o cadáver sem outro encargo.

88. O terceiro modo de embalsamamento, destinado aos mais pobres, é assim: depois de purificar os intestinos com a *sirmaia*, colocam o corpo no sal durante setenta dias, então o entregam para ser levado embora.

89. As mulheres dos homens insignes, quando morrem, não são levadas imediatamente para serem embalsamadas, nem as que são belas e as dignas de grande consideração; após três ou quatro dias do passamento, levam-nas para os embalsamadores. Se agem assim, é para que os

⁸²O embalsamamento era um dos rituais religiosos egípcios mais importantes, pois a continuação da existência dependia da preservação do corpo do morto. O relato de Heródoto sobre esse ritual é muito preciso, todos os detalhes podem ser confirmados pela arqueologia e por atuais estudos sobre as técnicas de embalsamamento das múmias. Falta ao relato de Heródoto somente a menção ao *Livro do Mortos*, que além de ser recitado durante o ritual, tinha seu conteúdo inscrito no sarcófago e nas bandagens que envolviam a múmia. O historiador também não menciona os inúmeros amuletos que eram colocados entre as faixas da múmia.

embalsamadores não se unam a essas mulheres, pois contam que um deles foi surpreendido enlaçando o cadáver de uma mulher morta recentemente; ele foi denunciado por um colega de trabalho.

90. Se algum Egípcio ou estrangeiro - tanto faz - , agarrado por um crocodilo ou pelo próprio rio, aparece como cadáver, na cidade onde tenha sido atirado, é dever absoluto dos cidadãos embalsamá-lo, prepará-lo com máximo apuro e enterrá-lo num esquife sagrado. Ninguém pode tocá-lo, nem parente, nem amigo, só os sacerdotes do Nilo em pessoa - por ser algo mais do que um cadáver humano, sepultam-no com as próprias mãos.

91. Evitam adotar costumes gregos, numa só palavra , qualquer costume de qualquer outro povo. Todos os Egípcios adotam essa regra. Mas há Quémis, a grande cidade no nomo da Tebaida, perto de Neápolis, nessa cidade existe um templo quadrangular de Perseu, filho de Dánae, em torno do qual crescem palmeiras; as antecâmaras do templo são de pedra e absolutamente enormes, junto a elas erguem-se duas estátuas enormes de pedra, nessa cercania há um templo e, no seu interior, uma estátua de Perseu. Os Quemitas dizem que Perseu aparece freqüentemente em suas terras, muitas vezes no interior do santuário; dizem que encontraram as sandálias usadas por ele, do tamanho de dois côvados, e, quando elas aparecem, o Egito todo prospera. Dizem isso, e eis o que fazem ao modo grego em homenagem a Perseu: instituíram jogos atléticos, com toda sorte de competições, oferecendo como prêmios animais, mantos e peles. Indaguei-lhes por que Perseu se manifesta somente para eles, e por que se distinguem dos outros Egípcios, instituindo competições atléticas; responderam-me que Perseu surgiu na cidade deles e que Dânaos e Linceu eram Quemitas que navegaram para a Grécia; a partir disso, remontavam sua genealogia até Perseu. Ele chegou ao Egito pelo mesmo motivo que

contam os Gregos: para trazer da Líbia a cabeça da Górgona, e dizem que veio até eles e reconheceu todos os parentes. Quando chegou ao Egito, já conhecia o nome de Quémis, aprendido de sua mãe; então, ordenou que celebrassem em sua honra as competições atléticas⁸³.

92. Os Egípcios que habitam acima dos pântanos observam todos esses costumes. Os que habitam os pântanos, contudo, adotam os mesmos costumes dos demais Egípcios e, entre outros, cada um vive com uma só mulher, como os Gregos. Todavia, para encontrar alimentos baratos, imaginaram os seguintes recursos: quando ocorre a cheia do rio e a planície torna-se um mar, brotam na água grande quantidade de lírios, que os Egípcios chamam lótus. Então os colhem, secam-nos ao sol e extraem o que está no coração do lótus, semelhante à papoula, e, triturando-os, fazem pão assado no fogo. A raiz desse lótus, também comestível, é redonda e muito doce, sendo do tamanho de uma maçã. Há ainda outros lótus semelhantes à rosa, também esses nascem no rio, seu fruto cresce em outra haste que surge da raiz, seu aspecto é muito semelhante a um favo de mel. Nele existem grande quantidade de sementes mastigáveis, do tamanho do caroço de uma azeitona, elas são comidas frescas ou secas. Quanto ao papiro, que cresce o ano todo, depois de os colher dos pântanos, cortam a parte superior, que serve para outros fins; o que resta na parte inferior, do tamanho de um côvado, comem ou vendem. Os que desejam saborear verdadeiramente o papiro do melhor modo, tendo-o cozinhado em forno quente, comem-no. Os que, dentre eles, vivem exclusivamente dos pescados, depois de os terem capturado e extraído suas entranhas, secam-

⁸³ Algumas colônias gregas foram fundadas no Antigo Egito, como, por exemplo a dos quemitas. É provável que os descendentes dos gregos tenham preservado tradições e lendas de origem grega, como, por exemplo, a história de Perseu. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo 91).

nos ao sol e os comem secos.

93. Os peixes que vivem em cardumes não se encontram em grande número nesses rios, mas crescem nos pântanos, e comportam-se assim: quando o desejo de fecundar os invade, em grupos, nadam para o mar; os machos à frente espargem o sêmen, as fêmeas, atrás, o ingerem. Depois da fecundação no mar, cada um retorna à sua moradia natural; todavia, os mesmos machos não mais tomam a dianteira, a posição é ocupada pelas fêmeas. Conduzindo o cardume, fazem o que haviam feito os machos: espargem os ovos em cachos de poucos grãos que os machos, que vêm atrás, devoram. Esses grãos são os peixes. Dos ovos que subsistiram e que não foram devorados, nascem peixes que crescerão. Dentre os peixes, aqueles que são capturados nadando para o mar, apresentam contusões do lado esquerdo da cabeça, e os que são capturados retornando, no lado direito. Sofrem isso pelo seguinte motivo: descem para o mar contornando a margem esquerda, e, ao nadarem de volta, mantêm-se igualmente próximos da terra, abordando-a, e nela raspam o máximo possível, para não perderem o caminho por causa da correnteza. Quando o Nilo começa a encher, as partes baixas da região e os pântanos ao longo do rio são os primeiros a serem alagados, a água proveniente do rio infiltra-se; subitamente todos os locais ficam cheios e imediatamente se abarrotam de pequenos peixes. Da onde provavelmente eles surgem, penso compreendê-lo: no ano precedente, quando o Nilo se retirou, os peixes colocam os ovos no lodo antes de partirem com as últimas águas; quando, transcorrido o tempo, as águas voltam novamente, os peixes nascem repentinamente dos ovos. Eis quanto concerne aos peixes⁸⁴.

⁸⁴O relato sobre a reprodução das tilápias é um trabalho exclusivo de Heródoto; o historiador nada retomou de Hecateu, como fez ao descrever o crocodilo (2.68), o hipopótamo(2.71) , a fênix (2.73) , a serpente (2.74) e a íbis (2.76). As considerações

94. Os habitantes das regiões pantanosas utilizam o óleo do fruto do rícino, que os Egípcios chamam *kiki*, e o cultivam assim: semeiam esse rícino, que na Grécia cresce em estado selvagem, nas margens dos rios e dos pântanos; esses, semeados no Egito, dão frutos abundantes, porém malcheirosos. Uma vez colhidos, são triturados, espremidos ou cozidos; depois de torrados, recolhem o que escorre dele: um óleo, que exala um cheiro forte, tão útil para as lâmpadas quanto o azeite de oliva.

95. Contra os mosquitos, existentes em abundância, imaginaram o seguinte: os que moram acima dos pântanos utilizam torres, às quais sobem para dormir, pois os mosquitos, por causa dos ventos, não são capazes de voar alto. Os que habitam as regiões pantanosas, ao invés das torres, imaginaram o seguinte: cada um deles possui uma rede, com a qual pescam durante o dia, e à noite, usam-na assim: colocam a rede sobre a cama onde repousam, então entram por baixo dela para dormir. Os mosquitos, quando dormimos envoltos em um manto ou lençol, picam através deles, mas, através da rede, nem ao menos tentam.

96. Suas embarcações, empregadas no transporte de carga, são de lenho de acácia, cujo aspecto é muito semelhante ao do lótus de cirene, cuja

zoológicas feitas aqui distinguem os peixes em τὰ ἀγελαῖα ζῶα (os que vivem em cardume) e τὰ μοναδικά (os que vivem sozinhos); posteriormente, essa classificação também foi empregada por Aristóteles *HA I*, 1 ss. Embora as inferências de Heródoto sejam equivocadas, suas informações são quase precisas e reforçam suas qualidades de perito observador. De fato, durante a reprodução das tilápias há um ritual de cortejo, dado pela alternância entre machos e fêmeas na condução do grupo. A fêmea da tilápia solta seus ovos na água e, em seguida, os abriga em sua boca, então o macho expele o sêmen, que fêmea também recolhe com a boca. Os ovos fecundados permanecem na boca da fêmea até a eclosão; depois disso, os filhotes ficam perto da mãe, abrigando-se em sua boca em caso de perigo. Tal fato provavelmente levou Heródoto a pensar que os machos comiam parte das crias; somente os poucos peixes que sobrevivessem ao processo dariam continuidade à espécie. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vol 1*, parágrafo93.

resina é uma goma. Desta acácia cortam peças de dois côvados e, juntando-as como tijolos, constroem a embarcação do seguinte modo: em torno das cavilhas, serradas e grandes, fixam madeiras de dois côvados; construindo desse modo o arcabouço do navio, dispõem as vigas por cima dele, e não utilizam nenhuma cavilha; no interior, as juntas são calafetadas com papiro. Fabricam um só timão, que passa através da carena; para o mastro, utilizam lenho de acácia; para a vela, papiro. Esses barcos não conseguem navegar contra a corrente, a menos que domine um vento forte; são arrastados da terra. Na descida do rio, são conduzidos assim: há uma grade feita de tamarga, ajustada com junco, e uma pedra furada com peso máximo de dois talentos. Presa com um cabo, a grade é lançada na parte dianteira do barco, na superfície da água, e a pedra, na parte de trás, é presa pelo cabo. A grade, pelo impulso da corrente, avança velozmente e arrasta a *baris* (esse é o nome desse tipo de embarcação), enquanto a pedra, arrastada na parte de trás, no fundo da água, mantém em linha reta a embarcação. Há muitíssimas embarcações como essa no Egito, que transportam muitos milhares de talentos.

97. Quando o Nilo alaga o país somente as cidades aparecem acima das águas, afigurando-se mais aquelas ilhas no mar Egeu; pois o restante do Egito torna-se mar e somente as ilhas emergem. Quando isso acontece, então, eles não atravessam mais pela corrente do rio, mas pelo centro da planície. Para os que sobem de Náucrates até Mênfis, a embarcação passa ao lado das próprias pirâmides; essa não é a via usual, mas a que vai do vértice do Delta até a cidade de Cercasoro. E do mar de Canobo até Náucrates, navegando através da planície, passamos por Ântila e pela cidade chamada Arcandrópolis.

98. Dentre essas cidades, Ântila, sendo famosa, foi dada à mulher do rei do Egito para lhe fornecer sapatos; isso aconteceu quando o Egito caiu sob o domínio dos Persas. A outra cidade parece-me ter o nome do genro de Dânaos, Arcandros, filho do aqueu Ftios, pois é chamada Arcandrôpolis, e o nome não é egípcio.

99. Até aqui, o que foi dito provém do que vi, julguei e investiguei; a partir de agora, vou falar das histórias egípcias que ouvi, a essas acrescentarei alguma coisa que eu mesmo vi⁸⁵. Os sacerdotes contaram que Min, o primeiro faraó do Egito, protegeu com dique a cidade de Mênfis, pois o rio corria inteiramente ao longo das montanhas arenosas na costa da Líbia; Min, na parte superior, cerca de cem estádios ao sul de Mênfis, tendo aterrado o braço do rio, obrigou-o a fazer uma curva, secou o antigo leito e desviou o rio, que passou a correr no meio das montanhas. Ainda hoje, esse braço do rio, que corre separado, é colocado sob grande atenção pelos Persas, que o reforçam todo ano, pois, se o dique viesse a romper, o rio transbordaria por ali, e Mênfis correria o risco de submergir inteiramente. Assim, por obra de Min, que foi o primeiro rei, tornou-se terra firme o espaço antes ocupado pelo rio, lá ele fundou a cidade que hoje é denominada Mênfis (pois Mênfis está na parte estreita do Egito), fora dali cavou um lago a partir do rio que se volta para o norte e oeste (o próprio

⁸⁵ A partir daqui até o parágrafo 182, Heródoto contará a história do Egito propriamente dita. Esta seção possui duas partes distintas: o reinado de Min a Seto (99-142), e o reino dos Doze Reis até Amásis (*Histórias* - 147-182). Na primeira parte, destaca-se a história lendária do Egito; na segunda, a história real. Nesse último trecho, predominam informações divulgadas após a abertura feita por Psamético, período em que a história do Egito passou a ser melhor conhecida, como admite o próprio Heródoto (2.154). Mesmo assim, a narrativa da história real do Egito contém imprecisões, pois as fontes de Heródoto eram fundamentalmente orais. Note-se ainda que, nessa última parte, Heródoto seleciona as histórias dos faraós que estiveram diretamente envolvidos no conflito persa ou que enviaram presentes aos gregos.

Nilo o limita do lado oriental); depois disso, construiu um templo de Hefestos ali, grande e absolutamente digno de menção.

100. Depois dele, os sacerdotes enumeraram a partir de um papiro os nomes de outros trezentos e trinta reis. Em tantas gerações de homens, havia dezoito reis Etíopes e uma mulher nata egípcia; todos os outros homens eram Egípcios. O nome daquela mulher que reinou é o mesmo da rainha Babilônia: Nítocris. Contam que ela, para vingar o irmão, que os Egípcios assassinaram quando era seu rei – mas, depois de tê-lo assassinado, entregaram a Nítocris o reino - , com um artifício matou muitos Egípcios. Fez construir uma enorme sala subterrânea e, então, anunciou a inauguração; todavia, em sua mente, maquinava outras intenções: convidados para um grande banquete aqueles Egípcios que sabia serem os principais responsáveis pelo assassinato, enquanto eles banquetevam, a rainha, através de um canal secreto, fez irromper o rio. Não contam muitas outras coisas a seu respeito, exceto que, depois de fazer isso, lançou-se em uma sala cheia de cinzas para evitar a vingança.

101. Os demais reis – diziam – porque não haviam realizado nenhuma obra, não eram tão ilustres, exceto o último deles: Méris. Contavam que ele fez construir como recordação os propileus do santuário de Hefestos, voltados para o vendo norte, e também mandou escavar um lago, cuja dimensão em estádios apresentarei posteriormente, ali edificou as pirâmides, cuja grandeza mencionarei quando falar do lago. Essas são suas obras, enquanto que dos outros nada dizem.

102. Deixando-os de lado, então, mencionarei aquele que, após esses, tornou-se rei; seu nome era Sesóstris. Os sacerdotes contavam ter

sido ele o primeiro que, partindo com uma frota de grandes naus do golfo Árábico, subjugou os habitantes das margens do mar Eritreu, avançando sua navegação até chegar a um ponto que, por ser raso, não era mais navegável. Em seguida, segundo a narração dos sacerdotes, ele retornou ao Egito e, reunindo grande exército, marchou através do continente, conquistando todos os povos que encontrava em seu caminho. Àqueles que por acaso eram corajosos e lutavam ferozmente pela sua liberdade, fazia erigir-lhes estelas em seus territórios, nelas inscrevendo seus nomes e o de sua pátria, e como, com seu poderio, subjugara-os; àqueles, por outro lado, cujas cidades tomava sem luta e resistência, fazia erigir-lhes estelas com as mesmas inscrições que fizera para aqueles homens que tinham se mostrado valorosos, gravando também genitálias femininas, desejando tornar evidente que eram covardes.

103. Tendo feito essas coisas, atravessou o continente, passando da Ásia para a Europa, subjugou os Citas e os Trácios. Esse território, parecem-me, foi o ponto mais remoto a que chegou o exército egípcio, pois, nessas terras, se vêem ainda estelas, porém, além desse local, não mais. Desse ponto, tendo dado meia volta, retornou, e, depois que chegou ao rio Fásis, dali não posso dizer com certeza, se o próprio rei Sesóstris, tendo destacado uma parte de seu exército, deixou-a ali para colonizar o território, ou se alguns soldados, cansados por suas andanças, estabeleceram-se às margens do rio Fásis.

104. Os Cólquios são evidentemente de origem egípcia. Faço tal afirmação depois de ter compreendido isso pessoalmente, antes de ter ouvido de outros. Depois que isso me veio à mente, interroguei uns e outros, e os Cólquios tinham mais recordação dos Egípcios do que os

Egípcios dos Cólquios. Os Egípcios disseram considerar os Cólquios descendentes dos soldados de Sesóstris. Eu mesmo conjecturei desse modo, por também eles serem negros e terem cabelos crespos (embora isso nada prove, pois outros também são assim), mas o indício mais forte é que os Cólquios, os Egípcios e os Etíopes são os únicos homens que, desde tempos remotos, praticam a circuncisão. Os Fenícios e os Sírios da Palestina concordam também que eles aprenderam esse uso dos Egípcios, e os Sírios das margens do Termodonte e do Parténio, e os Macraones, seus vizinhos, afirmam terem introduzido há pouco tempo esse costume dos Cólquios. Esses são os únicos homens a praticar a circuncisão, e parecem fazer como os Egípcios. Quanto aos próprios Egípcios e aos Etíopes, não estou em condições de dizer qual dos dois aprendeu do outro, pois parece ser algo antigo. Que tenham aprendido depois de entrarem em contato com os Egípcios, a maior prova, para mim, é que, quando os Fenícios passaram a conviver com os Gregos, não mais imitaram os Egípcios quanto à circuncisão, e não submeteram mais seus descendentes à circuncisão.

105. Refiro-me agora a outro aspecto dos Cólquios, que os torna semelhantes aos Egípcios: eles e os Egípcios são os únicos a trabalharem o linho do mesmo modo. Em tudo o que concerne à vida, e também à língua são semelhantes entre si. O linho cólquio é chamado pelos Gregos de “sardônico”, e o proveniente do Egito, “egípcio”.

106. Das estelas erguidas pelos países por Sesóstris, rei do Egito, a maioria não é mais visível, mas, na Síria Palestina, eu mesmo vi que ainda existem, com as inscrições já referidas e as genitálias femininas. Há também, na Jônia, duas imagens desse homem esculpidas na rocha: uma na estrada que vai de Éfeso a Foceia, outra na estrada que leva de Sardes a

Esmirna. Em ambos os locais há um homem com quatro côvados e meio de altura, esculpido com uma lança na mão direita e um arco na esquerda, o restante do seu equipamento é similar, em parte egípcio, em parte etíope. De um ombro ao outro, através do peito, uma inscrição com caracteres sagrados egípcios diz o seguinte: “Eu conquistei esta terra com meus ombros”. Quem ele é e de onde, ali não é indicado, mas o é em outro lugar. Alguns dos que viram essa figura, estando muito distante da verdade, julgam que ela representa a imagem de Mémnon.

107. Quando o egípcio Sesóstris, em seu retorno, trazia muitos homens dos povos cujos territórios conquistara – disseram-me os sacerdotes – ao atingir, na volta, Dafne de Pelúsia, seu próprio irmão, a quem confiara o Egito, convidou Sesóstris e seus filhos a aceitarem sua hospitalidade. Então fez cercar o exterior da casa com madeira, e, tendo cercado, ateou fogo. Tão logo se apercebeu, Sesóstris imediatamente consultou sua esposa, que levava consigo. Ela o aconselhou a estender dois dos seis filhos que tinham sobre o fogo, a fim de encobrir as chamas, e eles, passando sobre seus corpos, se salvarem. Sesóstris fez isso, dois dos seus filhos morreram queimados desse modo, enquanto os outros salvaram-se com o pai⁸⁶.

108. Depois de retornar ao Egito e se vingar do irmão, Sesóstris se serviu da multidão de cativos que trouxe das terras conquistadas do seguinte modo: as pedras levadas durante seu reinado para o templo de Hefestos, dimensão enorme, foram eles que as arrastaram. Foram também obrigados a escavar todos os canais que hoje existem no Egito; a contragosto, tornaram o Egito, antes todo percorrido por carros e cavalos, privado

dessa possibilidade. A partir dessa época, o Egito, embora totalmente plano, tornou-se inadequado para a cavalaria e os cavalos; a causa disso é a existência de canais, numerosos e voltados para todas as direções. O rei fez cortar o país pelo seguinte motivo: aqueles Egípcios, cujas cidades não estavam às margens do rio, mas no interior, cada vez que o rio se retirava e a água escasseava, serviam-se da água salobre retirada de poços. Eis o motivo pelo qual o Egito é cortado por canais⁸⁷.

109. Diziam que esse rei distribuiu o território entre todos os Egípcios, concedendo a cada um deles um lote quadrado igual e que fez disso uma fonte de renda, fixando o pagamento de um tributo anual. Se acontecesse de o rio tirar de alguém uma parte de seu lote, esse ia até o rei e lhe apontava o sucedido; o rei, então, enviava pessoas que examinavam e calculavam o quanto a terra fora diminuída, a fim de que, no futuro, o proprietário fosse taxado levando-se em conta a perda. Está aí, segundo penso, a origem da geometria, introduzida posteriormente na Grécia. Mas quanto ao relógio de sol, ao gnômon e a divisão do dia em doze partes, os Gregos devem-nos aos Babilônios.

110. Esse foi o único rei do Egito a reinar sobre a Etiópia. Deixou como lembrança duas estátuas de pedra de trinta côvados diante do templo de Hefestos, representando a si e a sua esposa, e quatro representando seus filhos, com vinte côvados cada uma. Muito tempo depois, o sacerdote de Hefestos não permitiu que o persa Dario erigisse sua estátua diante daquelas, dizendo-lhe que não realizara feitos da magnitude

⁸⁶A história do irmão de Sesóstris não é uma narrativa real; o tema do irmão conspirador é freqüente em lendas e mitos egípcios, inclusive na história da luta entre Sete e Osíris.

⁸⁷Sendo Sesóstris uma personagem lendária, associaram-se a ele feitos heróicos ou grandiosos; tal é o caso da construção dos canais.

dos do egípcio Sesóstris: o faraó subjagara também outros povos, em número não inferior do que ele, entre os quais os Citas, que Dario não fora capaz de conquistar; portanto, não seria justo erigir sua estátua diante daquelas, tendo ficado aquém de seus feitos. Dario, dizem, teria acatado esse argumento.

111. Dizem que, morto Sesóstris, o reino passou para seu filho, Feros. Ele não realizou nenhuma expedição militar, mas ficou cego em decorrência do seguinte fato. Quando o rio atingiu a altura de dezoito côvados, inundou os campos, tornando-se caudaloso sob o sopro do vento; contam que o rei, tomado de intensa presunção, pegou uma lança e arremessou no meio do vórtice do rio; imediatamente teve os olhos afetados e ficou cego. Por dez anos permaneceu cego; no décimo primeiro, foi até ele um oráculo da cidade de Buto, dizendo que findara o tempo da pena e que iria recuperar a visão lavando os olhos com a urina de uma mulher que tivesse mantido relações apenas com seu marido, e que não conhecesse outros homens. Primeiro experimentou a urina da própria mulher, e, como não enxergasse, experimentou, sucessivamente, a urina de muitas outras mulheres. Quando recobrou a visão, conduziu as mulheres a quem recorrera (exceto aquela cuja urina devolveu-lhe a visão) para uma cidade chamada Eritrébolos (Terra Vermelha) e, depois de reuni-las, incendiou todas com a própria cidade. Aquela com cuja urina se lavou e recobrou a visão, tomou como esposa. Livre da enfermidade dos olhos, consagrou diversas oferendas em todos os santuários renomados, e, dentre outras, uma é particularmente digna de menção: no templo de Hélios, consagrou obras dignas de admiração: dois obeliscos de pedra, cada um formado de um só bloco, com cem côvados de altura e oito côvados de largura.

112. Diziam que a esse sucedeu um homem de Mênfis, cujo nome em grego é Proteu. Há ainda hoje, em Mênfis, ao sul de Hefestos, um recinto dele, extremamente belo e bem adornado. Habitam em torno do recinto Fenícios de Tiro; toda essa área é chamada Campo dos Tírios. No interior do recinto de Proteu, há um santuário de Afrodite Estrangeira. Suponho que esse seja o templo de Helena, filha de Tíndaro, não só por ter ouvido a história da estada de Helena junto a Proteu, como também pelo fato de ter como epônimo Afrodite Estrangeira; com efeito, outros templos de Afrodite jamais recebem o nome de Estrangeira.

113. Às minhas indagações, os sacerdotes diziam o seguinte acerca do que ocorrera com Helena: Alexandre, depois de raptar Helena de Esparta, navegava de volta à sua terra; quando atingiram o Egeu, ventos contrários os lançaram ao mar do Egito; ali, como os ventos não cedessem, chegaram até o Egito, e, do Egito, à boca do Nilo, hoje chamada Canopo, e em Tarique. Havia nas margens do rio, e ainda há hoje, um templo de Héracles, no qual, se um escravo, pertencente a quem quer que fosse, se refugiasse, imprimindo em si os sinais sagrados para consagrar-se ao deus, a ninguém era permitido tocá-lo. Esse costume continua a existir igualmente na minha época, como em tempos idos. Os servos de Alexandre, informados da regra concernente a esse santuário, debandaram. Posicionados como suplicantes do deus, denunciaram Alexandre com intento de prejudicá-lo, detalhando ponto por ponto a história e como estava a situação de Helena e o ultraje feito a Menelau. Essas acusações fizeram aos sacerdotes e ao guardião dessa boca do rio, cujo nome era Tônís.

114. Tendo ouvido essas coisas, Tônís envia prontamente a

Mênfis uma mensagem endereçada a Proteu com o seguinte teor: “Chegou um estrangeiro, da raça teucra, que praticou ato ignóbil na Grécia: seduziu a esposa do próprio anfitrião, levando-a consigo e profusas riquezas; ventos contrários fizeram-no aportar em tuas terras. Permitiremos que siga incólume a navegação ou confiscaremos o que trouxe?”. Proteu envia a seguinte resposta: “Esse homem, seja quem for, praticou uma iniquidade com o próprio hóspede, prendam-no e tragam-no à minha presença, para que eu saiba o que tem a dizer.”

115. Tendo recebido a ordem, Tônís captura Alexandre e retém suas naus, depois conduz até Mênfis, Alexandre, Helena e os tesouros, além dos suplicantes. Todos tendo sido levados à sua presença, Proteu perguntou a Alexandre quem ele era e de onde navegara. Ele apresentou-lhe sua genealogia, disse o nome de sua pátria, bem como de onde provinha sua navegação. Então, Proteu lhe perguntou de onde tomara Helena; Alexandre, vacilando em seu discurso, não contava a verdade, mas os servos, que se tinham tornado suplicantes, relataram toda a história do mal feito. No final do relato, Proteu pronunciou a seguinte sentença: “Se eu não tivesse em grande conta não matar estrangeiro algum que, desviado pelos ventos, chega à minha terra, vingaria o Grego de tua ofensa, tu, o pior dos homens, que, depois de conheceres a hospitalidade, cometeste o ato mais sórdido. Tu te aproximaste da esposa de teu anfitrião e, não satisfeito com isso, incitando-a à fuga, a levaste furtivamente. Como se não bastasse, tendo pilhado a casa do hóspede, vieste para cá. Agora, visto que levo em grande conta não matar um estrangeiro, não permitirei que leves a mulher e os tesouros, guardá-los-ei para o Grego estrangeiro até que ele mesmo queira vir buscá-los; quanto a ti e aos teus companheiros de viagem, ordeno-vos levantar âncora no prazo de três dias, transferindo-vos da minha

terra para outra; caso contrário, tratar-vos-ei como inimigos”.

116. Os sacerdotes diziam que assim foi a chegada de Helena junto a Proteu. Parece-me que Homero também tinha conhecimento dessa história, mas, como ela não era igualmente conveniente para a epopéia, utilizou a outra, deixando essa de lado, mostrando, contudo, que não a ignorava. Isso fica evidente pelo que disse na *Ilíada* - em nenhum outro lugar ele se contradisse – sobre o perambular de Alexandre, que tendo se desviado da rota quando trazia Helena, errou por muitos lugares até chegar a Sidon, na Fenícia. Ele é lembrado na *Gesta de Diomedes*, onde o poeta conta o seguinte: “Ali havia peplos inteiramente bordados, obras das mulheres sidônias, que o próprio Alexandre, símile divino, trouxe de Sidon, navegando pelo vasto mar, quando trazia na viagem, Helena de ancestrais ilustres.” (*Ilíada* VI, 289- 292). E também recorda na *Odisséia*, onde diz o seguinte: “A filha de Zeus recebera da esposa de Tônus, Polidama, tais remédios, engenhosos e excelentes, do Egito, cujo solo fértil produz ervas em profusão; muitas são salutares, outras, malignas”. (*Odisséia* IV, 227 – 230). Nessa outra parte, Menelau fala a Telêmaco: “Os deuses ainda me retinham ali no Egito, embora eu desejasse retornar, por não lhes haver imolado uma hecatombe perfeita.” (*Odisséia* IV, 351 – 352). Nesses versos, ele demonstrou saber que Alexandre errara pelo Egito, pois a Síria é limítrofe ao Egito, e os Fenícios, aos quais pertence Sidon, vivem na Síria.

117. Com base nesses versos e nessa passagem, fica claro, ou melhor, claríssimo, que os *Cantos Cíprios* não são de Homero, mas de algum outro autor, pois, nos *Cantos Cíprios*, diz-se que Alexandre chegou em três dias de Esparta, levando Helena para Ílion, aproveitando ventos

favoráveis e mar sereno; na *Iliada*, conta-se que ele andou à deriva quando levava Helena. Mas deixemos agora Homero e os *Cantos Cíprios*.

118. Quando perguntei aos sacerdotes se os Gregos contavam ou não histórias vãs acerca do ocorrido em Tróia, responderam-me o seguinte, informados pelo próprio Menelau: veio às terras teucas, após o rapto de Helena, um poderoso exército grego, que obedecia ao comando de Menelau; tão logo esse exército desembarcou na terra e levantou acampamento, enviou embaixadores a Ílion, acompanhados do próprio Menelau. Depois de ultrapassarem as muralhas, reclamaram a devolução de Helena e dos tesouros que Alexandre roubara ao partir, exigindo reparação pelas injustiças. Mas os Troianos, tanto naquele momento como depois, repetiam o mesmo discurso, jurando e sem jurar: não tinham nem Helena e nem os tesouros reclamados, tudo isso estava no Egito, e não seria justo terem que pagar pelo que tinha Proteu, rei do Egito. Os Gregos, imaginando que se tratasse de zombaria, fizeram cerco à cidade até dominá-la. Tomadas as muralhas, como Helena não aparecesse e ouvissem o mesmo relato que o anterior, os Gregos, colocando fé no primeiro discurso, enviaram o próprio Menelau até Proteu.

119. Chegando ao Egito, Menelau subiu o rio até Mênfis, onde contou a verdade dos fatos; recebeu grande acolhida e teve de volta Helena, que não sofrera nenhum mal, além de todos os tesouros que lhe pertenciam. Embora obtivesse isso, Menelau revelou-se um homem injusto para com os Egípcios. Tendo pressa em retomar a navegação, foi retido por ventos desfavoráveis. Como a situação se prolongasse muito, imaginou um ato ímpio: tomou duas crianças do país e sacrificou-as. Depois, quando esse ato se tornou notório, odiado e perseguido, partiu em fuga com seus navios

para a Líbia. Parte desses fatos diziam conhecer a partir de informações obtidas; da outra, ocorrida entre eles, falavam com conhecimento seguro.

120. Os sacerdotes egípcios diziam essas coisas, e eu mesmo estou de acordo quanto ao relato feito sobre Helena, apresentando as seguintes considerações: se Helena estivesse em Ílion, teria sido restituída aos Gregos, com ou sem o consentimento de Alexandre. Príamo e seus demais parentes não eram tão insanos, a ponto de desejarem colocar em perigo sua própria segurança, a de seus filhos e a da cidade, enquanto Alexandre convivesse com Helena. E se eles já nos primeiros momentos sabiam disso, depois de muitos Troianos, cada vez que enfrentavam os Gregos, morrerem, entre os quais estavam dois, três ou mais filhos de Príamo – se podemos basear nossa afirmação no que dizem os poetas - , penso que, em tal situação, se o próprio Príamo mantivesse relações com Helena, a restituiria aos Gregos, se com isso se livrasse dos males presentes. Por outro lado, o reino não seria herdado por Alexandre, de modo que, Príamo estando velho, o poder estivesse em suas mãos; caberia a Heitor, mais velho e homem melhor do que o irmão, quando Príamo morresse, herdar o reino. A Heitor não convinha ceder ao irmão que praticava atos injustos, tanto mais quando, por causa de Alexandre, muitos males ocorriam para ele e para todos os Troianos. Mas não estavam em condições de restituir Helena, e os Gregos não davam crédito a eles que diziam a verdade, devido ao fato – segundo creio – de que a divindade preparava a destruição completa, para tornar manifesto àqueles homens que às grandes injustiças correspondiam grandes castigos da parte dos deuses. Afirmo o que me parece.

121. Diziam que Proteu foi sucedido por Rampsinito, que deixou

como monumentos os pórticos de Hefestos voltados para o ocidente, e, diante desses pórticos, ergueu duas estatuas de vinte e cinco côvados de altura: os Egípcios denominam Verão a que se volta para o norte; Inverno, a que se volta para o sul. A denominada Verão, a essa veneram e honram; já a chamada Inverno, fazem o contrário.

α : Diziam que esse rei possuía enorme riqueza em prata, não ultrapassada ou equiparada por nenhum dos reis que lhe sucederam. Desejando conservar o tesouro em segurança, construiu uma sala de pedra, da qual uma das paredes voltava-se para a parte externa do palácio. Mas o construtor planejou a seguinte artimanha: dentre as pedras, dispôs uma de modo a ser facilmente retirada por um ou dois homens. Quando a sala foi concluída, o rei depositou o tesouro nela; o tempo passou, e o construtor, estando no fim da vida, chamou seus filhos - que eram dois - e contou-lhes como, velando por seu futuro, a fim de que tivessem uma vida opulenta, utilizara-se de artimanha na construção da sala do tesouro do rei. Explicou-lhes tudo detalhadamente, o modo de retirar a pedra, deu-lhes as dimensões, dizendo que, observando com atenção essas coisas, seriam os detentores das riquezas do rei. Quando morreu, seus filhos não esperaram muito para se colocarem em ação. À noite foram até o palácio, facilmente removeram a pedra da sala com as mãos e retiraram grande quantidade de riquezas.

β : Quando, por acaso, o rei abriu a sala, espantou-se ao ver os vasos desfalcados de dinheiro, sem ter a quem incriminar, pois os selos estavam intactos e a sala fechada. Mas, quando abriu uma segunda e uma terceira vez, o dinheiro parecia diminuir (pois os ladrões não paravam de roubar); eis o que fez: ordenou que preparassem armadilhas e as colocassem em volta dos vasos onde estavam os tesouros. Os ladrões retornaram, como da primeira vez, um deles entrou e, tão logo se

aproximou do vaso, eis que foi preso pela armadilha. Como sabia em qual desgraça caíra, imediatamente chamou o irmão e mostrou-lhe o sucedido, e ordenou que entrasse rapidamente e lhe cortasse a cabeça, para evitar que, visto e reconhecido, o outro fosse aniquilado. Pareceu-lhe que o irmão falara bem e, persuadido, fez isso; recolocando a pedra que removera, deixou o palácio, levando a cabeça do irmão.

γ: Quando veio o dia, entrando na sala, o rei ficou perplexo ao ver o corpo do ladrão decepado na armadilha e a sala intacta, sem apresentar nenhuma saída ou entrada. Sentindo-se embaraçado, fez o seguinte: suspendeu o corpo do ladrão no alto da muralha e, colocando seus guardas para vigiá-lo, ordenou que, se vissem alguém chorando ou se lamentando, prendessem-no e trouxessem-no até ele. Pendurado o cadáver, a mãe indignou-se e, indo ter com o filho sobrevivente, ordenou que imaginasse um modo, qualquer que fosse, de livrar o corpo do irmão e de levá-lo embora, caso não obedecesse, ameaçou ir até o rei denunciá-lo como detentor das riquezas.

δ: Como a mãe admoestasse duramente o filho sobrevivente e ele, falando-lhe muito, não a persuadissem, imaginou o seguinte stratagem: tendo preparado alguns asnos e enchido odres de vinho, colocou-os sobre os asnos e, em seguida, impeliu-os à frente. Tão logo se aproximou dos que vigiavam o cadáver suspenso, tendo sacado os bocais de dois ou três odres, ele próprio desata os nós que os prendiam; como o vinho escorresse, golpeava sua própria cabeça, gritando a plena voz, como se não soubesse para qual dos asnos se voltar primeiro. Assim que os guardas vêem correr vinho em abundância, correm juntos para a estrada com jarros à mão e recolhem o vinho derramado, tirando proveito. O ladrão, simulando ira, injuriou a todos. Os guardas o consolaram e, depois de algum tempo, ele fingiu se acalmar e abrandar a ira; finalmente, ele mesmo tocou os asnos

para fora da estrada e arrumou seu carregamento. Quando a conversa ganha corpo e um dos soldados o provoca com brincadeiras, levando-o ao riso, ele os presenteia com um dos odres; e eles, ali, como estavam, reclinados, pensavam só em beber, e o acolhiam, fazendo questão que ele, permanecendo a seu lado, partilhasse da bebedeira. Ele concordou e ficou; como o tratassem de maneira absolutamente amigável, enquanto bebiam, deu-lhes outro jarro. Os guardas, servindo-se de copiosas doses, ficaram completamente bêbados e, vencidos pelo sono, ali onde beberam, adormeceram. O ladrão, quando a noite avançou, soltou o corpo do irmão e, por zombaria, raspou a face esquerda de todos os guardas; tendo colocado o cadáver sobre os asnos, levou-os para casa, cumprindo o que a mãe determinara.

ε: O rei, quando lhe informaram do roubo do corpo do ladrão, ficou furioso, e, desejando descobrir, de qualquer modo, quem era o autor dessa façanha, fez o seguinte, inverossímil para mim: colocou a própria filha num prostíbulo, recomendando que acolhesse todos indistintamente e, antes de se unir a eles, forçasse cada um a lhe dizer o que havia feito em sua vida de mais ardiloso e ímpio; quem contasse o que ocorrera a respeito do ladrão, desse deveria segurar e não deixar sair. A filha cumpriu o que o pai impusera; o ladrão, informado do porquê havia feito isso, desejando superar o rei em astúcia, fez o seguinte: na altura do ombro, cortou o braço de um cadáver recém morto e partiu com ele sob o manto; quando se introduziu junto à filha do rei e foi interrogado como os demais, disse que o feito mais ímpio havia realizado quando cortara a cabeça do irmão, capturado pela armadilha na sala do rei, e o ato mais ardiloso foi embebedar os guardas e livrar o corpo pendurado do irmão. Ouvindo isso, ela colocou a mão sobre ele, mas o ladrão, na escuridão, deu-lhe a mão do cadáver; a princesa, segurando-a, retinha-a, pensando ter sua mão; o ladrão,

entretanto, abandonando-a, partiu, fugindo pela porta.

ζ: Quando também isso foi relatado ao rei, o monarca ficou estupefato com a engenhosidade e ousadia do homem, e, finalmente, enviando mensageiros a todas as cidades, fez anunciar que lhe dava impunidade, prometendo grande recompensa para quem se apresentasse frente a ele. O ladrão, confiante, foi até o faraó; Rampsinito, admirou-o muito e lhe deu a filha em casamento, porque era o mais engenhoso dos homens, e os Egípcios superam todos os outros quanto a inteligência, e aquele sobrepujava aos Egípcios.

122. Em seguida, narravam os sacerdotes, esse rei desceu vivo para onde os Gregos consideram ser o Hades⁸⁸; lá jogou dados com Deméter, às vezes vencendo, às vezes sendo vencido por ela, e, quando voltou novamente à terra, trouxe um lenço de ouro como presente da deusa. A partir da descida e do retorno de Rampsinito, os sacerdotes disseram que os Egípcios celebram uma festa sagrada, que sei que ainda realizam nos meus dias; não posso dizer, contudo, se é por esse motivo que festejam. Nesse mesmo dia, os sacerdotes tecem um manto e amarram uma faixa em torno dos olhos de um deles, e, depois de conduzi-lo, vestido com o manto, pela estrada que vai até o templo de Deméter, refazem seus passos. O sacerdote que traz os olhos vendados, dizem, é conduzido por dois lobos até o templo de Deméter, vinte estádios distantes da cidade, e que mais

⁸⁸A lenda da descida de um governante, deus ou herói ao mundo subterrâneo é um tema folclórico presente tanto na cultura grega como na egípcia. Plutarco (*DIO* 12) menciona a descida de Hermes ao Hades, onde o herói, após cinco dias de jogo, venceu seu oponente. Na cultura egípcia, há uma história semelhante: um sacerdote de Sete, em uma tumba, lenda vencer um livro mágico num jogo de damas; o prêmio do vencedor é a ressurreição, alcançada através do uso de drogas dadas por uma deusa (M.Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature, vol. III*, pp. 132 ss.). Note-se que Heródoto registra essa narrativa folclórica por ela ter elementos que podem ser encontrados na própria cultura grega.

tarde, os lobos o conduzem do santuário para o mesmo local⁸⁹.

123. Faça bom proveito dos relatos dos Egípcios aquele para quem relatos assim são confiáveis; quanto a mim, coloca-se como princípio que, ao longo de toda esta narração, escrevo as histórias que ouvi de cada um. Os Egípcios dizem que Deméter e Diôniso têm poder sobre os mundos subterrâneos. Os Egípcios foram também os primeiros a enunciar a doutrina de que a alma do homem é imortal, e que ,quando o corpo morre, ela sempre entra em outro ser vivo que está nascendo; depois de passar por todas as criaturas, terrestres, marítimas e aladas, ela novamente penetra em um corpo humano em vias de nascer; esse ciclo se completa em três mil anos⁹⁰. Existem alguns Gregos que se utilizaram dessa teoria, uns antes, outros depois, como se fosse sua; embora lhes conheça os nomes, não os escrevo.

124. Até o reinado de Rampsinito, diziam os sacerdotes, havia perfeita legalidade e grande prosperidade, mas Quéops, que reinou a seguir, reduziu tudo à mais completa ruína: primeiro fechou todos os templos e impediu a sacrifcação , depois ordenou que todos os Egípcios trabalhassem

⁸⁹Heródoto descreve com grande precisão o festival de Osiris celebrado na coroação do faraó. O sacerdote vendado representava Orus; Osiris representa o rei morto, conduzido por Ísis (responsável pelo renascimento dos mortos). O sacerdote, ao retornar, simbolizava o retorno de Orus, cujo representante na terra era o faraó.

⁹⁰A idéia da metempsicose não foi elaborada ou utilizada pelos Egípcios; basta lembrar o quanto esse povo se preocupava com o embalsamamento e a construção de recintos para guardar os corpos, cujas almas retornariam no mesmo corpo. A teoria da transmigração da alma teve ampla divulgação na época de Heródoto e no século VI a.C., e vigorou na Grécia até o estabelecimento do Cristianismo. Essa teoria é associada a Pitágoras, Empédocles e aos órficos. Pitágoras afirmou que a alma do homem poderia reencarnar em animais (*DK 21, B7~KR268*; Porfírio, *Vita Pyth*, 19~*DK 14, 18a*; Aristóteles, *De Anima* I, 3(407b). Os pitagóricos acreditavam que o processo de metempsicose era cíclico; periodicamente os mesmos eventos ocorriam da mesma forma (*DK 58, B34~KR 272*). Empédocles adicionou vários elementos a essa teoria; para o filósofo, a alma

para ele: a uns determinou que trouxessem pedras (transportadas em embarcações pelo rio) das pedreiras situadas nas montanhas líbias até o Nilo; a outros ordenou que recebessem as pedras e as arrastassem até a montanha chamada Líbica. Cem mil homens trabalhavam, continuamente, a cada trimestre. Dez anos de penúria se passaram para o povo na construção da estrada por onde seriam arrastadas as pedras, obra, em minha opinião, não muito menor do que a da pirâmide (pois, de comprimento são cinco estádios; de largura, duas braças; de altura, em seu ponto mais alto, oito braças); ela é feita de pedras polidas e têm figuras gravadas. Dez anos foi o tempo necessário para sua construção e das câmaras subterrâneas, na colina sobre a qual se erguem as pirâmides; Quéops fez construir as câmaras com suas tumbas numa ilha, levando-lhes água de um canal do Nilo. A própria pirâmide consumiu vinte anos de trabalho; cada fachada de um de seus lados mede oito pletros, ela é feita de pedra polida, perfeitamente rejuntada, é quadrada e seus lados possuem a mesma altura; nenhuma das pedras tem menos de trinta pés.

125. Essa pirâmide foi construída em degraus, que uns chamam *crossae* e outros *bômides*; depois de ela ter sido assim edificada, o restante das pedras erguiam com máquinas feitas de traves curtas, alçando-as da terra sobre a primeira fileira de degraus. Ali disposta, colocavam a pedra sobre outra máquina, depositada no primeiro degrau, e desse, era levada para o segundo e colocada sobre outra máquina. De fato, quantas eram as fileiras de degraus, tantas eram as máquinas, ou então era a mesma máquina, única e fácil de transportar sobre cada degrau, depois das pedras serem retiradas; devemos nos referir aos dois modos, conforme as duas versões. Foram concluídas primeiro as partes mais altas da pirâmide,

poderia reencarnar em animais e plantas. Preceitos semelhantes também são

depois finalizaram as mais próximas a ela, e, por último, as partes mais próximas do solo e as mais baixas. Inscreveram na pirâmide, com caracteres egípcios, o quanto foi destinado em sirmaia, cebola e alho para os trabalhadores e, se bem me lembro do que o intérprete me falou ao decifrar as inscrições, a soma foi de mil e seiscentos talentos de prata. Se as coisas se deram assim, quantos talentos teriam sido destinados para os que trabalhavam e para os alimentos e vestes dos operários, uma vez que, além do tempo referido, gasto na construção, houve aquele em que trabalharam as pedras, transportaram-nas e escavaram canais subterrâneos, um tempo não pequeno, ao que me parece?

126. Quéops chegou a tal perversidade que, necessitando de dinheiro, instalou a própria filha num prostíbulo e ordenou-lhe que fizesse uma certa soma em dinheiro, cujo valor não me disseram. Ela cumpriu as determinações do pai e, em particular, planejou ela mesma deixar um monumento, e, a seus visitantes, pedia que lhe presentearassem com uma pedra; disseram que com essas pedras foi construída a pirâmide localizada no meio das três, diante da grande pirâmide, cujos lados medem, cada um, um pletro e meio.

127. Esse Quéops, dizem os Egípcios, reinou cinquenta anos e, depois de morto, foi sucedido por seu irmão, Quéfren. Esse agiu do mesmo modo que seu predecessor; particularmente, construiu também uma pirâmide, embora não com as mesmas dimensões daquela (nós mesmos a medimos), pois não possui construções subterrâneas, nem chega a ela um canal proveniente do Nilo, como na outra pirâmide, por onde a água corre, através das construções que circundam a parte interna da ilha, na qual

dizem jazer o próprio Quéops. Tendo construído a base da pirâmide com pedras etíopes multicores, erigiu-a com quarenta pés a menos do que a outra, a maior, ambas dispostas sobre a mesma colina, com cerca de cem pés de altura. Dizem que Quéfren governou durante cinqüenta e seis anos.

128. Calcula-se que nesses cento e seis anos houve entre os Egípcios toda sorte de misérias e que durante todo esse tempo os santuários estiveram fechados, não foram reabertos. Por ódio a esses reis, os Egípcios não desejam sequer mencioná-los; chamam as pirâmides do “Pastor Filítios”, que, naquele tempo, levava o rebanho por aqueles lados.

129. Depois dele, diziam que reinou no Egito Micerino, filho de Quéops. Micerino desaprovou as obras do pai, reabriu os santuários e deixou o povo, reduzido à extrema miséria, livre em relação a seus trabalhos e ritos; de todos os reis, foi ele o que proferiu as sentenças mais justas. Em função disso, dentre todos os que se tornaram rei no Egito, louvam particularmente esse; com efeito, dizem não só que julgava bem, mas ainda que, a quem reprovasse a sentença, dava algo de suas posses para acalmar-lhe a cólera. Mas a Micerino, que era benévolo com os cidadãos e obedecia às leis, aconteceu, como a primeira das desgraças, a morte de sua filha, a única criança de sua casa. Profundamente amargurado com o acontecimento que o golpeara e desejando sepultar a filha de um modo que superasse todos os outros, fez construir uma vaca de madeira oca, e, então, tendo-a feito dourar por fora, nela enterrou a filha morta.

130. Essa vaca não foi enterrada sob a terra, mas ainda era vista na minha época, estava na cidade de Sais, depositada no palácio, numa sala ornamentada; durante todo dia, queimam a seu redor toda sorte de incenso,

e toda noite arde constantemente uma candeia. Segundo me diziam os sacerdotes de Sais, próxima a essa vaca, em outra sala, estão as estátuas das concubinas de Micerino. De fato, estão erigidas imensas estátuas de madeira, esculpidas nuas, cujo número chega mais ou menos a vinte; quem são, não estou apto a dizer, exceto o que se conta.

131. Alguns contam a seguinte história a respeito dessa vaca e das estátuas de madeira: Micerino apaixonou-se pela própria filha e, então, uniu-se a ela contra sua vontade. Depois disso, dizem que a jovem se enforcou devido à angústia; o faraó enterrou-a dentro daquela vaca; a mãe fez cortar as mãos das servas que haviam entregado a filha ao pai; hoje as estátuas das servas sofrem o que as mulheres sofreram vivas. Mas esses relatos são frívolos, como me parece, assim como outros, principalmente no que diz respeito às mãos das estátuas; pois nós mesmos vimos que as estátuas, devido à ação do tempo, perderam as mãos, que estavam aos seus pés ainda no meu tempo.

132. A vaca está totalmente coberta por um manto púrpuro, exceto o pescoço e a cabeça, que foram dourados com uma espessa camada de ouro e, entre os chifres, há uma representação do disco do sol em ouro. A vaca não está em pé, mas ajoelhada, e é tão grande quanto uma vaca viva. É transportada para fora da sala todos os anos, quando os Egípcios se fustigam em honra ao deus, que não pode ser nomeado por mim em tal circunstância. Então levam a vaca para fora à luz, pois dizem que princesa, agonizando, rogou ao pai Micerino que uma vez por ano visse o sol.

133. Depois da morte da filha, um segundo fato ocorreu a esse mesmo rei: veio um oráculo da cidade de Buto, anunciando que o rei só

teria seis anos de vida, no sétimo, morreria. Suportando isso terrivelmente, o faraó enviou uma delegação ao santuário para censurar o deus, reclamando que seu pai e seu tio haviam fechado os templos, não tinham levado em conta os deuses, por fim, mataram homens e mesmo assim tinham vivido muito tempo, enquanto ele, que era piedoso, deveria morrer assim rapidamente. Mas do santuário veio até ele um segundo oráculo, dizendo que, precisamente por causa disso, tinha a vida abreviada, pois não fizera o que tinha de ser feito: era necessário que o Egito sofresse males durante cento e cinqüenta anos, os dois reis que o precederam no trono sabiam disso, mas ele não. Micerino, ao ouvir isso, como esse destino lhe estava fixado, fez fabricar muitas tochas e, tão logo a noite surgia, fazendo-as acender, bebia e gozava a vida, não parando nem de dia, nem de noite, vagando por pântanos e bosques e por onde sabia existir os melhores lugares de diversão. Planejou essas coisas desejando mostrar que o oráculo errara, porque os anos, em lugar de seis, se tornavam doze, ao fazer das noites dias.

134. Também ele deixou uma pirâmide quadrangular de pedra etíope até a metade, muito menor que a pirâmide do pai, faltando, em cada face, vinte pés para atingir três pletros. Certos gregos dizem que ela é da cortesã Ródope, mas estão incorretos. Parecem-me falar sem ao menos saber quem foi Ródope (de outro modo não lhe teriam atribuído a construção de uma tal pirâmide, na qual foram gastos – por assim dizer – incalculáveis milhões de talentos), sem saber tão pouco que Ródope atingiu sua maturidade no reino de Amásis e não no de Micerino. Com efeito, Ródope viveu muitos anos mais tarde que esses reis, que deixaram essas pirâmides; originária da Trácia, foi escrava do sâmio Ládmon, filho de Hefestópolis, companheiro de escravidão de Esopo, autor das fábulas.

Também esse pertenceu a Ládmon, como evidência, com precisão, o seguinte fato: quando os Délfios indagaram, muitas vezes por intermédio dos arautos, com base num oráculo, quem desejava receber a indenização pela morte de Esopo, ninguém se apresentou, mas a recebeu um outro Ládmon, filho do filho de Ládmon. Assim também Esopo pertenceu a Ládmon.

135. Ródope chegou ao Egito conduzida por Xanto de Samos, e, tendo chegado para exercer a prostituição, foi libertada, por uma grande quantia, por um homem de Mitilene: Caraxo, filho de Escamandrómio, irmão da poetisa Safo. Assim, Ródope foi libertada e permaneceu no Egito, e, sendo muito atraente, ganhou bastante dinheiro (bastante para ser uma Ródope, mas não tanto para construir uma tal pirâmide). A décima parte de sua riqueza pode ser vista ainda hoje por todo aquele que desejar, mas não é necessário atribuir-lhe grande fortuna. Ródope foi tomada pelo desejo de deixar um monumento seu na Grécia, tendo mandado executar uma obra que jamais alguém um dia imaginou ou consagrou em um santuário; e a erigiu em Delfos como recordação sua. Então, com décima parte da riqueza, fez espetos de ferro- suficientes para perfurar um boi inteiro – e os enviou a Delfos; lá estão, ainda agora, empilhados atrás do altar que os habitantes de Quios erigiram, em frente do próprio templo. Há uma tradição segundo a qual em Náucrates há cortesãs atraentes: essa, a respeito de quem se diz tal história, tornou-se tão célebre que também todos os Gregos aprenderam o nome de Ródope; mais tarde, uma outra, que recebeu o nome de Arquídice, tornou-se famosa em toda Grécia, embora menos celebrada do que a outra. Quando Caraxo, depois de libertar Ródope, retornou a Mitilene, Safo o reprovou duramente num poema. Dou por terminado o que se refere a Ródope.

136. Depois de Micerino, os sacerdotes diziam que Asique tornou-se rei do Egito, o qual construiu, voltados para o Oriente, pórticos no santuário de Hefestos, sendo, em muito, os mais belos e os maiores. Com efeito, todos os pórticos apresentam figuras esculpidas e aspectos diferentes e numerosas construções, mas aqueles os superam muitíssimo. Sob o reinado desse faraó – diziam - como houvesse grande escassez de dinheiro, passou a vigorar uma lei para os Egípcios, declarando, como condição de empréstimo, o penhor da múmia do pai. Ficava ainda estabelecido por essa lei que o mutuante tinha também poder sobre todas as sepulturas de quem tomava o empréstimo. A quem oferecesse tal penhor, recusando-se a quitar a dívida, impunha-se a seguinte pena: nem a ele mesmo, depois de morto, era permitido ter sepultura, fosse na sepultura paterna, fosse em outra, nem enterrar algum de seus parentes mortos. Esse faraó, desejando sobrepujar os que haviam sido antes rei do Egito, deixou como monumento uma pirâmide feita de tijolos, na qual estão gravadas sobre uma pedra inscrições que assim dizem: “Não me deprecieis em relação às outras pirâmides de pedra, pois eu as sobrepujo tanto quanto Zeus aos outros deuses; batendo com uma vara no fundo do lago, recolhendo a lama que se prendia na vara, fabricaram os tijolos, e desse modo me construíram”. Dizem que ele edificou tamanha obra.

137. Depois desse, reinou um homem cego da cidade de Anísis, cujo nome era Anísis. Durante seu reinado, os Etíopes marcharam contra o Egito com copioso contingente, além do rei dos etíopes, Sábaco⁹¹.

⁹¹ Durante o período em que o Egito esteve sob o domínio da Assíria, o país foi governado pelos etíopes. Reinaram vinte e cinco gerações de etíopes; o faraó Núbio Sábaco tornou-se o símbolo de toda essa dinastia. (Ver A.B. Lloyd, *Hedodotus Book II, vollI*, parágrafo 137).

Então, esse cego partiu, fugindo para os pântanos, enquanto o Etíope reinou no Egito por cinquenta anos, durante os quais procedeu assim: quando um egípcio cometia alguma falta, não desejando matar nenhum deles, sentenciava cada um segundo a gravidade de seu ato injusto, ordenando amontoar terra junto à cidade de origem. Desse modo, as cidades se tornaram ainda mais altas, pois anteriormente haviam sido elevadas por aqueles que escavaram os canais durante o reinado de Sesóstris, e, uma segunda vez, no reinado do Etíope, tornando-se, assim, bastante altas. Outras cidades também foram elevadas no Egito, como me parece, sobretudo a cidade de Bubástis foi aterrada, onde há um santuário de Bubástis digno de menção, pois, embora existam outros santuários maiores e mais prodigiosos, nenhum é mais agradável de ser observado do que esse. Bubástis, na língua grega, significa Ártemis.

138. O santuário da deusa se apresenta assim: à exceção da entrada, o resto está numa ilha: do Nilo, dois canais se estendem sem se misturar um com o outro, cada um se prolonga até a entrada do santuário, escoando um de cada lado; cada um tem cem pés de largura e árvores lhes dão sombra. Os pórticos têm dez braças de altura e são ornados com figuras de seis côvados dignas de menção. Estando no centro da cidade, o santuário pode ser visto do alto para baixo de todos os lados quando se lhe rodeia, pois, tendo sido erguida a cidade por meio de aterro, o santuário não foi removido de sua construção original, tornando-se visível. Ao seu redor corre uma muralha esculpida com figuras; dentro há um bosque de árvores gigantes, plantadas em volta de um grande templo, onde está a estátua da deusa: a largura e o comprimento do santuário é um estádio de cada lado. Diante da entrada existe uma estrada, pavimentada de pedras, que se estende por cerca de três estádios; ela atravessa a praça do mercado em

direção ao oriente, sua largura é de aproximadamente quatro pletros; dos dois lados da estrada despontam árvores que alcançam o céu, e a estrada chega até o templo de Hermes. Assim esse templo é constituído.

139. E assim, segundo diziam, finalmente aconteceu a retirada do Etíope: a visão, referida a seguir, que lhe veio em sonho, levou-o a fugir⁹². Parecia-lhe que um homem ao seu lado aconselhava-o a reunir todos os sacerdotes do Egito e cortar seus corpos ao meio. Quando teve tal visão, disse que lhe parecia que os deuses haviam-na mandado como pretexto, a fim de que, comportando-se de modo ímpio em relação às coisas sagradas, colhesse algum mal da parte dos deuses ou dos homens. Não iria fazer aquilo, mas findado o tempo durante o qual lhe haviam dito que governaria o Egito para então se retirar, partiu. Com efeito, quando estavam na Etiópia, os oráculos consultados pelos Etíopes declararam que lhe caberia governar o Egito por cinquenta anos. Então, como chegasse o tempo, e como a visão o perturbasse em sonhos, Sábaco abandonou voluntariamente o Egito.

140. Quando o Etíope partiu do Egito, o cego voltou dos pântanos e novamente reinou; lá morara cinquenta anos numa ilha aterrada com cinza e terra. Com efeito, cada vez que os Egípcios iam, escondidos do Etíope, levar-lhe comida, segundo o que fora determinado a cada um, solicitava-lhes que também trouxessem cinzas. Antes de Armiteu, ninguém conseguiu descobrir essa ilha, por mais de setecentos anos nenhum rei anterior a Armiteu foi capaz de reencontrá-la. O nome dessa ilha é Elbo, e

⁹² Avisos durante os sonhos faziam parte tanto do folclore egípcio como do grego. Os egípcios acreditavam na origem divina de seu rei, que possuía poder de comunicação com o mundo sobrenatural. Segundo Allan B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol. II* pp. 97, o relato de Heródoto é confirmado por uma estela.

mede dez estádios de cada lado.

141. Depois dele, reinou o sacerdote de Hefestos, cujo nome era Seto. Diziam ter pouco tino, negligenciando os guerreiros egípcios, como se jamais deles necessitasse, cometeu contra eles ultrajes, entre outras coisas, confiscando-lhes as terras, aos quais, nos reinados anteriores, haviam sido dadas, a cada um, doze aruras selecionadas. Depois disso, marchou contra o Egito um grande exército de Sanacariba, rei dos Árabes e Assírios, e, então, os militares egípcios não quiseram ajudar. O sacerdote, ameaçado pelo dilema, tendo entrado no templo, lamentava diante da estátua o risco que corria. No meio de suas lamentações, caiu no sono; na visão que teve, parecia-lhe que o deus ao seu lado lhe encorajava, assegurando-lhe que nenhum infortúnio lhe ocorreria quando enfrentasse o exército árabe: o próprio deus lhe enviaria reforços. Confiando nesse sonho, tomou os Egípcios que desejavam acompanhá-lo e acampou em Pelúcio (pois essa é a via de acesso); nenhum homem dentre os guerreiros o seguiu, somente negociantes, artesãos e mercadores. Quando os inimigos chegaram, ratos dos campos invadiram seus acampamento durante a noite e devoraram carcases, arcos e correias dos escudos, de modo que, no dia seguinte, fugiram sem defesa e muitos pereceram. Hoje, a imagem de pedra desse rei está no santuário de Hefestos, tem um rato na mão e as inscrições assim dizem: “Aquele que me vê seja piedoso”.

142. Até esse ponto da história, os Egípcios e os sacerdotes falavam, revelando que do primeiro ao último rei – o sacerdote de Hefestos - governaram trezentas e quarenta e uma gerações de homens, e, durante elas, houve um igual número de sumos - sacerdotes e reis. Ora, trezentas gerações de homens correspondem a dez mil anos, pois três gerações de

homens são cem anos. As quarenta e uma gerações restantes que se ajuntam às trezentas perfazem o total de mil trezentos e quarenta anos. Assim, no espaço de onze mil trezentos e quarenta anos, diziam não ter existido nenhum deus com forma humana; nem antes, nem depois, entre os outros reis existentes no Egito, diziam não ter havido algo desse gênero. Nesse período, diziam que o sol se ergueu quatro vezes fora de sua órbita (duas vezes nasceu no poente, e duas vezes se pôs na nascente), e nada mudou no Egito por conta disso, nem o que provém da terra, nem o que provém do rio, nem o que envolve as doenças, nem o que concerne aos mortos.

143. Tempos atrás, quando o logógrafo Hecateu expôs em Tebas sua genealogia e vinculou seus antepassados a um deus, como décimo sexto ancestral, os sacerdotes de Zeus fizeram o mesmo que tinham feito comigo, embora eu não tivesse exposto minha genealogia. Introduzindo-me no interior do templo, de enorme dimensões, enumeravam, mostrando-me estátuas em madeira, tantas quantas eu disse, pois cada sumo-sacerdote coloca ali, em vida, uma estátua sua. Então os sacerdotes, contando e indicando, fizeram-me ver que cada um deles era filho de um pai compreendido na série, partindo da imagem do morto mais recente até o último, mostrando-me a série completa. A Hecateu que expusera sua genealogia e a vinculara à décima sexta geração de deuses, eles contrapuseram a genealogia com base nesses números, não aceitando que um homem pudesse descender de um deus. Assim, opuseram sua genealogia, afirmando que cada um dos colossos era um Piromis nascido de um Piromis, até que, tendo mostrado trezentos e quarenta e cinco colossos, não os associaram a nenhum deus ou herói. Piromis, na língua grega, significa “belo e bom”.

144. Assim de quem havia estátuas, demonstraram-me serem tais todas elas, sendo bem diferentes dos deuses. Antes desses homens, os governantes do Egito eram deuses e conviviam com os homens e, dentre eles, o poder era sempre de um só. O último a governar foi Oros, filho de Osíris, que os gregos chamam Apolo; depois de destronar Tífon, foi o último a reinar o Egito. Osíris, na língua grega, significa Diôniso.

145. Entre os Gregos, consideram ser os deuses mais recentes Hércules, Diôniso e Pã. Para os Egípcios, Pã é o mais antigo e um dos oito ditos primeiros deuses; Hércules é o segundo, dos que dizem ser doze; Diôniso o terceiro, tendo surgido depois dos doze deuses. Quantos anos os próprios Egípcios disseram haver de Hércules até o rei Amásis, já apontei antes; quanto a Pã, dizem haver um tempo maior; quanto a Diôniso, o mais novo de todos, para ele calculam quinze mil anos até o reinado de Amásis. Os Egípcios afirmam conhecer isso com exatidão, porque sempre calculam e registam por escrito os anos. De Diôniso, que dizem ter nascido de Semele, filha de Cadmo, são perto de mil anos até a nossa época; de Hércules, filho de Alcmena, novecentos anos; de Pã, filho de Penélope - pois dela e de Hermes os Gregos dizem ter nascido Pã - cerca de oitocentos anos, menos que o tempo da guerra de Tróia até a nossa época.

146. Dessas duas versões cada um pode valer-se da que mais o convencer; minha opinião a esse respeito já foi exposta. Com efeito, se eles tivessem aparecido e envelhecido na Grécia, Diôniso, filho de Semele, Pã, filho de Penélope, como Hércules, filho de Anfítrion, alguém diria que também esses outros, que foram homens, levavam os nomes daqueles deuses nascidos anteriormente. Mas os Gregos afirmam hoje que Diôniso,

tão logo nasceu, Zeus o costurou em sua coxa e o levou para Nisa, situada além do Egito, na Etiópia; quanto a Pã, não se encontram em condições de dizer para onde ele se dirigiu depois de nascer. Para mim é evidente que os Gregos conheceram os nomes desses e de outros deuses mais tarde. E, desde quando os conheceram, datam o nascimento deles.

147. Os próprios Egípcios contam essas coisas; quanto ao que os Egípcios e os demais homens dizem, concordes entre si, ter ocorrido nesse país, isso agora contarei; acrescentarei à exposição algo do que eu mesmo vi. Os Egípcios tornaram-se livres após o reinado do sacerdote de Hefestos (pois não houve época em que pudessem viver sem rei), entronaram doze reis, depois de dividir todo o Egito em doze regiões. Ligados por vínculos matrimoniais, reinaram utilizando as seguintes leis: não se eliminar mutuamente, um não procurar possuir mais do que o outro, e serem amigos estreitíssimos. Eis a razão pela qual fizeram tais leis, cumpridas rigorosamente: tão logo assumiram o poder, havia sido vaticinado que quem dentre eles libasse com uma taça de bronze no santuário de Hefestos, esse reinaria todo o Egito. Com efeito, eles se reuniam em todos os santuários.

148. Também decidiram deixar um monumento em comum, e, tomando essa decisão, construíram um labirinto pouco abaixo do lago Méris, situado perto da cidade chamada Crocodilo. Eu mesmo o vi, e é muito maior do que se pode dizer, pois, se alguém somasse as muralhas e obras dos Gregos, pareceriam inferior a esse labirinto em trabalho e gasto, apesar de o templo em Éfeso e em Samos serem dignos de menção. As pirâmides eram superiores à capacidade descritiva e cada uma delas permite comparação com muitas obras gregas, mesmo as grandes, e o

labirinto sobrepuja também as pirâmides. Ele possui doze átrios cobertos, com portas opostas entre si: seis voltadas para o norte; seis para o sul, contíguas, circundadas por um mesmo muro externo. Dentro há duas séries de salas, uma subterrânea, a outra, acima dessa, em número de três mil: mil e quinhentas em cada série. As salas que estão acima do solo, nós mesmos as vimos e falamos depois de vê-las pessoalmente; quanto às salas subterrâneas, falamos o que nos informaram, pois os egípcios que guardam as portas não queriam de forma alguma mostrá-las, dizendo estarem lá as tumbas dos primeiros reis que construíram o labirinto e os crocodilos sagrados. Assim, das salas inferiores, contamos o que ouvimos dizer, mas, as superiores, nós mesmos as vimos e são obras que superam a capacidade humana: as saídas através dos compartimentos e as sinuosidades através dos pátios, os vestíbulos a partir dos cômodos, e outros compartimentos a partir dos vestíbulos e outros pátios a partir dos cômodos. O teto de todas essas construções é de pedra, como as paredes, e as paredes eram ornadas de figuras esculpidas. Cada átrio é rodeado por colunas de pedras brancas perfeitamente unidas. No ângulo onde termina o labirinto, existe uma pirâmide de quarenta braças sobre a qual estão esculpidas figuras enormes, até lá foi construída uma passagem subterrânea.

149. Sendo tal o labirinto, suscita admiração ainda maior o lago chamado Méris, ao lado do qual o labirinto foi construído. Seu perímetro é três mil e seiscentos estádios, ou sessenta esquenos, equivalente à orla marítima do próprio Egito. O lago prolonga-se de norte a sul, com uma profundidade máxima de cinqüenta braças. Que é um fosso escavado pela mão do homem é evidente: quase no centro do lago, estão dispostas duas pirâmides. Cada uma ultrapassa em cinqüenta braças o nível da água, com igual medida de construção sob a água e, sobre cada uma, há um colosso de

pedra sentado num trono. Assim essas pirâmides têm a altura de cem braças, e a braça equivale exatamente a um estádio e seis pletros, tendo a braça seis pés ou quatro côvados, o pé, quatro palmos, e o côvado seis, dedos. A água do lago não provém de fontes (pois ali existe uma aridez terrível), mas é trazida do Nilo, durante seis meses a água flui para o lago; durante seis meses retorna para o Nilo. Quando a água flui para fora, nesses seis meses, a pesca rende ao tesouro real um talento de prata por dia, e, quando volta para o lago, vinte minas.

150. Os habitantes da região diziam que o próprio lago deságua sob a terra na Cirta, na Líbia, voltando-se a oeste para o interior em direção ao ocidente, junto à montanha acima de Mênfis. Como não vi em parte alguma a terra retirada dessa escavação, e como isso me interesse, perguntei aos que habitavam próximos ao lago, onde estava a terra retirada. Eles me disseram para onde tinha sido transportada e eu facilmente me convenci: sabia por ouvir dizer que também em Nínive, a cidade dos Assírios, tinha ocorrido algo semelhante. As imensas riquezas de Sardanaplos, rei de Nínive, sendo guardadas em depósitos subterrâneos, alguns ladrões pensaram em roubá-las. Começando então suas caças, os ladrões, calculando a distância até o palácio real, escavavam, e a terra retirada da escavação, quando anoitecia, lançavam-na no rio Tigre, que corre junto ao Nínive, até cumprirem o que desejavam. Pelo que ouvi, algo similar ocorreu na escavação do lado do Egito, exceto que isso foi feito de dia, e não de noite: depois de escavarem a terra, os Egípcios a levavam até o Nilo, que a dispersava. Assim, segundo dizem, esse lago foi escavado.

151. Os doze reis governavam com justiça; depois de um tempo, quando sacrificavam no templo de Hefestos, no último dia de festa, já prestes a libar, o sumo-sacerdote trouxe-lhes taças de ouro, com as quais

costumavam libar, mas, errando a conta, trouxe onze, sendo eles doze. Então, como não havia taça suficiente, o último colocado entre eles, Psamético, retirando o elmo de bronze, estendeu-o e libou. Todos os outros reis também tinham, por acaso, naquele momento, seus elmos na cabeça. Psamético, então, sem nenhuma idéia dolosa, estendeu seu elmo, mas os outros, tendo em mente o gesto de Psamético e o oráculo que lhes vaticinara que quem dentre eles libasse com a taça de bronze, esse seria o único rei do Egito; recordando o vaticínio, não acharam justo matar Psamético, porque, ao investigarem, descobriram que agira sem nenhuma premeditação; decidiram enviá-lo para os pântanos, privando-o da maior parte de seus bens, com a proibição de sair e ter contato com o resto do Egito.

152. Esse Psamético tinha fugido anteriormente do Etíope Sábaco – assassino de seu pai, Necos – refugiando-se então na Síria; quando o Etíope fugiu por causa da visão do sonho, aqueles egípcios pertencentes ao nomo de Sais o reconduziram à pátria. Então, Psamético reinou pela segunda vez, até que os doze reis o prenderam por causa do elmo e o exilaram nos pântanos. Dando-se conta de que o haviam tratado indignamente, pensava vingar-se dos que o tinham expulsado. Enviou mensageiros ao oráculo de Latona, na cidade de Buto, onde estava o adivinho mais confiável dos Egípcios, obteve o vaticínio de que a vingança viria do mar, quando surgissem homens de bronze. Insinuou-se nele grande descrença de que os homens de bronze viriam ajudá-lo. Não passou muito tempo, homens Jônios e Cários, que navegavam a fim de praticar a pirataria, foram obrigados a aportar no Egito, desembarcando em terra, armados de bronze; então, um egípcio foi aos pântanos informar Psamético, (que jamais vira homens armados de bronze), que homens de bronze,

surgidos do mar, devastavam a planície. Compreendendo que o vaticínio do oráculo se cumpria, fez amizade com os Jônios e Cários; com grandes promessas, persuadiu-os a juntarem-se a ele. Quando os convenceu, com esses auxiliares e com os Egípcios que desejavam a mesma coisa, depôs os reis.

153. Detendo o poder de todo o Egito, Psamético construiu os propileus de Mênfis em homenagem a Hefestos, voltados para o vento sul; também construiu, defronte aos pórticos, todo circundado de colunas e repleto de figuras, um pátio para Ápis, onde o deus é alimentado quando aparece. No lugar das colunas, colossos de doze côvados sustentam o teto. Ápis, na língua grega, significa Épafo.

154. Aos Jônios e Cários que colaboraram com ele, Psamético dá duas localidades para habitarem, uma defronte da outra – o Nilo passando pelo meio – às quais deram o nome de *Estratopedas*. Dá-lhes essas terras e todo o resto que prometera. Além disso, confiou-lhes crianças egípcias para que ensinassem a língua grega; dessas crianças, que aprenderam a língua, descendem os atuais intérpretes no Egito. Os Jônios e Cários habitaram, durante muito tempo, esse lugar; essas terras que estão voltadas para o mar, pouco abaixo da cidade de Bubástis, na boca do Nilo chamada Pelúcia. Tempos depois, o rei Amásis, tendo-os retirado dali, instalou-os em Mênfis, fazendo deles seus guardas no lugar dos Egípcios. Depois deles estarem no Egito, os Gregos tendo assim se misturado a eles, começamos a aprender com exatidão todos os acontecimentos referentes ao Egito, a começar de Psamético; com efeito, eles foram os primeiros homens de outra língua a se fixarem no Egito. Do lugar onde foram removidos, ali, ainda na minha época, existiam os suportes das embarcações e as ruínas das

casas. Assim, Psamético conquistou o Egito.

155. Já mencionei muitas vezes o oráculo do Egito, agora farei um relato a seu respeito por ser digno de menção. Com efeito, esse oráculo do Egito é um santuário de Latona, estabelecida em uma grande cidade, perto da boca do Nilo chamada Sebenítica, para quem sobe o rio em direção ao interior a partir do mar. O nome dessa cidade, onde está o oráculo, é Buto, como já designei antes. Em Buto, há um santuário de Apolo e um de Ártemis. O templo de Latona, onde está o oráculo, é ele mesmo imponente e possui propileus da altura de dez braças. Dentre as coisas visíveis, falarei daquela que, para mim, foi a que causou mais espanto. Há, nesse recinto sagrado de Latona, um templo feito de uma só pedra, cujas paredes, quanto à altura e largura, são iguais: cada uma tem quarenta côvados. A cobertura do teto é feita de outra pedra com uma cornija de quatro côvados.

156. Esse templo, das coisas que se vêem no santuário, é, para mim, a mais admirável, e, das que estão em segundo lugar, a ilha chamada Quémis. Ela está sobre um lago amplo e profundo, próxima ao santuário de Buto; dizem os Egípcios que a ilha é flutuante. Eu mesmo não a vi flutuando ou se movendo, e, quando ouvi isso, fiquei estarrecido quanto a uma ilha verdadeiramente flutuar. Ali está construído um grande templo de Apolo e também altares triplos, lá crescem inúmeras palmeiras e outras tantas árvores, frutíferas ou não. Os Egípcios afirmam que a ilha é flutuante, acrescentando a seguinte história: quando, nessa ilha, que antes não flutuava, esteve Latona, - uma das oito divindades primitivas e habitante da ilha de Buto, onde está esse oráculo - tendo recebido Apolo das mãos de Ísis, salvou-o, escondendo-o na ilha dita agora flutuante;

quando Tífon percorreu o universo para procurá-lo, desejando descobrir o filho de Osiris. Dizem que Apolo e Ártemis são filhos de Diôniso e Ísis e que Latona foi nutriz e salvadora deles. Para os Egípcios, Apolo é Orus; Deméter, Ísis; Ártemis, Bubástis. Dessa história e de nenhuma outra, Ésquilo, filho de Eufório, retirou o que vou contar, único entre os poetas antigos: fez Ártemis ser filha de Deméter. Por causa disso a ilha começou a flutuar; eis a história que contaram.

157. Psamético governou o Egito cinqüenta e quatro anos dos quais assediou, durante vinte e nove anos, Azoto, a grande cidade da Síria, pressionando-a até tomá-la. Essa Azoto foi a cidade que por mais tempo resistiu ao assédio, dentre as que conhecemos.

158. Necos, filho de Psamético, reinou no Egito; foi o primeiro a colocar as mãos no canal que vai até o mar da Eritréia, o qual o persa Dario também iria escavar. Sua extensão é de quatro dias de navegação e, quanto à largura, foi escavado de modo a navegarem duas trirremes circulando ao mesmo tempo; sua água vem do Nilo de um lugar pouco acima da cidade de Bubástis, perto da cidade árabe de Patumos, e desemboca no mar da Eritréia. Primeiro escavou a parte da planície do Egito que se estende ao lado da Arábia, planície cuja parte superior possui montanhas que se estendem para Mênfis, onde estão as cavernas de pedra. Ao pé dessa montanha, foram traçados canais que vão do ocidente ao oriente, passam pelas gargantas e, das montanhas, voltam-se para o sul e para a região onde sopra o noto, até o golfo arábico. Por ali a distancia é mais curta e o caminho mais direto, indo do mar Norte ao mar Sul - também chamado Eritreu - até o monte Cásio, que faz fronteira entre o Egito e a Síria, dali são mil estádios até o Golfo Arábico; esse é o caminho

mais curto; o canal é muito mais longo, pois é sinuoso. Durante o reinado de Necos, morreram cento e vinte mil Egípcios nas escavações. Necos parou as escavações na metade, quando um oráculo lhe surgiu como entrave, dizendo que ele trabalhava antecipadamente para o bárbaro; os Egípcios chamam bárbaros todos os que não falam sua língua.

159. Depois que parou as escavações dos canais, Necos voltou-se para expedições militares: trirremes, cujas armações ainda são visíveis, foram feitas, umas para o norte, outras no Golfo Arábico para o mar Eritreu. Utilizava-as em caso de necessidade; em terra, Necos lançou-se contra os Sírios e venceu-os em Magdolos; depois dessa batalha, Caditis, a grande cidade Síria, foi capturada. A roupa que usou na batalha, enviou aos branquidas de Mileto para ser consagrada a Apolo⁹³. Necos morreu depois de reinar absolutamente por dezesseis anos, passando o poder para o filho Psâmis.

160. Durante o reinado de Psâmis no Egito, chegaram embaixadores da parte dos Eleus, vangloriando-se de terem estabelecido para os jogos olímpicos as regras mais justas e perfeitas entre todos os homens; parecia-lhes que nem mesmo os homens mais sábios, os Egípcios, poderiam conceber algo melhor. Quando os Eleus chegaram ao Egito e contaram o motivo pelo qual vieram, o faraó convocou os que se diziam ser os mais sábios dentre os Egípcios. Reunidos, os Egípcios se informavam juntos aos Eleus, que contavam tudo o que era necessário fazer quanto às

⁹³ O santuário dos bráquidas situava-se a onze quilômetros ao sul de Mileto, portanto, não muito distante da cidade de Halicarnasso. Heródoto conhecia bem os tesouros contidos nesse santuário e, ao longo das *Histórias*, voltará a mencioná-lo (*Histórias* 1.46;3.92;5.36;6;19). Note-se que o historiador procura dar destaque aos faraós que tiveram relação mais direta com os gregos: além dos tesouros que Necos ofereceu aos

competições. Depois de explicarem tudo, disseram que tinham vindo para saber se os Egípcios podiam imaginar algo mais justo do que aquilo. Os Egípcios, depois de se consultarem, perguntaram aos Eleus se seus concidadãos participavam das competições. Eles responderam que dentre seus ou dentre os demais Gregos, a quem quisesse, era igualmente permitido participar das competições. Os Egípcios disseram então que eles, assim estabelecendo as regras, haviam falhado totalmente na justiça, pois não havia nenhum meio de eles não tomarem partido de seu compatriota na competição, sendo injustos com o estrangeiro; mas, se desejavam estabelecer regras justas, e, para tanto tinham ido ao Egito, eles lhes aconselhavam a colocar nos jogos competidores estrangeiros, nenhum dos Eleus podendo competir. Isso foi o que os Egípcios aconselharam aos Eleus.

161. Psâmis reinou no Egito por apenas seis anos, fez campanha contra a Etiópia e morreu logo depois. Sucedeu-o seu filho Ápries, que, depois de seu bisavô Psamético, foi o mais venturoso dos reis que o precederam. Ele governou vinte e cinco anos, durante os quais fez expedição contra Sídon e travou batalha naval contra Tiro. Mas, porque lhe devia acontecer uma desgraça, devido ao motivo sobre o qual falarei longamente nos relatos líbios; aqui farei apenas uma menção. Depois de enviar um grande exército contra Cirene, Ápries sofreu esmagadora derrota. Censurando-o por isso, os Egípcios revoltaram-se contra ele, pois lhes parecia que Ápries os enviara, deliberadamente, para um desastre certo, se lhes ocorresse a desgraça, ele mesmo governasse tranqüilamente os demais Egípcios. Indignados com isso, os que sobreviveram e os amigos dos mortos revoltaram-se abertamente.

162. Ápries, informado disso, envia-lhes Amásis para dissuadi-los com palavras. Tão logo se acercou, procurou impedir que os Egípcios realizassem o intento; enquanto falava, um dos Egípcios, postado às suas costas, colocou-lhe um elmo e, tendo posto, disse que o designava rei. O feito não lhe desagradou, como se mostrou. Logo que os revoltosos o fizeram rei do Egito, preparou-se para marchar contra Ápries. Informado disso, Ápries enviou a Amásis um homem leal dentre os Egípcios de seu séquito, chamado Partábemis, a quem incumbiu de trazer Amásis vivo à sua presença. Assim que chegou, Partábemis chamou Amásis, e Amásis que, por acaso, montava um cavalo, levantando-se, soltou um peido e ordenou que levasse aquilo a Ápries. Entretanto, Partábemis insistiu para que ele se apresentasse ao rei; então, Amásis respondeu que há muito tempo se preparava para fazer isso e que Ápries não poderia se queixar dele, pois, pessoalmente, junto a outros, iria se apresentar. Partábemis não atinou seu intuito a partir daquelas palavras, e, vendo-o preparar-se, partiu imediatamente, desejando revelar ao rei o que ocorria. Quando se apresentou a Ápries, não levando Amásis, o rei não lhe deixou falar nenhuma palavra, mas, furioso, ordenou que cortassem suas orelhas e nariz. Os demais Egípcios, que ainda estavam a seu lado, vendo o homem mais ilustre dentre eles ser vergonhosamente mutilado, passaram, sem mais delongas, para o outro lado e se entregaram a Amásis.

163. Informado disso, Ápries armou os guardas e partiu contra o Egito, tinha ao seu lado trinta mil homens de tropas mercenárias, Cários e Jônios. Seu palácio real ficava na cidade de Sais, era grande e digno de ser visto. Ápries e os seus marcharam contra o Egito, Amásis e os seus contra

os estrangeiros; ambos se encontraram na cidade de Momenfis e estavam prontos para se enfrentar.

164. Há sete castas de Egípcios, às quais nomeamos: sacerdotes, guerreiros, vaqueiros, porqueiros, negociantes, intérpretes e barqueiros. Tantas são as castas egípcias, seus nomes advêm de suas técnicas. Seus guerreiros, chamados calasírios e hermotíbios, são dessas províncias, pois todo o Egito é dividido em províncias.

165. Estas são as províncias dos Hermotíbios: Busiris, Sais, Quémis, Paprêmito e a metade de Nato, que chamam ilha Prosopítide; os Hermotíbios são dessas províncias e chegaram ao número máximo de cento e sessenta mil habitantes. Nenhum deles aprende qualquer atividade manual, mas se dedicam à atividades militares.

166. Estas outras províncias são dos Calasírios: Tebas, Bubástis, Aftis, Tanis, Mendes, Sebenis, Anisis, Miecforis (esta província fica numa ilha de frente à cidade de Bubástis); essas são as províncias dos Calasírios que, quando atingiram a população máxima, chegaram a duzentos e cinqüenta mil habitantes. Não lhes é permitido exercer nenhuma arte, senão a atividade guerreira, que os filhos recebem dos pais.

167. Se também isso os Gregos aprenderam dos Egípcios, não posso julgar com precisão, vendo que os Trácios, Citas, Persas, Lídios e quase todos os povos bárbaros consideram menos honrados do que os outros cidadãos os que aprendem aquelas artes, bem como seus descendentes; já os que estão livres dos trabalhos manuais são considerados nobres, e, particularmente, os que se dedicam à guerra. Aprenderam isso

todos os Gregos, principalmente os Lacedemônios; os Corintos são os que menos desprezam os artesãos.

168. Os guerreiros são os únicos dentre os Egípcios, excetuando os sacerdotes, que gozam do seguinte privilégio: cada um recebe doze *aruras* de terras livres de impostos. A *arura* é um quadrado que mede de cada lado cem côvados egípcios; o côvado egípcio, por acaso, equivale ao sâmio. Essa vantagem foi dada a todos eles; estas, ao contrário, desfrutavam revezando-se e jamais os mesmos. Mil Calásirios e outros tantos Hermotíbios, a cada ano, formavam a guarda do rei; a esses, então, além das *aruras*, foram dadas outras vantagens: são dadas por dia, a cada um, cinco minas em peso de farinha torrada, duas minas de carne de boi e quatro *aristeres* de vinho. Eis o que sempre era dado aos guardas em função.

169. Quando marchando um contra o outro - Ápries conduzindo seus aliados, Amásis, todos os Egípcios - ao chegarem à cidade de Momenfis, defrontaram-se; os estrangeiros lutaram bem mas, estando em número bem inferior, foram derrotados. Ápries, diziam, estava convicto de que ninguém, nem mesmo um deus, seria capaz de interromper seu reinado; assim, solidamente, parecia estar estabelecido. Então, lutando, foi vencido, capturado e levado vivo para a cidade de Sais, para a residência que antes lhe pertencera e agora era o palácio real de Amásis. Lá, durante certo tempo, foi alimentado no palácio e Amásis o tratou bem; finalmente, quando os Egípcios protestaram que não era justo cuidar do pior inimigo deles e dele mesmo, então, Amásis entregou Ápries aos Egípcios. Eles o estrangularam, depois o sepultaram na tumba de seus pais, localizada no santuário de Atena, próxima do templo, à esquerda da entrada. Os Saitas

enterram todos os reis nascidos em sua província no interior do santuário. A tumba de Amásis está mais afastada do templo do que a de Ápries e seus antepassados, mas está também no pátio do santuário; é formada por um grande vestíbulo de pedra, com colunas que imitam palmeiras e com ornamentos diversos; no interior desse vestíbulo, há dois portais, e, entre os portais, está a câmara funerária.

170. Há também em Saís o sepulcro de quem, em tal circunstância, seria ímpio mencionar o nome, dentro do santuário de Atena, atrás do templo, contíguo a toda parede do templo de Atena. No recinto sagrado, erguem-se grandes obeliscos de pedra; há um lago vizinho, ornado com borda de pedra, bem construído, em forma circular, tão grande, como me parece, quanto ao lago chamado *trocoide*, em Delfos.

171. Nesse lago, celebram durante à noite a representação de suas paixões, que os Egípcios chamam mistérios. A respeito disso, embora sabendo bem como cada rito se desenvolve, guardo silêncio religioso. Quanto aos mistérios de Deméter, que os Gregos chamam Tesmofórias, em relação a esses também devo guardar silêncio, exceto da parte que é lícito falar⁹⁴. Foram as filhas de Dânaos que trouxeram do Egito esse ritual e ensinaram às mulheres dos Pelasgos. Depois da expulsão dos Peloponésios pelos Dórios, o mistério desapareceu, só os Peloponésios que restaram e os Acádios, que não foram obrigados a emigrar, preservaram o mistério.

⁹⁴ Heródoto refere-se aqui ao festival conhecido como “A navegação de Osíris”. O historiador se engana ao supor que esse festival era um mistério. Segundo Alan B. Lloyd, *Herodotus Book II, vol. II* pp. 209-211, Heródoto pensou que essa festa era um mistério porque, de acordo com seu esquema, Osíris corresponde a Diôniso, Ísis a Deméter, a deusa Ísis desempenhava papel importante nos festivais dedicados a Osíris.

172. Depois da queda de Ápries, Amásis reinou; ele era do nomo saítico, da cidade cujo nome é Siuf. Nos primeiros tempos, os Egípcios desprezaram Amásis e não o tinham em grande conta, por sua origem popular e por não pertencer a família ilustre. Mais tarde, porém, com sabedoria e não sem tato, Amásis os conquistou. Dentre os inúmeros objetos preciosos que possuía, havia uma bacia de ouro, na qual o próprio Amásis e todos os seus convidados, em muitas ocasiões, lavavam os pés. Então, destruindo-a em pedaços, fez a estátua de um deus e erigiu-a no lugar mais apropriado da cidade. Os Egípcios, indo com freqüência diante da estátua, veneravam-na enormemente. Amásis, alertado quanto a esse procedimento do povo, convocou os Egípcios e lhes revelou que a estátua, agora adorada intensamente, fora feita da bacia na qual antes os Egípcios vomitavam, urinavam e lavavam os pés. Discursando, disse que ele se encontrava em condições semelhantes à da bacia: se havia antes sido um homem do povo, agora era seu soberano; e os convidava a honrá-lo e venerá-lo. Dessa maneira conquistou os Egípcios, de modo a submetê-los a seu mando.

173. Amásis adotou o seguinte sistema administrativo: a partir do amanhecer até a hora em que a praça estava cheia, dedicava-se zelosamente aos afazeres que lhe apresentavam; depois dessa hora, bebia e folgava com os convivas, tornando-se frívolo e brincalhão. Abatidos com isso, seus amigos advertiram-no dizendo isso: “Majestade, não te comportas corretamente, procedendo com extrema baixeza; deverias sentar-te majestosamente no trono real ao longo do dia, ocupando-te dos afazeres, assim os Egípcios saberiam que são governados por um grande homem e terias melhor reputação. O que fazes agora não é absolutamente digno de

Ora, se as *Tesmofórias* incorporavam mistérios, por isso, no festival egípcio, marcado

um rei”. Amásis assim lhes respondeu: “Os que possuem o arco, quando devem utilizá-lo, vergam-no; depois de o utilizarem, distendem-no. Se os arcos estivessem sempre vergados, partir-se-iam, de modo que, no momento da necessidade, não poderiam ser utilizados. Assim também é a condição dos homens: se desejassem sempre se dedicar a assuntos sérios e não se permitir, num dado momento, tomar parte da diversão, sem se dar conta, ficariam loucos ou embrutecidos. Ciente disso, a cada coisa atribuo o que lhe cabe”.

174. Dizem que Amásis também, quando era um homem comum, fora amante da bebida e dos folguedos e nunca um homem sério. Quando, bebendo e divertindo-se, lhe faltavam os meios necessários, perambulando, roubava. Os que afirmavam que ele lhes roubara os bens, quando ele negava, levavam-no ao oráculo, cada qual ao seu. Às vezes, os oráculos condenavam-no; às vezes, inocentavam-no. Quando veio a reinar, fez o seguinte: dos deuses, quantos o haviam libertado, dizendo que não era ladrão, não cuidava de seus santuários, não dava nada para sua reparação, nem, freqüentando, lhes oferecia sacrifícios, considerando não serem dignos de algo os falsos oráculos. Por outro lado, quantos o tinham acusado de ladrão, considerando-os verdadeiros oráculos dos deuses, dedicava-lhes máximo cuidado.

175. Em Saís, não só construiu para Atena pórticos maravilhosos (superando, em muito, todos os outros, em altura, grandiosidade, tamanho e até na qualidade das pedras), como também ergueu enormes colossos e gigantescas esfinges masculinas⁹⁵. Alguns blocos trouxe da pedreira que

pela presença da deusa Ísis, também deveria haver mistérios.

⁹⁵ Heródoto, neste caso, não se deixa guiar pela cultura grega. Para os gregos a esfinge era um monstro com cabeça de mulher; a esfinge egípcia era formada pelo corpo de um

está em face de Mênfis; os demais, de extraordinária dimensão, trouxe da cidade de Elefantina, distante vinte dias de navegação de Saís. Dentre esses monumentos, o que particularmente admiro, e não menos, é esse: trouxe da cidade de Elefantina um edifício monolítico, o fez transportar no curso de três anos e empregou dois mil operários, todos barqueiros. O comprimento externo desse edifício é de vinte e um côvados; a largura, de quatorze; a altura, de oito. Essas são as medidas externas do edifício monolítico: no interior, o comprimento é de dezoito côvados e vinte dedos; a largura de doze côvados; a altura, de cinco. Ele fica na entrada do santuário e, dizem, não foi levado para o interior pelo seguinte motivo: quando o edifício estava sendo transportado, seu principal construtor lamentou-se do grande tempo despendido e do cansaço do trabalho; Amásis, sendo escrupuloso, não permitiu que fossem mais adiante. Mas dizem também que um dos homens morreu removendo uma pedra com uma alavanca e que, por causa disso, o templo não foi mais transportado.

176. Em todos os outros santuários, Amásis erigiu obras que, por sua grandeza, merecem ser vistas; particularmente, em Mênfis, há um colosso deitado de costas, diante do templo de Hefestos, cujo comprimento é de setenta e cinco pés. Sobre a mesma base estão em pé dois colossos de pedra etíope, um com vinte pés, cada qual de um lado da grande estátua. Em Saís, há outra estátua de pedra de tamanho idêntico, que jaz do mesmo modo que a estátua de Mênfis. Amásis fez construir em Mênfis um santuário para Ísis, grande e também digno de ser visto.

177. No reino de Amásis, dizem, o Egito gozou de grandíssima prosperidade, seja pelas vantagens que o rio dava ao país, seja pelos

leão e a cabeça de um faraó. A mencionada esfinge, provavelmente do próprio Amásis,

produtos que a terra dava aos homens; havia no país um total de vinte mil cidades habitadas. E foi Amásis que impôs aos Egípcios a seguinte lei: todos os anos, cada um dos Egípcios deveria mostrar ao governador da província de onde tirava seus proventos. Quem não fizesse isso, ou não apresentasse um meio de vida honesto, era punido com a morte. Sólon, o ateniense, tomou dos Egípcios essa lei e a impôs aos Atenienses, que sempre a observaram, por ser uma lei perfeita.

178. Amásis, tendo se tornado amigo dos Gregos, deu sinais de benevolência a alguns deles, particularmente, aos que vieram ao Egito, deu a cidade de Náucrates para habitarem; aos que para ali navegavam, mas não desejavam fixar residência, cedeu terras para erigirem altares e templos a seus deuses. O maior, mais renomado e freqüentado desses santuários é chamado Helênio, construído conjuntamente pelas cidades jônias de Quios, Teos, Foceia e Clazómenos; e pelas cidades dórias de Rodes, Quinidos, Halicarnasso e Faselis; e por Mitilene, única cidade eólia. A essas cidades pertence o templo, elas designam os supervisores do mercado; todas as outras cidades que pretendam fazer parte dele, intentam sem ter nenhum direito. Separadamente, os Eginetas construíram para eles próprios um templo de Zeus; os Sâmios, um para Hera; os Milésios, um para Apolo.

179. Antigamente, Náucrates era o único porto comercial livre e não havia nenhum outro no Egito; se alguém chegasse a alguma outra boca do Nilo, deveria jurar que não viera por vontade própria; feito o juramento, navegaria com sua embarcação até a boca Canópica; caso ventos contrários não permitissem a navegação, deveria transportar as mercadorias pelo Delta, até chegar a Náucrates. Assim, Náucrates fixara os valores.

180. Tendo os Anfictiões despendido trezentos talentos para a construção do santuário que há hoje em Delfos, (pois o primeiro se incendiara casualmente), coube aos Delfios oferecer a quarta parte da soma. Perambulando pelas cidades, os Delfios faziam a coleta e, agindo assim, não recolheram soma menor do que a do Egito. Amásis deu-lhes mil talentos de peso de pedra-ume e os Gregos que moravam no Egito deram vinte minas.

181. Com os Cirenaicos, Amásis firmou pacto de amizade e aliança. Também achou justo se casar com uma mulher de lá, seja porque ansiasse por uma mulher grega, seja, de outro modo, por causa da amizade com os Cirenaicos. Então se casou, uns dizem, com a filha de Bato, filho de Arcesílaio, segundo outros, com a filha de Critóbulo, homem distinto (o nome da filha era Ladice). Todavia, quando se deitava com Ladice, Amásis não conseguia ter relações sexuais, embora conseguisse com outras mulheres. Como isso se prolongasse, Amásis, então, disse à Ladice: “Mulher, usaste alguma droga maléfica contra mim, mas nenhum ardil te salvará da mais cruel das mortes para uma mulher”. Ladice, mesmo alegando inocência, não tornava Amásis mais doce. Fez, no próprio espírito, um voto a Afrodite: se naquela noite, Amásis se unisse a ela – pois esse era o único remédio contra o mal – lhe enviaria uma estátua para Cirene. Tão logo fez a promessa, Amásis uniu-se a ela; Depois disso, amou-a intensamente. Ladice cumpriu a promessa feita à deusa: tendo mandado fazer a estátua, enviou-a para Cirene, onde permaneceu intacta até os meus dias, disposta fora da cidade. Esta Ladice, quando Cambises tomou o Egito e se informou sobre quem era ela, foi enviada incólume para Cirene.

182. Amásis também consagrou oferendas a Grécia: a Cirene, uma estátua de ouro de Atena e uma imagem de si mesmo representada em pinturas; em Linde, dedicou a Atena duas estátuas de pedra e uma couraça de linho, dignas de serem vistas; a Hera, em Samos, enviou duas estátuas de si mesmo em madeira que, ainda nos meus dias, estavam em um grande templo atrás dos portais. As oferendas feitas a Samos deviam-se às relações de hospitalidade com Policrates, filho de Ajácio, mas, a Linde, não foi devido a nenhuma relação de amizade, mas, porque, contava-se, o templo de Atena, em Linde, fora fundado pelas filhas de Dânaos, que ali foram ter, ao fugir dos filhos do Egito. Amásis fez essas oferendas. Foi o primeiro homem a conquistar Chipre e a impor o pagamento de tributos.

CONCLUSÕES FINAIS

Desde a Antigüidade até nossos dias, as *Histórias* de Heródoto sempre foram vistas com reserva, sobretudo por causa das narrativas fantásticas e semilendárias que permeiam a obra. Para alguns críticos, essas narrativas pouco esclareceriam os fatos históricos e sua presença só seria justificada devido ao gosto do historiador pelo exótico. Com a influência dos estudos da cultura oral sobre a obra de Heródoto, interpretam-se esses aspectos como indícios de arcaísmos do autor. As *Histórias* de Heródoto seriam equiparáveis aos cantos do aedo: enquanto o poeta conferia “fama” aos feitos dos heróis, o historiador dava “fama” aos feitos humanos.

Tendo em vista mostrar que o pensamento de Heródoto não era determinado pela cultura oral, destacamos em nossa dissertação alguns tópicos que revelam a afinidade intelectual do autor com o pensamento de sua época. Além disso, procuramos evidenciar que o texto do historiador foi cuidadosamente elaborado (histórias dos faraós).

No capítulo I, mostramos que a diversidade de assuntos contida no *logos egípcio* não deve ser interpretada como indício de arcaísmo do autor. Heródoto não inseriu em seu texto informações geográficas, etnográficas, zoológicas, religiosas e outras ainda apenas por estar discorrendo em estilo digressivo, tal como o faziam os aedos. Tendo dado tratamento original a um tema tradicional - a guerra- Heródoto dispôs com coesão em seu trabalho informações geográficas e etnográficas, reunindo todos os dados que pudessem enaltecer mais ainda o “*Grande Evento*” que

foram as Guerras Pérsicas. Embora, se negue a originalidade de Heródoto neste relato- pois, para alguns críticos ele teria apenas retomado informações geográficas dos trabalhos de Hecateu- vimos que isso não é totalmente verdadeiro.

Ainda que a influência de Hecateu seja marcante, o historiador foi além dos trabalhos do geógrafo discutindo com propriedade, por exemplo, as teorias sobre as cheias do Nilo. Em nossa opinião, o que mais reforça a teoria segunda a qual Heródoto não fez mero empréstimo da obra de Hecateu são as idealizações do historiador acerca do país. Heródoto não elabora apenas um relato geográfico, ele concebe as terras egípcias como o local mais apropriado para desenvolvimento da atividade intelectual e para a formação moral. Além disso, as histórias dos faraós são totalmente originais e não constam no trabalho de Hecateu.

No capítulo II, verificamos que, de fato, Heródoto tinha grande afinidade com o pensamento clássico. O historiador, assim como o poeta trágico Eurípides, reavaliou as idéias da cultura heróica delineadas na épica. Heródoto não vê motivação na Guerra de Tróia e, repensando trechos da *Iliada*, não encontra lógica na atitude de gregos e troianos. Destaca-se nas considerações de Heródoto sobre a lenda de Helena o faraó Proteu, ao qual o historiador incorporou os ideais de justiça grega, inclusive as leis relativas à ξένια. Isso permitiu que o Livro II das *Histórias* fosse acolhido com interesse pelo poeta Eurípides que, inspirado no Proteu de Heródoto, compôs os personagens egípcios da tragédia *Helena*. Tal fato também reforça a tese de que Heródoto já não tinha por interesse os mesmos assuntos tratados pelos poetas arcaicos.

Já no capítulo III, observamos que o historiador tinha interesse por alguns assuntos tratados pelos filósofos pré-socráticos e pelos primeiros físicos jônios. Heródoto fascinou-se pelas teorias sobre o formato

da Terra, especulou sobre a dinâmica da natureza e, por fim, tomou alguns preceitos de Hipócrates para avaliar o homem em relação a seu meio. Heródoto, portanto, caracteriza o homem não em relação aos deuses, mas em relação à natureza, o que não seria possível se o autor fosse arcaico.

Finalmente, chegamos ao capítulo IV, As Histórias dos Faraós. Em nossa opinião, esse trecho do *logos egípcio* é o que mais comprova que o historiador não era um mero repetidor de histórias ouvidas em suas andanças. Heródoto concebeu os faraós como os homens mais justos e sábios do mundo. Esses monarcas têm por preocupação assuntos da ciência jônica e a veracidade do julgamento do senso comum. Tais idéias nunca foram pensadas pelos antigos egípcios, o que evidencia que o historiador compôs livremente sua narrativa, incorporando aos monarcas egípcios idéias discutidas em sua época.

A partir da análise desses tópicos e das considerações feitas em nossas notas, concluímos que, apesar do estilo narrativo arcaico de Heródoto, o historiador valeu-se de idéias e teorias desenvolvidas nos séculos VI e V a.C., ainda que não tenha tratado essas informações de forma absolutamente rigorosa.

Referências Bibliográficas

- BOARDMAN, J.**, *Greek Sculpture: The Archaic Period*, Thames and Hudson, 1978.
 _____, *Greek Sculpture : The Classical Period*, Thames and Hudson, 1978.
- BOEDEKER, D.**, “Heroic “Historiography : Simonides and Herodotus on Plataea”, *Aretusa*, 1996, pp. 223-245.
- BREMNER, J.**, *Interpretations of Greek Mythology*, London, Routledge, 1988.
- BRODBENT, M.**, *Studies in Greek Genealogy*, Leyde, Brill, 1968.
- BURKERT, W.**, *Greek Religion*, Massachusetts, Harvard University Press, 1985.
 _____, *Ancient Mystery Cults*, Harvard University Press, 1987.
- BURY, B. J.**, *The Ancient Greek Historians*, Dover, 1958.
- CALAME, C.**, *Le Recit En Greece Ancienne*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1996.
- CARPENTER, T. H.**, *Art and Myth in Ancient Greece*, London, Thames and Hudson, 1991.
- CASSIN, B.**, *Ensaio Sofisticos*. Tradução de A.L. de Oliveira e L. C. Leão, ed. Siciliano, São Paulo, 1990.
- CÀSSOLA, F.**, *Erodoto. Storia*, (Ed. e Com.) Milano, Rizzoli, 1984.
- CHRIMES, K. T.**, “Herodotus and the Reconstruction of History”, *Journal of Hellenistic Studies*, 1930. p.89-98.
- COLLINGWOOD, G.**, *The Idea of History*, Oxford, 1946.
- CRAIK, M. E.**, *Hippocrates : Places in Man. Greek Text and Translation With Commentary*, Oxford, 1998.
- CRANE, G.** “The Prosperity of Tyrants: Bacchilides, Herodotus, and the Contest for Legitimacy”, *Arethusa*, 1996, vol. 29, pp. 57-85.
- DEMAND, N.**, “Herodotus Encomium of Athens : Science or Rhetoric?”, *American Journal of Philology*, pp.746-758, 1987,
 _____, “Herodotus and Metoikesis in the Persian Wars”, *American Journal of Philology*, vol. 109, pp. 416-423.
- DOVER, K.**, *The Birth of Literary Fiction in Ancient Greece*, Oxford, 1998.
- DREWS, R.**, *The Greek Accounts of Eastern History*, Harvard University Press, 1973.
- DUNN, F.**, *Tragedy's End . Closure and Innovation in Euripidean Drama*, Oxford,

1996.

ERMAN, A., *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, New York, Dover, 1995.

_____, *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover, 1971.

EVANS, J. S., *Herodotus, Explorer of the Past*, Princeton, 1991.

FLORY, S., *The Archaic Smile of Herodotus*, Detroit, Wayne State University Press, 1987.

_____, "Who Read Herodotus Histoires?", *American Journal of Philology*, vol. 101, pp. 12-28, 1980.

_____, "Laughter, Tears and Wisdom", *American Journal of Philology*, vol. 99, pp.24-35, 1978.

FORNIA, C. W., *Herodotus. An Interpretative Essay*, Oxford, 1971.

FREEMAN, C., *Egypt Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, 1996.

FROIDEFOND, C., *Le Mirage Égyptien*, Ophry, 1971.

GENTILI, B., *Poetry and Its Public in Ancient Greece*, Johns Hopkins University Press, 1988.

GOULD, J., *Herodotus, Historians on Historians*, New York, St. Martin Press, 1989.

GRAF, F., *Greek Mythology*, Johns Hopkins University Press, 1993.

GRAY, V., "Herodotus And the Rhetoric of Otherness", *American Journal of Philology*, vol. 116, pp. 185-121, 1995.

_____, "Herodotus and Images of Tyranny : The Tyrants of Corinth", *American Journal of Philology*, vol.117, pp.361-389, 1996.

_____, "Mimesis in Greek Historical Theory", *American Journal of Philology*, vol. 108, pp. 467-486.

GUTHRIE, C. W., *Orpheus and Greek Religion*, New Jersey, Princeton University Press, 1906.

_____, *The Sophists*, Cambridge, 1971. **HARRIS W.**, *Ancient Literacy*, Harvard University Press, 1989.

HALL M., "The Geography of Euripides's Iphigenia Among the Taurians", *American Journal of Philology*, vol. 108, pp. 427-453, 1987.

HARTOG, F., *Le Miroir D'Hérodote*, Paris, Gallimard, 1980.

HAVELOCK, E., *A revolução da Escrita na Grécia Arcaica*, tradução de José Oderp Serra, Unesp, 1996.

_____, *Preface to Plato*, Oxford, 1982.

HEATH, M., *The Poetics of Greek Tragedy*, London Duckworth, 1987.

HEGEL, W. G., *The Philosophy of History*, New York, Dover, 1956.

HEIDEL, W., *The Frame of Ancient Maps*, New York, 1937.

_____, *Hecateus and The Egyptian Priests in Herodotus Book II*, Boston, Memoirs of The American Academy Arts and Sciences, 1935.

HOFFMAN, O., *Storia della lingua greca*, vol. 1, Napoli, 1969.

HORNBLLOWER, S., *Greek Historiography*, Oxford, 1994.

_____, *A Commentary on Thucydides*, vol. II, Oxford, 1996.

IMMERWAHR, H. R., *Form and Thought in Herodotus*, Cleveland, 1966.

JACOBY, F., *Die Fragmente der Griechische Historiker*, vol. I- II, Leiden, Brill, 1999.

_____, *The Genesis of Jacoby's Atthis, in Owls to Athens. Essays on Classical Subjects Presentes to Sir K. Dover*, Oxford, 1990.

JONES, J., *On Aristotle and Greek Tragedy*, California, Stanford University Press, 1962.

JONES, H. L., *Greek Epic, Lyric and Tragedy*, Oxford, 1990.

JONES, W., *Hippocrates* vol. I, Loeb, London 1939, pp. 66.

JHONSON, W., "Oral Performance and the Composition of Herodotus's Histoires", *Greek, Roman And Byzantine Studies*, vol.35 pp. 229-254, 1994.

JOUANA, J., *Hippocrate*, Paris, Fayard, 1992.

KAHNE, A., *The Interpretation of Order. A Study in the Poetics of Homeric Repetition*, Oxford, 1994.

KNOX, B., *World And Action. Essays on the Ancient Theater*, Johns Hopkins, 1979.

KRAUS, S., *The Limits of Historiography*, Leiden, Brill, 1999.

KIRK, G. S., *The Iliad Commentary*, vol. I : Books 1-4, Cambridge, 1995.

KIRK G., RAVEN E. AND SCHOFIELD M., *The Presocratic Philosophers*, Cambridge, 1957.

KRAMER, J., *Henri Stephani Apologia pro Herodoro*, Misenheim am Glam, 1980.

KURY, M., *Heródoto - Histórias*, (Tradução e introdução), Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.

LACHENAUD, G., *Mythologies, Religion et Philosophie de l'histoire dans Hérodote*, Université de Lille III, 1979.

- LATTIMORE, R.**, “The Wiser Adviser in Herodotus” , *Classical Philology*, 1939, p. 357-365.
- LEGRAND, P. E.**, *Les Histoires, Introduction*, Paris, Belles Lettres, 1932.
 _____, *Hérodote –Histoires* (Ed. e Trad.), Paris, Belles Lettres, 1932.
- LOYD A. B.** , *Herodotus Book II, Introduction*, Leiden, Brill, 1994.
 _____, *Herodotus Book II ,Commentary 1-98*, Leiden, Brill, 1994.
 _____, *Herodotus Book II, Commentary 99-182*, Leiden, Brill, 1994.
- MEAGHER, R.**, *Mortal Vision. The Wisdom of Euripides*, New York, St. Martin’s Press, 1989.
- MASPÉRO, G.**, *Les Contes populaires d’Egypte ancienne*, Paris, 1911.
- MAZZARINO S.**, *Il pensiero storico classico*, Bari, Laterza, 1966.
- MAYER, K.**, “Helen and the ΔΙΟΣ ΒΟΥΛΗ”, *American Journal of Philology* , vol. 117, pp. 1-15, 1996.
- MOMIGLIANO, A.**, “Il racionalismo di Ecateo di Mileto”, *Atene e Roma*, XII, 1931, p. 133-142.
 _____ , “Erodoto e la storiografia moderna” *Aevum*, XXXI, 1957, p.74-84.
 _____ , “The Historians of the Classical World and their Audiences : Some Suggestions”, *ASNP*, 1978, pp. 59-75.
- MUSON R. V.**, “Herodotus’ Use of Prospective Sentences”, *American Journal of Philology*, vol. 114, pp. 24-44, 1993.
- MYRES, J. L.** , *Herodotus, Father of History*, Oxford, 1953.
- NAGY, G.**, *Homeric Questions*, University of Texas, 1996.
 _____ , *Pindar’s Homer. The Lyric Possession of an Epic Past*, Johns Hopkins, 1990.
 _____ , *The Best of the Achaens*, Johns Hopkins, 1979
 _____ , *Greek Mythology and Poetics*, Cornell University Press, 1990.
 _____ , “ Herodotus the logios”, *Arethusa*, vol. 20,1987, pp. 175-184.
- NILSON, M. P.**, *A History of Greek Religion*, Oxford, 1925.
- NICOLAI, R.**, “Pater semper incertus. Appunti su Ecateo”, *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, vol. 85, pp.143-164, 1997
- OLSON ,D.**, *O Mundo no Papel, As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*, tradução de Sérgio Bath, São Paulo, Ática, 1994.
- OLSON, D. S.**, *Aristophanes Peace. Greek Text with Introduction and Commentary*,

Oxford, 1998.

PEARSON, L., *The Early Ionian Historians*, Oxford, Clarendon Press, 1939.

PECHANSKI, C.D., *Le Discours du Particulier, Essai sur l'enquête h erodot enne*, Paris, Seuil, 1987.

POHLENZ, M., *Herodo, der erste Geschichtschreiber des Abendlandes*, Leipzig, Teubner, 1937.

ROMILLY, J., *Histoire et Raison Chez Thucydide*, Paris, Les Belles Lettres, 1967.

RUSSEL, A. D., *An Anthology of Greek Prose*, Oxford, 1991.

SEGAL, C., *Oedipus Tyrannus*, New York, Twayne Publishers, 1994.

_____, *Sophocles's Tragic World*, Harvard University Press, 1998.

_____, *Interpreting Greek Tragedy*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1986.

_____, "Creso on the Pyre: Herodotus and Bacchilides", *Winer Studien*, vol. 84, pp. 38-51, 1971.

TALBERT, R., "Maps for the Classical World : Where Do We Go From Here?", *American Journal of Philology*, vol. 117, pp. 323-332, 1996.

TAPLIM, O., *Homeric Sounds, The Shaping of Iliad*, Oxford, 1992.

THOMSON, O., *History of Ancient Geography*, New York, Biblo and Tannen, 1965.

THOMAS, R., *Literacy And Orality In Ancient Greece*, Cambridge, 1992.

VANSINA, J., *Oral Tradition as History*, Wisconsin Press, 1985.

VLASTOS, G., *The Presocratics, vol. 1*, New Jersey, Princeton University Press, 1993.

VEYNE, P., *Comment on écrit l'histoire*, Paris, Seuil, 1971.

WATERFIELD, R., *Herodotus : The Histories. A New Translation*, Oxford, 1998.

WATERS, K. H., *Herodotus on Tyrants and Despotes. A Studie in Objective*, Steiner, 1971.

_____, *Herodotus the Historian, His Problens, Methods and Originality*, University of Oklahoma Press, 1985.

WOOD, H., *The Formal Structure in the Histories of Herodotus*, New York, Columbia University, 1964.

WELLS J. AND HOW W. W., *A Commentary on Herodotus, vol I (Books I-IV)*, Oxford, 1932.

_____, *A Commentary on Herodotus, vol. II (Books V-IX)*, Oxford, 1932.

WILLCOK, M., *A Companion to the Iliad*, London, 1976.

WATERFIEL, R. *Herodotus : The Histoires* (Ed. e Trad.), Oxford, 1988.